A invasão dos judeus

I-A INVASÃO DO SANGUE
II-ASSALTO Á RIQUEZA
III-ASSALTO AO ESTADO
IV-ASSALTO Á RELIGIÃO
V-ASSALTO Á VIDA MENTAL

MARIO SAA

Ao
Fernando Pessôa
A'
sua admiravel
Coragem!

A INVASÃO DOS JUDEUS

oferece
Mario o Ímpio
Lx.ª 2 M.ço 1925

OBRAS PUBLICADAS DO MESMO AUTOR:

Evangelho de São Vito (1917) 1 Volume

Poemas Heroicos de Simão Vaz de Camões (1921) 1 Volume

Portugal Cristão-Novo (1921) 1 Folheto

Camões no Maranhão (1922) 1 Volume

Táboa Gen.ca da Varonia Vaz de Camões (1924) 1 Mapa

A Invasão dos Judeus (1924) 1 Volume

A INVASÃO DOS JUDEUS

CAPITULOS:

- INVASÃO DO SANGUE
- ASSALTO Á RIQUEZA
- ASSALTO AO ESTADO
- ASSALTO Á RELIGIÂO
- ASSALTO Á VIDA MENTAL

POR MARIO SAA

I

invasão do sangue

I

invasão do san-gue

Uma coisa espantosa está acontecendo em toda a Europa e ameaça abraçar o Mundo inteiro: essa coisa espantosa é a invasão dos Judeus! E' a sobrevivencia das civilisações antigas da Caldéa avolumada no tempo à força da graça e da desgraça! Eis a invasão que não faz rinchar cavalos, nem rodar artilharias nas montanhas, mas que chega, entretanto, silenciosa, furtiva e gigantesca, a abalar as instituições seculares!

Outrora um bando d'aventureiros caldáicos, inflamado como todos os decadentes, p'la vontade salutar de emigração, caminhara para o Ocidente, até ao Mar. Acabava de tomar a região do Hebron, no Paiz de Canaan, e dava começo à *nacionalidade hebraica;* e dava começo á nacionalidade hebraica à custa de conquista e de rapina, ideal imprescindivel de todos os começos por ser de todos o que mais congrega os homens.

E prolificava em numerosa descendencia, faculdade inherente aos expâtriados, porque sempre o gôsto salutar d'emigração foi querer fugir á estagnação doentia.

Pouco a pouco surgia a religião do bando, — simbolo da Guerra, simbolo da vontade do proprio bando: povo forte, resolvia-se naturalmente em religião forte! Aquele deus guerreiro e

exclusivista, — O Senhor dos Exercitos, — era o simbolo da prosperidade hebraica, era Jeovah, directa emanação da prosperidade! Jeovah nessa hora amava a guerra e estimava as numerosas gerações; e precisamente, como maxima expressão da sua cólera, ameaçava *esterilisar* as mulheres e coartar a longevidade dos homens!

Em doze tribus se dividira o «Povo», que tantos seriam os

1

povos que o compunham (ou pelo menos as castas que o compunham), mas entretanto, do mesmo *ramo semitico*. E muitos factos sucederam em sua historia, de que o *Velho Testamento* é um velho boato!

Certo dia emigraram para o Egito, e voltaram de lá «mais numerosos que as areias do Mar e as estrelas do Ceu!» A caminho da Patria, a que davam o nome de *Terra da Promissão* porque a Abrahão a havia *prometido* o Senhor dos Exercitos, receberam no deserto a Lei de Moysés, — lei a um tempo politica e religiosa. Organisavam-se assim em Estado politico, e reganhavam o territorio da Palestina. Tiveram uma república de Juizes, e em seguida a coroação do rei Saúl. Em Jerusalém, capital da

Monarquia, reinaram David e Salomão; finalmente apartaram-se em dois reinos: — Ao norte *Israël,* ao sul *Judá:* dez tribus ao norte e duas ao sul. Em Jerusalem, continuou reinando a tribu de Judá, em Israël dominou a tribu de José.

Foi a mistura dos moradores eleitos com os indigenas do Paiz de Canaan, ou a excessiva ausencia de mistura, e a ausencia do sentido emigratorio, que trouxeram a decadencia á Palestina. Óra já as mulheres não eram fecundas, — e o amôr, esse interesse violento pela existencia, ficava atraz no rodado das gerações! Era a derruição da raça hebrêa.

Já o povo punha os olhos àlém da Vida; e os profétas, cheínhos de debilidades carinhosas — as suas palavras queriam fingir remedios d'alma. Sonhavam mais àlém um *grande médico,* e a esse médico davam o nome de *Messias!* Messias não era o simbolo da ancia do Futuro senão a esperança no regresso do Passado; era a Saudade, tristonha e recordiva, a encostar a cabêça em todos os seios!

Para cúmulo, em Belem nascia Jesus, o melancólico sonhador da Galiléa! Ele, o Jesus, o fenomenal cardíaco, surgia agóra precisamente em Jerusalem esquecendo o Deus guerreiro dos seus avós, e óra fazendo os seus pregões de brandura (que assim convinha à Plebe de Judá e o aceitava a frouxidão da Nobreza)! Jesus nazareno, sintese da Decadencia de todos os povos, aparecia justamente em Jerusalem, desdobrado em pregões d'humanidade!

Como ía longe o deus exclusivista, o *Senhor dos Exércitos!...* tudo tinha descido até este ponto! Jesus nazareno, embalsamado no rítmo do abandono, se não chegou a amaldiçoar o proprio guerreiro foi porque não sabia amaldiçoar; sorrisos divinos e tristêzas, tudo eram *sextas-feiras de paixão!*

...E ainda que o houvesse crucificado, o Povo amava Jesus, porque Jesus era a expressão do Povo; e o Povo amava o seu pregão de brandura, porque o Povo era brando; e Jesus oferecia o rosto aos seus inimigos, exalçava os humildes, — e com aquela tendencia aos exagêros de todos os prégadores das Decadências

— chamava castidade ao celibato, e virtude a toda a expressão de renuncia... porque o povo, pela bôca de Jesus, já não estimava as gerações numerosas, nem opunha resistencia aos seus inimigos!

...E este era o virus que atravez os humílimos de Judá havia de ser vasado em todo o Mundo!

Mas os mais nobres, contrariavam os intuitos dos *humílimos,* apegados com firmeza á antiga crença.

Tudo tinha descido até este ponto; os campos adormeciam em matos maninhos; as cidades acordavam em usúra, e as numerosas e prósperas gerações dormiam ha muito na paz do Senhor!... Tornava-se necessario um *traumatismo;* — o traumatismo chegou, era o *Exôdo.* Debandava da Patria, (p'la violenta necessidade d'emigração, que é a necessidade da salvação da semente) um grupo d'aventureiros hebreus, como os que outrora sairam da Caldéa a demandar as terras do Hebron. Ia em busca do ar a plagas distantes; — e assim se salvava a semente da raça.

Por toda a parte espalhados, a par dos outros povos do ramo semitico, — principiavam na Europa a grande invasão: *a Invasão dos Semitas!*

Corridos anos, nos areaes da Palestina, o povo turco vinha já enxertando o imperio e o sangue. Não tinha ahi vingado o sangue de Roma, porque Roma era um imperio do Ocidente, — e o sentido das invasões é noutro sentido.

Na decomposição do Imperio romano os hebreus se espalharam; e a esta mesma dispersão da Raça corresponde a dispersão do Cristianismo. (Para que o Cristianismo tomasse rapidamente as bocas do Mundo bastava-lhe apenas tomar Roma; — e foi isso que se fez! Bastava-lhe uma unica conversão, a do Imperador dos Romanos; — e foi isso que se fez! E este foi, afinal, o grande milagre da difusão da lenda cristã).

Mas só depois da tragédia de Jesus é que verdadeiramente se exilaram, expatriados em massa dos mais recónditos lugares da Palestina. A Plebe e o povo do Septemptrião, (dez tribus),

que formavam outrora o reino de Israël, seguiram o caminho do Oriente; a boa raça, a nobreza de Judá, moradora na cidade de Jerusalem e seus arredores, embarcava a caminho do Ocidente — para Roma, para Chypre, e mórmente para a *Peninsula Hispanica*. E' provavel, tambem, que grande numero dos que vieram para a Peninsula fôssem oriundos da ilha de Chypre.

Os que seguiram o rumo do Oriente concentraram-se na Rússia, com seus usos, costumes e linguagem, (e ainda hoje o hebraico é ahi falado). Séculos depois, tiveram o seu centro de dispersão na Polónia, e são vulgarmente conhecidos por *Judeus alemães* e ainda pelo nome de *Askenazin*; (deriva talvez este vocábulo duma região denominada Askenaz, junto ao Mar Nêgro. Segundo os rabinos são eles assim chamados por descenderem de Askenaz filho de Gomero e neto de Japhet).

Os que vieram para a Peninsula Hispanica foram chamados *Sefardin*; (venha embora este termo da palavra *Sefarad* — nome hebraico da Peninsula ibérica, - ou de *Sêfar* que significa *livro*, sendo, portanto, o Sefardim o judeu do livro, o interprete das sagradas Escripturas, o intelectual, — a verdade é que, pelo nome de sefardins, fôram e são conhecidos os judeus ibéricos).

Pelos decretos de Tito, imperador dos Romanos e destruidor da cidade de Jerusalem, abordaram os judeus á nossa peninsula, os verdadeiros judeus, os de *Judá*, destituidos, miseraveis e poucos. O Imperador degredara-os para as Hespanhas nos confins do Imperio. Distribuidos, mais tarde, pelas monarquias néo-germanicas de Portugal e Castela, e ameaçando a integridade politica destes Estados, fôram expulsos de Castela em 1492. Desde então, acolhidos em Portugal, (e alguns na Turquia), fôram até ao Presente vulgarmente conhecidos por *Judeus portugueses;* e com este nome se teem dipersado por todo o Globo!

Jerusalem veiu morar integralmente na Peninsula Hispanica, sem lá ter ficado a semente da Raça.

«O Romano (escreve Sayce em *The races of the Old* «*Testament*, 2.ª ed. pag. 76 e 113) escorraçou os judeus do «paiz que seus paes havíam conquistado, enquanto que o Judeu

«jámais conseguira escorraçar os verdadeiros possuidores de «Canaan... O Judeu ocupava Jerusalem e Hebron, assim como «as cidades e aldeias dos arredores, não constituindo, porém, «mais do que (e até na Judea propriamente dita) uma porção da «população total. — Desde que o Judeu se ausentava, como por «exemplo, pelo captiveiro de Babilónia, ou depois, pela destruíção «de Jerusalem pelos Romanos, a população índigena, desoprimida, «augmentava... e entre esta população as actuaes colónias da «Palestina são tão estrangeiras, como o são, por exemplo, as «colónias alemãs.»

Os judeus fôram pois na Palestina o mesmo que estão sendo em toda a parte: uns hospedes mais ou menos felizes! e isto, em verdade, é o que sucede a todas as raças; os territorios ficam, os povos passam! Não ha, portanto, uma razão muito forte, (salvo a do preconceito religioso), para um ideal sionista!...

Os *Sefardins* estabeleceram-se em Tolêdo, e d'ahi, com o andar dos tempos, desabrocharam em fecunda descendencia, por toda a parte irradiando, estabelecendo-se por cidades e vilas, em bairros á parte a que se dava o nome de «judiarias».

A «judiaria» ou o «Gheto» era a começo o natural isolamento a que os judeus se votavam, mercê da sua propria vontade e conveniencia, e não por coação das populações em cujo seio sempre odiados viveram; mais tarde os estados cristãos nada mais fizeram que sancionar este voluntario isolamento.

A Peninsula era ao tempo uma colónia romana. Mas lógo no começo do v século uma horda d'invasores germanicos assolava o Imperio. Dos Bárbaros que na Hespanha penetraram, em quantidade inaudita, entre suevos, alanos, vandalos e gôdos, só ficaram finalmente, a ocidente os suévos, que são os ascendentes dos portuguezes, — e os gôdos no territorio da actual monarquia de Hespanha, cuja nacionalidade fundaram.

Agóra aqui as populações *germanicas*, fortemente europeias, se encontravam em dissidencia natural com gente de naturêsa

muito oposta, os semitas (sintetisados nos judeus), fortemente asiáticos! Duas humanidades muito antagónicas! D'aqui nasceu a mais tremenda luta, continuada ainda hoje, (embora disso pouca gente se aperceba), — de que ha memória na Peninsula Hispanica!

Imediatamente surgia a divisão em fanatismos, — em religião, em politica, e em costumes.

Seguiam os gôdos a heresía *ariana*, uma especie de cristianismo prímítivo, e de que os judeus, possuidores duma religião mais civilisada (e portanto mais automàtica! ..) se não fatigavam de desdenhar. Zangwill, historiador israelita, tem sobre esta época estas palavras: «com os seus senhores cristãos, tinham «eles (os judeus) vivido perto dum século sob um regímen de «terrôr, forçados por uma *macacaria* de cristianismo que com«portava mesmo a obsorção do alimento ínterdito»; (revista literaria Menorah, 10-6-923). E isto mais se acerbou, a quando Recáredo, rei dos gôdos, convertia o seu povo ao catolícismo (ano de 589); — o arianismo, embora cristianismo, sempre era um cristianismo que deveria estar mais proximo do judaismo ou religião de Moysés.

Aparentemente contraditoria, esta mesma conversão dos gôdos era já um triunfo da raça judaica. A Europa renascente, com a sua conversão ao *cristianismo* absorvia o espirito do judeu decadente, e repelia — na sua aversão ao judaísmo ou religião mosayca — o espirito salutar do judeu renascente: isto equivale a dizer que a Europa nobre se começava a plebeisar deante dos judeus.

Mas os *gôdos* e os *suevos* quem eram eles e quem são ainda hoje? — São aqueles a quem pertence a civilisação da Peninsula desde o v século da nossa éra, a avalanche geralmente europeia; e são ainda hoje os nossos cristãos-velhos e os vestígios da nossa velha nobrêza! É preciso ensinar (e quantas vezes ainda?!) que a *nobrêza* não é uma classe social, *é uma raça;* não é nobre quem quere e menos quem os reis querem que seja! Na má interpretação de nobrêza, e na mercê desses foros ao de lá da raça,

é que está a sua propria decadencia! Repito: nobrêza não é uma classe social, é uma raça que um dia dominou e a si propria se deu o nome de *Nobrêza*. E esta raça é mais do que a *Nobrêza*, é a propria Nação dividida em nobres e plebeus, sendo os escravos unicamente os subjugados!

Sete séculos foi a Peninsula Hispanica colónia romana.

Mas da Europa central o *Homo europaeus*, o povo germanico, derramava sobre a Iberia um aluvião de *suévos*; e eram eles uma avalanche tão numerosa que preteriam os antigos naturaes. Deslocaram-se em massa da Suábia (florestas do Alto Danúbio, nas proximidades da Floresta Negra), e chegaram aqui em 409 da era cristã. Estabeleceram-se onde agora é Portugal, e d'onde nunca mais saíram.

Em 411 dividiam entre si os territorios, pelos seus fidalgos e plebeus, — e quasi só eles ficaram povoando o vasto paiz.

A *nação dos suevos* deslocara-se, portanto, da Germania, atravessara a Peninsula, e viera integralmente fixar-se na Provincia de Entre Douro e Minho, alastrando ao norte pela Galiza até ao Mar, e pelo sul até ao Mondego; e teve um reino que durou por espaço de duzentos anos, destituido pelos gôdos em 585 e reabilitado por D. Afonso Henriques em 1143.

Por sua vez, parte da *nação dos gôdos* deslocou-se tambem da Germania, atravessou os Pyrineus em 415 e derramou-se pelo resto da Peninsula, no correspondente á moderna Hespanha. Os gôdos, que são ainda hoje a bôa nobrêza da Europa central, tinham entrado na Europa pelo Cáucaso, ascendido até á Escandinávia, e descido d'ahi até ao Danúbio, nas fronteiras do Imperio Romano. Ora ahi estabelecidos, e pouco depois divididos (em *ostrogodos* ou os do lado do Oriente, e *wisigodos* ou os do lado do Ocidente) principiaram a invasão no grande Imperio. Alarico, rei dos wisigôdos, fugindo aos hunos que passavam agóra pelo Norte em direcção ás Gálias, e conhecendo a fragilidade do Imperio Romano, obtem do imperador Valente a cedencia duma região denominada a Mésia (an. 376); o qual imperador por fim os gôdos derrotaram e mataram na Batalha d'Andrinópola. Theodozio,

sucessor de Valente, apaziguou-os. Falecido Theodozio é dividido o Imperio por seus dois filhos: a parte do Ocidente com a capital em Roma, e a do Oriente com a capital em Bizancio (Constantinópola). O tutor do Imperador do Oriente pediu auxilio a Alarico contra o do Ocidente; e Alarico conduziu os gôdos com variada sorte de pelêja, até ás portas de Roma (an. 408). Ataúlfo, sucessor d'Alarico, entra em acordo com o imperador Honorio, de Roma, cuja irmã Placidia desposa, abandona esta cidade, e é então que passa á Hespanha (415), e ahi funda o reino dos wisigôdos.

Estabeleceram a capital em Barcelona, anos depois transferida para Sevilha, e finalmente para Tolêdo. Seguiu-se a invasão dos árabes, e a capital deslocou-se para as Astúrias, e foi sucessivamente em Oviedo, Leão, outra vez Tolêdo, e por ultimo em Madrid, onde até hoje se conservou. Os gôdos já cá encontraram o reino dos suevos com a capital em Braga, em Astorga e no Porto; nestas cidades cunharam moeda; mas Leovegildo, rei dos gôdos, derrotando os suevos em 585, unificou a Hespanha e mandou governar o reino dos suevos por um *conde;* a capital do condado continuou a sêr no Porto, e depois em Coimbra. Proclamada a independencia dos suevos em redor do conde D. Afonso Henriques, a capital continuou a sêr em Coimbra, e por ultimo em Lisbôa, até ao presente.

Os alanos e os vandalos, que chegaram á Peninsula pouco depois dos suevos, fôram banidos, por completo, dois ou tres anos depois, não restando um unico no solo ibérico. Os 80.000 vandalos que se haviam fixado na Galiza (vandalos *asdingos),* seguiram o destino dos seus irmãos da Bética (vandalos *silingos),* e todos comumente passaram á Africa; e na Peninsula ficaram unicamente suevos e gôdos, correspondentes ás duas modernas nações.

E se uma nação significa a existencia num determinado territorio do núcleo duma determinada raça, a nação gôda, ou propriamente a Hespanha, tinha razão d'existir porque para ahi se deslocara a sua parte principal; e a nação sueva, ou propria-

mente Portugal, tinha tambem razão d'existir pois que para ahi haviam convergido todos os suevos do Mundo! È, portanto, Portugal, o centro duma raça de que não ficou vestigio em outra parte da Europa. Os portuguezes são suevos, *e só eles!* Teem, portanto, razão de vida á parte, razão de nacionalidade, pois que o principio duma nação é a existencia do núcleo duma determinada raça num determinado territorio.

Suevos e gôdos, se bem que fôssem do mesmo ramo germanico eram, entretanto, um pouco diferenciados, e foi essa diferença que tornou possivel a existencia de duas nações numa mesma Peninsula: Portugal e Hespanha, — e o seu caracter diverso no decurso da Historia.

As populações existentes aqui, antes da invasão destes germanos, eram exiguas; e depois mais exiguas se tornaram pela sua propria qualidade de escravas, e até á sua propria anulação. O âmbito procreador dos subjugados tende sempre a diminuir por se lhes augmentarem as dificuldades de vida; por outro lado, o âmbito procreador dos conquistadores, aqueles para quem as facilidades de vida vão augmentando, tende sempre a augmentar. A corroborar nesta ideia está o que diz Sayce a respeito dos judeus na Palestina: — *Desde que o Judeu se ausentava, como por exemplo, pelo captiveiro de Babilónia, ou depois, pela destruição de Jerusalém pelos Romanos, a população indígena, desoprimida, augmentava* ... (fragmento atraz citado). Onde quer que os invasôres exerçam um dominio pesado e continuo, os invadidos reduzem-se; (nem tão pouco se salvarão pelo cruzamento com os invasôres, pois que a mistura de povos diferentes implica um fenómeno anti-natural, anti-procreativo: é dificil vingar uma geração de mestiços). — Duma maneira geral o Homem procria ou esterelisa-se conforme é dominador ou dominado; conforme é ou não é o detentor das condições de vida.

«Com efeito, sua tendencia a reproduzir-se, (diz o dr. Anto-
«nio José da Cunha e Sá num discurso sôbre a Industria, de que
«ha um exemplar na Biblioteca Nacional impresso em 1849) e

«seus meios de se multiplicar, são quasi sem medida; porem seus «meios d'existencia teem limites que ora se apertam, ora se alar-«gam, segundo que a industria cria mais ou menos abundante-«mente os productos que devem satisfazer as suas necessidades «no gráu em que os teem constituido os habitos contraídos, a «influencia do clima, a posição social.

«A observação dos factos confirma geralmente esta verdade; «por toda a parte a população segue os progressos da produção. «Os homens que occupam o fundo da escála da civilisação, são «os habitantes da Austrália ou Nova Holanda; os viajantes os «consideram pouco superiores aos animaes. Tambem as suas «povoações são insignificantes, e semeadas a grandes distancias «sôbre este vasto Continente. Os viajantes atravessam imen-«sidade de léguas sem encontrarem um único homem. Mas no «mesmo continente os inglêses teem fundado a colónia de Nova «Gales do Sul, cuja população vae crescendo duma maneira «extraordinaria; porque ali se importaram as artes da civilisação «com as quaes se criam os productos, que devem satisfazêr ás «necessidades do homem, sem o que ele não pode subsistir.

«A mesma observação se pode fazer sobre a America sep-«tentrional. Hoje vivem vinte e tantos milhões d'indivíduos no «espaço que occupavam antes sessenta mil indios, pouco mais «ou menos; porque aqueles possúem as artes industriaes e seus «abundantissimos productos, e estes eram quasi reduzidos ás «producções expontaneas da natureza».

Ora os senhores da industria, os senhores da sua revivescencia e desenvolução, nunca são os povos autochtones, os fixados de ha muito, porem a onda invasôra triunfante. O sangue das primitivas raças da America (de ha cinco séculos apenas) vae a caminho de extinção.

Da mesma maneira, rapidamente, e facilmente eliminadas da concorrencia procriadora, as estagnadas populações da Peninsula Hispanica nos séculos primeiros da éra cristã, — cidades e vilas eram em breve exclusivamente povoadas dos novos bárbaros, suevos e gôdos (portuguezes e hespanhoes).

Eram eles os detentores das subsistencias como directos senhorios da terra. ora, portanto, os detentores da procreação. Tinham o pão, por conseguinte desenvolviam-se; «ao lado dum pão nasce um homem» dizia um economista do seculo XVIII. D'aqui facilmente se comprehende como se reduzem as populações subjugadas.

Como os Estados Unidos da America do Norte principiam a sua historia na Inglaterra, assim Portugal principia a sua historia na Suábia: A Suábia é a *Palestina* dos portuguezes; e o primeiro rei dos portuguezes, (não digo o 1.º rei de Portugal), fôra Hermenerico, o que conduzira o seu povo a tomar os territórios do Ocidente.

Os suevos, com o seu centro d'irradiação em Braga, estendiam-se pelo norte até ao Mar, e pelo meio dia até ao Mondego.

Em 460 tomavam Lisbôa, e não tardou que não tomassem Mérida; tal o vigôr racial e numerico desta nova nação!

Os gôdos irradiaram de Tolêdo e as suas fronteiras com os suevos eram as que hoje Portugal tem com a Hespanha.

Mais se abrira a distancia entre os dois povos, suevos e gôdos, a quando os suevos, abandonando a heresia ariana (especie de cristianismo comum a toda a Hespanha) se convertiam totalmente ao catolicismo por mercê de São Martinho, Bispo de Dume, (povoação nas proximidades de Braga).

Portugal fôra, pois, o refugio e sustentáculo do catolicismo na Peninsula emquanto o resto da Hespanha se conservava ariana.

Ficaram célebres os concilios de Braga e de Lugo, sendo os de Braga nos anos 461 e 572. Católicos, e da raça sueva, eram os prelados de todo o reino: de Braga, de Coimbra, de Viveu, d'Idanha *(Egitana)*, de Dume, de Chaves *(Aquae Flaviae)*, de Lugo, d'Iria Flavia (junto a São Tiago de Compostela), etc. Theudorico, rei dos gôdos, venceu Reciario, rei dos suevos, na batalha d'Astorga, em 448, ficando os suevos feudatarios dos gôdos, mas ainda governados por reis proprios. Acendida a luta civil no interior da nação, Remismundo faz-se aclamar rei dos

suevos e consegue de Theudorico a isempção do tributo. Eudeca, padrasto do rei Eburico que reinava nos fins do seculo VI, destitue o enteado do Trono, encerra-o no mosteiro de Dume, e faz-se aclamar rei dos suevos. O rei dos gôdos, Leowegildó, suscitado pelas tiranias d'Eudeca, e desejando forçar os suevos á suzerania, passou da Galia á Peninsula, prendeu o tirano, encerrando-o num mosteiro em Beja, no ano de 585. Ainda a nação dos suevos se revoltou proclamando por seu rei a Malarico, e marchando contra os gôdos que em batalha a derrotara por completo.

Leowegildo substituiu os prelados católicos que eram da raça sueva, por prelados arianos, da sua raça gôda; e desde então a provincia ficou sendo governada por capitães e condes, em nome da nação dos gôdos; era uma especie de colónia. Mas o costume de dar o titulo de reis aos seus chefes, permaneceu, contudo, entre os suevos em volta do governador ou conde que para lá lhes mandavam, sendo isto, talvez, o motivo porque mais tarde D. Tereza, mulher do conde D. Henrique, e mãe do primeiro rei de Portugal, aufruia o tratamento de *rainha* da parte da nação subjugada: e não por ser costume dar este tratamento ás filhas dos reis (D. Tereza era filha do rei de Leão), como os historiadores pretendem.

(Para a historia dos suevos consultem-se os Cronicon de Hydacio, de S. Martinho de Dume, e de S.to Isidóro, e a III parte das *Religiões da Lusitanea* por dr. J. Leite de Vasconcellos).

Destruida a independencia dos suevos, ficára entretanto com eles sempre latente, o sentimento e o germen da revolta. Contudo, em 711, sob a avalanche moirisco-arabe que os judeus tramaram na Peninsula, os suevos, pondo de parte ressentimentos, estreitaram-se com seus senhores os gôdos, na defêsa do germanismo contra o inimigo comum, o Semita.

A par dos gôdos refugiados nas Asturias, fôram desobstruindo o territorio, empurrando para o sul a onda dos moiros; e mal houveram certo desafogo, continuaram os gôdos a sua monar-

quia (que só estivera interrompida por tres anos) e com varios nomes conhecida conforme as capitaes que iam tomando. A coadjuvacção dos suevos na restauração do imperio dos gôdos, deveria, de certo modo, garantir a sua propria restauração, — e talvez que para isso houvesse promessa. Não foi isso, porem, o que sucedeu, e a nação dos suevos continuou na sua dependencia de Leão, que era então a monarquia néo-gótica. Ora, de novo, e com mais força, se entregavam os suevos ao seu pensamento favorito, o pensamento da sua propria independencia. Sucediam-se os condes no governo do condado do *Porto de Cale* (nome completo da cidade do Porto, capital da provincia dos suevos e futura capital de *Portocal);* e finalmente, ao governo do conde D. Henrique sucedia o de seu filho D. Affonso Henriques. Este varão, de estirpe borgonheza, rodeado dos seus barões suevos (e alguns gôdos haveria) tomou largamente terras aos moiros e proclamou a independencia da colónia, libertando-a da suzeranía de Leão. Assim era fundada a nacionalidade portugueza, isto é, a segunda independencia dos suevos, ou antes: a *Segunda Monarquia Portugueza*; (vae a primeira de 409 a 585, e a segunda de 1143 a 1910).

Tambem a nova nobrêza da restauração dos suevos por Afonso Henriques, não era ela mais que a restauração da antiga Nobrêza sueva, a rehabilitação das familias portuguezas destituidas; — e isto a despeito da Nobrêza gôda de Leão que dela desdenhava fundamente.

Eram estes barões extractados principalmente do Minho (população compacta de suevos), de Traz-os-Montes e da Beira, e tambem da Galiza. As mais notaveis familias nacionaes, ou suevas, tidas pelos linhagistas como as mais remotas e autóchtones do Reino, eram elas, segundo o *Livro velho de Linhagens*, a dos Souzas, a dos Coelhos de Riba do Douro, senhores da quinta da Coelha (e de quem descendem os Menezes, os Vasconselos, os Alvarengas, os Ribeiros); a dos Bragançőes, de Traz-os-Montes, a dos Bayões, (d'onde proveem os Azevedo se Velhos), a dos Mayas, a dos Limas, etc. Esta ultima familia ainda

hoje tem tradição de descender dos suevos; mas todas as mais familias portuguezas, nobres e não nobres, não descendem menos d'aquela raça que foi toda a nacionalidade portugueza De reís suevos é outrosim descendente a familia dos Nóvoas, á qual pertencêra João da Nóvoa, ressaibo do nosso mar quinhentista.

A civilisação portugueza é puramente um fenómeno suevo.

No século IX estavam *completamente* despovoadas as terras da antiga Luzitania; tanto que tiveram que vir colónos do Minho repovoar Coimbra, Vizeu, Lamêgo, etc. Ora quando nas cidades não havia *ninguem*, que diremos dos campos? *(Vide* «O Povo Portuguez», pag. 2, por Bento Carqueja).

O *Luzitanismo* é uma palavra que não faz sentido! O Portugal pescador, caracteristicamente maritimo e aventureiro, foi nascido da proximidade do mar, e pela propria necessidade de subsistir. Se outros povos egualmente proximos do mar, não fôram, por exemplo, pescadores, é porque d'isso não tinham a maior das necessidades, — porque o seu solo era rico e escassa a população. O espirito religioso d'aventura que caracterisou os marinheiros de Portugal, descende directamente da Suábia, floréstas cerradas que vieram reproduzir-se no Douro e no Tejo em florestas de mastros de caravelas!

Leowegildo destruira o primeiro reino dos suevos, que era então o refugio do catolicismo, e restabeleceu o arianismo em toda a Hespanha. Recáredo, sucessor de Leowegildo, converteu toda a Hespanha ao catolicismo, quatro anos depois, no de 589.

Em Toledo, a capital do Imperio, os judeus se encontravam, — os judeus, representantes do ramo semitico, quanto os gôdos ahi eram os representantes do ramo germanico. As diferenças religiosas fizeram ainda mais pronunciar as diferenças de raças. Os dois povos detestavam-se mutuamente. Os gôdos coartavam a liberdade aos judeus, e os judeus conspiravam contra os gôdos.

«Uma tentativa de revolta, abortada, aguns dezasete anos «antes da conquista dos moiros não teve como resultado senão

«fazer abaixar o seu estado até ás condições de vida proximas «da escravidão» ; (escreve o actual historiador israëlita Zangwill, em *Cultura Juive et Culture Arabe*, apud *Menorah*, n.º 20, revista franceza, 1923).

Por intrinseca aversão das duas raças, e por afinidades de parentesco entre os judeus e as populações moiriscas do Norte d'Africa, organisaram os judeus uma famosa conspiração, que teve como imediata consequencia a invasão dos moiros por toda a Hespanha, a queda da monarquia gôda, a morte do seu rei Rodrigo, e o estabelecimento da hegemonia judaica. Serviram-se para isso do conde Julião *(Ilyan)*, principe de Ceuta e de Tanger, chamando-o em socorro dos filhos de Witiza que andavam em discordia com Rodrigo.

Atraiçoada a monarquia, por dentro e por fôra, os moiros inundaram a Peninsula no ano de 711, á excepção dos desvios selváticos das Asturias onde se refugiaram os mais nobres wisigôdos para fomento das futuras monarquias.

Árabes chefiavam esta invasão (árabes são semitas tambem) pelo que na Historia ficou conhecida por *invasão dos árabes*. Estes, entretanto, eram pouco numerosos, e só os moiros foram realmente uma avalanche; mas, em verdade, as invasões não se fazem senão por minorias, aquelas mimorias que dominam.

Fôram os judeus que franquearam aos moiros as portas das cidades e vilas, como Toledo, a capital, — e a eles fôram entregues os governos destas mesmas cidades e vilas. E não eram ao tempo tão poucos os judeus que não chegassem a formar legiões (di-lo Graetz, historiador hebreu), que acompanharam os moiros aos Pirineus a combater a reação de Carlos Magno.

«Sob o novo regimen árabe (escreve Zanwill, *op. cit.*), tom-«baram todos os entraves aos judeus, e o único tributo impôsto «foi o de um dinheiro em ouro por cabêça. Mesmo sem falar no «estado politico, a vida deveria tornar-se mais facil entre estes «dois grupos, ambos monotheistas, ambos semitas, e cujas linguas «eram visinhas, a dos conquistadores aproximando-se do idioma «da Sinagoga. Os opressores cristãos constituiam uma multidão

«grosseira, ignorante, comparados com os moiros cortêzes, ins-
«truidos e propensos ao luxo...»

Mais alto não poude chegar o dominio dos judeus como fôra durante o Califado de Córdova. Ahi, em verdade, sob o dominio dos árabes (virtualmente dominio dos judeus..) contam eles a sua *éra d'oiro*, nas letras, nas artes, nas sciencias, em tudo, enfim, só comparavel aos dias d'hoje.

Zangwill diz a proposito:

«É o periodo hespanhol, e não o periodo babilónico, que se «assignala como a edade creadora do Exilio.

«Foi, — após o periodo biblico, — a edade d'oiro das letras «hebraicas. A ela pertencem, — e a lista dos escriptores contaria «milhares, — Dunash ben Labrath, Sanuel-ha-Nagid, Bachya, «Solomon Gabirol, Jehuda Halevi, Moysés e Abrahão, Ibn «Ezra, Benjamim de Tudela, Alcharisi, Maimonides, Nachmani-«des e Rashbam».

Principiavam a invadir o proprio Estado, ainda que em numero não fôssem ao tempo suficientes para poderem constituir nação á parte. O historiador J. Lucio d'Azevedo, na *Historia dos Christãos Novos Portuguezes* (1922) escreve a paginas 50:

«Em Hespanha, no tempo dos árabes, quando o famoso «Samuel Levy e José, seu filho, fôram visires em Granada, não «tem limites a indignação do povo. Um e outro distribuíam por «seus correligionários os postos principaes. *Dividiam entre si a* «*Capital e as provincias — dizia uma sátira contemporânea —* «*e em toda a parte manda um destes malditos*».

Por muitos anos jazeu no abatimento a raça gôda (que tinha o nome de *mosarabe* quando vivendo em territorio moirisco), a ganhar em contacto com a vida ruda. Os mais nobres se fôram refugiar nos montes Cantábricos, e em breve o militarismo germânico dos vencidos se refazia do golpe subterrâneo que lhes vibrára a conspiração judaica, — e sôbre o desleixo das organisações semiticas se desdobrava nas modernas monarquias!

A flôr da aristocracia gótica e sueva procuráva refugio nas

serranias das Astúrias, instalava o seu reino em pedregulhos e repelia para o Sul a vaga semitica. Pelagio, chefe cristão da cohorte guerreira, duque de Cantábria, e primo co-irmão de Rodrigo último rei dos gôdos, é coroado rei por seu barões a seguir á batalha de Cangas d'Onis; e assim recomeça a dinastia gótica. O novo reino foi chamado a principio das Asturias, depois d'Oviedo, depois de Leão, e depois de Castela; e pouco depois já os gôdos arrastavam os seus cavalos até ao territorio do Andalúz. Pouco depois o conde Afonso Henriques, rodeado dos seus barões suevos, inaugurava Portugal e levava o pesado montante até aos Algarves.

Conduzido o moirismo a fóra de portas principiava o judaismo de portas a dentro.

Tanto em Portugal como em Castela cresciam os judeus em perigosas proporções. Já no Porto, nos primeiros anos da Monarquia, existia uma importante comunidade.

Passados anos já os proprios bairros os não continham. A ousadia judaica transitava ao de lá da propria grei, á escandalosa sedução das mulheres cristãs. Já Inocencio III havia providenciado nesse sentido obrigando-os a usarem distinctivos; e D. Pedro I, em Portugal prohibia a entrada das cristãs nas judiarias, e a saida de judeus desses seus bairros além de determinadas horas da noite. Mas em tempo d'el-rei D. Afonso V, *éra d'oiro* dos judeus em Portugal antes da conversão ao cristianismo, — com a benignidade dos *indigenas* a impudicia judaica transbordava. ¡Já não punham as devisas, já não iam ficar ás judiarias (no lugar em que houvesse dez judeus eram obrigados a viver em bairro á parte chamado a *comuna* ou *judiaria*, e com rabi submetido ao rábi-mór residente em Lisbôa); ora já com garbosos cavalos e bons palacios insultavam a insuficiencia dos cristãos. Nas Côrtes de 1481 protestavam os procuradores dos concêlhos contra a ousadia d'alfaiátes, sapateiros e mais mesteiraes da grei judaica em penetrarem nas casas dos lavradores a seduzirem-lhes as filhas e as mulheres. (Anos depois, na Holanda como na Alemanha, em

redór dos imigrados portuguezes faziam-se ouvir as mesmas queixas, e então é-lhes vedado entreterem relações com as *filhas da terra*; vide *Hitoria dos Cristãos Novos Partuguezes*, pag. 10 e 390).

Quanto mais os ódios se acirravam, já consequencia do predominio judaico, mais uns e outros se aferravam ás suas crenças. *O fanatismo* é, em principio, uma desforra! Despicavam-se as raças, e d'ahi a separação em fanatismos.

Em Portugal, no principio da segunda dinnastia, os ódios acummulados rebentavam na razão directa da pressão; o povo irrompeu nas judiarias, incendiou e roubou! Era no reinado de D. João II. Esta mesma explusão era já o resultado da onda crescente.

Mas o grande troço dos judeus estava apinhado em Granada sob a hegemonia do Imperio dos moiros, que era então a sua propria hegemonia, base nacional, capaz de lhes defender diplomaticamente um bem-estar social nos Estados cristãos. Taes venturas iam em breve terminar.

«A Inquisição, (relata o historiador Zangwil, *op. cit.*) foi «estabelecida em 1481, e queimou dois mil judeus na Andaluzia «sómente. Granada tombava, a ultima fortaleza árabe, em 1492, «e no mesmo ano se expulsavam os judeus da Hespanha. Não «mais os dias da cultura árabe; estava aberta a éra cristã».

Os *Reis Católicos* deram ouvidos á indignação dos povos e *expulsavam os judeus em 1492*, que mormente apinhados em Granada faziam parte integrante do extincto reino.

Recomeçava para eles o abatimento de que resultava a força das explusões.

Portugal aceitou os judeus de Hespanha; grandes as dificuldades do exôdo — Portugal era o paiz propicio.

D. João II, explorando o incidente, dava-lhes entrada *a tanto por cabeça*. Outra grande porção foi para a Turquia. E outra vez a nobreza de Judá miseravel caminheira penetrava em

massa nestes reinos a engrossar as judiarias nacionaes; vinham mormente da Andaluzia. QUINHENTOS MIL DEVERIAM SÈR AO TEMPO OS JUDEUS DA PENINSULA; e outros dizem que só isso comportava a Hespanha! Seja como fôr, era bem grande a proporção de judeus para cinco milhões de peninsulares apenas.

Nas cidades esta proporção deveria exceder-se, dado o sêrem essencialmente citadinos! Agóra entende-se a efervescencia nativa anti-semitica. E se repararmos que actualmente entre 70 milhões d'alemães 540:000 judeus conseguem agitar a população e despertar a discordancia anti-semitica, menos nos admiraremos ainda da mesma reação na Peninsula Hispanica e o subsequente estabelecimento do calumniado Tribunal da Inquisição! E se hoje em Portugal é impossivel um rebate anti-semitico é que o numero dos descendentes dos judeus já excede as possibilidades do combate!.. (Contudo, o partido anti-semitico, é, embóra disfarçado com outros nomes, o partido *politico conservador)*.

Fôram ao todo 120:000 os judeus que com entradas legaes e clandestinas penetraram em Portugal oriundos de Hespanha, em 1492; estes, associados aos nacionaes, *eram mais dum quinto da população do Reino!..* e todos, alfim, ficaram portuguezes. Viria um dia em que os descendentes destes judeus (os novos bárbaros), transformariam Portugal numa nação hebraica, sôbre os farrapos dum moribundo Imperio!

Mais tarde, com os rigôres da Inquisição, uma porção irradiou por todo o mundo, — o sufiente para que todo o mundo ficasse a transbordar judeus portuguezes. Verdade sêja que se tornavam em terra alheia muito mais prolificos que na nossa, como sucede a todos os emigrados.

Portugal é portanto, o *segundo centro da Disperção judaica*, como a Palestina fôra o primeiro!

A maioria, entretanto, aqui ficou! Com a fecundía da raça, e sua molicia, suponha-se agóra que caudaes de sangue judaico não iriam tombar em Portugal...

Cada terra hespanhola, em 1492, vasava em Portugal a comuna hebraica em correspondente terra portugueza. Dessa correspondencia não resta hoje um unico documento; mas ainda ha tradições, como em Bragança, em que os cristãos-velhos dizem, por desdem, dos cristãos-novos: «estes são dos que vieram da vila d'Arênas!...»

CRISTÃOS-NOVOS: D. Manuel, o rei de Portugal, obedecendo á vontade dos reis de Hespanha (cuja filha pretendia em casamento) faz decretar a expulsão dos judeus em 1496.

Era isto um *sofisma de expulsão* que só servia a coagil-os ao cristianismo! Sob o dilema: *baptismo* ou *exilio* (mas um exilio com todas as suas consequencias ruins, e a extorsão dos menores de 14 anos), — claro está que optaram pelo baptismo. Álèm disso, não se aprestavam as náus para os conduzir, e era-lhe vedado o transitar por Hespanha. Não havia saída; e ora, portanto, uma pequena minoria, e extratada da minoria que tinha dinheiro e que não tinha menores a abandonar, teve a coragem d'arrostar com as dificuldades da viagem para paizes estrangeiros do norte d'Africa. É desta minoria que descendem mormente os israelitas que ultimamente teem chegado a Portugal, aqui vivendo em comunidade ortodoxa desde o seculo passado, não incluindo, é claro, neste numero a recentissima invasão de judeus da Russia.

A grande massa ficou. Forçadamente convertidos á fé catótica passaram a chamar-lhes os *cristãos-novos*, designação que ainda hoje perdura em certos lugares da nossa Provincia. A minoria exilada desdenhava, e alcunhava de *marranos* os seus irmãos de raça, cristãos-novos. Fôram estes marranos que durante um precurso de quatro séculos haviam de transformar a face da

2

O Rabi-mor da Turquia. Não mais os rabis-mores de Hespanha, hoje da Turquia, tinham tornado ao territorio hespanhol *amaldiçoado por quinhentos anos* pelo rabi-mor que d'ahi foi expulso em 1492. O rabi Nahoum quebra o exilio e na sinagoga de Madrid lhe rogam os hebreus perdôe á Hespanha o que restava do anathema para cumprir-se!

Patria, a face da *nação sueva*, — cortar a marcha da civilisação portugueza, substituindo-a pela sua, em tudo implantando o cunho semita!

Desde então até hoje, todos os fenomenos da Historia de Portugal outra coisa mais não são que o embate surdo entre o cristão-velho e o cristão-novo, terminando pelo triunfo do cristão-novo! Era fatal: imiscuir o que naturalmente é muito diverso, é perpétrar o burburinho antropológico que ha de acabar pelo triunfo da descendencia duma só raça: é perpétrar o burburinho até ao clareamento por uma das raças!

Recêbêram o baptismo 190:000 individuos, já descontados 5:000 que teriam saído; (deve haver exagêro em 5:000); outros elevam o compúto a 500:000! Pouco mais dum *milhão de portuguezes* era ao tempo a totalidade da população, contados judeus e não judeus! E chama-se a isto uma expulsão de judeus!... foi uma expulsão da religião dos judeus, mas nunca uma expulsão de judeus. Assim se deveria ensinar nas escolas, mas é justamente o que se não ensina, não sabendo eu, entretanto, a razão d'isso! Quem teria inventado a grosseira baléla da expulsão dos judeus?... D'onde se infere que mesmo apóz a expulsão, o numero dos que ficaram em Portugal *ia para cima dum sexto da população do Reino!!!* .. E se não digo um *quinto* é justamente para não parecer que exagero.

«Contra vontade sua (escreve a propósito J. Lucio d'Aze-«vêdo) este povo, até ahi extranho á Nacionalidade e confinado «nas judiarias, tinha de se integrar na familia portugueza, que o «detestava. Semelhante fusão não podia realisar-se sem grande

«resistencia da parte dos coagidos «e da população nativa, ocasionando «assim perseguições imediatas, e o «dominio por quasi tres séculos do «Santo Oficio. E como se fôra a vin«gança d'Israël, d'ahi por deante os «destinos da Nação encaminham-se «a outra róta: do ápice das gran«dêzas e da maxima expansão das «suas energias, o paiz entra desde «logo em decadencia formal. A coin«cidencia foi talvez fortúita, mas não «deixaram de a explorar mais tarde «os inimigos da raça.»

3

O cristão-novo Alberto Navarro, descendente directo de rabis-môres de Portugal, e irmão do Conselheiro Campos Henriques (Fotografia antiga)

O que mais tarde propalavam os inimigos da raça era o ter-se diluido o vigôr dos luzitanos nos cruzamentos com os judeus. E de Hespanha escreviam que o desmedido gôsto do luxo, inoculado em Portugal pelos hebreus, era o motivo d'aqui se ter perdido a tempera d'heroes, e o motivo da ruina nacional!

Efectivamente, procedia-se a uma mudança de portuguezes: a indole macia dos judeus tomava o lugar dos cavaleiros d'outrora.

A ruina de Portugal era aparente; o que havia era a derruição do povo antigo (ou para melhor dizer dos dominadores antigos). E d'aqui o *burburinho antropológico*, a grande desordem, a guerra civil entre cristãos-novos e cristãos-velhos, que é ainda o que se passa em nossos dias:

A *conversão* trouxe o acesso dos judeus á vida pública, sem trazer conveniencia ao cristianismo. Os que com a acridade perseguidora não vinham a tombar no *zero religioso*, génese do indiferentismo dos nossos tempos, tornávam, a ocúltas, á religião judaica, pelo que lhes chamavam os *tornadiços*. Logo

depois de 1496 os tornadiços assomavam-se em «cardume» em todo o lugar; e contudo, estava-lhes aberta a carreira aos postos públicos, como as portas dos templos.

Aquela conversão ao cristianismo fôra mais um triunfo de povo invasôr!

A cada passo invadiam, e o proprio Estado já temia a concorrencia. Para canalisar a aversão dos portuguezes contra os judeus foi creado o *Tribunal da Inquisição,* tambem chamado o *Tribunal do St.º Oficio.*

O estabelecimento da Inquisição custou a D. João III rios de dinheiro, e a constante atenção da sua vida. Por muitos anos se esgrimiram em Roma, duma parte delegados e cruzados dos cristãos-novos, (como, por exemplo, o famigerado intriguista Duarte da Paz), e da outra parte delegados e cruzados do Rei de Portugal. Venceram por fim, os cruzados do Rei; o primeiro *auto da fé* sucedeu em Lisbôa, no ano de 1540.

Os nossos mais modernos historiadores (na maioria descendentes de judeus) referem-se com ódio ao fanatismo de D. João III; mas esse fanatismo é tão perdoavel como o fanatismo dos nossos mais modernos historiadores contra o fanatismo de D. João III; O Rei era o simbolo dos dominadores d'então, e a Inquisição a defeza do seu Estado, (embora erradissima defeza)! Mas essa erradissima defêza ia mais longe procurar as suas origens nos baptismos forçados de 1496. A mania proselitica dos suevos-gôdos em levar do pecado original o povo hebreu, foi o pecado original dos suevos-gôdos. Eis, entretanto, como os judeus se defendem: «Os prosélitos são tão nocivos ao judaismo como os abcessos a um corpo sádio»; diz um aforismo talmúdico.

A Inquisição que D. João III instituio, embóra com aparencia de religião, não era mais que a Inquisição do Esdado.

«Por isso razão teve Pombal (escreve J. Lucia d'Azevedo) «em afirmar, no preâmbulo do decreto da reforma, que a Inqui-«sição fôra sempre tribunal régio — *régio pela sua fundação e* «*régio pela sua mesma natureza.*»

Pombal dizia isto com outros intúitos, mas dizia a verdade. Tanto a religião era um pretêsto, e unicamente pretêsto, quanto nos anos primeiros do Santo Oficio alguns judeus procuravam refúgio nos Estados do Pápa, ahi, em plena tolerancia regiosa. Diriamos, se não estivessemos prevenidos, sêrem os portuguezes mais pápistas que o papa!.. Mas nós sabemos que se em Roma não havia ainda uma razão anti-semitica, em Portugal havia-a, e de sobêjo!

A Inquisição fôra mais uma vantagem para os judeus, — vantagem — de fazer substituir á *justiça do povo,* a justiça do Estado; — vantagem de canalisar os ódios do povo. A Inquisição condemnára á morte até 1732, 1:400 cristãos-novos, — e só em 1506 a erupção do ódio popular na matança do largo de S. Domingos fazia perecer 2:000 individuos. O historiador Azevedo faz confrontos, e lembra que em França num só ano, por ocasião do Terror, guilhotinaram os francezes 2:625 pessôas!

O tribunal da Fé não foi, pois, a ruina dos judeus, não dizimou a nação: pelo contrário, era a consequencia directa do seu crescente! Os judeus continuaram vivendo em Portugal como em lugar oportuno!

Tidos por infieis á Religião e ao Estado, imputando-se-lhes, até, o desastre da Batalha d'Alkacer-Kibir, — a questão judaica preocupava sériamente os portuguezes, nos anos primeiros do século XVII. Entre cristãos-novos e cristãos-velhos havia uma barreira intransitavel: nada quebrava o isolamento das duas falanges. Os casamentos mistos eram rarissimos (como ainda hoje em Traz-os-Montes); e neste isolamento inquebrantavel chegava o ano de 1623. A desacátos dos judeus respondiam tumúltos; e ante a herética avalanche agitavam-se teólogos e letrados.

Foi então, que a inconsideradas proposta, de expulsão atalhava a aritmética do Santo Oficio... *que já eram 200:000 as familias hebraicas, equivalente a um total dum milhão de*

pessôas!... E isto num tempo em que a população do Reino não chegava a *dois milhões e meio!*

Outro opinava a expulsão dos de pura estirpe, e mestiçagem judaica de meio-sangue; — (que o mesmo era que expulsar todos os hebreus pois que eram raros os filhos de cruzamentos mistos).

O antigo inquisidor geral, D. Fernando Martins de Mascarenhas, portanto autoridade nestes assuntos, escrevia ao Rei: — *que os hebreus, praticavam o inabalavel judaismo, e cresciam em numero de tal maneira, que dentro em pouco só eles povoariam estes reinos;* que eram os mais poderosos nas povoações, que tinham cabedaes nas companhias da Holanda... *(Historia dos cristãos-novos Portuguezes* pag. 183 e 186.)

Mais desacátos, mais tumúltos, – e outra vez o argumento dos prelados, em 1628, era justamente a prolificuidade da raça: que no Egito, Jacob com seus filhos e nétos, ao todo dozoito pessôas, tinham gerado tal quantidade de gente, que, ao saírem de lá, traziam para cima de 600:000 individuos capazes de pegar em armas; que medravam em desproporção dos naturaes; (e nisto reside o sentido das invasões: quem tem filhos vae ocupar o lugar de quem os não tem!)

Fóra da Patria *cada portuguez era tido por um judeu,* á custa da exuberante emigração, e á custa da população restante, ainda mais exuberante. Em Hespanha os condenados em autos de fé descendiam quasi todos de judeus portuguezes, ou eram propriamente portuguezes; já nesse reino se protestava contra a admissão da nosso gente em suas escólas, por sêrem, pelo menos suspeitos de sangue infamado!

Tal estava Portugal no século XVIII, ascendentes dos Portuguezes do século XX!

Estamos ainda no comêço do século XVII; havia judeus portuguezes em toda a parte. E este foi o único e verdadeiro exôdo, que não no tempo de D. Manuel I. Nesse tempo fôra

apenas um sofisma de expulsão. Essa agóra porém, era a maior expatriação de Portugal, não por obediencia a algum decreto, mas por vontade dos proprios judeus; e desde então até hoje a debandada não foi além da natural emigração. D'ahi por deante o que naturalmente se exilava era o que naturalmente exuberava. Mas se era enorme o numero dos debandados, maior era o numero dos que ficavam. Exagerando com Manuel Severim de Faria até um quarto da população de cristãos-novos o numero d'aqueles que se ausentaram em 1628 ainda assim o abálo não fôra grande, e o Paiz não ficou descongestionado. Tanto isto é verdade, que logo em 1629 se julgava que a porção de cristãos-novos seria já superior á dos nativos (seja dito, por abono da verdade, que nesta contagem se incluiam, outrosim, os não-inteiros, aliaz raros) e previa-se para um futuro bastante proximo a SUJEIÇÃO DE PORTUGAL Á RAÇA HEBREIA. Havia previsões — que dentro em pouco *se prégaria no Reino a Lei de Moisés, emudecendo a de Christo... (Op. cit.* pag. 213 e 300).

Um escrito, que por essa época apareceu, (apendice n.º 8 da obra citada), resumindo a historia dos judeus na Peninsula, acrescentava:

«... Com esta expulsão *(expulsão hespanhola em 1492)* «passaram muitos delles a estes Reynos de Portugal, vindo «pobres e miseraveis, e como taes e gente desterrada se acco- «modarão, nas cidades e villas em que entravão, nos peiores «bairros e lugares dellas, como consta ainda hoje do nome de «judiarias que lhes ficou, nos quais vivião feitos vis e baixos «caminheiros e bufarinheiros, cobiçosos como no tempo de «Augusto Cesar, tratando, ao modo que oje os ciganos, em «trocas, compras e vendas baxas, remendarias, calçados velhos, «sendo ferreiros, curtidores e malheiros, descalços, sujos e «defumados... *Destes anos para cá, que são pouco mais «de cento, tem multiplicado como no Egito, sendo já oje «tantos como os antigos naturaes;......*

«......Tomarão o assento nos principaes lugares, villas

«e cidades maritimas e do sertão deste Reyno, e nellas são «senhores dos melhores e mais sadios bairros. ....

«......Não cavam as vinhas, não semeiam os campos, «nem na força da calma do estio segão e recolhem os pães e «mais novidades. Não são correios, caminheiros ou lacayos, nem «pilotos ou marinheiros; não se formão delles exercitos, nem «vão em armadas, e daqui vem que, *sendo Lisbôa cidade tão «populosa, quando sucede algum rebate de piratas não se «ajuntam nella dez mil homens de peleja, por serem os mais «desta gente* ..

«*Multiplicam infinitamente porque são muy regalados e «lascivos,* nem tem respeito ao sangue ou graos prohibidos, «*pello que se se não der algum corte a sua successão, d'aqui «a outros cem annos elles soos povoarão estes Reynos, pois «nós com as conquistas delles, e com os soldados que para «ellas todos os annos partem e não tornão, imos decres-«cendo*...

«Até dos trabalhos geraes que são guerra, fome e peste com «que Deus castiga ao mundo sempre lhes cabe a menor parte, «porque à *guerra não vão e são os primeiro que fogem;* se se «espera fome não na sentem, pois tem os tratos do trigo, mel, «açucar, azeite, vinho, pescado seco e mais mantimentos; para a «peste tem muito boas quintas, herdades e casais onde se reco-«lhem a tempo, conservas e medicinas defensivas......

«......*São outrosi prejudiciaes a estes Reynos porque «podem vir a sêr tontos que com a posse que tem maquinem «alguma traição e rebalião*...»

Tal se estava pensando em Portugal, mesmo apóz 1628, o periodo da assombrosa expatriação.

Como nós, os ausentes do espirito sectario (que nunca os historiadores modernos!...) desculpamos as funções do Santo Oficio! Era apenas um caso de vida ou de morte...

Agora o Dr. Roque Monteiro Paim (juiz da Inconfidencia e secretario do Regente D. Pedro na deposição de D. Afonso VI),

n'aquela acre libélo *Perfidia Judaica*, cuja ideia de base era *a incompatibilidade das duas raças*, transparecia em desgôsto de vêr crescer os cristãos-novos em tanto numero, que dentro em pouco se não achariam cristãos-velhos para os julgarem!

Por sua vez um memorial a favôr dos judeus, crescentava esta frase:

«Na Inquisição aborrece-se o homem e não o peccado»... síntese maravilhosa da eterna questão do ódio de raças, e da efêmera circunstancia religiosa; —(tal como hoje a eterna questão do ódio de raças sob a efêmera circunstancia politica).

«Um hereje do Norte (continuava o referido memorial) convertido fica logo cristão-velho; um portuguez baptisado á nascença, e com seis e sete avós baptisados, ha de sêr sempre cristão-novo; – como tal pode sêr justiça»? (pag. 304 da *op. cit.*, Azevedo).

É que um hereje do Norte por mais afastado religiosamente dos portuguezes, d'então, ainda era mais irmão dos portuguezes que os judeus nascidos em Portugal e com seis e sete antepassados baptisados!...

Germanos e semitas são duas humanidades tão diferentes como inglezes e chinezes!

Na Inquisição, nos processos de familiares do Santo Oficio, e ainda n'outros processos, não se tratava de averiguar se o individuo era ou não convicto católico, mas simplesmente se tinha raça de judeu, indio, ou malaio! A Inquisição nunca foi para evitar a invasão da herezia, mas a invasão duma raça: a raça é que era a herezia. E como a raça era a desórdem, a herezia era a desórdem! Como o espirito critico em Portugal é uma coisa falhada, e principalmente quando se trata da Inquisição!

Para se fazer uma ideia, pálida ideia, do quanto o Paiz estava povoado de cristãos-novos, basta pensar que tanto barulho e tanta actividade do Santo Oficio — apesar de tanto, — era isso, sómente, em redor duma pequena minoria, — a minoria de cristãos-novos intransigentes. A maioria, porem, já se tinha

acomodado ás novas crenças (sem, contudo, a elas se soldar, e d'ahi o indiferentismo religioso em que tombaram as gerações actuaes). Mas apesar dos judeus da maioria perderam o conhecimento da sua crença, não perdiam, contudo, o conhecimento e a noção de pertencerem á raça infamada; e este conhecimento não vinha tanto por movimento deles proprios como por coação dos cristãos-velhos que constantemente lh'o faziam lembrar: a existencia do nome de *cristãos-novos* nascia do ódio dos cristãos-velhos e sobrevivera á questão religiosa. Um homem da raça dos judeus dificilmente se despegava desse labéo, nem mesmo mudando de residencia: pelo contrario, o individuo oriundo duma terra estranha era sempre suspeito, como avondo o demonstram as diligencias dos familiares do Santo Oficio; cito por exemplo, o *processo* de Antonio da Costa, (masso 165 n.º 2561) em que se põem embargos na habilitação do pretendente por ser casado com uma bisneta duma mulher que padecia fama de cristã-nova; contudo, o comissario da diligencia informava:

«...... O tal rumôr vago não se sabe o principio que «tivera e só o poderia ter por ser solteira, e vir de fora da terra «casar naquele lugar.» (fl. 76 do dito processo). Finalmente demonstrára-se ser ela *ligitima e inteira cristã-velha de limpo sangue e geração sem raça nem descendencia alguma de judeu, mouro, negro, mulato, mourisco nem de outra alguma infecta nação.*

Assim facilmente se comprehende como um ou outro desta grande maioria acomodada regressasse a abraçar a lei mosaica, apesar dos paes e avós, e bisavós, terem já seguido a lei de Cristo, duma maneira até sincera; é que, emquanto houvesse a noção de raça, o isolamento dos individuos da mesma raça era fatal, e, portanto, fácil o contacto religioso com os judeus da minoria intransigente.

Havia sempre um amigo ou conhecido, ou parente, que insinuava cautelosamente ao cristão-novo desprevenido a vantagem espiritual (quasi sempre *material*, porque os meios de persuação eram o obterem-se riquezas, e saúde, a troco de jejuns

rituaes) a vantagem de abraçar a religião dos Judeus. Desta especie de conversão, ou regresso por contacto, ainda hoje ha vestigios, em Traz-os-Montes sobretudo, do psalterio das populações hebraicas; diz-se em Vilarinho dos Galêgos (concêlho do Mogadouro):

«Formosura d'Adonay, formosura tão antiga! Eu tão tarde «te amei, meu Deus, porque não sabia tua santa e divina Lei. «Mas agóra que a sei...»

João Pinto Ribeiro, o famigerado jurista da Revolução de 1640, escrevia em 1629 optando p'la expulsão parcial da dita minoria intransigente: que os apóstatas saidos das tres inquisições de Portugal (Lisbôa, Coimbra e Evora) prefazendo *18.000* em 50 anos, — sendo expulsos, equivalia a limpar a terra portuguêza *da mais venenosa serpente*. João Pinto Ribeiro pensava mal, julgando que o veneno da serpente estava apenas na circunstancia religiosa! E propunha, que a *grande* maioria de judeus (até ahi ainda pouco misturados) fôsse levada a fundir-se pouco a pouco, com cristãos-velhos da classe baixa. Ao tempo soava ainda por sacrilego um casamento nestas circunstancias, — apesar do jesuita Diogo Arêdo escrevêr nesse ano de 1629:

«Os cristãos-novos estão já incorporados com os cristãos-«velhos, de maneira que não ha familia nenhuma de consideração «em que não haja muitos homens e muitas mulheres participantes «do sangue hebreu, e é impossivel fazer-se esta expulsão universal «sem defraudar o Reino...» (pag. 214 da *Hist. dos Christãos-Novos Port.*).

Era isto verdade, mas ainda não era toda a verdade. Em primeiro lugar os matrimonios mistos só com raridade se faziam, e mesmo até ao fim do seculo XVIII. Mas como eram acontecimentos escandalosos, bastava a sua propria raridade para dar mácula a uma familia inteira. Alem d'isso, estes mesmos cruzamentos obedeciam a preceitos e regras fixas; assim: *na Nobrêza* (como outróra na nobrêza de Navarra) *entravam apenas as vergonteas femininas, as judias*. O cristão-novo cedia, por

vêzes, as suas filhas por medida de *segurança*, (e de vaidade até,) — e o nobre procurava nas filhas do judeu uma solução de melhoria de cabedaes.

E assim, por vezes, o filho do *familiar do Santo Oficio* levava ao altar a filha do Réo do Santo Oficio.

Desta maneira a varonia da Nobrêza continuava integralmente suevo-gótica. Além disso, as instituições dos morgadíos excluiam geralmente da sucessão aqueles herdeiros que procurassem casamento em cristão-novos, e mormente por via masculina. D. Constantino de Bragança, ao instituir um morgadio em 1607, prescrevia que — em caso de casamento com raça de mouro ou de judeu, ainda dos que fôram baptisados antes de 1497, reabilitados pelo Papa ou pelos reis, passasse o Morgado *como se ele estivesse morto,* a quem lhe houvesse de suceder; *(Camões no Maranhão*, pag. 153).

Mas em todas as camadas, á excepção da Nobrêza, e das mais baixas, começava a predominar a varonia judaica.

A caça ás judias bem dotadas pricipiou no tempo da dominação hespanhola.

Para evitar os casamentos mistos Filipe III de Portugal (e IV d'Hespanha) ordenou que os dotes das judias não passassem de 2.000 cruzados. Os procuradores dos concêlhos ás Côrtes de 1641 pediam a prohibição destes casamentos (e isto elucida do quanto estava ainda pura a estirpe judaica), e a exclusão de cristãos-novos de certos oficios, taes os de boticario, médico, cirurgião; — e que os médicos fossem obrigados a escrever em português as suas receitas, que não em latim, como era costume; e isto, porque sendo os medicos e os boticarios na quasi totalidade cristãos-novos, poderiam urdir atentados contra as vidas das pessoas, porque constava que os seus irmãos da Turquia assim os haviam aconselhado!... Não fôram mais ouvidas estas queixas, e as coisas continuaram como dantes.

Já se gritava em 1673 contra a creação de novos vinculos (morgadios) em beneficio de cristãos-novos, — creação esta que

equivalia á penetração das *varonias* judaicas na Nobrêza do Reino, coisa muito mais perigosa que a entrada do sangue duma ou outra judia! Contudo, esta infiltração de varonia judaica na Nobrêza, rarissimamente acontecia, e só no ultimo quartel do seculo XVIII com a elevação á Grandeza de muita gente súbitamente enriquecida.

«Algumas vergonteas tinham, *pelas femeas* (escreve J. Lucio «d'Azevêdo) ricamente dotadas, entroncado nas familias d'alta «estirpe, perdendo-se, no suceder das gerações, a recordação «da origem. Mas restavam, para acidentalmente dispertar lem«branças, as notas dos linhagistas, que nas familias imúnes exal«tavam a nativa arrogancia, nas de suspeitos avós imprimiam a «mácula da mistura. D'ahi nasceu estabelecer-se entre os grandes «a distincção das *familias puritanas*, assim designadas por não «aceitarem alianças com os de geração viciada. Ao numero per«tenciam as casas dos marquêzes d'Alegrête, de Valença, «d'Angêja, e outros não menos orgolhosos da sua prosápia...»

Não eram apenas as notas dos linhagistas que acordavam as lembranças; é que, tambem, ainda elas não haviam adormecido nas tradições do Povo, — de que é testemunho, o arquivo dos familiares do Santo Oficio. Entretanto, já por todo o seculo XVIII, pouca gente da melhor se poderia orgulhar de não estar infamada duma ou outra avoenga cristã-nova!

A destinção de familias puritanas chegou a causar pendencias na Nobrêza.

Foi Pombal, o reformador violento, que acabou com a *destinção* convocando, certo dia, os mais orgulhosos e obstinados puritanos, os chefes das mais orgulhosas familias, e obrigando-os ali mesmo a comprometerem seus filhos em casamento no seio de familias *infamadas*.

E quando, afinal, baquearam os Angêjas, Alegrêtes e Valenças, — onde estarão hoje os *puritanos?!...*

Poderiamos jurar que cada portuguez (com inumeras excepções nas gentes dos campos, mormente nas do Mondego para cima) tem na sua ascendencia cristãos-novos.

Os cristãos-novos, por tradições seculares, cediam as filhas, mas não cediam os filhos. Isto mesmo respondiam em França os judeus portuguezes a Napoleão I, quando este para lhes dar mais liberdades os queria coagir aos matrimonios mistos.

«As suas filhas, sim, (escreve H. S. Chamberlain em *A Génese* «*do Século* XIX, ed. franceza, tomo 1.° pag. 440), podiam con«tractar casamento fóra do Povo d'Israël; os seus filhos não: e o «dictador da Europa teve que ceder. Tal a lei digna de admiração «em virtude da qual fôra fundado o judaismo propriamente dito. «Sem duvida, tomada ela na sua accepção mais estricta, exclue «todo o matrimonio entre Judeus e Não-judeus; assim lemos, «*Denteronomio* VII, 3: *Não darás as tuas filhas aos filhos* «*deles e não tomarás as suas filhas para os teus filhos;* em «geral é a segunda prescripção a única acentuada, testemunhando-a «aquela passagem do *Exodo* (XXXIV, 16) em que é defêso aos «filhos o tomarem estrangeiras, mas não ás filhas o tomarem «estrangeiros, e o capitulo XIII de *Nehemias* em que transparece «bem a dupla prohibição, mas em que sómente a união do *filho* «com uma mulher estrangeira é qualificada de *pecado contra* «*Deus*».

Pode-se ler n'isto tudo o desejo de não difundir a raça ao de lá do conjuncto, pois que a raça se transmite em a varonia, — mas sobretudo se lê o desejo de não ser falsificada a geração dos judeus pertencentes ao judaismo de Sinagóga. Vê-se nisto uma medida de prevenção para que haja a certêza de que todo o que pertence é comunidade tem na verdade sangue hebreu. E' uma optima disposição talmúdica. Com efeito, uma esposa de judeu, que judia não fosse, poderia, em conformidade com um adultério, trazer ao gremio dos judeus um filho que fôsse filho dum não-judeu, e, portanto, sem uma única gota de sangue judaico; enquanto que o filho duma judia, tem em toda a circunstancia sangue judaico. Os judeus garantem-se deste modo, o melhor que podem, e, com certeza mais que as outras raças. A nossa *nobrêza* procedeu ao envês: ao buscar mulher na raça alheia um *incidente* poderia acarretar um filho extranho: o que

vale é a raridade de taes incidentes — e quanto mais remoto, mais raridade. E o que vale tambem, é a raridade dos casamentos mistos; com efeito, ha toda a tendencia, *instinctiva*, a efectuar consorcio na mesma raça. E é isto mesmo porque o proprio sentido da *Beleza*, incentivo da maior parte dos matrimonios, não é senão uma função da paridade de raças: um branco dificilmente comprehende a beleza duma mulher preta, coisa que um preto admiravelmente comprehende. — Nem ha mulheres feias ha mulheres de raças diferentes!... E quando se diz: este é o meu genero, — o mesmo é que dizer: da minha raça. Amar uma mulher étnicamente diferente é excitação doentia e passageira.

A varonia dos nobres é, pois, a germanica, ou, pelo menos, não semitica; (os dominadores de Portugal descendiam mórmente dos suevo-gôdos, porque estão quasi não havia homem rico que não fôra nobre á excepção dos judeus; ora o nobre era o descendente dos suevo-gôdos); e a varonia judaica ia invariavelmente tombar nas pessôas de predominio que não eram nobres. A nobrêza (varonia não-judaica), procedia em comum conservando-se agarrada às tradições, — e os dominadores não-nobres, os homens ricos não-nobres (geralmente de varonia judaica), procediam em comum agarrando-se ás ideias de reforma, aos ideiaes avançados: eram o partido radical de Portugal. Por isso, um individuo de *varonia* judaica que por via materna estivesse englobado em a nobrêza, tendia a caminhar para o campo opôsto; e um nobre, por acaso no gremio judaico por sua mãe judia, tendia a declarar-se pelos ideaes da nobrêza. Não se pode duvidar de que a *Politica*, e todas as demais manifestações do *querer* individual e colectivo, seleccionem melhor que a tradicção... *Corrigem até os erros da tradição!...* Com efeito, o não-judeu, englobado no grémio dos judeus, e o judeu no grémio dos não-judeus, tendem a trocar os seus lugares. Por isso ha nobres que fogem para os partidos radicaes, e plebeus que entram, *por instincto*, na politica dos nobres! «Diz-me com quem andas

e eu te direi quem tu és»... é um rifão que melhor que as medições antropológicas deve dividir as familias humanas, definir a raça, e atestar da *varonia* dum individuo.

Ha, pois, que fazer muita atenção no caso da ascendencia em varonia. os antigos tinham essa preocupação; a experiencia ensinava-lhe. Assim, da *mestiçagem* judaica (pae cristão-novo e mãe cristã-velha, ou vice-versa) mais abundam nos processos de crime da Inquisição os individuos cristãos-novos por via *paterna*; eram os mais delinquentes, os mais contrarios á indole portugueza, os mais extranhos, portanto, a esta mesma indole: dando-se o caso de haver tantos cristãos-novos por via paterna como por via materna, — e talvêz que por via materna houvesse mais! (consultem-se as listas dos Autos de Fé, e os processos de crime do Santo Oficio, e confiram-se estatisticas).

Um filho de não-judeu e de judia, embora judeu d'aparencia, é sempre não-judeu; e um filho de judeu e de não-judia, é ainda judeu e sempre judeu, muito embora d'aparencia não judaica. *Nem ha fenómenos atávicos: ha um constante despir de formas maternas para regressar a um tipo de varonia, a um tipo de nudez comum a todos que se encontram em estado de nudez. Tipos nús parecem-se uns com os outros; e d'ahi o semelharem fenómenos atávicos!*

A influencia das mães, embora enorme e por mais interior que ela pareça, é proxima, superficial, e desaparece na descendencia dos filhos. Em verdade, ninguem pode conter no proprio sangue a totalidade d'antepassados! O contrario desta ideia só metafisicamente se pode defender, porque metafisicamente se defende tudo; a metafisica é sempre um argumento de recurso!

Certamente, ninguem contem no sangue toda a multidão dos seus avós: que burburinho isso seria, que caso tão estranho e contra natura; e contra todo o sentido de seleção, que é afinal o sentido da Vida!

Mas em verdade cada um contem no sangue unicamente as linhas de excepção (d'homem a homem, sem interrupção, e de

mulher a mulher, sem interrupção), que por isso mesmo são linhas de excepção.

Em Portugal já não ha *puritanos*, já não ha pessoas isentas de avós hebreus; mas uma coisa é ter uma gota ou outra de sangue judaico, outra coisa é sêr de raça judaica; esta é unicamente por via paterna.

O numero de individuos de *varonia* hebreia crescia em Portugal duma maneira assombrosa. E esta massa compacta, obrigada a olvidar a velha crença, e dificilmente se apegando ao cristianismo, caia numa religião individual e revolucionaria, e mais comumente no indiferentismo religioso. Comtudo, uma minoria mais teimosa (que o judeu é teimoso!) persistia na crença de seus paes, e ritualmente praticava um mosaismo em fórmulas católicas. Desta *mestiçagem religiosa* ainda hoje ha vestigios em lugares de Portugal, nos poucos cristãos-novos de tradição. Nesta minoria judaizante, outrora (como hoje) as mulheres eram a parte principal. Já nos autos-de-Fé, eram elas tambem muito mais numerosas do que os homens; e isto explica-se: — menos prudentes, menos discretas, mais devotas...

Entretanto, esta mesma minoria decrescia: nem já na Inquisição se fazia reparo dum ou outro caso de judaismo. Os cristãos-novos seguiam agora um outro rumo: irreligiosidade, maçonaria, assalto ao Estado! No auto-de-fé de 1768 apareceram os ultimos casos por judaismo. Agóra a questão era outra. A avalanche de judeus era um assombro; e até por isso mesmo se transigia: *já não havia cristãos-velhos para os julgar;* ráras as familias puritanas, todas eram tocados de sangue hebreu!

O conflito, entre os de varonia cristã-nova e os de varonia cristã-velha tendo perdido, com o tempo, o caracter religioso, tomava abertamente um caracter politico. A varonia dos Judeus constituia o partido dos *Reformistas*, que eram os adeptos do reformador Pombal, e em cujo centro se afirmava a vontade do grande ministro. O célebre cristão-novo Uriel da Costa, primeiro

atheu confesso á face da Europa e precècessor do movimento libertario do seculo XVIII, fôra o grande propulsor das novas ideias.

Entretanto, a varonia cristã-velha reagia mais ou menos surdamente contra os adeptos do Marquêz; e o Marquêz abatia a Nobrêza, executava estrondosamente os Távoras, e protegia os afortunados do comercio. E porque então o epiteto de *cristão-novo*, radicalmente inveterado no vocabulário nacional, se tinha tornado afrontoso para os reformistas (porque a Nação bem sabia onde estavam os judeus), o Reformador, por decreto de 1773, abulia rapidamente as destinções entre cristãos-novos e cristãos-velhos, com penalidades muito pesadas, para os que, particularmente ou publicamente fizessem uzo dessas designações; prohibia, outrosim, os *processos de genere*, que eram as investigações de *limpeza de sangue*, como então se dizia, e até então necessarios e costumados para os que quizessem seguir carreiras publicas, principalmente oficios burocráticos.

Fazendo crêr que a divisoria nominal de *cristãos-novos* e *cristãos-velhos* era a unica razão da discordancia que existia na familia portugueza, Pombal abulia duramente a divisoria.

Mas a causa da dissidencia era mais funda que uma simples apartação de nomes; continuou a existir... com outros nomes!..

Pombal mandou cerrar as bôcas e fechar os ouvidos, e o Paiz obedecia promptamente... porque o Paiz era promptamente judaico! Pombal fôra a primeira afirmação dos judeus no Poder.

E eles, os conversos de 1496, reformistas e modernistas do século XVIII, avolumando-se de cada vez mais em quantidade, — transitaram incognitos até ao Presente. Fizeram a revolução de 1820, e ligeiros no incognito andaram para deante!

Transitaram em blóco, e suavemente, da côr religiosa á côr politica, e sem interrupção, continuadamente, até á Républica. Desenvincilhados dos antigos dominadores, sacódem agóra os ultimos vestigios!

A seleção politica é tão natural, como a seleção natural!

EMIGRAÇÃO: Na sua enorme vontade de afidalgar-se (porque são vaedosos, os hebreus!), começavam a afectar costumes fidalgos, — costumes católicos, como ainda hoje quando tiram os chapeus deante dos templos, e mormente quando podem ser olhados por damas distinctas! Só deles uma exígua minoria entretinha o fervor do Santo Oficio; e ainda desta exígua minoria, uma outra destacada minoria tomava o rumo do exilio, a executar livremente a crença antiga. Mas a grande parte dos que saím, faziam-o simplesmente como hoje, por natural emigração, por indole da raça. Estas pequenas porções eram o bastante para darem em toda a parte numerosas colónias, por aquele poder indómito de prolíficuidade que é apanagio de todos os emigrados. Por esta razão a designação de «portuguez» passou a ser sinónimo de «judeu». Desta mesma designação ambigua se queixavam asperamente os cristãos-velhos quando andavam em viagens fóra do Reino.

Os primeiros judeus emigraram para Marrocos, logo depois de 1496. Poucos anos mais tarde passavam-se para a Italia e para Flandres (de preferencia para a cidade d'Anvers, *Antuérpia)*, e isto ainda nos meados do século XVI. Os *Estados do Pápa* garantiam-lhes um refúgio muito invejavel! Eis como eram ahi tratados alguns portuguezes:

«Em nossos tempos (diz uma *Carta que se escreveu na «era de 1602 ao illustrissimo e reverendissimo snr. Theodosio «de Bragança arcebispo de Evora)* vimos um João Lopes, filho «de um judeu portuguez, nascido na judiaria de Roma, grande «portuguez na linguagem, ser tido em tanta conta por Xisto 5.º «que chegou a governar-lhe sua fazenda em Roma para levantar «as rendas de sua santidade, que não o sofria o povo, e não «ousavam a se queixar dele por ser muito privado de Xisto. E por «morte do papa (1590) temendo que o matassem, fugiu para «Constantinopla, onde dizem que está privado (valido) do turco «por invenções que lhe dá no seu estado da fazenda.

Estas palavras, transcritas por Camilo Castelo Branco na sua obra «Narcoticos» (capitulo *Traços de D. João 3.º*), veem acompanhadas duma nota do mesmo auctor:

«Xisto 5.º, muito caroavel de hebreus portuguezes, tinha em «tanta conta uns christãos novos descendentes de uns Veigas medi- «cos de Afonso 5.º e D. João 2.º, parentes talvez de João Lopes, «que lhes concedeu um Breve n'estes termos, datado em 1585:»

O breve, extractado por Camilo da «Nobiliarchia medica» por Martins Bastos, pag. 19 e 20, reza assim:

«Que elles e seus filhos, *in infinitum*, fossem nestes reinos «de Portugal e fóra d'elles reputados e havidos por nobres e «illustres, e podessem gosar todos e quaesquer officios e digni- «dades, posto que sejam das militares e Ordens de Christo, «S. João de Jerusalem, e S. Thiago da espada e de commendas, «beneficios ecclesiasticos e seculares, e que se possam chamar «de *Dom*; e sejam livres em Hespanha e Portugal de pagar «fintas e quaesquer outras contribuições, que costumam pagar os «de *nação hebrea*, christãos-novos; e outro si havia por bem de «os aceitar e a seus filhos e descendentes na sua parentela e «geração da familia dos *Peretas*, de que S. Santidade procede, «dando-lhe as Armas etc.

Camilo comenta:

«Este Breve foi mandado executar por D. Miguel de Castro arcebispo de Lisboa, em 7 de março de 1587.

«Emquanto o vigario de Christo assim procedia com os «hebreus em Roma, ardiam em Portugal os que não podiam acolher-se ao patrocinio do papa.

E' que se em Roma, (repito), não havia, ao tempo, uma razão anti-semitica, em Portugal havia-a, e de sobejo!

A datar de 1593, começaram os judeus portuguezes a invadir a Holanda, e onde ainda hoje ha uma enorme comunidade que representa em costumes e liturgia as antigas judiarias nacionaes. Ahi se distinguiram judeus portuguezes, como Espinosa, afamadissimo revolucionario em filosofía; e o seu adversario Oróbio

de Castro (natural de Bragança, e exaltado polemista anti-cristão); e Uriel da Costa, natural do Porto, precessor das ideias revolucionarias do século XVIII, extranho e romantico foragido, perseguido de cristãos e de judeus; e Samuel da Sílva, auctor do *Tratado da Imortalidade da Alma;* e muitos mais, até ás sumidades da moderna Holanda, mormente na Finança, na medicina, e na agitação politico-social e revolucionaria tal como o judeu David Ricardo, reformador e economista celebrado, (de base socialista).

Na Alemanha, principalmente os portuguezes se destinguiram e se destinguem, ainda, como os seus directos descendentes. Tiveram nomeada o Dr. Rodrigues de Castro, «Principe dos medicos do seu tempo» como lhe chamou Zacúto Luzitano, tambem Principe dos médico do seu tempo; — Benedicto de castro, filho do precedente, e médico da rainha Cristina da Suécia; — Manuel Bocarro Francêz, natural de Lisboa e morador na Alemanha, astrólogo, astrónomo e médico afamado; — Benjamim Mesaphia, médico e filosofo; — e outros muitos; e escriptoras, como D. Isabel Corrêa; e Henriquêta Henz (a apaixonada de Guilherme Humbold, filha de Benjamim de Lemos, de Lisbôa). *(Historia dos Christ. Nov. Port.* pag. 414).

Propalavam-se, por toda a parte profecias judaicas que anunciavam a vinda do Messias quando já estivessem em todos os paizes, para o que faltava ainda a Grã-Bretanha. Então Isaac Abravanel, judeu portuguez da colónia da Holanda, e que em Portugal tivera o nome de Manuel Martins Dormido, vae a Inglaterra fazer penetrar no convencimento de Cromwel a visão das vantagens em aceitar os judeus naquele Paiz, dando-lhes todas as liberdades do culto. A Inglaterra, como todo o Mundo, começava a interessar-se pela existencia romantica desta raça, tão duramente provada como em testemunho das profecias biblicas. O *Judeu errante* achou acolhimento na Grã-Bretanha. E é hoje a Sinagoga de Londres que exerce hegemonia em todo o Mundo sobre todo o Povo d'Israël.

Tambem emigraram para França os portuguezes; só em Bayona em 1602 havia uma colónia de mil familias: treze anos depois o governo francêz prohibia-lhes o trato com os naturaes, acusando-os de estarem fazendo a ruina do comercio, por sua concorrencia desleal. Foram então ocupar S. João da Luz, d'onde, por certo sacrilegio duma judia, tiveram que se ausentar para Biarritz. Por toda a parte, entretanto, se ia espalhando a semente da raça.

Hoje o comercio de Bayona anda á roda das firmas portuguezas: Furtado, Nunes, Silva, Costa, Rodrigues, Goumes, Fonséque, Carvalho, Pereira, Brandam...

Estes apelidos portuguezes a rubricar judeus foi uma das causas de se tomar cada portuguez por um judeu... como ainda hoje isso acontece!

O comercio de Lourdes, (a da gruta milagrosa!) está outrosim nas mãos dos judeus! E' facil de ver; o catolicismo é uma religião judaica: invasão da crença e depois por baixo a invasão na exploração da crença!...

Em Bordeus, de 36 familias em 1636, eram deles em 1675 os principaes estabelecimentos de comercio. Em 1749 metade do comercio pertencia-lhes; e vinte anos depois contavam-se entre eles alguns milionarios. «Les portugais» chamavam-lhes aqui, e em toda a França; — e o seu cemiterio era o «cemiterio dos portuguezes». Ahi viveu Jacob Rodrigues Pereira, natural de Peniche, auctor dum sistema d'ensinar a ler os surdo-mudos, ascendente dos celebrados financeiros condes de *Perère*.

Em breve os portuguezes invadiam a frança, em predominio e em numero.

Tambem na Russia muitos portuguezes tiveram nomeada universal, como Antonio Ribeiro Sanches, o grande medico; e muitos deles, são a par dos chamados judeus *tudêscos*, ou polacos, os ascententes da *Russia bolchevista!*

Para a Turquia, onde já havia judeus hespanhoes, fôram tambem acolher-se os portuguezes. A proprósito d'aqueles, e do

édito de expulsão que ordenaram os reis católicos, Fernando e Isabel, em 1492, dizia o Sultão: «e dizem que é esse um rei «politico que empobrece os seus estados para enriquecer os meus!»

De Portugal, não se diria outro tanto, pois que desta Nação apenas saia, o que económicamente se expatriava, o que escorria da *fartura nacional!*

Portuguezes e hespanhoes (colónias á parte) fôram os pioneiros e os propulsores da civilisação europeia na Turquia. Os nossos judeus de Salónica, de Sarajêvo e d'outros lugares, possúem hoje importantissimas fortunas, principalmente no Comercio; — teem ainda costumes e uzos nossos, ainda falando um portuguêz corrupto que mormente é usado (como na America do Norte e na Holanda) em o litúrgico ritual das sinagógas.

Observa J. Lucio d'Azevêdo que os judeus, para onde quer que emigravam, conservavam os nossos costumes, nossos apelidos e linguagem, não tanto por afeição a Portugal como por a vantagem de continuarem no Estrangeiro uma vida inteiramente á parte! Mas a verdade é que o judeu é essencialmente *saudoso* — quanto em saudade o messianismo se contem, o messianismo, — a caracteristica da raça!...

Os judeus portuguezes na Turquia atingiam um ascendente sem limites: José Nassi (que em Portugal tinha o nome de José Mendes) faz se o maior valido do Sultão; é amerciado com o titulo de Duque de Naxio e o feudo das Ciclades; — e tal poder exerceu na politica europeia, que tornou respeitavel o Imperio dos Turcos; fez entrar na Turquia a civilisação do Ocidente, obtendo do Sultão que franqueasse os portos aos europeus. Um outro judeu, João Lopes, filho de portuguez, fôra em Roma ministro da fazenda de Xisto 5.º, por cuja morte em 1590, e fugindo á indignação do povo, recolhe á Turquia onde chega a ser ministro do Sultão e seu grande valido! Anos atraz, fugira de Portugal um Antonio Pires, cristão-novo, que passa ao mosaysmo com o nome de Salomão Malcho, e de quem diz Azevêdo que fôra «o mais extranho visionario do Judaismo»; — o qual anunciando, e anunciando-se como o Messias, discorreu pelo Oriente onde

criou um scisma religioso, que ainda hoje perdura, e veiu finalmente a morrer na Italia, queimado pela Inquisição.

Ha um outro Antonio Pires, que foi conhecido na Italia pelo nome de Pirrhus Luzitano, e editor da «Égloga do Crisfal».

Tambem na Austria os nossos judeus vincaram, — e vincam, ainda, gloriosa passagem. Chegaram a ser nobilitados pelos soberanos.

Para a America do Norte emigraram tambem os judeus portuguezes.

Quando ha pouco o Presidente da República, Roosevelt, verberava no discurso da Presidencia o Governo portuguez de estar consentindo na escravatura, os banqueiros israelitas, descendentes dos nossos judeus, levantaram bem alto o seu protesto, bloqueando o comercio das borrachas, e o Presidente da République deu-lhes as necessarias satisfações!

A' America do Sul afluiram tambem (e ainda hoje, *que outra coisa não é a emigração dos portuguezes para o Brasil).*

Fôram eles que fomentaram a independencia daquella nossa colónia, como outróra ligando-se aos Holandezes contra Portugal logo depois de 1640.

Cinco mil a seis mil judeus portuguezes tinham residencia em Buenos-Aires, em 1754. No México o Tribunal da Inquisição trabalhou largamente nos portuguezes: ainda em 1795 condenava este tribunal por judaismo, o portuguez Rafael Gil Rodrigues (Azevêdo, pag. 439).

— De certo modo não teria influido o sangue judaico nas emancipações da America do Sul, e no seu eflorescer nas varias républicas?...

Os judeus polácos não faziam menor invasão: muito ao contrario, em torrentes enormes desabavam *(e desabam)* sôbre os Estados do Ocidente. Por toda a parte tinham o nome de *judeus alemães*. Ora, á bôa linhagem de Judá, aos exilados de Portugal, repugnava a principio esta incursão que comprometia

a integridade da pura estirpe: diziam d'eles que descendiam da canalha saida de Jerusalem, — (e outros diziam que da tribu de Benjamim). Na Inglaterra e na Holanda, aonde os portuguezes chegaram primeiro, os alemães eram ao começo seus serviçaes (op. cit. pag. 403).

H. Chamberlain, para quem o sentido de *nobrêza* (e a propria salvação da raça), reside unicamente na ausencia de misturas, e para quem todo o *mestiço* é um bastardo, — escreveu em «A Génese do Seculo XIX» (3.ª edição francêza, T. 1.º, pag. 373):

«Em Inglaterra, na Holanda e na Italia, existem ainda autenticos Sefardins, mas em pequeno numero, porque lhes é quasi impossivel evitar a mistúra com os Askenazins, ou *judeus alemães:* assim os Montefiore da géração actual têm todos casado com representantes deste ultimo grupo. E' na Europa oriental, onde os Sefardins não adulterados fógem ao contacto com os outros judeus e demonstram um horrôr quasi cómico pelos Arkenazins, que é preciso estuda-los: alguem que tenha tido ocasião de o fazer me comprehenderá quando afirmo que em presença destes homens se me tornou inteligivel, pela vez primeira, a significação de judaismo na historia do mundo. Eis a nobrêza no verdadeiro sentido da palavra, eis a autentica nobrêza de raça! Belas estaturas, nobres cabêças, dignidade perfeita na conversação e nas maneiras. O tipo é *semitico* — na accepção que damos ao termo aplicando-o a determinados Árabes ou Siríacos da mais elevada categoria. Um golpe de vista e eu comprehendia como do seio de tal gente podessem ter surgido profetas e psalmistas, coisa que, devo confessar, jamais me ocorrera, por mais atento que estivesse na contemplação das centenas de *Bochers* que se encontram em Berlim ao longo da rua Frederico. E com efeito, se ligamos alguma atenção aos livros sagrados dos judeus, constatamos que a transformação do seu *monopoliteismo* num verdadeiro monoteismo cosmico — representação sem dúvida grandiosa, ainda que muito mecanicamente materialista para a nossa sensibilidade — não foi obra

«do povo em conjuncto, mas duma minoria. Ainda mais. Essa
«minoria deve ter sustentado contra a maioria uma lucta inces-
«sante, e não foi senão pela força que lhe conseguira impôr a sua
«mais elevada concepção da vida: porque força? Pelo mais alto
«poder humano, pela potencia da personalidade. O comum do
«povo dá a impressão duma massa extraordinariamente vulgar,
«destituida de toda a aspiração elevada: os ricos, duros — de
«forte prôa e de fé fraca; os pobres, versateis, e constantemente
«tomados pelo desejo de se entregarem á mais lamentavel, á
«mais repugnante idolatria;.................................

«.......Mas no decurso da historia judaica se firmou a
«selecção dos elementos moralmente superiores; pelo exilio, pelo
«processo d'eliminação continua na Diáspora, consequencia da
«pobrêza do paiz e dos perigos da sua situação, só restaram
«(d'entre as melhores classes) os mais fieis á ideia nacional, e
«estes tinham por abominavel qualquer união conjugal mesmo
«com judeus!..
....

«Deste modo foi a raça submetida a uma verdadeira desci-
«plina d'educação. E quando chegou a dispersão final, estes
«unicos Judeus autenticamente puros fôram todos, ou quasi todos,
«deportados para Hespanha. Os Romanos, com efeito, eram
«politicos bastante atilados para não deixarem de fazer a des-
«tincção necessaria: e é para o extremo Occidente, tão longe
«quanto possivel do berço da raça, que transferem estes peri-
«gosos fanáticos, estes homens altivos, e de quem um simples
«olhar curvaria a multidão á obediencia, enquanto que o povo
«judeu, fóra dos limites estreitos da Judêa não foi sugeitado a
«mais aspereza que os judeus da Diáspora. E eis, na verdade
«uma interessante lição de factos sobre a origem do valôr duma
«*raça:* porque, de todos os homens a que nos temos acostumado
«a chamar *Judeus*, relativamente bem poucos são os que descen-
«dem destes puros e nobres Hebreus; a grande maioria vae
«entroncar nos Judeus que não tomaram parte nas ultimas lutas
«heroicas, nem mesmo n'aquelas do tempo dos Macchabeus: são

«estes Judeus, e a seguir a pobre multidão de camponezes que «ficou na Palestina e que mais tarde no decurso dos séculos «cristãos foi expulsa ou fugiu, são eles os antepassados de quasi «todos os *nossos Judeus*. E ajuntarei: se alguem desejar conhecer «por testemunho de seus proprios olhos, o que é uma raça nobre «e aquela que o não é, faça vir de Salónica ou de Serajêvo o «mais pobre dos Sefardins (esta gente possúe raramente grandes «fortunas, porque são duma honestidade escrupulosa) e confronte-o «com um barão Rotschild ou um barão Hirsch, á escolha: com«prehenderá imediatamente a diferença entre a nobreza que con«fere a raça e a que outorga um monarca.

São portuguezes estes judeus de Salónica e Sarajêvo.

Por toda a Europa, contudo, os judeus polácos e alemães, iam afogando, á força de numero, a isenção dos nossos portuguezes, vencendo-lhes a relutancia dos comêços. Esta relutancia fôra enorme, e até mesmo no principio do século passado! Os portuguezes em França chegavam a promover a expulsão dos alemães, e estes muitas vezes para que os não incomodassem faziam-se passar por portuguezes. Isaac Pinto, de Bordeus, escrevia a Voltaire: «Um judeu portuguez de Bordeus e um judeu «alemão de Metz parecem dois entes absolutamente diversos». (Azevêdo, pag. 378).

O representante da Raça em 1789 pronunciava em Paris o grupo hispano-portuguez totalmente distincto dos outros judeus; em seguida são emancipados, e só em 1792 se emancipam os outros.

Sob a afluencia interminavel de polácos a repugnancia tinha que abrandar-se. Agóra num discurso em 1806 num congresso de judeus por convocação de Napoleão para o Sinhedrin de 1807, o rabino Salomão Lipmann-Cerfberr, (judeu poláco) proferia:

«Esqueçamo-nos d'onde tiramos nossa origem: que d'hoje «para o futuro não mais haja motivo d'apartamento entre *judeus* «*alemães* e *judeus portuguezes*. Disseminados pela face do globo não formamos ao presente mais que um só e único Povo!» (Chamberlain, pag. 435).

Judeus, mestiçados ou não, polácos ou portuguezes, são hoje de grande peso na vida da Europa. Entre os polácos, sem dúvida, muitos haverá descendentes de Sefardins. — Ultimamente, de tal modo uns e outros teem tomado a capital da França que dentro em pouco será Paris a capital d'Israël!

Óra aquela afeição que tomam os nossos compatriotas pela França, e para quem nada pode sêr superior a Paris, para quem tudo é ir subejamente a Paris, trazer Paris, derreter-se em Paris... e tudo isto com um salto mortal por cima da Hespanha, — deve mormente cifrar-se no afim de raças que não na pálida atracção que possa exercer sôbre o comum dos portuguezes aquela historica cabêça da civilisação do mundo!

Ora o ultimo rebate anti-semita aconteceu na capital da França com a campanha parlamentar do Dreyfuss em 1897. Só então é que os francezes comprehenderam que estavam positivamente nas mãos dos judeus, que eram eles os senhores do dinheiro, os chefes das grandes emprezas, os manejadores da politica; enfim, tudo quanto pode constituir a observação duma nação em pêso!

Hoje assignala-se com visivel frequencia o tipo judaico em Paris na grande massa que frequenta os *boulevards,* nos teatros, nos clubs, nos cafés...

Que havemos então de dizer da massa parda de gente que circula em Lisbôa, que enxameia os centros de reunião, — os teatros, os clubs, os cafés?!... Esses centros são verdadeiras sinagógas! Os nossos amigos que entram e sáem são os conversos de 1496, os *captivos* d'outrora, e os sobreviventes da matança no largo de São Domingos! Se Paris é a capital d'Israël, Lisbôa, é a capital de Judá!

OS NEO-PORTUGUEZES: Quando em França, e nas mais nações do Mundo, veem ao decimo os numerosos descendentes dos que sobravam da matriz de Portugal — que fará Portugal?! . .

Muitos escriptores exageravam o numero dos foragidos, e que este paiz se despovoava, ; — eram da força do Marquês de Niza que ficára alarmado por vêr chegar numa náu a Ruão a fabulosa quantia de *vinte* judeus!... e que por esse andar se despovoaria o Reino! A verdade é que bem poucos se exilavam em relação aos que ficavam; eram mais as vozes que as nozes!

Felipe II exclamára, com deliciosa ironia, ao assistir em Lisbôa a um auto-de-fé:

Los que miran penitenciados son judios publicamente, los outros son suspechosos. — Que nós éramos judeus, os espectadores, e que, eles, os condemnados, sê-lo-hiam ou não! . . — Tal estava o gracêjo hespanhol, o *pirôpo?!*

Um francêz (conta Azevêdo, pag. 490) contractado para vir para Portugal ensinar grêgo, tratou de se aperfeiçoar na lingua hebraica, supondo que era esta a do Reino! Para cúmulo da ironia em toda a Europa se chamava ao rei dos portuguezes — *Rex Judaeorum*. Os proprios hespanhoes nos chamavam *judeus* e confessavam que havia realmente muitos em Hespanha mas que todos d'origem portugueza; *(op. cit.* pag. 490).

Eles ahi andam ainda hoje, mais do que nunca, chapeus de palha no verão, de feltro no inverno, — nos cafés, nos teatros, nos cinemas, por toda a parte, enfim, — deputados, banqueiros, capitalistas, penhoristas, médicos, advogados, politicos, tudo!... Tem sido uma verdadeira revira-volta, uma substituição de Nação, encapotada nos antigos apelidos portuguezes! Como está errado o critério que pretende encontrar os cristãos-novos unicamente por apelidos determinados taes os de *Rodrigues, Silvas, Pereiras, Costas, Cardozos,* etc.; ora a verdade é que eles usam todos os nomes de que usaram os cristãos, suevos e gôdos; se até ha judeus chamados *Godinhos!...*). D. Manuel, para os

levar melhormente á igreja católica (ou para melhor os fazer abandonar os antigos apelidos que recordariam o Oriente) explorou-lhes a vaidade, tão conforme com a indole hebraica, conferindo-lhes o previlegio de livremente poderem usar os mais nobres apelidos de Portugal, os dos *senhores de solar conhecido* — regalia a qualquer outro português não consentida!

«§ 13. E outro si nehua pessoa de qualquer condiçam que «seja, daqui em diamte nen tome apelido de Fidalguo de Solar «conhecido, que tenha Terras com Jurisdiçam em Nossos Rey«nos, nem lhe pertencendo nem vindo da dita linhagem...

«Porem os que novamente se tornarem aa Nossa Sancta «Fee, poderão tomar, e teer em suas vidas, e trespassar a seus «filhos soomente, os apelidos de quaesquer linhagens, que qui«zerem, sem pena algua.» *(Ordenações de D. Manuel,* L.º 2.º, Tit. XXXVII).

Dá-se o fenómeno interessante de haverem os judeus cedido aos portuguezes os nomes proprios que trouxeram do Oriente (José, Maria, Ana, Joaquim, etc.) e os portuguezes haverem-lhes cedido os seus apelidos d'origem germanica... É possivel que bem antes do baptismo forçado de 1496 grande parte das familias hebreias possuisse apelidos peninsulares, porque estes são os nomes que dependem mórmente do meio envolvente, que não das vontades e tradições das familias; além do que, com a multiplicação das familias, a multiplicação dos apelidos era forçosa. Mas á maioria dos judeus o baptismo forçado de 1496 veiu trazer a revogação d'aquela nomenclatura oriental que se hoje existisse nos recordaria constantemente a Palestina, e com tanta frequencia como hoje os *Rodrigues*, os *Pereiras*, os *Silvas*, os *Ferreiras*, os *Fernandes*, os *Camachos*, os *Brandões*, os *Costas*, todos! Se não fôsse a tal substituição de nomes, dificilmente encontrariamos hoje um portuguez das grandes cidades, principalmente das provincias do Sul, que nos sugerisse em seu apelido a Historia do *Portugal das caravelas!* E só então é que os nossos compatriotas se convenceriam d'esta grande verdade: que não teem nada de comum com os antigos portuguezes; e que

a Historia de Portugal é apenas a historia dum Povo que os lesava e vexava! Ou mais justamente, — que seriam judeus as ultimas figuras desta mesma Historia de Portugal! Tambem é certo que se não fôsse a conversão dos judeus ao cristianismo, já hoje em Portugal não haveria uma unica igreja que não estivesse transformada em sinagóga, — nem pároco algum que não estivesse transformado em rabi, submetido ao rabi-mór de Lisbôa, o qual, por sua vez, e por direito de *sefardin*, deveria ser para todos os judeus do Universo o que o Papa é em Roma para todos os católicos! O que a Inquisição evitou!... Mas o que a Inquisição não poude evitar foi a multiplicação da raça proscrita, fôram aqueles pertinazes narizes e olhos, aquela debilidade de mentos (deficiencias de queixo) e aquela expressão d'ombros, com que os moradores de Jerusalem abandonaram a Patria, navegando para o Ocidente até ocuparem hoje a terra luza, até passearem hoje nas nossas ruas, não de túnica e sandálias, mas com os modernos cortes do Ocidente! Ombros e olhos com que vieram por esses mares em fora, até fazerem de Lisbôa a *Nova Jerusalem!*

Nas grandes cidades portuguezas, principalmente na capital, ha mais probabilidades de acertar afirmando que fulano e cicrano são judeus, que afirmar o contrário. O tipo do judeu é o tipo característico do lisboeta, mórmente do frequentador dos cafés! Já no século XVII um memorial em referencia aos cristãos-novos (e ao seu pouco animo de guerreiros) elucidava que *sendo Lisboa uma cidade tão populosa, quando ha algum rebate de piratas não se juntam nela dez mil homens de peleja, por serem os mais desta gente.*

Claro está que a Lisboa moderna, desde o meado do século passado, em que a circulação dos caminhos de ferro poz tanta gente em transito, familias que estavam secularmente agarradas ao mesmo torrão, — é um colmeial de judeus, tocando a raridade aos cristãos-velhos. Quem frequente algum tempo as sinagógas para criar a visão do tipo judaico, cria logo a visão do lisboeta.

O judeu aflue ás cidades, é essencialmente cidadão; e Lisboa é uma cidade essencialmente judaica!

Não é dificil descortinar um judeu pela simples aparencia. Com uma experiencia de alguns anos, e muito mais por instincto que por experiencia, qualquer pessoa está apta a apartar os hebreus dos não-hebreus. A fisionomia, o feitio dos ombros, o modo de andar (e, ainda que pareça exagero ou gracejo, o proprio modo de usar um chapeu, que, na generalidade, é mais puxado para a frente que para traz, por virtude, sem duvida, da conformidade craneana), deixam-nos facilmente aperceber do tipo judaico. Mas se, porventura, eu vivesse aqui ha uns 150 anos (tres ou quatro gerações apenas) ainda me mereceria o trabalho de consultar aquele livro preventivo, a *Sentinella contra Judeos* (edição de 1730), e no capitulo XI encontraria:

4

Um tipo de judeu; cristão-novo de uma familia de comerciantes de Avis

«*Da diferença que ha de judeos sinalados por Providen-*
«*cia Divina.*

«Ha muitos sinalados pela mão de Deus, depois que crucifi-
«caram a Sua Divina Magestade, huns tem huns rabinhos, que lhe
«sahem do seu corpo do remate do espinhaço; . . . . ;
«outros não podem cuspir nem lançar humidade alguma fóra da
«sua bocca. . . Conhecem-se muito tambem que são judeos em
«os narizes, na barriga das pernas, na pouca limpeza e desmaze-
«lamento geral, em as costas, e em mostrarem ser ou serem
«corcovados. . . Alguns ha que lhe fica a baba ou o cuspo pegado
«em a barba, quando cospem, em pena de haverem cuspido em
«a do nosso Redemptor. Tambem se diz que os que andam car-
«regados com cofres ou fardos, de um em outro lugar, não hé
«sem mysterio, posto que andem vendendo suas mercancias, e
«muy de ordinario os verão não fazerem muyto caso de levarem
«pesos, vindo-lhe isto de haverem posto a Christo S N a cruz
«em seus sacratissimos ombros.»

E dizia mais o impávido capitulo: *e derramam sangue de suas partes vergonhosas cada mez, como se fôram mulheres...* Ora isto tem seus visos de verdade, porquanto hoje sabemos serem os semitas muito atreitos aos fluxos hemerródicos; ha familias inteiras, e até tribus inteiras do Norte d'Africa, que sofrem esse fluxo e com regularidade mensal.

Tambem são atreitos a doenças de pele, e como tal são conhecidos ainda hoje em Traz-os-Montes. Por isso mesmo já Moysés, o fundador da religião judaica, legislára no sentido de os fazer abster de carnes impuras, como a de porco, e preceituava disposições higienicas. Tambem é preciso não esquecer o *faector judaicus*, de que falam os antigos, e que os cristãos-velhos tanto caracterisavam nos judeus!

A propria *circuncizão* é originariamente, e hoje ainda, um preceito d'higiene cirúrgica a corrigir a superabundancia prepucial dos hebreus; e dizem que de vantagens profiláticas.

Certos preceitos, porém, das religiões dos semitas, não se lhes tornam mui árduos de cumprir, porquanto, estão em conformidade com a indole da raça: assim, a abstenção de bebidas alcólicas entre os árabes. A tendencia para elas, é antes, apanagio dos povos germanicos, que são ainda assim *os maiores bêbados do Mundo!* Quando o semita se vicia e se preverte, é, em geral, no plano inclinado da moralidade: pela luxuria, pelo abuso de confiança, pela deshonestidade nos contractos, etc. A sua existencia moral, devéras intensa, desenvolveu-lhe qualidades femininas, como a astucia, a acuidade conspiratoria, a teimosia, o espirito de espionagem, a vaidade, e o sentimentalismo sempre prompto a desviar os olhos dos espectaculos sangrentos, da vida do músculo; (são recrutados de entre os judeus os mais tenazes paladinos anti-tauromáquicos). Claro está que o Homem duma maneira geral participa de todas estas qualidades, — porem nas quantidades é que estão as diferenças. Por tudo e em tudo teem os hebreus intensificado a vida da alma, atrofiando a do espirito.

Ainda hoje em certos sitios da Provincia, como na cidade

de Bragança, em que metade da população é de cristãos-novos, se distinguem eles rapidamente do comum das pessoas não apenas por caracteristicas mentaes, mas ainda por as fisicas. A sua têz, podendo ser vária, é em geral a morêna, côr d'azeitona, como a d'aquele género de estudantes da Escola de Belas-Artes e Conservatorio de Musica, de Lisbôa; o cabelo é em geral de côr prêta, não havendo, entretanto, em Traz-os-Montes, pessôa de cabêlos ruivos que não seja havida por judia. Ha em Bragança inúmeras judias de cabelo *grifo* e avermelhado.

Carção e Arcuzelo são duas gradas colónias de cristãos-novos, os quaes se dizem descendentes de Labosão, e são na generalidade de cabelos ruivos. Ruivo é tambem o ex-ministro da Republica e grande influente politico de Traz-os-Montes, Lopes Cardozo, que no *Parlamento* tinha alcunha de *judeu encarnado*. De Carção era o pae d'Antonio Granjo presidente do Concelho de Ministros morto na matança de 1921.

Os judeus são tambem de barba abundante. A revista «A B C» (titulo portuguez e *originalissimo* duma revista hespanhola!) inseria em 1920 uma entrevista curiosa com um barbeiro de Lisbôa o qual afirmava sêrem as pessoas em maior evidencia precisamente as mais dificeis de barbear! Esta entrevista deve encerrar uma lição antropológica.

Mais reconhecem nos judeus em Traz-os-Montes uma caracteristica pronuncia anazalada, pelo que lhes dão o nome de *caniqueiros;* esta mesma pronuncia reconhece-se com evidencia entre os israëlitas quando rezam em conjuncto nas sinagogas; a mesma origem deverá ter aquela pronuncia anazalada do lisboeta, caracteristicamente *fanhosa;* exemplo: *Lisbõa, bõa*...

O recorte interno acompanha outrosim o recorte externo, — que não menos caracteristico é um que outro.

Exemplo: O judeu é, em presença d'outras raças, um individuo essencialmente *teimoso,* mas duma teimosia mole, inamovivel, como as môscas no outomno, inamoviveis: môscas que se enxotam e voltam, e voltam sempre tão dôcemente e tantas vêzes

quantas fôrem necessarias. *Teem mais tenacidade que energia,* diz Chamberlain. Por outro lado, o caracter individualista da raça é evidenciado em todo o Globo. São os judeus amigos de sua propria familia, em excesso, quanto vae nisso uma agressão ao resto da Humanidade, que em geral detestam. Como individualista é outrosim o judeu *o animal mais rapace* do Mundo, — e este é o testemunho de toda a Humanidade.

É essencialmente sensual, — muito mais luxurioso que amoroso; a amororidade dos semitas é toda dos sentidos, toda objectiva, como as suas proprias religiões; os povos germanicos são bem mais amorosos, mais subjectivos; a propria melancolia é objectividade como a cadencia e o ritmo dos poetas.

São tambem vingativos e intolerantes, — segundo os reputam, — julgando eu, entretanto, que esse caracter é proprio dos que estão no abatimento, e das raças em conflicto umas com as outras. Mas que são vingativos, afirmou-o por exemplo, um judeu portuguez exilado na Russia, Antonio Ribeiro Sanches, médico afamado. Tambem estou em dizer que a tolerancia neles é o arrefecimento do seu *sentimento intolerancia;* — porque se o judeu é facilmente aquecivel, tambem facilmente é arrefecivel! Por este mesmo motivo é ele mau julgador, faccioso, apaixonavel, precipitado nos seus julgamentos: *uma dúvida transforma-se-lhe imediatamente numa certêza*. Imaginação entusiasta; mas tambem facilmente arrefecivel!

Tambem é grandemente adaptavel; toma a côr do ambiente. Sendo extremamente individualista, não é original em coisa alguma: pelo contrario, é propenso á imitação (até ao simulacro do genio!) modalidade em que raça alguma o tem excedido; por isso, só se mede verdadeiramente o valôr dum judeu quando o vimos na distancia, porque só então desaparece a personalidade encantadora.

Um caso particular d'aquela sua extrema adaptablidade é a tendencia para as linguas, que é o que sucede aos portuguezes d'hoje, — uns verdadeiros papagaios: — uma verdadeira tendencia poliglóta. O judeu português David Neto, rabino da Sinagóga de Londres, fazia cair d'admiração os inglezes: — «Grande latino,

«— diz um seu panegirista, falava — com energia em portuguez,
«prégava com facundia em castelhano, compunha com elegancia
«em hebreu; entendia grêgo, francêz e inglez». (Azevedo
pag. 426).

Esta mesma facilidade resulta ela de sêrem extremamente faladores; e... *bravos de lingua se bem que mansos de corpo,* como asseveravam os portuguezes d'outrora, e como diz o *Velho Testamento* (Jeremias IX, 3, 4 e 5): —

«3 .. estenderam a sua lingua como arco de mentira e não
«de verdade..

«Cada irmão procura suplantar o seu irmão, e cada amigo
«vae calumniando o seu amigo; cada um procura intrujar o outro,
«e nenhum diz a verdade; exercitam a lingua na mentira, e só
«estudam no mal que hão de fazer».

Nas discuções exaltadas o judeu é o primeiro dos praguejadores; a propria Biblia é um exemplo dessa tendencia, — a Biblia, repleta de rógos de pragas!

Perante o austero e serenissimo europeu, o judeu se apresenta como um sugeitinho *bem falante,* metediço, por vezes engraçado e quasi sempre agradavel, mas intriguista, e sobretudo *videirinho!* Uma intensissima vida moral.

Por taes qualidades facilmente se tornou enciclopédico, e na vida social, *acumulador de funções*. Era uma coisa que antigamente se estranhava muito serem os médicos cristãos-novos simultaneamente comerciantes ao mesmo tempo que astrólogos e literatos! Ai, e não serão ainda hoje, mais do que nunca, os bachareis portuguezes maus literatos, todavia literatos, e sobretudo eximios comerciantes, politicos e acumuladores de funções? E quem mórmente não conhece a ganancia dos médicos, o desafôro desses terriveis curandeiros? E os lentes, e os oficiaes do Exercito, alargando o ganha-pão até á profissão de intermediarios nas vendas por grosso e por miudo com escritorios de comissões e consignações?!...

Mas o judeu não é o tipo comum da população portugueza;

é unicamente aquilo que domina. Cada nome do *Anuario Comercial* representa, pois, uma familia de varonia hebreia, com uma pequena redução de cristãos-velhos.

E se os judeus não são o total da população, é porque não enxameiam os baixos oficios nem nunca fôram serviçaes agricolas; e na agricultura fazem o que podem para transformar esta industria em comerciatura, tal teem transformado o Alentejo em comercio de gados. Os que não cabem no *Anuario Comercial*, expatriam-se, procuram em geral o rumo do Brazil. Hoje, os portuguezes no Brazil, são, por excelencia, os comerciantes, quanto ahi os italianos são de industriaes, e os chinezes lavadeiros e engomadeiros de roupas!

A expatriação que se fazia durante a Inquisição continua a fazer-se. Temos, pois, que os nossos compatriotas de primeira e segunda condição (os dominadores) são judeus, com um desconto de poucos por cento, — e os de 3.ª condição são cristãos-velhos. O povo agricola, o que ama a romaria folgosa, o morteiro e o foguete, estigmatisado por essa mesma tendencia para o *batuque*, é o tal cristão-velho de especie inferior com quem em 1628 lembrava o dr. Roque Monteiro Paim se deveriam cruzar os cristãos-novos.

Quando se fala em tipo portuguez é uma referencia a essa especie de *élite* portugueza que percorre o estrangeiro (que é onde se visiona o tipo portuguez), os aventureiros e os homens ricos, que mais ou menos descendem de judeus.

O tipo comum da população agricola portugueza é tão rudimentar que ninguem se dá ao trabalho de sobre ele se debruçar nem ele se deixa ver fora da Patria (salvo no Brazil), pela simples razão de que não viaja. O tipo portuguez, o *petit-noir* tão caracteristo em paizes estrangeiros (nunca os do Povo, porque o Povo não viaja) outra coisa não é que o *petit-juif* portuguez, a *élite* judaica, o Sefardim. Não ha tipo portuguez, ha tipo de judeu portuguez, aparentemente diverso doutros judeus. Esta é mesmo a principal razão da diferença de Portugal para Hespanha. Outrora os judeus expulsos de Hespanha tiveram acolhi-

mento em Portugal; acelerou-se aqui a desenvolução do sangue judaico e isto acentuou a tonalidade diversa. Num grupo de portuguezes e hespanhoes facilmente se reconhecem os portuguezes, isto é, os judeus portuguezes; portanto a diferença entre Portugal e Hespanha é hoje maior do que nunca. Era outrora a que podia existir entre suevos e gôdos, a que podia existir entre dois grupos do mesmo ramo germanico (e alguma existia); hoje é a que existe entre duas humanidades inteiramente opostas: a humanidade semitica e a humanidade germanica!

Já ha tres séculos, em viagens lá por fóra, os portuguezes, eram tidos e havidos por judeus, coisa que aos hespanhoes não sucedia.

Onde é então possivel achar ainda o tipo mais composto dos portuguezes d'outrora?—Dos portuguezes fundadores de Portugal certamente que no Minho e nos Açores, e, duma maneira geral, a população ao Norte do Mondego. Dos portuguezes, a despeito dos quaes a nacionalidade portugueza foi fundada, é tudo o que consta abaixo deste rio, e principalmente Lisboa e Alemtejo. Mas aqueles, Minho e Açores, são os dois cantões de maior isenção do tipo semitico, os menos importunados e passeiados pelos familiares do Santo Oficio.

É necessário remover o erro grosseiro de que é Portugal uma nação de raça latina só pela razão de falar um idioma neo-latino! Não; Portugal é uma nação de raça judaica. Nem haveria já o direito de o duvidar com tão soberbos arquivos como nós temos, tal o deposito colossal da Inquisição onde ficou exarado todo o movimento demografico dos cristãos-novos.

Para os que duvidassem da via antropológica (que não erra!) a historica e genealogica deveria esclarecê-los de toda a verdade.
—Porque não se publicam as listas dos autos-de-fé?

Estes arquivos estiveram em riscos de serem queimados por proposta entusiasta e revolucionária de certo deputado cristão-novo das Constituintes de 1820.

Não ha duvida que os mais lídimos representantes dos

nossos judeus têm sido os desdenhadores da genealogia; .....
é ainda uma defeza perante a Historia, uma especie de intuitiva relutancia pelos taes chamados *processos de genere* que os levava em boiada á Inquisição; isto ficou no dobar das gerações, — já não digo o pavôr... mas o desdem! Hoje diz-se: «abaixo «a genealogia, nós não temos ascendentes, nós somos os obscuros «filhos do Povo!» Entenda-se bem: os que assim falam estão muito longe de descenderem do Povo, mas das comunas judaicas!

II

assalto á riquê-za

II

assalto á riquê-za

O assalto á Riquêza é a primeira condição de todos os assaltos; d'ahi descendem naturalmente os outros:— *Assalto ao Estado, Assalto á Religião, Assalto á Vida mental*.

Com sua vida quotidiana e dificil, aguçando a inteligencia na direção da usúra e mercancía, mas sobretudo por qualidade intrínseca, amparam-se os judeus dos balcões do Comercio — a sua grande trincheira! E desta maneira, por toda a parte, teem eles aparado a ruina dos Nobres, como outr'ora, no tempo dos Romanos, se colocavam por baixo da dos Patricios.

Na Peninsula Hispanica «desde o começo do periodo «Wisigótico (escreve Chamberlain *op. cit.* pag. 450), souberam «impôr-se como negociantes de escravos, crédôres de dinheiro, «influencia e poder. E se não se tornaram por toda a parte, como «entre os Mouros hespanhoes, poderosos ministros d'Estado «povoando da *multidão dos seus irmãos* — a exemplo de Mar-«dochêu — os lugares mais onerosos, se nem sempre ascenderam, «como na Hespanha católica, até á dignidade de bispo e d'arce-«bispo, a sua influencia contudo nem sempre foi menor, e fôra «por toda a parte consideravel. Desde o seculo XIII os principes «de Babenberg davam aos seus sucessores o exemplo de fazer

«administrar por judeus as finanças do paiz, e de conferir títulos «honorificos a estes administradores; o grande papa Innocencio III «confiava a judeus cargos importantes da sua corte; os cavaleiros «de França *não podiam partir para as Cruzadas sem empenha- «rem ou venderem primeiro aos judeus objectos de valôr*».

Sobre o mesmo assumpto escreveu Heman (no seu livro *Die Historische Weltstellung der Juden*, an. 1882, pag. 24):

«A riqueza movel do Paiz (da Peninsula Hispânica), residia «toda nas suas mãos; os fundos de raiz passaram pouco a pouco «para as mesmas mãos pela usura e compra das propriedades da «nobrêza endividada. Desde o lugar de Secretario de Estado e «de ministro das finanças, todas as funções que se relacionavam «com impostos ou negocios de dinheiro, estavam na posse dos «Judeus».

Em Portugal acontecia precisamente a mesma coisa, desde os 1.os anos da Monarquia. Mas a maior avalanche penetrou neste Reino em 1492, — como que vagabunda e estropiada, — provinda da expulsão de Hespanha. É dessa avalanche que descendem mormente os portuguezes, e mormente os mais ricos, predominantes e actuaes.

Em 1602, pouco mais de cem anos depois da invasão, escrevia-se de Portugal a um dos arcebispos, dos que tinham ido á cidade de Valladolid a tratar de negocio de cristãos-novos: —

«Vimos hontem uma caterva de patifinhos, tendeiros, cami- «nheiros, azeiteiros, com casa de cem mil cruzados, triumpharem «elles e suas mulheres com telas, brocados, em cortinados de «damasco pellas ruas de Lisboa, com donas de trás, viverem nas «melhores e mais populosas ruas da cidade e as desenvolturas «dos arreos dos cavalos, de seus filhos, passeando por Lisboa, «parecendo quem não são nem podem ser, buscando alcoviteiras «para cem mil deshonras e desenvolturas; *e os que ganharão «o Reyno aos infieis vivendo por suas mãos delles, desbarre- «tando-se-lhe o cada canto*, pedindo-lhe suas tenças, juros e «rendas, fidalgos, viuvas, orfãos, nobres, cavaleiros, donzelas,

«oficiais del Rey. Duques, Marquezes, Condes, os reverenceam «com honras, mimos e mercês, *vindo hotem descalços, sujos «das forjas, de serem malheiros e outros officios vís e baixos,* «fazendo em Portugal cem mil males, não lho merecendo, porque «fôram nossos captivos e forros por el Rey D. Manoel (que «nunca o fôram) na era de 1496. Com a qual liberdade se alte- «ravam de maneira que................................

«..... .que nossa nação sofre muito mal, porque na era de 1506, «em dia de Paschoela, forão elles causa de passarem pella espada «mil novecentos christãos novos........ e se vingão em nós «com nos fazerem pagar mais tributos e imposições em todo o «género de cousa; vingança terrivel e que não cessa oje em «dia, e de nos perseguirem por nossos peccados; porque se lhe «matamos 1900, até oje nos tem mortos muitos milhares, e matão, «de viuvas, orfãos, a quem com enganos lhe fazem perder seus «bens e fazenda .....; e nas portas de Lisboa estão avexando o «povo miúdo que entra a trazer mantimentos para remedio de «seus filhos, que criam para serviço del Rey, e os desterram de «sy pera nossas conquistas em que acabão por seu Rey e por «sua fee; *e os christãos novos senhores de cidade e do me- «lhor della,* assentados ás portas, tomando-lhe da siza o que «querem, avaliando-lhe por muito mais do que lhe dão pella cousa «aos lavradores, e sem terem remedio, são os Rendeiros seus «juizes interessados, sem apelação nem agravo. E com estas e «outras tiranias estão sem nenhuma piedade despindo as mulheres «e homens, penhorando-se em seus fattos e não lhe querendo «dar juramento por quanto venderão, fazendo desestimar os «Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo, e nesta afronta e «miseria vivem os miúdos com as invenções desta gente...... e «não bastam choros, gemidos e gritos para os abrandar, e para «mais maltratarem ao Povo *tiram os seus parentes dos officios «mecânicos, a que depois chamam feitores da fazenda de Sua «Magestade,* e não fica caminho nem estrada em que não andem «apalpando os homens e avexando-os,.......................»

Neste teôr continúa o memorial!

Como os portuguezes d'outrora ainda estranhavam os pruridos desta nova sociedade que é hoje a totalidade dos portuguezes; e por isso se não confrangem nem repáram no que ainda no século XVII era materia de confrangimento e reparo. Convem, entretanto, observar que nesse tempo as contribuições (as *cizas)* e os mais impostos, não se pagavam directamente ao Estado, porém a intermediarios que tomavam essas rendas por arrematação pública; e que sucedia nunca sêrem outros os tomadores dessas rendas senão cristãos-novos; d'onde, *cizeiro*, *onzeneiro* e cristão-novo, tornarem-se sinónimos; e d'aqui o ódio do Povo.

O mesmo memorial insurgia-se agóra contra os assambarcadores: —

«Por lhe não ficar nada por fazer, atravessão o pão para o «encèleirarem e venderem a mór preço ao Povo; *e para des-«truirem tudo muito mais depressa*, tomão as rendas da Rega-«tia, que hé o mantimento dos pobres (mal grandissimo e intole-«ravel) no qual usam termos não lidos nem ouvidos, por que *com «o favôr dos officiaes del Rey, que elles trazem atrelados,* «... etc.... não tem dever com postura nem almotaçaria, e se «alguem falla logo vem encampar as rendas á cidade, e aos mes-«mos officiaes del Rey que *elles trazem na algibeira.*»

Corrompiam a Justiça, compravam os oficiaes d'el-rei! Camilo Castelo Branco, no seu livro *Narcóticos*, refere o seguinte:

«Em umas Côrtes de D. João 1.° os commerciantes hollan-«dezes, domiciliados em Portugal, representavam d'este theor: «*E outro sim vossa senhoria saberá que nós recebemos mui-«tos aggravos e grandes perdas pelos vossos sobreditos natu-«raes, e isto pelas muitas prolongadas rasões e demandas em «que nos trazem aquelles que de nós compram nossos panos «e mercadorias, e especialmente judeus, porque a maior parte «d'estes são tão conjunctos e afeiçoados com os que tem «cargo de julgar que com elles não podemos percalçar direito, «em tanto que nos retem os nossos dinheiros que nos devem, «com que tratamos nossas mercadorias um anno, dous e tres*

«*trazendo-nos assim em demandas*. Tinham por si os juizes, e «á sombra d'essa protecção luctaram longo tempo com o senado «do Porto, para lhes não pagarem 200 maravedis porque tinham «aforado o campo do Olival. Nem a dignidade dos contractos lhes «tolhia o sestro de se enriquecerem torturosa e descaradamente. «O povo não os odiava porque se abstinham de toucinho e escar- «neciam as imagens. As imagens e o toucinho eram pretextos «para resfolgar uma vingança retrahida atravez de seculos e á «proporção que se sentia humilhado pela sua riqueza e intelligen- «cia. O castigo era urgente e indiclinavel.

«A inquisição foi uma fatalidade necessaria então.»

Os judeus não somente subornavam as justiças como eram tambem uns maus *paguilhas*, violadores de contractos, e *chicaneiros!...*

Mas prosegue o aflictivo memorial de 1602:

«...e assim trazem tudo embruxado e enfeitiçado, a que «Deus Nosso Senhor acóde com pestes, com guerras, fomes, «trabalhos tão continuos,...... e olhando o que fizeram na «Alfandega, *aonde entraram,* acho cem mil invenções, que por «não ser perluxo as não refiro...... e desta maneira tiranizão «ao Povo, porque avalião as fazendas vindas á Alfandega pella «neccessidade que ha na terra ..... *E pergunto: Ministros del «Rey que o aconselhaes, qual vem melhor a sua Masgestade? «ter aos christãos novos riquos e poderosos, ou a seus vassalos,* «e os homens do mar que lhe vam buscar os bens e riqueza, que «com inveja de o povo os ver riquos apredam em se aventurarem «ao mais trabalhoso officio que no mundo se inventou, *pera com «isso se fazerem poderosos os portuguezes, e não encantoados «e afrontados de todos os patifes do mundo, senhores do mar, «que nunca forão ninguem?* São estes pecados tão públicos, e «a causa delles tão conhecida, que andam chorando as viúvas, os «orfãos e as donzellas pellas ruas, por muito dinheiro de papeis «que lhes compram os christãos novos por menos de metade...... «......e por me não deter nas cousas desta gente, que são

«infinitas, foram estes contratadores das terças pello Reyno, e
«revolveram os livros de todas as coimas, e sem mizericordia nem
«piedade, estando já condemnados os pobres lavradores conforme
«a possibilidade de cada hum pellos seus juizes, tornaram a pagar
«tudo conforme as suas posturas, e enriqueceram de maneira que
«puzerão em tão grande preço esta renda, que, sendo nada, hé
«a melhor que tem o Reyno; mas paguaram o e paguam os pobres
«lavradores, que venderam os seus bois e gado, ficando sem ter
«com que lavrar, nem podendo ter posse para remediar os filhos,
«pagando aquillo de que estavam absolutos avia tantos annos,
«para o darem a christãos novos que trazem estas rendas......»

O horrôr á *Justiça* que ainda hoje perdura em pessoas humildes da Provincia, teve outrosim as suas origens nas exações dos cristãos-novos, ou *dos de nação,* como então se dizia.

Os reis aproveitavam os serviços dos cristãos-novos, não por ignorarem as desvantagens, mas porque lhes serviam as vantagens. Os cristãos-novos tinham sós o monopólio de saber explorar os povos, de saber arrancar-lhes grossos tributos, que não só os enriqueciam a eles, cristãos-novos, como tambem enriqueciam o erário dos reis; e os reis, pouco se importando com os meios, procuravam unicamente os fins: *Dinheiro*... para não irem a pique! Deu em resultado que Nobrêza e reis foi tudo a pique; — estamos em 1924!

«Que se considere a historia, não importa de que povo eu-
«ropeu (escreve Chamberlain, *op. cit.,* pag. 457), e por toda a
«parte se ouvirão insurgir contra os Judeus — desde o instante
«que se sintam em numero e em força — clamôres amargos da
«bôca do povo, da classe mercadora, do gremio dos sabios, dos
«poetas, dos viventes de toda a especie, e sempre e por toda a
«parte hão de sêr os principes e a nobreza quem protegerão o
«acusado: os principes porque hão necessidade de dinheiro para
«as suas guerras; a nobreza porque se conduz em uma vida des-
«regrada. E' preciso ler em Edmond Burke em como Guilherme
«o Conquistador, quando sopunha insuficiente o rendimento da

«ciza e duma quantidade d'outros impostos opressivos confiscava «os documentos de divida subscritos aos judeus pelos seus deve- «dores ou lhos deixava resgatar por um preço invejavel: ora «quasi toda a nobreza anglo-normanda do seculo XI estava nas «mãos dos judeus usurarios, e o rei tornava-se assim o credor — «um credor sem piedade — dos mais importantes dos seus subdi- «tos; por outro lado estendia a sua proteção aos judeus e confe- «ria-lhes previlégios de todo o genero.»

O memorial de 1602, um pouco mais adeante insere o que segue:

«...Ouverão *os da nação* mais o contracto dos negros da «Guiné, que os reis de Portugal tanto encomendavão a seus ca- «pitães e feitores de suas conquistas o tenro gentio que, por este «respeito, Deus os fêz tão grandes senhores: foi tão pouco di- «toso o gentio que por nossos pecados vierão cair debaixo de «feitores christãos novos, que teem arrendado o comercio da «provincia da Guiné, Sancto Domingo, Rio Grande; e estão por «senhores destas partes, aonde contractão com os negros, e averá «nestes dous portos e terra de gente perto de mil vizinhos que «resgatão negros pera mandarem ás Antilhas, onde fazem muitas «peças que lá mandão sem baptisar, e estão lhe feitorisando as «almas corpos pera jaa mais terem remedio...

«......Em Portugal nos atravessam todo o mantimento «que vem de fóra, peixe seco e as mais cousas;......

«..... *os da nação* agasalham-no em casa onde esfolam «o povo miúdo, que se sustenta de peixe seco......» (Arquivo Nacional, Inquisição, cod. 1507).

Já n'outro escripto, *Papel que prova serem os da nação a causa dos males que padece Portugal,* a certa altura ha mais isto:

«......para as naos da India buscão a peior madeira, pre- «garia e betume, para que ou não fação viagens ou poucas; to- «mão o contracto do provimento dos lugares d'Africa afim de «pôrem em estado os moradores e soldados com as dilações delle «que os desesperem, para que tornem a poder dos mouros....»

Aquele mesmo papel, acima citado, (transcrito, em parte, por Azevêdo na *Historia dos Christãos Novos Portuguezes*, e existente no Arquivo Nacional, Inquisição, cod. 1506, fol. 144 e seguintes) conta como os judeus depois de expulsos de Hespanha entraram em Portugal «tratando ao modo que hoje os ciga-«nos em trocas, compras e vendas baixas, remendarias, calçados «velhos, sendo ferreiros, curtidôres e malheiros, descalços, sujos «e defumados, ...»; e acrescenta:

«Destes anos para cá, que são pouco mais de cento, tem «multiplicado como no Egito, sendo já oje tantos como os antigos «naturaes; *tem recolhido em si todo o dinheiro*, com tratos usu-«rários, paleados e monipolios, que são roubos manifestos; toma-«ram assento nos principaes lugares vilas e cidades maritimas «e do sertão deste Reyno, e nellas são senhores dos melhores e «mais sádios bairros, ruas, casas, herdades, quintas e fazendas, «e em sua republica conjunctos e conselheiros; mandam seus «agentes e feitores aos Reynos e Provincias, aonde estes tem «comercio, para que todas as fazendas e mercadorias de lá «venham por sua conta, *e lhes põem estimação á sua vontade, «tomando os passos a qualquer portuguez que quere provar «ventura em materia mercantil, e desacreditando-o a que que-«bre*. E se vêem que algum toma as rendas reaes, ou qualquer «outras, *ordenão com suas traças manhas que tudo estanque «para que nellas perca, e largando-as fiquem sómente elles*......

Fôram sempre os cristãos-novos os únicos *assambarcadores*, de funções e coisas, que tem havido em Portugal; tanto, que com o tempo se tornaram sinonimos. Dahi, a desmesurada elevação no preço dos géneros com a arbitraria vontade dos cristãos--novos. O Povo temia, tambem, recorresse o Soberano, como era frequente, aos capitaes israëlitas, por extorsão ou empréstimo forçado, porque bem sabia o Povo que da algibeira lhe saía. Cedencias de perdão ou regalia aos cristãos-novos a troco de dinheiro, ou novo imposto, era certo desforrarem-se no Povo, — de modo que então, *como hoje*, nunca os comerciantes sentiam

o pêso dos tributos! Muitas vêzes isso sucedeu, como no tempo de Filipe II, em que o perdão geral aos cristãos-novos a troco de 200:000 cruzados, deu em resultadodo um aumento no preço dos géneros, sendo, portanto os cristãos-velhos que o pagaram!... Os proprios emprestimos que faziam aos soberanos eram seguidos das mesmas consequencias; e esses emprestimos, já usuaes no tempo das judiarias, tornavam-se cada vez mais frequentes. De cristãos-novos foi tambem o primeiro capital a circular na Revolução de 1640. Eram tão poderosos, que só eles foram os tomadores das acções com que o pregador P.e Antonio Vieira organizou as companhias do comercio; os acionistas eram simplesmente os comerciantes mais ricos de Lisboa, todos cristãos-novos: os Carvalho, os Botelho, os Serrão, os Silveira...... que é como quem diria hoje *os comerciantes mais conceituados da Nossa Praça.*

Senhores da cidade e do melhor della eram os cristãos-novos que encareciam a vida á sua vontade. Já a matança no Largo de São Domingos, aquela celebre matança em que pereceram perto de dois mil judeus, no ano de 1506, observa o historiador Azevêdo que fora precedida duma enorme carestia da vida.

5

O cristão-novo Victorino Guimarães, deputado democrático por Moncorvo (pátria classica de judeus), auctor d'impostos que fizeram escandalo.—como actualmente os de Velhinho Correia (*marcadissimo* tipo de judeu) democrático, e ministro das finanças

O proprio Santo Oficio, refere ainda o mesmo historiador, não despresava estas razões economicas e alegava que as dádivas ao soberano *não as pagariam os oferentes senão a inteira população do Reino.* Na matança do Largo de São Domingos, perecera sob a raiva do povo o célebre João Rodrigues de Mascarenhas, cristão-novo, arrematante dos impostos,

e particularmente inventivo nesta materia. Já atraz deixei escrito que os impostos não se pagavam nesse tempo directamente ao Estado, mas a intermediarios que arrematavam esse direito; e esses intermediarios que zelavam, pois, os pagamentos, eram na totalidade os cristãos-novos, porque eles tinham artes de preterir todos os concorrentes. O oficio era, portanto, odioso, comó facilmente se deprehende.

A fome no reinado de D. João III fôra devida a manobras dos conversos no açambarcamento dos cereais (Azevêdo, pag. 39); tomavam os productos e depois vendiam-os a preços exorbitantes. Nós hoje não estranhamos esse modo de proceder, e que hoje mais do nunca se dá comnosco, mas outróra ainda havia em Portugal uma raça estranha aos cristãos-novos que sentia por contraste os despauterios!

«Las lanas — dizia-se num memorial que se deu em Castela «(Inquisição, cod. 1506, fol. 32) — que solian venderse en el «Marquezado de Alcañizes, Zamora y Campos a treze y a qua-«torze Reales las revenden a treynta y a 40 Reales, de adonde «proviene que el labrante y la pobre viuda no tienen caudal para «hacer ropa, y ellos la meten por los puertos como quieren, por «que como ellos son arrendadores de los puertos secos todo se «ha encarecido......»

Repito o que já disse, e pelas mesmas palavras, no folhêto *Portugal Cristao-Novo*, em 1921: — Ainda hoje quando o Povo em Portugal levanta a voz e o punho contra o homem da loja, o assambarcador, não é isso mais que uma tentativa para reproduzir a formidavel scena d'ódio que ha quatro seculos teve logar no Largo de São Domingos! Mas com uma diferença, e é que então toda a gente sabia quem eram os judeus! Os novos-ricos são na grande maioria os cristãos-novos!

Os novos-ricos são, na verdade, mais uma avalanche de cristãos-novos, e mais um golpe tremendo nos combalidos cristãos-velhos; mais uma porção de cristãos-novos que enriqueceram, mais uma porção de cristãos-velhos que deixaram de ser ricos. A cada nova convulsão social aconchegam-se melhor! Eles,

os da raça de Nemrod! A *Grande Guerra* foi dum alcance extraordinario para a onda semitica: mouros e árabes e principalmente judeus, estenderam mais as mãos ao longo do Mundo!... Cresceu com eles o poder dos financeiros, dos jogadores de dinheiro, dos penhoristas, ebulição em que hoje, mais do que nunca, Portugal se referve!

Não julguem os portuguezes d'hoje que esses cristãos-novos tão extranhos ao Portugal d'então (de ha trez séculos apenas!) são coisa que já hoje não existe, coisa extranha aos portuguezes d'hoje!

Pensar assim seria simplesmente sêr leviano. Com rarissimas excepções o cristão-novo é esse mesmo que está lendo estas palavras; com rarissimas excepções é esse mesmo o representante do cristão-novo! Foi o tendeiro que passou a andar em bons cavalos, depois em coche e actualmente em automovel!

— Como tu hoje, leitor, és um extranho ao Portugal d'outróra!... Fôste tu que transformaste completamente a indole de Portugal, tu, o portuguez d'hoje, e o judeu d'hontem .. e d'hoje!

Não obstante o triunfo das nossas armas na *Grande Guerra Europeia* a nossa moeda tem-se desvalorisado até abaixo do prêço do papel; e por toda a parte entorpece o Paiz uma morrinha agricola!

«A depreciação da moeda (escreve Azevedo, pag. 166) pelo «clandestino fabrico e introdução do cobre cunhado em paiz «extranho, devia-se aos christãos novos portuguezes em conlúio «com os rebeldes de Hollanda e mais inimigos de fóra. Devido a «essa baixa da moeda, extrahiam das provincias quantidades «enormes de fazendas, que vendiam com desmedido lucro, ao «passo que deixavam empobrecidas as povoações donde elas «provinham».

Tudo isso não era mais que um pálido reflexo do Portugal d'agora. Se eu quizesse insurgir-me contra as afamadas qualidades de trabalho dos judeus (enaltecidas por todos os seus descenden-

tes, a ponto de se ter tornado *lugar comum* entre os portuguezes da actualidade) iria jurar que eles são antes uns felizes *jogadores da Bolsa*; significaria com isso que não são eles uns productores directos, mas um canal de passagem de todas as coisas que pagam a esse canal a sua portagem!

«Ultimamente (diz o memorial do século XVII, Arquivo Na-«cional, Inquisição, cod. 1506, fol. 144 e seguintes) *Servi dominati «sunt nostri, porque de nossos captivos que foram não tem ao «presente outros intentos e discursos senão como se farão «nossos senhores e de tudo,* e que para quaisquer necessidades, «que não sejão pessoaes, *nós e o Rey* os hajamos mister, *e bem «se vio estes anos, que fechando-se elles e seus cambios não havia parecer dinheiro e tudo estancava*».

No tempo d'el-Rei D. João IV se houve que pôr em liberdade o banqueiro Duarte Silva, prêso pelo Santo Oficio, pois que a sua detenção trazia profundas alterações na moeda!...

«Tem entrado em todos os officios da República, (dizia uma «consulta do Santo Oficio em 1624, cit. d'Azevedo pag. 472) «assim ecclesiasticos como seculares, não ficando os mayores «lugares de fora; *e na fazenda se melhoraram tanto que são «sós os que tem o dinheiro,* os contractos, as mercadorias e o «mayor poder do Reyno».

Hoje em Lisboa observa-se um fenómeno espantoso, nunca visto, mas... previsto: a mocidade, e mormente os descendentes da nobrêza germanica, antigos dominadores de Portugal, ao serviço dos judeus nas casas bancarias, ao serviço dos seus captivos d'outróra! Lisbôa, de judeus e não judeus, arrasta hoje a sua mocidade ao serviço dos Bancos e escriptorios da Baixa; mas quasi todos os empregados são judeus, e sobretudo os que com o oficio melhor se coadunam.

Quando nos séculos passados, não obstante todos os rigôres do Santo Oficio, eles, os cristãos-novos, *eram sós os que tinham o dinheiro,* os *que cambiavam,* que outros serão eles na Lisbôa d'agóra?! .. O Banco de Portugal é dirigido por judeus (Ulrich);

6

O cristão-novo, banqueiro e afamado financeiro, Conde de Burnay

o «Lisbôa & Açôres» foi fundado por judeus (Mayer); é cristão-novo Souto-Mayor fundador do «Banco Colonial Portuguez», do «Banco Portuguez do Brazil», da «Casa Souto-Mayor & C.ª» do Rio de Janeiro, etc.; Henriques Tota, cristão-novo, descende do tecelão de sêda Gabriel Henriques Tota condemnado por judaismo em 1750; Vieira de Castro, banqueiro, é cristão-novo que ainda hoje conserva a tradicção; os Pintos, os Fonsecas, os Santos, os Vianas, os Burnays, todos, pertencem á raça dos judeus que hão conquistado o reino de Portugal!...

Os mais recentes e mais formosos edificios da cidade baixa de Lisbôa têm sido expressamente levantados para servirem de sumptuosos palacios de Bolsa; e são eles as unicas casas que ahi se modificam; o resto atrofia-se! É uma efervescencia nunca vista; sentam-se ahi os descendentes dos judeus que cambiavam outróra ás portas das cidades da Judéa! No proprio banco de Portugal o negocio de dinheiro de cambiaes assume um aspecto de negocio de regatões (informação de segura origem). Por toda a parte vae uma desaforada ciganagem, uma desaforada descendencia de cristãos-novos, desde os donos das casas de penhores aos pequenos capitalistas de *cem* e *duzentos* por cento! E em toda a parte, até nas

7

O banqueiro cristão-novo, Conde de Burnay, aos nove anos de edade

8

O cristão-novo Carlos Mayer, banqueiro, fundador do Banco «Lisboa & Açôres» e grande industrial. Era um *elegante* e um excelente conversador; fez parte do célebre grupo literario «Vencidos da Vida». Pertencia-lhe o palacio e actual *Parque Mayer*

vilas escondidas nas montanhas, se vão montar sucursaes destes engenhos! Por toda a parte a ruina nacional a par da desaforada ciganagem! Eis um exemplo: a ruina da agricultura nacional. Com efeito, as leis judaicas do paiz não permitem a extração dum grande juro no capital empregado na agricultura, e por outro lado o agricultor para o desenvolvimento das suas terras ha mister recorrer ao capital, (é forçado até a recorrer) que lhe é abonado a mais de vinte, trinta e quarenta por cento, (e isto mesmo com caracter de favôr)! Assim os judeus organisam os seus estados! Os agricultores portuguezes devem proferir: as leis do meu paiz e a usúra dos homens do meu paiz esterilisaram-me os campos! As fortunas judaicas são fogos abrasadores da seara alheia; portanto, o paiz empobreceu; e porque o paiz empobreceu, essas mesmas fortunas *empobreceram* tambem. Com as fortunas judaicas tudo estagna até ao ponto delas proprias estagnarem; e só então é que de Portugal debandará a descendencia dos hebreus, — debandará, a sugar o mel d'outras colmeias, como outrora abandonando a Palestina a sugar as colmeias do Ocidente!

Por toda a parte, em resúmo, (e não é d'ontem nem d'hoje!), se ouve o mesmo clamôr contra o pêso da usúra da banca judaica... que outra não existe em toda a parte! Imputam-se-lhe tiranias, baixas de cámbio, vida cara, fomes, guerra .. Estracto estas palavras dum livro, *Bolchevisme de salon et Faisandisme juif*, pag. 547 (incerto em *Les cahiers de l'anti-France*, n.º 6): —

«...... O senador Gaudin de Villaine formulou a 25 de

«janeiro de 1917 uma accusação formidavel: *Accuso formal-*
«mente a alta banca cosmopolita, e entre ela os detentores do
«sub-solo mineiro terrestre, por terem concebido, preparado e
«desencadeado a horrivel tragedia actual numa ideia mons-
«truosa d'agiotagem universal.

«Ora os maiores possuidores do sub-solo mineiro são justa-
«mente os Rothschild.

«......Terminando, citou esta professia de Dostoïeuski: —

«Está já tudo nas mãos da judiaria universal, mas logo
«que a Grande Guerra, ou a grande noite revolucionaria, hajam
«perpassado ao longo do Mundo, nada mais restará dominando
«as ruinas... que a banca judaica!

«Paul Bourget dizia-nos um dia: O espirito judaico é o
«*nihilismo bancario.*

E o anarquista Lorulot na *Idée libre:*

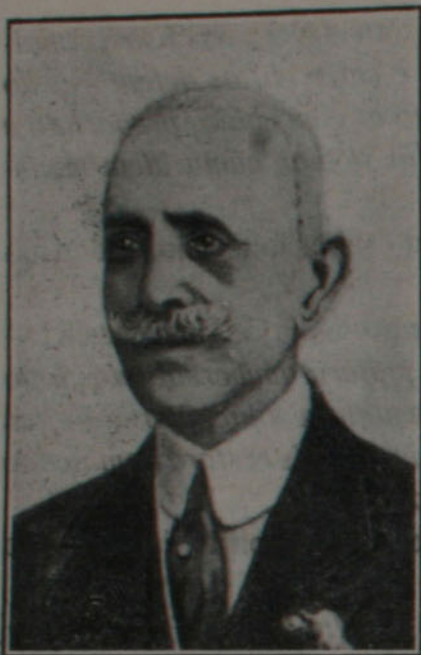
«Acaso se ha comprehendido ainda todo o dano causado
«por estes entes que são hoje os senhores dos nossos seguros,
«dos nossos caminhos de ferro, e da imprensa?

«Fóra com os Ro-
«thschild!

«São capazes de
«tudo — a Historia de-
«monstra-o--a fim de asse-
«gurarem os seus escan-
«dalosos previlegios. Aca-
«so não seria prudencia
«desarmar duma vez para
«todo o sempre estes peri-
«gosos inimigos da paz e
«da felicidade dos po-
«vos?» *(op. cit.* pag. 551).

Extracto ainda estas
palavras do mesmo traba-
lho anti-semita:

9

Parte do grupo dos «Vencidos da Vida»;
1.º O cristão-velho Marquez do Soveral,
2.º O cristão-novo Carlos Mayer.
3.º O cristão-velho Conde de Ficalho.
4.º O cristão-novo Guerra Junqueiro.

10

O cristão-novo Candido da Cunha Soto-Maior, banqueiro, Presidente do Conselho d'Administração, e fundador do «Banco Comercial de Lisboa»

«Para dominarem não receiam «atraiçoar; teem de longa data «esse costume, já desde José e os «Farahós. Citemos alguns casos «irrecusaveis. Os godos tinham «sido duma bondade sem limites «para com os judeus estabelecidos «em Hespanha. Quando o musul- «mano Tarik conquistou a Hespa- «nha em 711, fôra isso *com a «ajuda dos judeus exilados que «entraram no seu exercito, e dos «judeus que permaneciam na «Hespanha* (Bern. Lazare)».

«Napoleão fôra *o heroe e o «deus d'Israel, o anciado liber- «tador;* a sua causa estava unida «ao triunfo das águias; foi ele que «definitivamente introduziu os ju- «deus na sociedade europeia. *Po- «rém, logo que a tirania imperial se tornou demasiado pesada «e demasiado opressiva* **para o capitalismo,** *o burguez «e o judeu fôram quem, associados, preludiaram a queda «do imperio pelo* «**assambarcamento dos viveres** *precisa- «mente no momento da campanha da Rússia, e que outrosim «concorreram para o desastre final,* **provocando a desvalo- «risação da moeda, e comprando a deserção dos mare- «chaes.** (Bern. Lazare).

«Olhae! Como a vida cara e a crise da moeda são coisas «antigas e conhecidas! temos d'isso a experiencia! Acaso ainda «ha governos entre nós?...»

Claro está, que tudo isto se refere aos judeus ortodoxos, mas as suas virtudes, bôas ou más, não deixam de ser as dos nossos cristãos-novos; tanto mais que os judeus invasores da

11

O cristão-novo José Henrique Tota, banqueiro, oriundo de Tras-os-Montes. do tecelão de sedas natural de Bragança Gabriel Henriques Tota, cristão-novo, condemnado pela Inquisição de Lisboa em 1750. (Processo n.° 1075)

França são tambem descendentes dos nossos portuguezes. Mas ainda a propósito desses israëlitas que formam Estados dentro dos proprios Estados, escreveu Bernard Lazare, em 1897:

«Os judeus emancipados penetraram nas nações como estrangeiros... Penetraram nas sociedades modernas não como hóspedes mas *como conquistadores*. Semelhavam a um rebanho encurralado; de repente as barreiras tombaram e eles dessiminaram-se pelo campo que se lhe abria. Ora eles não eram guerreiros... *fizeram pois a unica conquista para a qual tinham aptidões*, *esta* conquista economica para a qual de ha muitos anos *se vinham habilitando*. Eram uma tribu de negociantes e argentarios, degradados talvez pela pratica e pelo exercicio do mercantilismo, mas armados, graças a este mesmo mercantilismo, de qualidades que se tornariam preponderantes na nova organisação económica. Deste modo *lhes foi bastante fácil apossarem-se do comercio e da finança* e... impossivel lhes seria fazer o contrario... Seguiram naturalmente o caminho que lhes era mais familiar. O estado de coisas

12

O cristão-novo Henrique Vieira de Castro, banqueiro. Conserva-se a dentro da tradição judaica

«favorecia-os, de resto, singularmente. Nesta época de grandes «transformações e reconstruções... fôram eles os unicos verda-«deiramente livres. *Nada os prendia áqueles que os cerca-«vam...;* as mil ideias atávicas que ao Passado uniam os cida-«dãos dos Estados modernos em nada podiam influir sobre a sua «conducta, sobre a sua intelectualidade, sobre a sua moralidade: «**não conhecia entraves** o seu espirito... *Não se assimi-laram, mas* **adaptaram-se maravilhosamente**».

(Bolchevisme de salon, pag. 552).

Continuemos no arrolamento da nossa casa. Não apenas os banqueiros são cristãos-novos; são-o, e não menos, os comerciantes, de todo o modo e feitio. Eu teria dificuldade em mencionar um dos grandes, ou dos pequenos, comerciantes ou negociantes de Lisbôa ou da provincia, que não fôsse realmente um cristão--novo, um directo representante dos nossos judeus. A minha vontade seria fotografar, e pôr neste livro, todos os donos das lojas, seus gerentes, e principais caixeiros! Os orientaes é que *vendem* em Portugal; até por essas vilas e aldeias é reparavel a diferença fisionomica, entre o *dono da loja* e o seu cliente!

13

O cristão-novo, Albert(o) Macieira, Presidente da Associação Comercial de Lisboa. Conserva ainda tradição de judeu

Já o panfletista Vicente da Costa Matos tinha escrito no primeiro quartel do século XVII que certas profissões, como as de médico, de advogado, de *comerciante,* se tinham tornado previlegio dos cristãos-novos, não obstante as constantes perseguições de que eram alvo e as leis que se lhes tornavam contrarias. Ora isto muito mais se acentuou no século XVIII, e tanto que as destin-

ções nominaes de cristãos-novos e cristãos-velhos era já uma coisa contrária á maior força da Nação. Assim penetrámos no século XIX em que de todo lhes perdemos a pista, por ser uma coisa a favôr da vontade do próprio Paiz; — ninguem mais soube deles, nem eles mesmo; — e hoje estamos em pleno século XX!... hoje, em que mais do que nunca, o médico, o advogado, o *comerciante,* são os descendentes das comunas judaicas! Os Cardosos, os Dias, os Martins, os Leões, os Silvas; e industriaes como o cristão-novo Alfredo da Silva; e o orgazisador da Moagem, Eduardo Reis; e os Souzas moageiros; e milhares, e milhares, tantos, tantos, que nem teem contagem, (que até ridiculo seria citar nomes ..) são a lidima descendencia dos nossos hebreus. Tudo isso veiu de longe, da Palestina, ajudar a conquistar Portugal aos cristãos! — Onde estão hoje os *homens-bons* dos concelhos?

14

O cristão-novo Alfredo da Silva, banqueiro e um dos maiores industriaes de Portugal; foi deputado da Republica e abonador de movimentos radicaes politicos. Conserva ainda tradição de judeu

Lisbôa cresceu como desmesurado balcão e jôgo da Bolsa, em detrimento da faina agricola!

«Na pugna contra o anti-semi-«tismo (escreve Azevedo, a pag. 31 «da sua obra), que os considera usu-«rários por temperamento, e dotados de especifica disposição «para o comercio, os judeus actuaes pretendem que a Agricul-«tura foi desde remotos tempos ocupação predilecta da sua raça. «Apesar disso e de dizerem que só forçado das circunstancias, «e repelidos das outras profissões, tiveram os seus antepassados «de se consagrar á vida de mercantes e á usura, os factos não «confirmam semelhantes alegações. Pelo contrário, frequentes «vezes os cristãos lhes exprobaram a repugnancia pelos trabalhos

15

Perfil do cristão-novo Alfredo da Silva; (no Parlamento)

«agricolas e outros que reclamem «intenso esforço fisico...... Esta «repugnancia dos hebreus pelo tra«balho do campo ainda hoje é vizivel «e lh'a reconhecem os seus proprios «correligionarios».

Ainda hoje em certos lugares da nossa Provincia, tal em Bragança, em que metade da população está separada da outra metade por cristãos-novos que são, é do conhecimento de toda a gente que ocupam eles todos os oficios, á excepção dos agricolas e daqueles mais penosos. Preferem vadiar, sem eira nem beira, nem lugar de dormida, a submeterem o corpo a árduos trabalhos, e em que sobretudo se envolvam em ar e em sol. São sobejamente amigos da sombra, cidadãos, e gostosos de passar o seu tempo na *cavaqueira* dos cafés e dos grandes centros de reunião. Bragança, apesar de ser uma cidade como um punho, exuberantemente campo, apodrece em comercio; ahi, logo de manhã, longas teorias de burros entram e saem, carregados, em mercancía com o balcão judaico.

Já os povos no reinado de D. Afonso V, se queixavam em Côrtes:

«Outro sy Senhor vemos que os Judeos nam sam bõos labra«dores nem aproveitadores de bens de Raiz e se álguns bens de «Raiz ham nam os aproveitão salvo dando os a cristãoos que lhos «lavrem cavem e aproveitem» (Costa Lobo pag. 588).

Nos séculos seguintes refinaram as tendencias: eram advogados, médicos, cirurgiões, boticários, comerciantes, negociantes, e rarissimamente lavradores; quando muito, como já nas eras biblicas, se dedicavam eles á vida pastoril, — mas á agricola jámais...

Este é mesmo o testemunho do Mundo inteiro. Em referencia ao caso escreve Chamberlain (pag. 617): —

«...... Tão pouco aptos para a agricultura (como se depre-«hende, até, de numerosas passagens biblicas e talmúdicas) que os «cananêus não sómente foram ahi os seus mestres mas ainda os «supriram do essencial á vida até ao fim;» — e em nota acrescenta: – Uma das maiores ameaças suspendidas sôbre a cabêça dos Judeus, é, no caso de desobediencia a Iaveh, que *eles proprios deverão executar os seus trabalhos em vez de os mandarem executar por outros,* (Talmud). «E Isaias (LXI,5) insinúa a ideia de que *os estrangueiros deverão sêr os lavradores e vinhateiros dos judeus!*»

Lançando os olhos sobre a nossa provincia do Alemtejo onde os judeus se teem feito substituir aos antigos proprietarios, ahi se percebe a manifesta decadencia agricola em abono da mercancía dos gados; esta industria occupa hoje a actividade alemtejana, e jámais a lavoura como impropriamente se tem julgado.

É devido á indole do seculo XX, mas muito mais á indole dos judeus que o territorio começa a não ser a propriedade nobre, sendo antes abondonado aos *camponeses*, e em seu lugar medrando um outro sentido de nobrêza de propriedade: — a da industria, a dos grandes armazens com muitos andares, a de todos os belos edifidios em que se possa entrar *sem tirar o chapeu!* da Indústria, do Comercio e da Usúra, — que tudo finalmente é usúra. Embóra atirado para um deserto, onde quer que apareça um homem destes é fatal um balcão de transações! E esta é até a razão do descalabro e do ódio (pelo menos a causa mais chegada, que a fundamental é a divergencia de raças) que lhes votam as populações em geral.

Na Alemanha queixavam-se os Estados de Brandeburgo em 1692 de tirarem os judeus portuguezes, ahi refugiados, o pão da bôca dos moradores da terra; o mesmo diziam em Dantzig em 1717; o mesmo em Inglaterra e em França onde os comparavam a zangãos sugadores.

Voltaire afirmou que teem os judeus esterelisado a sua inte-

ligencia á custa duma desmesurada paixão pelo dinheiro; e escreveu: *O dinheiro foi o seu unico objectivo em todos os tempos*. D. Luiz da Cunha, nosso embaixador em Paris, dizia dos judeus alemães, (não dos portuguezes), que *eram todos uns grandes ladrões!...* Voltaire, porém, não perdoava nem a uns nem a outros: «*Que estes despropuciados d'Israël se digam «lá da tribu de Nepthali ou da d'Issachar, é coisa que pouco «importa; nem por isso deixarão de ser os maiores gatunos «(gueux) que têm jamais contaminado a face do globo»!* (citações de Chamberlain, pag. 456).

De remota edade a legislação ingleza se ha esforçado por induzir os judeus a profissões honestas, mas debalde; (Cunningham). Com o mesmo fim facilitou-lhes Napoleão, em França, todos os oficios; mas os protestos contra os judeus continuavam chovendo de todos os cantos do paiz, mórmente da Alsacia, que eles sugavam *nas quatro veias!* E Napoleão exclamava irritado: *Estes judeus são gafanhotos e lagartas que devoram a minha França!*

No preambulo do decreto de 30 de Maio de 1806, comentava:

«Sobre a informação que nos enviam de que nos varios «departamentos septentrionaes do nosso Imperio, alguns judeus, «não exercendo outra profissão mais do que a usúra, teem posto «em deploravel estado numerosos cultivadores destes paizes, «pela acumulação dos mais imoderados interesses, pensámos ser «nosso dever vir em socorro destes nossos subditos que uma «avareza injusta vae reduzindo a extremos perigosos».

E Chamberlain comenta em longa nota na sua mesma obra *A Génese do Seculo* XIX *(ed. cit.* pag. 583): —

«Quando nos deixarão em paz com aquele canto proprio «para embalar creanças de que os judeus seriam por índole «agricultores, e apenas usurários por uma necessidade de defêza, «durante a Edade Media, em virtude de os excluirem de qualquer «outra ocupação?! Bastaria, para fazer justiça duma semilhante «fábula, lêr com um pouco d'assiduidade os profétas que não «cessam de gemer sob o flagelo da usúra e de denunciar os agiotas

«que fornecem aos ricos a maneira de arruinarem os camponêzes.
«Poder-se-hia recordar ainda esta famosa passagem do Talmud:
«*Aquele que tiver cem florins no Comercio pode todos os dias*
«*comer carne e beber vinho; aquele que deixa em deposito*
«*cem florins na agricultura deve comer herva e couves, e álèm*
«*disso trabalhar, zelar sem cessar, e valer-se d'enimigos...*
«*Mas nós somos creados de tal maneira que o dever nos*
«*incumbe de servir a Deus; não é pois equitavel que nos pos-*
«*sâmos alimentar sem dôres?*

. . . .

«e ao numero das maldições terriveis com que Iaveh ameaça o
«seu povo, em caso de desobediencia, pertence a seguinte: *Não*
«*mais emprestarás a estrangeiros! (Deuteronomio,* XXVIII, 44)..
«...... eram os judeus que desde a época de Salomão exerciam
«a profissão de corretores e cambistas por toda a Syria. (Sayce:
«Hittites, p. 13)».

Não só em relação aos estrangeiros os judeus teem sido usurarios; por este mesmo motivo nos tempos biblicos se tornaram famosos entre eles proprios: gemiam sob a usura *os campos, as vinhas, as oliveiras e as casas dos seus compatriotas mais pobres;* (Nehemias cap. V). Dos semitas arabes, diz Burckhard no seu livro *Ueber die Beduinen und Wahaby* (pags. 149 e 154, citado em Chamberlain): «*Nas suas transacções privadas os*
«*arabes intrujam-se mutuamente e o melhor que podem......*
«*por toda a parte, e onde quer que tenham ocasião, imediata-*
«*mente praticam a usura*».

A *geiteira* para negocios, e sobretudo para bons negocios, pode não revelar inteligencia alguma, mas apenas uma indole gananciosa; sim, porque um homem tem sempre habilidade para aquilo para que propende, para aquilo que se tornou o pensamento constante da sua vida.

Diz Chamberlain que os judeus não esperaram o exilio, e muito menos a dispersão, para revelarem o seu gôsto parasitário: metiam-se pelos povos do Tigre e do Eufrates e por toda a parte deixaram o ferrete da sua passagem, desde tempos imemoriaes;

basta dizer-se que na época de Sennachérib, um século antes da primeira destruição de Jerusalém, já a maior casa bancaria do Oriente era de judeus, a firma «Irmãos Egibi» de Babilónia, que então representava um papel análogo ao que na Europa moderna representa a casa Rothschild; (Sayce: *Assyria, its princes, priests and people*, p. 138). Outrosim no Oriente, como hoje na Europa, eles eram os mais felizes comerciantes, preterindo por manhas e artimanhas os comerciantes nacionaes. «Mas na Alemanha (Chamberlain, pag 453) a reacção produziu-se depressa «e vigorosamente; e isto não foi devido aos incitamentos do clero, «como a maior parte dos historiadores pretende; — não, taes fenó«menos não constituem mais que o envelope da Historia, e jámais «a sua substancia; — isso aconteceu em primeiro lugar porque «o germano nasceu industrial e comerciante do mesmo modo que «nasceu guerreiro: desde que estes instinctos despertaram nele, «graças á formação das cidades, imediatamente comprehendeu o «jogo do seu desleal concorrente, e cheio d'indignação exigiu que «se afastasse».

J. Lucio d'Azevedo, cita, em referencia a Portugal, estas palavras do Abade de São Marcos a D. Afonso V:

«E os *extranhos* (os judeus) levam a substancia das merca«dorias do nosso Reyno, ao passo que os mercadores nacionaes «perecem á miseria».

Mui raros devem ser hoje os descendentes desses mercadores nacionaes, e farto o numero dos que descendem dos judeus, homens de tão raras habilidades na preterição dos concorrentes!

Quem hoje triunfe é porque pertence áquela mesma raça, pois que a hora pertence-lhe!

É terrivel o espirito de *ladrerie* proprio da raça, e que tanto caracteriza os portuguezes d'agora, sem eles mesmos perceberem que os caracteriza! A justa diferença que fazem nesse ponto os portuguezes dos outros povos da Europa, — é que os outros *roubam*, e os portuguezes *furtam!* Furtar é meter a mão primeiro que o dente, roubar é meter primeiro o dente que a mão; e se

os portuguezes desconhecem este seu caracter, julgando isso qualidade inherente ao Homem, que não á raça—que é uma divisão do Homem — é pela mesmissima razão que faz com que ninguem conheça a sua propria *pronuncia* — tal um brazileiro falando *á brazileira* sem suspeitar sequer a sua entoação!

A *ladrerie* é mais universal em Portugal do que o podem suspeitar os portuguezes; — está ela no gôsto de provocar as dádivas, no esquecimento voluntario ou *involuntário* . . . das coisas recebidas por empréstimo; e tanto está ela na ausencia de escrúpulos em pagar o que se deve, como até nos excessivos escrúpulos! — Não foi um judeu que disse: «A Deus o que é de Deus, e a Cesar o que é de Cesar»?! . . mas a verdade é que, por vontade de cada judeu, — nem a Deus nem a Cesar!

O esquecimento e a facilidade no aceitar são outrosim sintomas de *ladrerie;* a verdade é que se lhes não pode emprestar nem a ponta dum... lapis! É, semilhantemente, *ladrerie*, a ausencia de espirito pontual, o não ligar o cumprimento ao compromisso (por exemplo: alfaiates, sapateiros, mesteiraes de toda a ordem e feitio, politicos, literatos, etc.). Para os povos da Europa *compromisso* e *cumprimento* são apenas duas metades dum todo, dois hemisferios da mesma esfera, e quem faz uma metade tem forçosamente que fazer a outra; para os semitas, porém, e mórmente judeus, compromisso e cumprimento são duas coisas diferentes, duas esferas, e portanto impossibilitadas de se ligarem sem ofender os sentidos; e portanto quem faz uma já fez demais para que seja obrigado a fazer a outra!

É tambem *ladrerie* a dificuldade em responder a cartas, coisa que tanto caracteriza os nossos politicos perante as chancelarias do Estrangeiro.

A falencia de pontualidade nos portuguezes tem tambem as suas origens na entrada brusca que fizeram os semitas nas civilizações do Occidente, civilizações de velocidade, todas marcadas pelo relogio, todas de responsabilidades pelo relogio, marcadas por minutos e fracções de minutos! Ora não ha povo mais extranho á invenção do relogio que o semita! Devido á brusca entrada

no Ocidente os judeus não acompanham o espirito previdente dos germanos, e por isso são sempre faliveis em seus projectos, faliveis nas suas disposições para futuro. D'ahi o dispôrem com entusiasmo de suas pessôas para casos futuros, e não dominarem depois as circunstancias, não poderem depois contar consigo! Mas exigir o contrario n'aquela raça é pretender americanisar um cigano. O judeu é fortemente objectivo; ora o reóforo que liga o cumprimento ao compromisso exige a memoria continuada e cheia, que por virtude de ser memoria e continuada, é já uma qualidade subjectiva!

Assim os portuguezes vão dando por toda a Europa uma impressão d'antipàtica leviandade, cheios, entretanto, duma perseverança passiva como é notorio em todos os judeus. Não são voluntariosos, são teimosos.

Enfim, pelos nossos portuguezes de todos os dias, facilmente nos poderemos afigurar do que seria a vida de todos os dias lá no Oriente, nos reinos d'Israël e de Judá!

Como está mudada a indole dos portuguezes!... mudada, não; como são outros os portuguezes! como é enorme a diferença que vae dos séculos primeiros da monarquia, dos chamados *homens-bons* dos concelhos, para os d'estes d'agóra em que vivemos! Extranha raça habita o solar dos portuguezes! E' outra coisa completamente á parte, outra gente, outros olhos, outros narizes! que enorme diferença no encolher dos ombros, no timbre da voz, no caminhar, e uma maneira especial de esfregar as mãos... com que chegam em cabelo á porta dos estabelecimentos, satisfeitos!... Os territorios permanecem mas os povos passam e substitúem-se como as vagas do mar. Tambem na Grécia o territorio é o mesmo da Grécia clássica, — mas o Povo é que é outro, de varonia inteiramente áparte, — mais africano... mais europêu... tudo, menos a Grécia clássica! Aqui sucede precisamente a mesma coisa; as familias do nosso *Anuario Comercial* não descendem dos antigos portuguezes, mas vão arrancar a sua varonia á Palestina! Num futuro d'alguns séculos,

quem sabe que tipo de povo habitará Portugal?!... — indios?... japonêzes?... Ah, os territorios ficam, os povos passam!

Outros são os portuguezes d'agóra! Os d'outróra brilhavam como uma espada ao Sol, *orgulhosos* da sua verdadeira coragem e qualidades d'alma, (entre *orgulho* e vaedade ha uma profunda diferença!) sentindo por contraste a molêza d'aquela raça extranha de judeus caseiros e sombrios como o escuro das suas proprias faces; e de quem escrevia D. Gaspar de Leão, arcebispo de Gôa, em pastoral á sua Diocese, que eram *fracos, pusilânimes e cobardes!* (Azevêdo, pag. 47).

Aquela brandura contrastava a valer com o ânimo suevo-godo de Portugal e Hespanha. O tempo, contudo, obliterou de Portugal o ânimo suevo-gôdo, e acresceu-lhe na sombra aquela brandura!

Essa gente aqui vive. Portugal d'agóra é dôcemente mole, e quando muito faz *gimnastica sueca* para combater a vida sedentaria na habitação, na Repartição pública ou particular, no café, no armazem, na loja, na casa bancária. . mas sempre e de qualquer maneira detraz do balcão!

Já no século XVII se via o polvo ramificar na sombra, com a única preocupação da sugacidade, estender os tentáculos a todas as repartições do Estado; e entre os alvitres que por então se agitavam para a extinção do *mal judaico* (como se dizia) era um deles que certas profissões lhes fossem vedadas, e coagindo-os aos baixos oficios com que penetraram nestes reinos: «porque, «como esta nação hebreia naturalmente *hé tão ambiciosa de* «*honras e officios e cobiçosa de riquêzas*, tratos, mercancias, «hé provavel que vendo-se inhabeis para essas cousas com a dita «ley, sendo lhe livre sahirem, elles mesmos voluntariamente irão «deixando o Reyno para buscarem estes ganhos». (ano 1624, cod. 1506, fol. 211 e seguintes, Arquivo Nacional, Inquisição).

Claro está que tal lei nem ao de leve se pensou em promulga-la, e as coisas continuaram como d'antes, e até acrescidas no dobar dos tempos! Então, nestes ultimos 150 anos, perdido o conhecimento da sua ascendencia, se ha desenvolvido o cristão-

novo com uma intensidade nunca vista no assalto á riquêza, assim formando o ambiente burguez da nossa República. (E uma das formas do assalto é justamente a caça ao *casamento rico* para o que a mocidade cristã-nova é dotada de especialissimo faro! E quando não é isto, é em geral o assalto a um bom nome fidalgo na filha dum nobre arruinado, — e para o que o judeu tem outrosim um especialissimo faro, um grande estimulo de vaedade!)

Cobiça e vaedade fôram os estigmas que caracterisaram sempre os judeus e pelos quaes os defeniam outróra em Portugal como hoje os definem em todo o Mundo; esses mesmos estigmas pertencem hoje á defenição dos portuguezes tão claramente como neles se conteem. Se simbolisarmos a *cobiça* no gôsto de furtar, e a *vaedade no dandysmo* (com alguma vontade!...), vamos achar a sintese geral nesta noticia; *(Diario de Lisbôa,* 5-12-922):

«O campeão dos carteiristas — Abrahão, o *judeu* — foi absol-«vido duas vêzes em quatro mezes, não obstante ter sido sempre «apanhado tambem em flagrante. É um *dandy* e parece que tem «uma irmã que é uma formosura».

«O pae, que é receptador conhecidissimo na policia, lá «arranja as coisas de maneira que o *dandy* continúe á vontade «no seu *oficio*».

Não se trata aqui dum cristão-novo, mas dum judeu ortodoxo, o que para o caso é o mesmo. Essa tipica noticia apanha varios aspectos da raça hebrêa: o espirito de *ladrerie,* o *dandysmo,* o manêjo e influencia do pae, e até a formosura da judia — a irmã! Que o campeão dos carteiristas sêja um hebreu não me surprehende, — porquanto, em verdade, quando se faz uma invasão, faz-se em todos os campos; só dum povo invasor resultam os campeões de todas as virtudes... e defeitos; é necessario e consequencia!

Teem os judeus, uma evidente queda para o dandysmo, e tambem Portugal se destingue na Europa por essa mesma tendencia; mas com uma diferença, e é que em vêz das perfumadas túnicas com alöes e unguentos da Judea usam os *dandys* d'agora os correctos cortes do ocidente e os quimicos perfumes do Coty!

É hoje a descendencia dos conversos o mais *chic* modêlo das nossas ruas — metade por seu proprio gosto, metade pelo gôsto do alfaiate *que judeu é tambem;* (já antes da conversão quasi não havia em Portugal um alfaiate que não fôsse judeu!)

Diz Graetz, historiador hebreu, que em Portugal no reinado de D. Afonso V os judeus da comunas exorbitavam d'honrarias e luxo, a provocar a promiscuidade amorosa com as cristãs.

Na Alemanha os judeus portuguezes, quando para ahi emigrados, tornavam-se célebres pelo desmesurado gôsto do luxo, e ostentação de riquezas e *dandysmo*, e acusavam-os de insultarem a insuficiencia dos nativos com trajes, joias e coches, e de se jactarem de corromperem os funcionarios com o seu dinheiro.

(David Pinto, na Holanda, tinha fama de possuir um aposento assoalhado de cruzados de prata!)

Tal a árvore que em Portugal se desenvolvia para a ganancia do luxo dos dias d'oje! O *luxo* é a directa filha das riquezas: os judeus que povoaram Portugal eram outrora os nobres da Palestina; empobrecêram ahi, emigraram para a Peninsula Hispânica, e expulsos de Castela em 1492 entraram em Portugal como vadios; assaltaram as riquezas, tornaram-se novamente poderosos, — e novamente os árbitros da elegancia, como outróra em Jerusalem e em Babilónia! os nossos amigos mais compostos, os nossos gentis amigos, são a mimosa descendencia por varões dos sobrevi-ventes dos jardins de Cleópatra; e falo aqui nesses jardins de Cleópatra porque é sabido como as familias mais ricas de Jerusalém abandonavam a sua capital, atraidas pelo foco da civilisação mundial: Babilonia, — tal como hoje fugindo de Lisbôa para Paris e outras cidades! (e principalmente porque em todo o

16

Alberto Navarro, um *elegante*, cristão-novo, descendente por carreira de varões dos rabis mores de Portugal e de casta de Principes de Judá; (é ultimamente o *Visconde da Santissima Trindade*)

tempo mostrou o judeu viver melhor sob a hegemonia estrangeira).

Para citar um famoso exemplo de *dandysmo* lembro o opulento e luxuoso cristão-novo Francisco Mendes, que toda a Lisbôa conheceu e a Beira ainda hoje recorda, natural de Vizeu duma familia tradicional de judeus das que conservam o conhecimento d'isso.

Podem acusar-me de ter eu dito bem ou mal da raça hebrêa!... Dissesse eu melhor dos judeus, e era judeu, — como tambem, dissesse eu peior dos judeus, e, era pelo menos *não-judeu!* Ora a verdade é que não pode haver coisa mais antipática que uma pessôa argumentar-se a seu favôr, — como um nobre a defender *filosoficamente* as vantagens da nobrêza, ou um vilão as da sua vilania! A'i, pôr o animal ao serviço da filosofia, é tratar-se, afinal, dum *grandessissimo* animal e duma pequenissima filosofia. (Cheguei um dia a criar afeição p'la propria Russia, onde havia principes anarquistas e plebeus na defêza do Imperio!)

Se alguma vez me toco de despreso por alguns judeus, é porque eles são ainda demasiado... judeus!... um judeu defende o judeu porque é judeu, o não-judeu defende o não-judeu porque não é judeu . .. - - se eles ao menos soubessem a razão porque defendem ou não defendem!!! .

Tanto de judeus como d'individuos d'outras raças é imprudente criticar as qualidades sob o critério de simpatia e antipatia; deve únicamente constatar-se, porque qualquer critério é ainda um critério da raça do proprio individuo comentador, pois que o comentador tambem tem a sua raça!...

A verdade é que nem mesmo os historiadores partidarios conseguem deturpar a Historia, — porque pelo menos refletem a impressão dos factos no seu tempo; e portanto, dão-nos o ambiente do tempo em que eles, comentadores, viveram, o que afinal tudo é Historia!

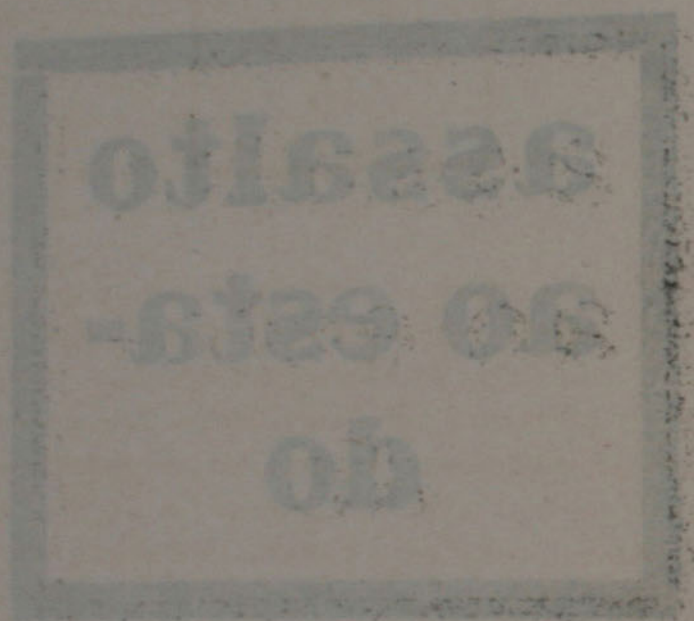
Mas, entretanto, é preciso ensinar que: boas qualidades de

judeus, más qualidades de judeus...... *ora adeus,* os atributos de *bom* e *mau* são uma questão de relatividade de raças!

E principalmente criticar os semitas nestas éras em que, *por instincto meramente,* andam empenhados na conquista da Europa, é deveras imprudente; nestas circunstancias os seus recursos transformam-se em qualidades antipáticas, mais do que em outro qualquer tempo. Ainda não é a hora de mostrarem as suas qualidades simpáticas. Falar dos judeus sôbre o que eles actualmente possam ser, á apenas olhá-los sob um unico aspecto, e o mais antipático para toda a Europa!

III

assalto ao esta-do

III

assalto ao esta-do

Derivaram os judeus do assambarcamento das Riquêzas ao assambarcamento dos outros poderes, que é a ordem natural das invasões. O assalto ao Estado, outra coisa não é que o *assalto ao Poder,* e, portanto a substituição duma raça por outra raça: substituição duma nação por outra nação, quer haja disso a consciencia, quer não haja a consciencia disso.

Em Portugal, como era o Estado a Monarquia suevo-gotica desde logo os judeus objectivando na Monarquia a raça inimiga se lhe mostraram adversos.

Esta inimisade em toda a Peninsula já data do tempo dos Wisigodos. Conspirando os judeus provocaram eles a invasão moirisco-árabe, a invasão dos semitas, em toda a extensão da Peninsula Hispanica, á excepção das Asturias, aonde se refugiára o sceptro gótico. A Monarquia novamente constituida, restaurando o territorio pedaço a pedaço, jámais os reis deixaram de olhar a raça hebrêa como a grande inimiga dos seus Estados. Em Portugal, monarquia inteiramente suevo-gótica, eram os judeus encarados por o mesmo aspecto. No tempo d'el-rei D. João I tão adversos á realêza se mostraram que excitaram o reparo e a raiva do povo. Pelo mesmo motivo, em 1449, no tempo d'el-rei D. Afonso V, o povo de Lisbôa inundou a judiaria, irrompendo em

furiosa catadupa, aos gritos de «*assaltemo-los e roubemo-los!*» Eram tidos por os piores inimigos do povo. A grande fôrça da nação hebrêa, estava apinhada em Granada, ultimo reducto do semitismo peninsular; mas os reis de Castela, Fernando e Isabel, destruindo o reino moiro de Granada, logo nesse ano de 1492 expulsaram os judeus. Portugal aceitou-os e baptisou-os em 1496. Logo nesse ano se tornaram desvantajosos a Portugal, desvantajosos aos designios da Nação, abonando o dinheiro com que Colombo nos tirou a gloria do descobrimento da America; (vide *Jornal Portuguez* do Rio de Janeiro, de 9-2-1924; transcripção da *Comercial Tribune)*.

Continuaram, sob o nome de cristãos-novos, a ser tidos e havidos por traiçoeiros ao Estado, terriveis conspiradores, inimigos da Religião e do Trono.

Em redor desta mesma fama lhes fôra imputado o desastre da batalha d'Alcácer-Kibir, em que pereceu o famoso rei D. Sebastião e a fina flôr da cavalaria sueva, a cavalaria portugueza! a verdade é que os cristãos-novos, refugiados em Marrocos, festejaram esse mesmo desastre com uma nova Pascoa a 20 d'Agosto. (Historia dos Chr. Novos Port. pag. 362).

Os judeus ortodoxos que desde o século passado residem em Portugal, descendem principalmente desses judeus de Marrocos.

«Era trivial a (a imputação) de atentados contra o Estado, «(escreve Azevedo). Em 1627 depara-se-nos um processo da «Inquisição de Coimbra, a acusação, feita ao christão novo Antonio «Luiz de se cartear com os moiros, tratando com eles entregar-lhes «a povoação...... Em 1634 houve denuncia de estar a partir de «Amsterdam uma frota de dezoito navios destinada a Pernam«buco, sob o comando do judeu David Peixoto .....»

Aversão á Realeza e aversão ao Estado eram nesse tempo sinónimos.

Contudo, a incursão no proprio Estado era de cada vez mais penetrante; a categoria dos cristãos-novos em autos-de-fé era de

cada vez mais elevada: parentes de nobres, lentes, religiosos, e isto já em 1629.

A invasão prometia fazer-se em todos os campos; e já a Nobreza em 1641 protestava em Côrtes contra o acesso dos judeus á vida das armas, principalmente aos altos postos do Exercito, que até ahi eram feudo da Nobreza, — e requeria os famigerados processos de *genere*, processos d'averiguação de *limpeza de sangue*. D. João IV, entretanto, não era muito inclinado a persegui-los; «sem dúvida, — escreve Azevedo, — entre os seus «conselheiros alguns havia não de todo infenso á população «hebreia. As respostas aos Capitulos das Côrtes assemelhavam-se «muito a evasivas». D. João IV, como os seus antecessores, colhia vantagens em ser servido por judeus porque eram eles os cobradores d'impostos únicos capazes, oficiaes de secretaría unicos capazes, e na vida civil os únicos medicos e boticarios e os melhores mesteiraes.

A Revolução de 1640 melhorára a situação dos cristãos-novos: era a grande invasão a cada nova convulsão social aconchegando-se melhor! Portanto a reacção havia de se fazer sentir com força egual. «Ao mesmo tempo, (Azevedo, pag. 240) «opunha-se a Inquisição ao édito de graça, de que os christãos «novos, reivindicando seu quinhão no jubilo geral, tentavam «alcançar a promulgação. É significativo que entre as razões «invocadas em contrario surgisse a imputação da *infidelidade ao «Estado*..... De Roma, o Bispo de Lamego, que esperava «debalde audiencia de Urbano VIII, recomendava ao colega, «conde da Vidigueira, embaixador em Paris, se acautelasse de «Manuel Fernandes Villa Real, e *dos mais desta casta*, como «inimigos da corôa e de D. João IV.. ... Por esse motivo lhe «quizeram assacar participação na conjura contra D. João IV, «descoberta em junho de 1641, sendo eles os que deviam pôr «fôgo ao Palacio Real e outros edificios da cidade, dando na «confusão ensejo para ser assassinado o Soberano. O facto é «que entre os conspiradores se achou o Thezoureiro da Alfan-

«dega, Pedro de Baeça, opulento mercador, ao qual se atribuia ter «oferecido, por si e dois outros da linhagem israelita um milhão e «trezentos mil cruzados para se preparar o levante ..... Para «atrair companheiros, fazia constar Baeça que havia dois mil «homens prontos para a Revolução».

Era um cristão-novo, com efeito, que estava determinado matar el-rei; lembro aqui, que, dois séculos depois, é ainda um cristão-novo, de Traz-os-Montes, Manuel dos Reis da Silva Buiça, quem assassina o rei de Portugal, a 1 de fevereiro de 1908!... Antagonismos de raças! Alberto Cohen, poeta francez, e sacerdote israëlita, põe estas palavras na bôca de Jesus (nos seus poemas *Paroles juives,* 1921): —

«Tenho pecado contra o meu povo, meu povo d'odiosos, «meu povo de justos...... meu povo rebelde, meu povo *matador «de reis injustos!»*

Tinham muita fama os cristãos-novos d'habeis e perigosos conspiradores, de traidores ao Estado e aos reis, de espiões, de atentores contra a vida das pessôas.

«Tudo isto (diz o mesmo escriptor) era nada em comparação «dos atentados contra as vidas. Não era segrêdo para ninguem, «que, quando forçados pelos reis cathólicos a converterem-se os «judeus da Peninsula, tinham pedido conselho aos de Constanti- «nópla, os quaes lhes responderam fizessem os filhos mercadores, «médicos, boticarios, clérigos, advogados e escrivães, para, «segundo a lei de Talião, se vingarem das violencias experimen- «tadas nas pessôas e nos bens».

Isto era no tempo a voz corrente, cuja veracidade, contestada ou não, não contesta a opinião que andava em voga, a ponto de várias vêzes serem disso mesmo acusados em Côrtes!

Era assim que, com a enorme desenvolução dos cristãos-novos, se abria dessidencia na família portuguêza, — eles dum lado, e os cristãos-velhos do outro. E nunca houve outra dessidencia em Portugal! Ela-mesma se prolonga em nossos dias, embóra não haja o *conhecimento* d'isso!...

A raiva do Povo contra os judeus irrompia estrondosa em 1671. A causa proxima fôra ainda um desacato à Religião do Estado. Por toda a parte soava agóra o clamôr da expulsão; e afixavam-se pasquins:

> Vá-se essa turba infernal
> Por esses mares álèm,
> Porque a Deus *e a nós convem*
> Não ficar em Portugal.

Que os cristãos-novos desacreditavam o Paiz, que *o mesmo era ser portuguez que ser tido por judeu,* — era o que diziam os Dezembargadores do Paço ás consultas d'el-rei: e uns falavam na expulsão total, outros na parcial, e outros mostravam os inconvenientes d'isso! Era grave a questão; tratava-se dum caso de vida ou de morte! os cristãos-velhos já tentavam salvar o proprio Estado. Com a consciencia d'embate de raças diferentes fôra este o último dos grandes acontecimentos anti-semitas e o mais estrondoso!

Mas... «a planta que se pretendia estirpar (escreve aqui «Azevêdo) resurgia vivaz, estendendo ao sol as hastes robustas. «Nenhuma catastrofe conseguia abater os individuos nem tolher «a vida pujante da raça».

«As penas da infamia e confiscação não sentem nem teem «razão de as sentir, porque os que antes se viam nos áutos por «confessar, hoje se vêem restituidos ás mesmas honras: .. o «médico e o letrado exercitam os seus oficios; o que não podia «andar a cavalo pela prohibição da Lei anda de coche e liteira, «sem haver quem se atreva a executa-lo para lhe levar a pena».

Com efeito, quando uma raça prospéra e invade, nada a pode derribar da sua altura; a perseguição não lhe activa a intensidade do predominio, mas resulta do proprio predominio. Em verdade, nestes tempos a efervescencia anti-semitica em Portugal atingiu um caracter revolucionario! Teve que funcionar o *Tribunal da Inconfidencia,* esteve de prevenção o Castelo de

São Jorge, e houve prisões! E ainda os cristão-novos imploraram o perdão geral e a deminuição nos rigôres do Santo Oficio! O Regente D. Pedro *que temia a segurança do seu Governo pela animosidade dos cristãos-novos*, estava agóra inclinado a perdoar-lhes. Mas o parecer do Bispo de Martinica, era que, semelhante perdão, iria fazer regressar ao Reino nada menos que oito mil familias foragidas, —(e precisamente as mais fanáticas)—agravando assim o estado herético da Nação, e havendo *o perigo de dentro em pouco sêr prégada no Reino publicamente a Lei de Moysés emudecendo a de Cristo! (op. cit.* pag. 300). Anos atraz, numa semilhante conjunctura revolucionária, por certo sacrilegio numa igreja de Lisbôa que parece ter cometido um arruaceiro e desordeiro cristão-novo, Simão Dias Solis, *homem facinoroso, blasphemo e de má consciencia* (segundo o Processo), os cristãos-velhos afixavam pasquins pelas paredes, com as palavras — *Louvado seja para sempre o Santissimo Sacramento* — em signal de desagravo contra o sucedido, — e então os cristãos-novos vinham de noite, armados e com lanternas, inutilisar esses mesmos pasquins, substituindo-os por outros subversivos — e por toda a parte eram vivas á Lei de Moysés e morras á Religião de Cristo!...

Nos púlpitos os clérigos verberavam contra os hereges, e nas escolas os estudantes cristãos-velhos impediam a entrada aos seus condiscipulos cristãos-novos, tal como em Coimbra, Evora, Lisboa, Braga. A universidade d'Evora chegou a fechar por essa razão; (Azevêdo, pag. 203).

Ainda hoje julgo ouvir os mesmos clamôres, — dum lado os vivas na Proclamação da Républica, e do outro uma réstea de cristãos-velhos aferrada ao seu rei e ás suas crenças... e julgo tambem ouvir as prudentes insinuações do Clero ditadas dos púlpitos contra os *hereges!...*

Naquele tempo não havia, como hoje se diria, as *lutas politicas,* — havia a desmascarada luta de raças!

Já na segunda metade do século XVII faziam os cristãos-novos

circular panfletos contra a Inquisição e Realeza (op. cit., pag. 322); eram os prurídos do ideal republicano!

O afamado cristão-novo Uriel da Costa, o primeiro ateu confesso á face da Europa, foragido do Porto, precedera Voltaire em todo o movimento libertario do século XVIII. Outro cristão--novo, Daniel Levi de Barros, poeta, historiador, calculista, politico e filósofo, — e aventureiro, — publicava por esse tempo o escandaloso livro *Triumpho del Govierno popular*, que inflamou o labor do Santo Oficio: principiava o rumor *republicano!* Logo a seguir Antonio Henriques Gomes, cristão-novo refugiado na Holanda, publicava outro livro escandaloso, *Politica Angelica*, então criticado de doutrina corrupta e o autor de politico contagioso (Azevedo, pag. 400).

Dum lado os libertarios cristãos-novos, e do outro os reacionarios cristãos-velhos! Assim suavemente se transitou da inimizade religiosa á inimizade politica; a divergencia das raças era o unico factor da guerra civil. Já em 1674 os Procuradores do Reino escreviam ao Papa chamando aos judeus «entes com «figura humana e animo de fera, *inimigo comum*, peste pública, «*fautores da Guerra Civil*».

Escrevia alguem por esse tempo, entre raivoso e desanimado:

Diabólica obstinação da perfidia judaica crescer com a repugnancia e multiplicar com a oposição . . .

Em Outubro (sempre o mez das prosperidades judaicas) do ano de 1674, suspende o Papa as funções do Santo Oficio! No maximo grau da reacção nacional acabava de triunfar o elemento extranho. As grossas polemicas que por essa época apareceram, e os desmedidos furôres da Inquisição, mostram bem a decadencia do Tribunal-da-Fé e a prosperidade do povo hebreu. A Inquisição esteve encerrada por alguns anos, e reabriu em 1681; era forçosa a reabertura; ainda havia cristãos-velhos em Portugal! . . .

Toda a Historia de Portugal, do século XVI ao século XX, são varias fazes duma unica agitação: reacção decrescente do cristão-velho contra o crescente invasôr do cristão-novo! O

mesmo fenómeno fôra a luta reformista do século XVIII, a guerra civil do século XIX, a efervescencia monarquico-republicana do seculo XX até á queda do Trono em 1910, e dahi até hoje!

Sob este criterio é que deve ser pensada a nossa Historia, a historia do subterraneo dos acontecimentos.

As gerações de cristãos-novos no século XVIII só faziam por esquecer a própria origem, — a origem infamada — ao passo que cresciam em número e qualidade. Alguns, entretanto, continuavam como os seus antepassados a alimentar o furôr do Santo-Oficio, na prática duma espécie de religião mestiça entre mosaismo e cristianismo! A maioria dos hebreus já se tinha des-soldado do judaismo sem contudo se soldar ao catolicismo (catolicismo é o cristianismo d'índole latina). Eram então os adeptos de Voltaire que, como continuador de Uriel da Costa, por toda a parte derramava as novas doutrinas. Já nas nossas vilas e cidades, em casa dos *compadres* e nas boticas, os nossos cirurgiões, os nossos físicos, os nossos licenciados cristãos-novos, cofiando as barbas como qualquer bacharel republicano alisando os bigodes (dos anteriores a 1910), propalavam a necessidade das grandes reformas. O Reformador chegou, — Sebastião José de Carvalho e Melo, 1.º ministro de D. José, conde d'Oeiras, e mais tarde *Marquez de Pombal* (descendente directo dum Mestre João Carvalho, sepultado em Anciães, de quem não ha mais noticia). Logo em seu redor os cristãos-novos (e exclusivamente os cristãos-novos), vieram circular como um puginho. Pombal tornou-se o chefe dos judeus. O ministro reconhecia os seus adeptos e tratou de socialmente os elevar, para que assim se dignificasse o seu partido; e combateu o partido anti-semita. Contudo, grande numero de cristãos-novos já perdera o conhecimento da propria origem, e estes eram os que *por instincto* se agregavam ao núcleo dos seus irmãos de raça. E quanto mais se acirravam os ódios dos nobres contra o vulto do energico reformador, mais os cristãos-novos se lhe agarravam.

Agora os portuguezes dividiam-se politica e *nitidamente* em

duas facções: *cristãos-novos* dum lado, e *cristãos-velhos* do outro. Não havia dúvidas, toda a gente o sabia; o proprio Pombal o confirmou no decreto que abolia as distinções, afirmando que na familia portugueza não havia mais divergencia do que aquela. Nem era possivel have-la: os hebreus, judaisantes ou catolicos, olvidados ou agarrados ás tradições, tinham entre si uma enorme cohesão; desta maneira, em Portugal, não havia oportunidade para mais apartações sociaes ou politicas: cristãos-novos dum lado, cristãos-velhos do outro. O livro *Sentinella contra Judeos* (ed. 1732, cap. IX), em referencia á conhecida cohesão entre os cristãos-novos, define um vocábulo: « porque entre «os marranos ou marrões (que em Portugal quere dizer porcos), «quando se queixa algum deles todos os demais acodem a seu «grunhido, e como assim são os Judeos, que ao lamento de hum «acodem todos, por isso lhe derão titulo e nome de marranos».

Pombal era o homem oportuno para a raça hebreia: abatia a Nobreza, nobilitava o Comerciante, criava a *Aula de Comercio* (a primeira que se criou na Europa), e por sobre tudo algemava o poder da Inquisição, e transformava-a em instrumento contra os cristãos:... *o feitiço contra o feiticeiro!*... E agora vemos a parte cristã-velha da Nação murmurando contra o *Santo Oficio:* que já nele se não podia crêr (diziam em intimo colóquio o Duque d'Aveiro e D Manuel de Souza) depois que ahi fizeram *familiares* a individuos como Pedro Manso e seu cunhado! (Vide *Processo dos Tavoras,* impresso, pag. 101). O Inquisidor-mor da nova Inquisição era Paulo de Carvalho, irmão do ministro.

Desde logo se deixou de proceder a *processos de genere*; intensificou-se a propaganda libertaria; verberou-se pela vêz primeira, e publicamente, contra os antigos sucessos anti-semitas atribuindo-se a causa deles aos jesuitas. Enalteceram-se as qualidades de trabalho dos judeus; confundiram-se numa mesma palavra «Povo» e «judeus» e lisongearam-se as qualidades do «Povo». Organisavam-se assim os pre-républicanos, os cristãos-novos. Os cristãos-velhos davam-lhes o nome de *maçons,* — o partido dos

maçons ou dos marranos. (Originariamente, e aplicada aos judeus, a palavra *marrano* deveria ter a significação de *marreca* ou corcovado. *Marrana* é ainda hoje sinónimo de corcôva. Ora o jndeu é geralmente corcovado, caracteristica evidente no gosto do que vae representado em Carlos Mayer, da figura 9).

Como reagiam, entretanto, os cristãos-velhos? Cá fora conspirava-se contra o Paço onde imperava a vontade do primeiro ministro, — e d'onde eram irradiados os melhores da Nobrêza. A irritação augmentára com o degrêdo de D. Manuel de Souza; e o insofrivel e orgulhoso Duque d'Aveiro, despeitado do Paço, do qual dizia que quando lá ia o mesmo era que cortarem-lhe as pernas, aproximava-se agora daquele degredado da Quinta do Calhariz, e com ele largo tempo se entretinha em *dissolutas conversas contra o Governo*; *(Processo dos Tavoras)*. Assim se formava uma conspiração tremenda que teve o epilogo no cadafalso de Belem!

A rivalidade entre o Duque d'Aveiro, chefe da conspiração dos cristãos-velhos e pretendente ao lugar de 1.º ministro, e Sebastião José de Carvalho e Melo, 1.º Ministro, chefe do partido reformista, ou cristão-novo, — era evidente, e a nada mais tendia quer ao desforso. Praticado o atentado contra o rei, e instaurado o processo, o guarda-roupa do Duque depunha que o irmão dele, guarda-roupa (o que desfechára contra a carruagem real), lhe declarára «que o dito Duque lhe dicera, que a quem ele Duque «lhe mandava atirar era pessoa que tambem o quiz matar a elle «Duque. E que o dito seu Irmão intendera sem embargo desta «razão do Duque, que seria ao Excellentissimo Secretario de «Estado Sebastião José de Carvalho e Mello, bem que, ainda «duvidava, que o dito Duque mandasse fazer tal, a um homem «tão grande, como o dito Excellentissimo Secretario de Estado». *(Processo dos Távoras*, pag. 107).

O Duque d'Aveiro tinha proferido ao seu confidente Antonio Alves: «Tomára que déssemos huma fumassa em Sebastião Jozé». E ao Marquez Bernardo de Távora dissera o mesmo Duque que

se tornava necessario fazer-se outra espera ao Secretario de Estado, Sebastião José, para se lhe tirar a vida. *(Processo,* pag. 107 e 126).

O alvo maior das conspirações dos cristãos-velhos era o *Governo,* na figura do 1.º ministro. Para isso se organisara uma conspiração d'alguns fidalgos, logo apoz o terremoto de 1755. O Dezembargador Antonio da Costa Freire deliniara um plano duma «Junta da Providencia». Como el-rei regeitasse o dito plano depois de o ter aprovado, e principiasse desconsiderando estes fidalgos, a uns despedindo-os do Paço, a outros mostrando-lhes desagrado, contrairam eles um ódio inexuravel contra o rei, a quem acusavam de ser um cego vassalo da vontade de Sebastião José, opinião que os jesuitas propagavam, e principalmente o P.e Malagrida. Este ódio ao rei pozéra um pouco na sombra a figura do 1.º ministro.

O depoimento do Duque d'Aveiro no *Processo dos Tavoras* (o mais tragico e o mais vivo documento do século XVIII) tem estas palavras em referencia á conspiração anterior á do atentado:

«E sendo ainda instado, que havia informação, de que elle «Respondente depois do sacrilego insulto de trez de Setembro «proximo passado, ameassando a repetição delle fizera sobre ela «a reflexão de que por pouco se não mudara o governo do Reino, «ainda antes do referido insulto ....

«Respondeu que a razão que tivera para aquella afirmativa «consistira no plano que Antonio da Costa Freire havia feito «depois do terramoto: para estabelecer a Junta da Providencia, «que havia absorver o mesmo governo, composta dos Duques de «Lafoens, e Aveyro, dos Marquezes de Anjeja, e Marialva Pay, «o Conde de São Lourenço etc.: Que as diligencias, que então «se fizerão por todos os modos qne são prezentes a Sua Mages- «tade para se fazer effectivo o referido Plano, forão as que «constituirão o modo porque se havia acabar o dito geverno: E «que o pouco que elle Respondente dice, que havia faltado, «consistira em lhe affirmar o dito Antonio da Costa Freire, que

«El Rey Nosso Senhor tinha recebido bem o referido Plano, e «estabelecimento da tal Junta da Providencia, e que esta teria o «effeito, que depois se vio, não havia tido, pelo que se buscaram «os outros meyos que depois se forão praticando athé a ultima «conspiração de que se trata.»

A ultima conspiração foi aquela de que resultou o atentado contra a vida do Rei, como o meio mais rápido de vingança e de resolução da crise.

A deslealdade de D. José foi o que mais acirrou o ódio dos fidalgos; e desde logo o Duque d'Aveiro (14.º artigo do *Processo)* comunicou com o Dezembargador Antonio da Costa Freire sobre o modo de fazer odioso o governo d'el-rei, em razão de saber que o mesmo Antonio da Costa *blasfemava do mesmo governo, sem regra, nem medida, alienando assim, e desafeiçoando do governo do mesmo Senhor as gentes que o ouviam.*

Os jesuitas, que eram quem por baixo de tudo isto acirravam e manejavam o ódio dos nobres e seu pondunôr, contra o partido dos cristãos-novos, — os jesuitas como simbolo da linhagem cristã-velha, e da mesma linhagem, (tinham rigorosos processos de génere e rigorosa desciplina d'onde seriam irradiados os que não possuissem uma identica compleição germânica), os jesuitas tiveram, enfim, o mesmo destino dos fidalgos, e mais do que estes irradiados do Paço, enredavam e conspiravam tenazmente. Por todos os motivos se preparava o atentado de 3 de Setembro de 1758; por todos os motivos e por todos os lados. Razão teve por isso o Duque d'Aveiro quando afirmou, depois dos acontecimentos, que eram tantos os lados d'onde se poderia esperar o tiro a el-rei, que nunca ao certo se poderia saber donde viera!

Tudo fazia prever este atentado; e até as profecias dos jesuitas, principalmente as do P.e Malagrida, que chegavam imprudentemente a prever o regicidio para o mez de Setembro desse ano de 1758!

O *Processo dos Tavoras*, (impresso em 1921), na pag. 49 encerra o que segue:

«Mostra-se mais ainda em maior confirmação das provas, «que nestes autos se achão contra os ditos Religiozos, etc. que «ao mesmo passo em que El-Rey Nosso Senhor foi desconcer-«tando, e dezarmando, aquellas machinaçoens dos ditos Religio-«zos, despedindo os Confessores Regios daquella profissão, e «prohibindo a todos os outros Religiozos della o ingresso no «Paço: se vio por huma parte, que quando á vista de tantos de-«zenganos devião humilhar-se, o fizerão tanto pelo contrario, que «publica, e descobertamente forão crescendo em arrogancia, e «soberba, jactando-se publicamente de que quanto mais o Paço «os desviava mais a nobreza se lhes unia, ameaçando com igual «publicidade, *castigos de Deos, contra o mesmo Paço,* e sugge-«rindo por si, e pelos seus sequazes athé os fins do mez de «Agosto proximo passado, que a preciozissima Vida de Sua «Magestade havia de ser breve, avizando-o assim em repetidos «correios a differentes Paizes da Europa, chegando a explicar, «que o mez de Setembro do sobredito anno, proximo passado, «havia de ser o termo da sua augustissima e preciozissima Vida: «Escrevendo Gabriel Malagrida a differentes pessoas desta corte «os ditos funestissimos prognosticos em tom de profecias:»

Os jesuitas, baseados na Mistica do P.e Malagrida, tinham, com efeito, começado por insinuar a legitimidade dum regicidio quando ele libertasse uma nação das garras opressôras dos *maçons;* e portanto legitimo, e sem conter em si pecado algum, o atentado contra a vida do Rei: E que dessa morte imediatamente resultaria o protelado consorcio do Infante D. Pedro (irmão d'el--rei) com sua sobrinha, herdeira do Trono, assim evitando ir a corôa de Portugal a reis estrangeiros. E que el-rei era a causa de se demorar este casamento. Este argumento patriotico servia optimamente aos jesuitas a demover os escrupulos de consciencia no emprehendimento dum regicidio! Parece estranho o que afirmo, tratando-se dos Religiosos da Companhia, dos tão infamados religiosos! Mas tambem é um êrro e um *logar comum* fazer dos jesuitas umas victimas das intrigas de Pombal e das calumnias dos livres-pensadores! Os jesuitas eram o ultimo reducto da Cristan-

dade, ultimo reducto das antigas familias portuguezas, — uma raça que se defendia a todo transe,— um poder no ocaso, uma raiva insofrida, um desespêro!

Eis como o Duque d'Aveiro relata o sucesso, *(Processo,* pag. 162): —

«Declarava, *que a origem e primeiro principio* deste enor-«missimo attentado, foram humas praticas, ou conferencias, que «elle Respondente teve em São Roque com o Padre João de «Mattos, e com o Padre Jozé Perdigão, e em Santo Antão com «os Padres Jacinto da Costa, e Thimoteo de Oliveira; os quais «hindo elle Respondente busca-los haverá sinco mezes pouco «mais, ou menos, e *praticando-se sobre os meios, que haveria «para se effectuar o matrimonio da Princeza Nossa Senhora «com o Serenissimo Senhor* Infante Dom Pedro, se assentou «entre todos os sobreditos de uniforme acordo, que o unico meio «que havia para se effectuar o dito matrimonio, era o de se «machinar a morte d'El Rey Nosso Senhor; que sobre a baze «deste temerario assento, foi elle Respondente continuando em «tratar com os sobreditos Padres, sobre esta materia; humas «vezes, hindo-os elle Respondente buscar ás sobreditas cazas «Religiozas, outras vezes vindo o sobredito Procurador Geral, «buscar a elle Respondente a sua propria caza para este negocio:»

E no auto seguinte: —

«que o sacrilego insulto de que se trata teve por baze, e «primeiro principio, hum discurso, que Jacinto da Costa da Com-«panhia de Jezus teve a elle Respondente, associado de Thimoteo «de Oliveira da mesma Religião; ponderando no dito discurso, «que El Rey Nosso Senhor dilatava tiranamente o cazamento da «Princêza Nossa Senhora com o Serenissimo Senhor Infante «Dom Pedro; Sendo a dilação do mesmo cazamento contraria á «intensão dos Povos; e tambem contraria aos interesses do Reino, «porque este cahiria em Principe Estrangeiro, se o mesmo Sere-«nissimo Senhor Infante Dom Pedro falecesse, pendente a dilação «do sobredito matrimonio. Acrescentando sobre este dolozo, e «sacrilego pretexto, que não peccaria, nem levemente, quem

«fosse Parricida d'El Rey Nosso Senhor, tirando a vida ao «mesmo Senhor, com o fim de fazerem cessar a tirania com que «Sua Magestade impedia a celebração do dito matrimonio».

São admiraveis estas confissões do Duque, (devidamente ajuramentado, e desesperado de toda a remissão da Justiça) a transparecerem uma resolução de verdade inegualavel.

O oiro dos jesuitas, e principalmente no reinado seguinte, (reinado que eles haviam pretendido antecipar com a morte do rei) tentou ilibá-los da acusação, e apresentou-os como victimas á face do mundo. Mas a verdade é simplesmente o que expuz, e não d'outro modo.

Os outros fidalgos coniventes no atentado, confessaram do mesmo modo a mesma coisa: o pretexto dinástico, a queda do governo de Sebastião José e o regresso do governo do Duque d'Aveiro; e que tudo isto se baseava na Mistica e nos conselhos, e direcções, de Gabriel Malagrida, da Companhia de Jesus.

A reação contra o governo d'el-rei tomara um caracter seriíssimo, e fôra extensiva a toda a parte cristã-velha da Nação, a parte germanica da Nação, que a si-própria, a seus proprios pecados atribuia a causa de todo o desatino dos cristãos-novos: um castigo de Deus, (como era costume!). Era tão grande e universal esta tal reação, que dela poude resultar, (numa época d'aquelas!) o trama atentorio de honrados e religiosos fidalgos contra a vida dum Soberano — coisa que sem essa universalidade de reação não encontraria ambiente para ser gerado!

Os jesuitas concretisavam em si toda a multidão de cristãos--velhos fortemente sintetisada em Malagrida; e os Tavoras, o Duque d'Aveiro e outros fidalgos, fôram os móveis dedos de Malagrida a desfecharem o gatilho contra o rei, — dêdos aqueles que Pombal queimou no cadafalso!

É costume caluniar o caracter abortivo do sumarissimo processo dos Távoras. Este de modo algum representaria qualquer receio contrahido por Pombal de que se chegasse a averiguar a inocencia dos reus! Eram decisivas as provas contra eles, a

começar por suas próprias confissões, e que mais decisivas se tornariam pôr um processo formal e prolongado; o receio de Pombal, foi unicamente que lhe fugissem as victimas, cabecilhas dum importantissimo partido politico; tratava-se ali duma luta de chefes, — um teria forçosamente que esmagar o outro; não havia tempo a perder!

Os conspiradores tentavam pôr no Trono o Infante D. Pedro que faria o papel das reações contra a onda revolucionaria ou judaica que sessenta anos mais tarde vinha a fazer o Infante D. Miguel contra a onda revolucionaria ou judaica de 1820! D. José vinha a ser o D. João VI d'aquele tempo! O partido de D. Miguel era o Neo-Tavorismo.

A terrivel tragedia de 1759 não foi, pois, um simples episodio da nossa Historia! Muito ao contrario, fôra o epilogo do caso mais notavel do seculo XVIII em Portugal! Dificilmente, em tão pequeno espaço como no *Processo dos Távoras*, se concentra um tão grande amassado de lutas e ódios!

Mais tarde Pombal, o chefe dos cristãos-novos, (nem outros poderiam ser os seus partidarios porquanto muito os louvou e defendeu), sendo obrigado a entregar ao governo de D. Maria I documentos relativos aos jesuitas, e á conspiração de 1758, — em um deles, relativo a acontecimentos posteriores, averbou esta nota:

«Entreguei tudo o que pertencia á outra sedição, com que «os mesmos Jesuitas, corrompendo o commissario dos Terceiros «de S. Domingos, e os Prelados do reformado mosteiro do Sacra- «mento, sito no Bairro da Pampulha, levantaram huma seita, *e «procuraram concitar hum horroroso motim,* que na noite de «24 de Março de 1765 não deixaria, nem Pessoa alguma viva, «nem pedra sôbre pedra, no Palacio de Sua Magestade, nas «cazas dos seus Ministros, e em todas as outras da cidade de «Lisboa, que attacasse um Povo enganado, e enfurecido pelo «fanatismo; *representada a funestissima tragedia de outro*

«horroroso Motim, que no ano de 1506 recebeu da Egreja do «mesmo convento de São Domingos de Lisbôa:» (O Processo «dos Távoras, prefacio de Pedro d'Azevedo, pag. 2).

Aqui se refere Pombal áquela matança de cristãos-novos no tempo de D. Manuel I, e acusa os jesuitas de pretenderem concitar um outro horroroso motim em que a mesma tragedia se repetisse; — a mesma tragedia sobre os cristãos-novos, sobre o odiado partido dos cristãos-novos, o partido do Pombal!

Os dois grandes partidos, o dos cristãos-velhos e o dos cristãos-novos, eram nesse tempo bem mais defenidos e com esta mesma consciencia de raças, do que á primeira vista se poderá supôr. Entre a vária correspondencia dos jusuitas que Pombal interceptava, foi uma carta do Padre José d'Oliveira para o Padre João de Gusmão, assistente em Roma, a qual resava:

«As guardas que continuão (dizem) que são por costume das «Cortes de as mandarem pôr a todos os que estão no dezagrado «dellas, e quando se descobre conjuração, outros dizem, *que por «receio de que fomentemos algum levantamento, como fizerão «dois Dominicanos no tempo d'El Rey Dom Manoel.»*

Passavam, pois, os jesuitas por presumiveis incitadores duma nova matança de cristãos-novos, um motim contra os adeptos do Marquez.

No ano de 1768, a 5 d'outubro, *(dia e mez* de prosperidades hebraicas!...) surge Pombal a dignificar publicamente o sangue hebreu com a promulgação da agreste lei que forçava as familias *puritanas* (as que se jactavam de não ter ascendentes judeus) ao contracto de *matrimónios mixtos*, dentro dum prazo de quatro mezes!

A violencia era enorme; e orgulhosos fidalgos sofreram esse vexame chamando-os ele á Secretaria do Estado, e obrigando-os ali mesmo a contractarem os casamentos dos seus filhos com gente infamada de sangue hebreu! Pombal era singularmente *casamenteiro!...* Mas ha mais: em Maio de 1773, a pretexto de que o motivo da discordancia no Reino, (a separação nos dois rivaes

partidos), era a divisória nominal de *cristãos-novos* e *cristãos-velhos* (e por aqui se vê que não havia outra discordia no Reino!) edita o Marquez um escandaloso decreto abolindo aquela destinção secular, e submetendo a penalidades máximas quem *particularmente ou publicamente* intentasse o contrario. O caso é que o Paiz emudeceu!

Termina assim em Pombal a luta de castas, — a desmascarada luta de castas, para começar a mascarada luta!

Deste embate entre cristãos-novos e cristãos-velhos não podemos fazer hoje uma pálida idea, do seu encarniçamento ininterrupto, até incendido nas aldeias mais reconditas do Paiz com aquele fragor tão partidario que anos depois caracterisava o século XIX nas lutas eleitoraes dos ultimos anos. O motivo, embora disfarçado de varios motivos, em sua essencia é absolutamente o mesmo: — os odios do século XVIII por essas cidades, vilas e aldeias, não variaram de direcção no século XX; ha mais continuidade do que á primeira vista pode parecer... Se ele ainda ha as mesmas familias com as mesmas rivalidades!!!...

Desta maneira acabára no Marquez a luta de raças, por decreto de 1773, para continuar...... a mesma luta de raças, embora sob o nome de *lutas partidarias!*

Publicado o Decreto, foi ele prontamente obedecido. A reação limitou-se a propalar que os cristãos-novos de maior importancia tinham comprado por 500:000 cruzados esta sua ultima situação; e imediatamente ordenou Pombal a destruição das *listas das fintas*, (os cristãos-novos pagavam até então um tributo proprio), arquivadas nas sédes dos concelhos, para que desaparecesse da memoria dos homens a recordação das familias judaicas!

Entretanto, Pombal, com a edificação da Nova Lisboa, dava justamente aos cristãos-novos uma magnifica cidade, um nobre bairro. E os novos-ricos d'então, logo ahi assentaram os seus balcões e começara para eles a era moderna; seus filhos e netos fôram os bachareis do século XIX, e os dominadores do século XX.

Pelo decreto de 1773 todos os portuguezes ficaram igual-

mente habilitados a exercer qualquer função e a escalar as dignidades do Estado. — Que profunda alteração nos costumes portuguezes!... mas tinha forçosamente que suceder assim, porque profunda era a alteração de portuguezes!

Desde logo se tornára a Inquisição nas mãos de Pombal um instrumento contra os jesuitas simbolos da reacção anti--semita.

Efectivamente Pombal atribuia aos jesuitas a *perniciosa destinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos e todas as mais perseguições que sofreram os judeus*; de resto, Pombal atribuia-lhes tudo!...

A verdade, porem, é que o espirito de suevos e gôdos e a antiga Inquisição, que o Jesuita encarnava, tornava-se o alvo da nova Inquisição (espirito judaico) que Pombal encarnou!

Não eram os jesuitas recrutados numa só raça, — mas apoz os chamados processos de *genere* e um prolongado e áspero noviciado, só realmente resistiam e tomavam ordens os que mais funda afinidade tinham com o grupo; portanto é o jesuita um bando de raça da qual é irradiado o elemento extranho pela propria seleção natural, pela fôrça do instincto.

Principiava aqui a *Era dos Maçons*, partidarios das doutrinas de Voltaire. Eles eram unicamente os cristãos-novos (não contando os que já não sabiam a propria origem), tanto que *maçon* e *cristão-novo* se tornavam sinónimos: — uma só pessôa com dois nomes — o antigo e o moderno, — e a quem não era permitido chamar o antigo!

Escrevia eu em 1921, (Portugal Cristão-Novo): Ainda hoje nas nossas vilas do Norte *pedreiro-livre* é sinónimo de judeu. Ha cem anos, por occasião das invações francesas, sofrêram os cristãos-novos (com este nome), em Portugal a sua ultima perseguição, porque a eles, muito razoavelmente, atribuia o Povo o bom progresso das ideias de França, e associava-o sempre á ideia de *Maçon* ou pedreiro-livre!

Foi, na verdade, em 1808 que se moveu a perseguição contra

os conversos, em certos lugares da nossa Provincia em que ainda a tradição se não extinguira.

«Em Bragança, Fozcôa, Moncôrvo, (escreve Azevedo, pag. «358) região classica do judaismo, a plebe assalta, saqueia, faz «mortes nas casas de pretensos christãos novos, protectores dos «francêzes. Eguaes tumultos rebentam no Minho. Versos populares «pedem a Inquisição».

O jacobino, o maçon, o adepto da Revolução Francêza, era evidentemente o cristão-novo; e se no Sul de Portugal esses mesmos gritos se não faziam ouvir, é que aqui se apagára a tradição.

Em todo o caso pelo Sul de Portugal, principalmente em Lisbôa, tambem essa acusação se fazia sentir, e mais do que um escritor o fez constar!

A Revolução Francêza sucedia em 1789 com um expoente enormissimo da onda judaica, mormente de descendencia portugueza. Foi então que se destinguiu Abrahão Furtado, o afamado girondino, filho de Elias Fuartado Ferro, cristão-novo portuguez refugiado em Londres; de Abrahão Furtado diziam os correligionários que o que sabia da Biblia o havia aprendido em Voltaire.

Rousseau era um judeu de Genebra.

Mirabeau e Talleyrand estavam em intimo contacto com os judeus, assim como todos os homens da Revolução, pelas *sociedades secretas essencialmente judaicas* das quaes eram filiados; (Graetz: *Volkst. Gesch. der Iuden*, III, pag. 600 e segu. Lémann: *L'entrée des Juifs dans la société française*, 1, III, ch. 7). Talleyrand é quem reclama nas Constituintes a emancipação completa dos judeus, e isto contra o conselho de toda a França burguêza. Sob o ponto de vista politico-social, cabe aqui observar que muitas nações, deveras tolerantes para com os judeus, evitaram sempre quanto possivel, a sua completa emancipação. Frederico II, o Hohenstaufe, o sabio protector dos sábios hebreus, e um admirador do Levante, excluia-os de todas as funções publicas

frizando o perigo a que se expunham as nações confiando-lhes um poder qualquer, *do qual eles imediatamente abusavam;* tambem é de notar que já nos tempos dos antigos romanos o sabio imperador Tiberio reconhecia que a imigração dos judeus (antes da destruição de Jerusalém), se ia tornando um perigo nacional; um «Estado no Estado» dizia o historiador Mommsen (vide Chamberlain pag. 454). Séneca confessava com horrôr que os judeus eram os unicos vencidos que conseguiam impôr leis aos vencedores!

Acontecida a *Revolução Francêza* surgiam em França os pruridos socialistas, e era justamente o paladino e o patriarca das novas ideias o judeu portuguez Benjamim Olindo Rodrigues, afamado economista, natural de Bordeus; como em Holanda havia de sêr mais tarde o patriarca do sistema economico sovietista o judeu portuguez David Ricardo.

«Poder-se-hia do mesmo modo (escreve Chamberlain *op. cit.* «pag. 453) — se tal fôra o objecto deste capitulo — apontar o «fluxo e refluxo da influencia judaica até ao nosso tempo, até «este seculo XIX em que todas as guerras surgem são singular-«mente conexas com operações da finança judaica, de que são «testemunho a campanha da Russia e o papel de espectador de «Nathau Rothschild na Batalha de Waterloo, de que são teste-«munho a comparticipação de M. Bleichröder pelo lado alemão, «e Afonso Rothschild, pelo lado francês, nas negociações da paz «do ano de 1871, de que é exemplo a *Comuna,* em a qual «todo o homem esclarecido reconheceu, desde o começo uma «maquinação judaico-napoleonica».

Pois estes judeus, estes pedreiros-livres, estes maçons, são os ascendentes dos revolucionarios d'agóra. Nunca em tempo alguns eles fôram d'outra casta em Portugal; e não era agóra, certamente, em que as liberdades são maximas, que o sangue judaico iria proceder duma outra forma.

Nos anos derradeiros do sèculo XVIII já a politica portugueza estava muito integrada nas mãos dos judeus. E os sobera-

nos, legalisando a absorção dos judeus dos altos poderes, começavam por outorgar-lhes fóros de fidalgos. D. Maria I e D. João VI fôram nisso muito pródigos: afidalgaram muita gente de estirpe judaica, doaram-lhes titulos de nobreza, e uma infinidade de cartas de brazões (precedidas duma errada genealogia !). Ora assim se inquinava a legião dos suevos, assim se inquinava a propria Monarquia. Esta nova nobrêza estava para a politica realista o que outróra os conversos tinham sido para a religião do Estado: um constante regresso ás suas tendencias; porque entre a pessoa do Rei e esta nobrêza não podia existir afinidade alguma: d'ahi o enfraquecimento da Monarquia, que em seu fundamento outra coisa não é que a instituição duma raça triunfante! Assim sucedia que muitos filhos e netos desses nobilitados de ha cem anos, nos surgem agora como extremados republicanos! Pode dizer-se que os nobres de principios radicaes são os filhos e os netos desses ditos judeus nobilitados. — Não vemos nós ainda, em nossos dias, militarem nos ideaes avançados os filhos dos conselheiros cristãos-novos da Monarquia: Navarro, Vilhena! .. gente que ainda hoje conserva a tradição de raça hebrea? Quere isto significar que se o pae, por conveniencia social, não acompanhou a direcção da sua raça (o que não é bem assim, porque *essencialmente* sempre se acompanha) o filho, já liberto dessa mesma conveniencia, caiu absolutamente dentro da tendencia. Algumas vezes, se esta lei parece não ser seguida, é por virtude de *snobismo* a que o judeu é singularmente atreito, — e jamais por intrisica propenção.

O judeu é naturalmente um radical; ser o contrario é forçar a tendencia. E a proposito de conselheiros cristãos, dos que estão a dentro da tradição judaica: — Não diz toda a gente para ahi que o conselheiro Alberto Navarro, duma estirpe judaica nobilitada, fôra o maior conspirador contra D. Carlos?...

Nem ainda no ano de 1910 a Monarquia Portugueza iria a pique, a despeito de tantos duques, marquêzes, condes, viscondes, barões e uma infinidade de conselheiros, se não houvera realmente uma mui débil afinidade de raça entre esta multidão de possôas,

esta numerosa nobrêza, e a pessôa d'el-rei; fôssem eles a descendencia da antiga nobrêza (em varonia), — e o Trono não tombaria ainda, pois que em Portugal não ha mais progresso, nem *mais luzes*, que noutros paizes da Europa, como na Hespanha, na Inglaterra, e na Italia, em que ainda as monarquias se conservam!

Em Portugal, a Republica vingou, não por virtude de principios filosóficos, mas por um instincto de caracter rácico.

Em Portugal a primeira revolução em que tomaram a maior parte os cristãos-novos (não já por este nome conhecidos mas universalmente por *maçons)* foi a *Revolução de 1820* que arrancou a D. João VI a *Constituição*.

No ano seguinte é extincto o Tribunal do Santo Oficio no Parlamento contitucional. Um orador, deputado cristão-novo, faz preceder a votação do Decreto duma compridissima narração dos *horrorosos* crimes do *Tribunal da Fé*... Foi então que o deputado Castelo-Branco, um antigo Ministro do Santo-Oficio, (do já brando Santo-Oficio!) proferiu, entre indignado e consternado: —

«Nem eu jámais por interesse algum me prestaria a ser «ministro de semilhantes horrôres, se existissem, e antes mendigaria «um pão que vêr-me expôsto a cometer essas ações que me «horrorisam; (dizendo estas palavras — escreve aqui o *Diario do* «*Governo* d'então — achou-se tão comovido que espalharam seus «olhos lágrimas de sensibilidade); não nos revoltemos contra a «Inquisição, revoltemo-nos contra o espirito do século, porque «não ha coisa de que o Homem não sêja capaz».

Acabadas de proferir estas palavras pediu licença para se retirar da sala e desistir do seu lugar de deputado, como agravado que ficou.

Era desta maneira, a pouco e pouco, que, por virtude da *seleção politica* (não menos natural que a natural) se irradiavam os elementos extranhos ao judaismo, extranhos ao bloco judaico. Foi desta maneira que a Républica, implantada em 1910, surgia mais pura em estirpe judaica, mais uniforme de raça, que o Cons-

titucionalismo de 1820. E mais puros são ainda os avançados *comunistas, socialistas, maximalistas* (Maximo Gorki era judeu), e outros. Se no Partido Républicano de Portugal pode haver *dez por cento* de não-judeus, nestes mais avançados a percentagem é incomparavelmente menor.

Seria um êrro pensar em que todos os *avançados* são judeus; ha, naturalmente, (além dos *aderentes* por incompatibilidades, compatibilidades e conveniencias) uma diminuta minoria que não é cristã-velha nem judaica, mas que, por exemplo, pode sêr composta de indios, malaios, etc.; estes são os *aliados,* instintivamente ao lado dos seus afins, ou dos que estão vencendo, dos que representam uma fórmula de reforma!

As *Constituintes* de 1820 decretavam a liberdade dos cultos; e foi nesta ocasião que muitos judeus, principalmente do Norte d'Africa, e na maioria descendentes dos portuguezes, principiavam regressando ao Reino. A sua entrada fazia-se sobretudo, pelo Algarve, como ainda hoje se faz, e ahi a colónia é já bastante numerosa. E são estes os israëlitas de sinagóga, e com apelidos estrangeiros. A colonia de Lisbôa, com sinagóga na rua Alexandre Herculano, eleva-se hojé a um total de 1200. E' curioso que todos são républicanos, e debitaram, inclusivamente, o primeiro dinheiro que coadjuvou os primeiros tempos da Républica! Apesar de poucos, teem já incremento no nosso meio como financeiros, comerciantes, médicos, politicos, professores, homens de sciencia e alguns de letras. Ultimamente chegou uma avalanche de judeus da Russia.

Mas se em Portugal ha uma colónia d'alguns centos de judeus ortodoxos datados das incursões do século passado, ha centenas de milhares de cristãos-novos, centenas de milhares não-circumcízos!

A' Revolução de 1820 opunha-se agóra a contra-revolução de D. Miguel, ultimo rei de varonia portugueza, e ultima tentativa em Portugal da integral restauração dos neo-suevos. Mas pelo

17

O pretendente ao Trono de Portugal. Principe Dom Duarte de Bragança. E' neto de D. Miguel I, e ultimo varão da *Casa Portugueza*, da varonia d'el-rei D Afonso Henriques

cheiro da propria crueldade deste reinado (que chegou a 1834) se percebia o arranco duma agonia estrondosa!

Com a deposição de D. Miguel, ultima nau da Monarquia portugueza, da varonia d'el-rei D. Afonso Henriques, acabava o ciclo dos guerreiros, dos toureiros, e dos cavaleiros da edade media!... E logo tomava o Trono de Portugal uma varonia inteiramente á parte (mas germânica) e que havia de reinar 76 anos, como outrora a dinastia dos Felipes interrompendo por espaço de 60 anos a varonia d'el-rei D. Afonso Henriques.

Tambem cristãos-novos havia no partido de D. Miguel, salientando-se até por *fanatismo* como é muito natural em cristãos-novos; — mas esses eram puros incidentes, aberrações fisiológicas a que poderiamos dar o nome de *trocados*. Ele, em verdade, uma raça quando invade, invade tudo, invade adeantados e atrazados!

A Monarquia constitucional, restaurada em 1834, continuou a nobilitar muitos judeus, e agora com uma azáfama desusada. Não havia comerciante na Provincia que podesse ter um bocado d'influencia politica que não fosse imediatamente agraciado! de modo que a nobrêza nesta época estaria justamente em não a ter!... Ainda hoje, alguns desses titulares teem as suas tradições de judaismo, — taes, por exemplo, os condes de Pinhel, os titulares oriundos da Covilhã, e ultimamente, muito recentemente, os Condes de Burnay, e boa parte de titulares da Beira, e de todo o Paiz! Ora isto era a ruina da Nobrêza, que por sua vez é o esteio das monarquias. Para haver Nobrêza ha que haver se-

18

O cristão novo Rafael Bordalo Pinheiro, o mais célebre caricaturista portuguez. e com esse atributo um dos maiores demolidores da Monarquia

quencia mental e material numa raça perfeitamente definida (porque Nobrêza é uma raça e não uma classe).

Contudo, a Nobrêza militar feita em Portugal no século passado ainda era de varonia portugueza, ás vézes descendente de *filhos segundos*.

Mas o blóco avançava; uma revolução muito maior, um assalto integral á vida do Estado, se vinha acumulando para melhor acentuar o dominio da Raça! Os judeus, a quem outrora chamavam os *publicanos*, principiavam a chamar-se *républicanos*. Em Janeiro de 1891, os judeus do Porto (e ahi, justamente, pela opressão duma raça mais germanica) desencadeiam uma abortada revolução.

A Universidade de Coimbra espalhava redados de bachareis por todo o Paiz, pelas redações, pelos comicios, cheios de entusiasmo e mocidade (como jámais!) em contente agressão à Igreja e ao Estado!

Nestes républicanos da *propaganda* (nos que o eram *desde os bancos das escolas*, segundo a sua expressão mais favorita) para haver a *Fé* a *Esperança* e a *Caridade* só faltava uma coisa: a Caridade! A monarquia tornara-se ridicula e chasqueada!

Dentro do Estado Monarquico os proprios monarquicos tinham pudôr de se confessarem como tal. Rafael Bordalo Pinheiro, cristão-novo duma rara babilidade caricaturista, habituara a despedaçar pela risada; Bordalo Pinheiro, o mais *damninho* roedor do cédro monarquico!

— Mas quem eram os républicanos da *Propaganda*?...

— A tumultuosa multidão de revolucionarios descendia dos *liberaes* do dia d'hontem, — era a filha dos liberaes de sangue hebrêu, — emquanto que a filha dos liberaes de estirpe antiga ficava atraz agarrada á Monarquia! Assim se fazia a seleção pela politica, se irradiavam os elementos extranhos á Raça. A maior parte dos *liberaes* da Monarquia já eram de varonia cristã-nova; e destes é que descendiam lidimamente os revolucionarios républicanos de Propaganda.

Ha uma única coisa, um único individuo, — e que antes do século XVI se chamava *Judeu*, e que d'ahi até aos fins do século XVIII se passou a chamar o *Cristão-novo*, e que d'ahi até aos fins do século passado se passou a chamar o *Liberal*, e que d'ahi até hoje se tem chamado *Républicano* (donde uma pequena minoria é de mais avançados). A genealogia é completa!

Ha uma única coisa, um único individuo, um blóco indissolúvel que vem dos tempos passados aos dias d'hoje, tomando as côres superficiais das várias épocas, mas que em verdade é apenas uma coisa: a descendencia por carreira de varões dos antigos expatriados de Jerusalém? *Aqui está como das margens do Danúbio se veiu a fundar a Monarquia portugueza, e como da longinqua Palestina se veiu a fundar a República Portugueza!* Duas tribus, oriundas cada uma de seu lado, fundam no mesmo territorio Estados diferentes, por conquista uma da outra, os *Nórdicos* e os *Súdicos!*

As raças substituem-se uma ás outras dentro de determinado territorio, e se uma obsorveu uma forma de governo, a outra vencerá com forma diferente; é uma maneira de combate!

Nos républicanos do século XX, não ha apenas a *inconsciente* voz do sangue unindo-os numa unica fórmula politica, por fenómenos de simpatia, e movendo-os contra o Estado e contra a Igreja por *incoscientes* fenómenos d'antipatia! Ha mais alguma coisa, ha a *tradição*, ha a *continuidade educativa!* Não digo tradição de se sêr hebrêu (tradição que a maioria tem perdido) mas de *liberalismo combativo* contra os dominadores de Portugal, contra o Cléro e contra a Realêza! Portanto, além da inconsciente voz do

sangue, ha a tradição, o continuado exemplo, a *educação:* — O *républicano* recebeu no lar a educação do seu pae liberal, e duma liberdade passou a duas; o *liberal* recebeu no lar os principios libertarios do pai cristão-novo, e de meia liberdade passou a uma. O *cristão-novo* recebeu o sangue e o ensino do pae *judeu!* Enfim se vê, como as ligações dos actuaes revolucionarios aos judeus das comunas é mais continuada e cheia, e com maior extenção do que á primeira vista pode parecer.

A genealogia do capitão do Exercito Portuguez Arthur de Barros Basto é um exemplo frisante desta genealogia d'ideiaes. Segundo ele conta, em seu livrinho *Linhagem de Arthur Ben-Rosh,* é esta familia descendente em varonia de reis d'Israël, tombada em desgraça com a entrada dos romanos na Palestina. Yudah Ben-Rosh, aprisionado e feito escravo dum nobre romano por nome Manlius, captiva a afeição do seu senhor perante o qual toca lira e kinor, entoando canticos. Manlius instituío-o herdeiro de todos os seus bens, entre os quaes uma *vila* na Hespanha, junto a Córdova. Flavius, seu filho, vem residir nesta vila fugindo secretamente de Roma por motivo duma certa insurreição na Palestina da parte dos hebreus contra os romanos. No tempo do imperador Juliano, protector dos judeus, esta familia distinguiu-se em Córdova. E no tempo dos árabes ahi se distinguiu, tambem, Samuel Ben-Rosh, favorito do kalifa Abdul-Rahman III; Abdallah, filho de Samuel, foi médico e astrólogo na côrte do kalifa Hisham (978-987). No século X emigrou esta familia para Granada, e pouco depois para Sevilha onde se deu ao comercio. Transferida para Tolêdo, na pessôa d'Alsaïd, fez parte do exercito d'Afonso VI, rei de Castela; Alsaïd foi armado cavaleiro, obteve brazão d'armas e adoptou o nome de Diego. No seculo XIV um seu descendente, devido a certa perseguição contra os hebreus movida pelo monge Vicente Ferrer, teve que se converter ao cristianismo, — conversão aparente com que se passou a Portugal a praticar livremente o judaismo. Em Portugal o apelido Ben-Rosh, ou Bar-Rosh, evoluíu para *Barros.* No

seculo XVI passou do Porto, ao serviço do Xeque de Tanger, Yacob Ben-Rosh (Diogo de Barros); e pouco depois pôz-se ahi ao serviço dos portuguezes, como espião. D. Afonso V fê-lo cavaleiro de sua casa e concedeu-lhe brazão d'armas. Seu filho José foi astronomo, no reinado de D. João II. Advindo o reinado de D. Manuel, fôram forçados a entrar na religião chistã, e passaram, então, ás terras de Basto, onde tinham alguns bens, ficando-lhes, por isso, o apelido de *Barros de Basto*. Prosiga a narração do capitão Arthur de Barros Basto:

«Era já Daniel em anos adiantado, quando o rei maldito «D. João III deste nome trouxe para Portugal o monstruoso e «cruel tribunal da Inquisição, que ferozmente perseguiu os novos «cristãos, lançando-os em escuros cárceres e queimando-os em «fogueiras nas praças.

«Então Daniel tomou seus filhos e com eles fugiu do paiz «onde nascera, buscando outro onde liberdade houvesse, e, «enquanto alguns dos seus parentes iam para Flandres, ele foi «para Genova, onde o senhor lhe acabou com sofrimentos tiran-«do-o deste mundo».

Ora de novo com o apelido de Ben-Rosh saiu esta familia de Génova para Tunis, depois para Nápoles, e nos fins do século XVII para Marselha; pouco depois foi juntar-se á colonia dos judeus portuguezes de Bordeus. José Ben-Rosh, nascido em Bordeus em 1737, houve de sua mulher Maria Brandão, Yacob Ben-Rosh (Jaques ou Jacome de Barros Basto), que, com seus paes, se estabeleceu em Portugal em 1790. Jaques, por motivos politicos, é perseguido pelos partidarios de D. Miguel e forçado a fugir em 1828.

Aqui de novo a narração do capitão:

«Por volta de 1790 Joseph Ben-Rosh (ou de Barros Basto), «veio estabelecer-se em Portugal acompanhado de sua esposa «D. Maria Brandão e de seu filho Jaques. Era um rebento duma «familia, que o clarão das fogueiras do Santo Oficio tinha afu-«gentado do paiz que amava, e que agora voltava porque nele «havia já um pouco de tolerancia e um pouco de liberdade.

«O rei de Portugal, D. José I, devido ao esforço do seu «ministro o Marquez de Pombal, acabara com as formulas odiosas «dos antigos processos inquisitoriaes e abolira todas as distinções «entre cristãos velhos e cristãos novos, declarando estes aptos «para todos os empregos.

«Joseph exerceu o comercio de pedras preciosas.

«Em 1809 perdeu ele a esposa, e pouco lhe sobreviveu, «pois em 1811 falecia na cidade do Porto.

«Seu filho Jaques casou com D. Sarah Carvalho, de Bordeus, «da qual a 9 de Janeiro de 1814 houve um filho, a quem chamou «Samuel. Este parto abalou de tal forma D. Sarah, que veiu a «sucumbir algumas semanas depois.

«Jaques era como seu pae mercador de pedrarias Nas via- «gens que fazia a França foi sugestionado pelas ideias republica- «nas, que germinavam naquele país, e impulsionado pelo encanto «que delas irradiava, lançou-se na sua propaganda em Portugal «por meio, não só da palavra mas tambem, e principalmente, «pela introdução e divulgação de livros e outros impressos ten- «dentes ao almejado fim.

«Em 1818 tendo sido avisado de que alguem o denunciára «á policia, acusando-o de venda de livros sediciosos e de ser «um agente secreto de sociedades maçonicas, emigrou para «França, deixando seu filho confiado a um mercador do Porto, «João de Sá, tambem descendente de cristãos novos.

«Regressa a Portugal após a revolução liberal de 1820, «mas em 1828 em virtude do fracasso de movimento revolucio- «nario operado no Porto contra o absolutismo, é novamente for- «çado a sair do país, e desta vez para sempre».

Francisco Carlos de Barros Basto, filho do precedente, foi contador judicial d'Amarante, e ahi viveu casado com uma senhora cristã.

«Embora não tivesse oficialmente ingressado em comuni- «dade alguma hebraica, nem possuisse o baptismo cristão, seguia «no seu intimo a religião de seus avós, a qual ensinou a seu filho «Albano, que Deus chamou ainda joven á sua presença, e a

«seu neto Artur, filho de José. Como o meio em que vivia era «um pouco fanatico ocultou, como poude, a sua origem e fé».

Morreu em 1897. Dois filhos embarcaram para a América, e outro, José Carlos de Barros Basto, mercador e proprietario, teve de sua mulher D. Maria Ernestina de Bessa Fortes, cristã, Arthur Carlos de Barros Basto (Arthur Ben-Rosh) oficial do Exercito Portuguez. Arthur tomou parte na Grande Guerra, comandando uma companhia de infanteria portugueza, combatendo na Flandres; tem varias condecorações «foi o iniciador em Portugal «do aduarismo (adaptação portugueza do Scouting), destinado «a tornar a mocidade sã, fisica e moralmente; contribuiu pela sua «boa vontade, tenacidade e espirito organisador para o estabe - «cimento da Républica Portugueza em 5 de Outubro de 1910; «tentou difundir nos meios populares á doutrina e a moral estoica «ou oryamita, que ele, em seus escritos, dulcificou com o senti- «mentalismo semita e lhe deu uma «forma facilmente assimilavel pelas «multidões»; (assim o escreveu no dito livro *Linhagem de A. Ben-Rosh*).

19

O cristão-novo Arthur de Barros Basto (Ben-Rosh), escritor e capitão do Exercito Portuguez, novamente convertido à fé dos judeus. Sua ascendencia é de livres-pensadores, liberaes, e finalmente rêpublicanos. Colaborou na implantação da Républica. Pretende restaurar a Sinagóga do Porto, encerrada desde 1496

O capitão Barros, como coisa frequente em cristãos-novos que disso têm ainda a tradição, regressou ao judaismo, e vae restabelecer a sinagoga do Porto, fechada em 1496.

Esta historia genealógica dos Ben-Rosh, mais ou menos lendária em seus principios, é mais ou menos a historia de todas as familias républicanas. Ainda citarei mais este exemplo: e é o caso do conspirador radical Orlando Marçal, duma familia israelita de Fózcôa. Como *judeus* e protectores dos francezes fôram os Marçaes, com todos os outros cris-

tãos-novos, perseguidos em 1808 pelas familias cristãs-velhas dessa vila, á voz do P.e José Maria Leite, espancados e trucidados homens, mulheres e creanças, como compete em perseguições de raças, até ao exterminio da semente. Advindo o reinado de D. Miguel, em que com violência a perseguição á raça se marcou, — escreve a *Defesa de Portugal*, contra os *malhados*, contra a raça inimiga: «Não devem escapar as *malhadas*, ou «novas ou velhas, ou desembaraçadas ou gravidas, e estas não «só em razão de si mesmas, como pelos frutos da iniquidade, «marcados já no ventre com o ferrête da *malhadice*». (*Paginas de Sangue*, por Sousa Costa, pag. 15).

No miguelismo são perseguidos os cristãos-novos de Fozcôa por serem pedreiros-livres e jacobinos. Mas eles mesmos capitaneados pelos Marçaes se fazem perseguidores com o constitucionalismo de 1834, sendo Manuel Marçal a alma damnada, o *espirito satánico* da *Guerrilha* de Fozcôa. Os odios represados expludem com violencia: principia o calvario dos cristãos-velhos! E Souza Costa escreve no seu livro *Paginas de Sangue (Brandões, Marçaes & C.a)*: «Uma vez mais, sobre Fozcôa, a vila sa«crificada dos judeus, desce a nevoa densa do terror. Desde 34 «a 38, á sombra do liberalismo impenitente, os assassinios con«tam-se por duzias, os saques somam centos de milhares de cru«zados.

«E o terror estende-se ás nobres quintas do Douro e das Beiras, viceralmente tradicionalistas, onde se guardam riquezas de «nababos, baixelas e panos muraes, moveis e joias de estimação.

«A do Ferro, no caminho de Trancoso, é das primeiras as«saltadas. Assaltam-na os Marçaes, auxiliados por guerrilhas de «varios concelhos, que depois dum combate renhido com grossa «criadagem a põem a saque e dividem entre si o despojo de oi«tenta mil cruzados. Na do Morgado de Rabaçal, batido á luz «do dia, morre o fidalgo miguelista, seu dono, defendendo-a he«roicamente. Da mesma forma, morre o proprietario da quinta «da Canameira, tambem miguelista, quinta comida pelo fogo, de«pois de assaltada e saqueada.»

Os Marçaes tinham sido partidários da revolução de *Septembro*, revolução radical em 1836; mas já ricos em 1838, e vendo-lhes fugir o predominio com o governo conservador de Costa Cabral, (que tendo saido da revolução de *Septembro* contra esta se voltava agora), aderem a este e desta vez perseguem em Fozcôa os seus antigos correligionarios e irmãos de raça a quem apodam de republicanos e jacobinos, taes os judeus: Campos Henriques, Lopes Cardozo, Cavalheiros, Campos, Navarros, barão de Vila-Nova, etc.... cem familias que fogem!

Com as mesmas tradições de líberalismo advindo a República em 1910, os Marçaes continuam ainda nas mesmas perseguíções ás mesmas familias.

São ainda as rivalidades do seculo XVIII entre cristãos-novos e cristãos-velhos, continuadas, ininterruptamente no seculo XX: as mesmas familias odiando-se do mesmo modo. Ora no seculo XVIII dizia Pombal que a unica divergencia na familia portugueza era unicamente a que existia entre cristãos-novos e cristãos-velhos. O proprio conceito de *Povo liberal républicano*, foi algum tempo sinónimo de raça hebreia, quer confessada, quer inconfessadamente.

Para dar um exemplo cito a pagina 168 dum romance de 1876, *O Christão Novo*, cujo auctor, um Diogo de Macedo, põe esta prosa generosa, n'aquele estilo exaltado do seculo XIX, estilo de comicio, — na bôca dum personagem libertário:

«O povo é o elemento mais forte das instituições politicas e «da ordem social: o eixo e as rodas da machina social. Seria «preciso, conseguintemente não despoja-lo da sua personalidade «e da sua liberdade... Mas quando irromperá a folgorosa alvo«rada em que esse rebanho de ilotas ou escravos desperte ao «grito heroico e triunfal de um novo Spartaco, o libertador dos «povos? Quando, proclamado o advento da igualdade e da justiça, «surgirá a epocha redemptora em que a essa *cohorte renegada «de hebreus* se concedam pelas prescripções de uma legislação «benefica e humana os foros de cidadãos e os direitos de ho«mens livres, a sua alforria política e social enfim?»

Nunca em Portugal o povo que protestou (e principalmente o orador do povo) contra a sua propria condição de povo, outro foi que o hebreu!

E quem durante uma existencia d'alguns séculos se insurgia em Portugal contra os hebrêus, os mesmos são que neste 1.º quartel do século XX se insurgem contra os homens da República. O partido anti-semita em Portugal continúa existindo sob o aspecto d'anti-republicano. Não acabou o partido anti-semita com os últimos algozes do Santo Oficio; seria muito grosseiro pensar assim; houve sómente uma mudança de nomes: *republicano* em lugar de cristão-novo, *monárquico* em logar de cristão-velho (e isto pelo decreto de Pombal que abolira a distinção entre cristão-novo e cristão-velho).

A promiscuidade que de ha pouco mais dum século se tem feito com a perda do conhecimento das origens, tem sido o motivo da irregularidade e polverisação de afectos em que desharmonisam os portuguezes. Ainda bem que existe um caminho d'apartamento, uma maneira d'aclarar; esse caminho é a separação em odios politicos, a divisão em partidos!

A desordem moderna, que tem trazido o mal-estar a todo o individuo, não é senão a promiscuidade de raças opostas, a sua profusão cahótica. Ha uma maneira entretanto, de as fazer separar: — a tendencia politica (e outras milhares de tendencias). Não é esta desordem a consequencia da *mistura* de raças em matrimonio (que se não dá, e no caso de se dar — pouco procria); — não, a desordem moderna provém da *promiscuidade* das raças opostas, e não da sua mistura.

Antigamente os rebanhos étnicos encontravam-se separados em espaços diferentes; mas a nossa recente civilisação, os nossos recentes progressos, aceleraram a promiscuidade dos bandos étnicos, conflagrando os individuos em *borborinho*. Agora o borborinho continuará emquanto a situação se não aclarar pela separação dos elementos. O ideal politico é instintiva seleção.

Subia os degráus do trono o rei D. Carlos, próspero rei

20

Ernesto Rodolfo Hintze Ribeiro, cristão-velho. Presidente do Conselho de Ministros d'el-rei D. Carlos

duma péssima fortuna. Logo de começo, com o *ultimatum* d'Inglaterra a Portugal, desenvolve-se a propaganda da República, pela voz dos médicos, dos boticarios, dos caixeiros viajantes, dos logistas.

Em 31 de Janeiro de 1891 os cristãos-novos do Porto fazem nessa cidade um movimento revolucionario repúblicano. Imediatamente sufocado, segue-se um periodo de propaganda libertaria.

O *anti-simitismo*, representado pelo ideal conservador, agitava-se no começo do século XX como um ultimo estrondoso apêgo á vida. Estávamos a dois anos da Républica. Já de novo a Companhia de Jesus tomava em seus braços a mocidade,e como outróra, principiava a invadir as salas do Paço. João Franco, cristão-novo do Fundão (por alcunha o *Judeu Alcaide,* segundo me informam, e neto do cristão-novo o *Farinheiro* do qual dizem, guiara nas Beiras a invasão dos francezes), o cristão-novo João Franco convulsionava a politica portugueza chefiando os inimigos da propria raça. (Sintomatico é tambem, como mais tarde, com o advento da República, grande numero dos partidarios de João Franco, e dos mais ruidosos, se tivesse justamente filiado no partido radical, o partido democratico, chefiado pelo hebreu Afonso Costa; — não era isto ainda um afim de raças?)

Por insistencia d'el-rei, cuja amizade e confiança captivára, tomara, João Franco, o cargo de Ditador do Reino.

Pondo a indole e os seus processos judaicos ao serviço dum rei, do qual fôra indiscutivelmente um dos maiores amigos, o Ditador acelerava o desabar da Realêza. Alheio, por ignorancia, ou leviandade, ao subterraneo estado da Nação apunhalava a pro-

pria Monarquia com a mesma pena com que lavrava os seus decretos.

Agora para a avalanche ameaçadora, a cohorte dos hebreus, qualquer minima disposição do Ministro, por mais inofensiva ou util (mas quasi sempre defensiva!) era logo recebida por inútil, e mais do que isso, por opressiva e prejudicial, atentória contra os direitos do homem, e da mais infame e absurda tirania. Sempre o culto do exagêro que teem os hebreus, caricaturistas por excelencia!

Insultos, ameaças e boatos colaboravam no naufragio da barca monarquica. O costume *ancestral* da boa educação diminuia a defêsa cristã-velha perante a virulencia duma ancestral qualidade oposta. A campanha de descrédito fôra urdida com fecundidade de invenção, e prontamente cumprida; tudo servia de pretexto: o assassinio duvidoso de Sara de Matos, o exilio duvidoso dos républicanos para Timôr, as despezas duvidosas do Paço, os vestidos duvidosos e carissimos da rainha, as viagens da familia real, etc. Virtualmente esta mesma campanha tinha ela-propria começado em 1492 com a entrada em Portugal dos judeus imigrados de Granada.

A 28 de janeiro de 1907 aborta um movimento républicano; e uma atoarda correu como corroeu, fôra sàbiamente aproveitada!): — e era que João Franco tinha entregue á assignatura do rei D. Carlos um ousadissimo decreto de expulsão dos principaes, e dos não principaes, republicanos; que havia listas formadas com gentes de cidades, vilas e aldeias!... E a 1 de fevereiro de 1908 o cristão-novo, duma familia tradicional de Traz-os-Montes, Alfredo dos Reis da Silva Buiça (natural do logarêjo de Vilartão, freguezia de Lebução, entre Chaves e Vinhaes, e cuja exclusiva população é de judeus, ruivos, geralmente, como ruivo era Buiça), assassina na rua o rei D. Carlos, o ultimo rei efectivo dos portuguezes .. ou antes, dos antigos portuguezes! justamente por ele não ser já o rei dos portuguezes é que pagou com a morte a propria... vida! E assim era que ficava revogado o édito de expulsão da multidão dos descendentes dos *conversos!*

22

D. Carlos I, rei de Portugal, assassinado ás mãos dos cristãos-novos a 1 de fevereiro de 1908. (Varonia germanica Saxe-Coburgo-Gotha)

D. Carlos, um loiro de cabeça germanica, de modo algum poderia entender-se e servir de rei á massa pardo-judaica de Lisboa!

Não se pode ser rei num formigueiro alheio; ha pelo menos que ser da raça d'aqueles que dominam, dos que teem toda a força da Nação! Os reis fizeram-se para os seus povos; são a propria substancia dos seus povos!

O Governo foi demitido imediatamente, desconsiderado, e o Presidente obrigado a sair do Reino. Ora a verdade é que, para a causa monarquica existira um momento muito mais perigoso que o que fôra o da admissão de João Franco, — e era o da sua demissão! Nunca uma Côrte inhabil se tornou tão prejudicial a si-propria, como n'aquela occasião. Demetido o Governo substituio-o o de Ferreira do Amaral, republicano como depois o demonstrou. ...E foi assim que se implantou a Républica!

João Franco, com palavras amargas, as *Palavras Finaes* daquele seu livro contendo as cartas que lhe escrevêra el-rei D. Carlos, (publicado neste ano de 1924), comenta o Regicidio, e os sucessos posteriores, nos termos seguintes:

«O que devia ter acabado de perder os revolucionarios e «agitadores de todos os matizes, salvou-os.

«O ministerio foi immediatamente demittido, e substituido «por outro, tirado dos elementos opposicionistas e presidido por «um homem que, feita a Republica, se fez republicano.

«O presidente do conselho exonerado foi forçado a sahir de «Portugal;

«Os outros ministros seus collegas, impedidos de assistir «aos funeraes régios;

«Os conspiradores e presos em flagrante, do 28 de janeiro,
«postos sem mais nada em liberdade;

«Os assassinos do 1.º de fevereiro, eram glorificados *urbi-*
«*et orbi,* comparados na imprensa, por pessoa de marca entre os
«inimigos das Instituições, aos heroes de 1640; e o poeta maximo
«do tempo (o auctor refere-se aqui ao cristão-novo Guerra
«Junqueiro) dizia, publica e espetaculosamente, ajoelhar deante
«de quem *matara por amor e ferira o innocente para cortar*
«*pela raiz a má arvore;*

«Os covaes dos regicidas eram alvo de romagens de con-
«fraternização e desaggravo, egualmente consentidas e publica-
«mente feitas;

«Os jornaes abriam sem rebuço nem respeito, antes com
«animo agressivo e revolucionario, subscripções a favor dos fi-
«lhos d'aquele dos regicidas que os deixara;

«Era afastado para Macau o oficial bravo e leal que, com
«risco de vida e a preço ainda do seu sangue, atravessara com
«a espada um assassino, no cumprimento do duplo dever de ofi-
«cial ás ordens de El-Rei e de agente da força publica;

«Publicava-se no *Diario do Governo* essa carta de 5 de
«Fevereiro, concepção atroz do governo, dada a assignar a uma
«creança salteada tragicamente pela dura obrigação de reinar;

«Realizadas eleições geraes no dia já anteriormente marcado,
«de 5 d'Abril, traziam os republicanos à Camara 13 deputados,
«elles que nunca mais de 4 haviam feito eleger; e derramara-se
«mais sangue e perderam-se mais vidas nesse dia, e só na elei-
«ção de Lisboa, do que em todas as eleições e episodios de rua
«dos ultimos tempos da Monarchia;...

«...Decretava-se pouco depois a realização da eleição muni-
«cipal de Lisboa, e os republicanos já reforçados na Camara dos
«deputados, que dominavam pela sua audacia e prestigio, cres-
«centes desde o regicidio, tomavam victoriosamente conta do
«municipio da capital do Reino, da sua thesouraria e influencia
«politica;

«A falta de condições de governo dos partidos e elementos

«monarchicos accentuava-se, na rapidez com que se iam inutili-
«zando successivamente todos os ministerios por elles organizados
«— não menos de cinco em pouco mais de anno e meio — qual
«d'elles mais insubsistente e ephémero ; e o poder subalterniza-
«va-se por outro lado em concessões e transigencias repetidas,
«deante de um inimigo insatisfeito, que avançava a passos largos
«e decididos para a conquista do poder ;

«Finalmente, em 5 d'Outubro de 1910, dá-se a proclamação
«da Republica e a queda da Monarchia, oito vezes secular, sem
«quasi ninguem a defender e sendo no momento raros a lamen-
«tarem-na...

«Poucas vezes em politica os acontecimentos se encadearam
«e seguiram com tão rigorosa e implacavel logica. E' que os
«regimes succumbem e desapparecem, menos pela força do ataque
«que pela frouxidão da defesa. Só tem direito á vida quem sabe
«fazer por ella : — é a lei barbara da nossa natureza, o impiedoso
«castigo da nossa primeira falta ....

....

«... A Justiça ficou sempre
«de olhos vendados, como allego-
«ricamente lhe cumpria. E a voz
«do nobre e intemerato Conde de
«Arnoso — o *ultimo cavalleiro,* do
«typo do Conde d'Avranches, com
«quem pelo feitio tinha mais de um
«ponto de contacto — soava como
«uma importunidade no meio do si-
«lencio gélido da Camara dos Pa-
«res, — dos grandes do Reino, que,
«com impassibilidade de bonzos, ou-
«viam as palavras justiceiras e vin-
«gadoras de leal amigo e servidor
«do rei assassinado. Ao que o chefe
«do governo respondia, entre azedo
«e enfadado, que os assassinos eram

23

O fidalgo cristão-velho Conde d'Arnozo, incarnação da lealdade medieval, cuja voz isolada em pleno Parlamento *cristão novo*, debalde reclamara acção e justiça contra os cumplices no assassinio do rei D. Carlos

«só dois, logo mortos alli mesmo, e que nada mais se averiguara «nem presumia.

«É verdade que do local do attentado fôra levantada a cara-«bina Winchester de que o assassino Buiça se servira, e com que «matara o Principe Real. E' verdade que egualmente se encontrou «o armeiro que a vendera, e que, interrogado, se recusou a dizer «o nome do comprador, sob a capciosa allegação do «segredo «commercial». E' verdade que, a principio detido, se mobilizaram «associações commerciaes, e outros meios de influencia e pressão, «em seu favor e no de tão estranha doutrina, que de juridica não «tinha nada, e de justa ainda menos, em caso tão monstruoso e «de importancia nacional, quando para mais a lei permittia o «exame, e até a apprehensão, da propria escripturação commercial. «E' verdade que essa apprehensão e exame dos livros do armeiro «detido não se ordenou nem se fez de salto, logo que o seu nome «foi da instrucção conhecido e antes mesmo de a ella ser chamado; «vindo pelo contrario a ser solto e posto em liberdade quem tão «manifestamente se recusava a auxiliar a justiça, no descobri-«mento dos responsaveis de um crime no qual a razão de Estado «permittia o emprego das mais severas e apertadas instancias e «diligencias. E' verdade que em todo o caso ficou indirectamente «demonstrado que da carabina de que Buiça se servira não fôra «elle o comprador, aliás nenhuma duvida podia haver em declarar «que o era, estando já morto, e até pelos seus em via de glorifica-«ção; e nem seria necessario mobilizar tantas forças para esconder «e occultar tal nome.

«Certo é que a justiça deixou escapar das mãos esse fio «conductor, perdendo-se d'ahi por deante n'um labyrintho de vere-«das e torcicollos que a levaram a cousa nenhuma.»

Portugal sufocava em tramas secrétos; a Maçonaria minava; a Maçonaria, contendo em si-propria a Palestina, o mistico Oriente vertido no «Grande-Oriente»: — *signaléfas, triangulos* e *pontinhos*, — e sobretudo aquela coisa tremenda... o *subterraneo!* Já Cicero na antiguidade romana nutrira por estes *grandes mes-*

tres da conspiração, os judeus, os *maçons* de todos os tempos, um pavor que se tornava cómico; e protestava, que, quando uma acção juridica tocava os interesses dos hebreus, ele, Cicero, se punha a falar tão baixo que só os juizes o podiam ouvir porque bem sabia como os judeus se uniam mutuamente e como se metiam a perder o homem que se opozesse ás suas manóbras.

Que contra Gregos e Romanos, contra os seus mais poderosos contemporaneos, ouzaria levantar com firme voz os mais tremendos libelos acusatórios, mas que tratando-se de judeus só sabia aconselhar prudencia e redobrava a sua força oculta e misteriosa, e deslisava o mais depressa possivel por cima «desta capital de suspeita e da calúmnia: Jerusalem». (Chamberlain pag. 453).

Entretanto, o pregão predilecto das bôcas judaicas — *Liberdade, Egualdade, Fraternidade,* — tão conveniente ás raças perseguidas, soava agora em todos os cantos do Paíz! Tão conveniente ás raças perseguidas, dizia eu; e Chamberlain, escreve a proposito do mesmo assumpto (pag. 171):

«O Judeu, graças a Ezequiel, tornou-se o professor e cam-«peão de tudo que tem o nome de intolerancia, fanatismo em «materia de fé, perigo para a religião; e só invoca o espirito de «tolerancia quando se sente oprimido; . . .»

Dos *não-assimilados*, e da sua lealdade nacionalista para com os usos das suas patrias adoptivas, diz o auctor do *Bolchevisme de Salon* (pag. 541): «Eles serão leaes se forem li-«vres, assim o teem declarado invariavelmente. São a liga anó-«nima dos Direitos do Homem, pensa Séailles» — São a liga *instinctiva* dos Direitos do Homem, — penso eu, com referencia aos cristãos-novos!

Graças a eles foi ainda Portugal uma das nações do Mundo que primeiro aboliram a pena de morte... por uma como que horrorosa lembrança das *germanicas* fogueiras do Santo Oficio!

«Se nós fôssemos membros do Tribunal (diz um aforismo «talmudico) nunca ninguem seria condemnado á morte».

Os semitas preferem substituir os valores ruidosos por inevitaveis valôres, mas silenciosos: guerra e pena de morte, por guerra e pena de morte silenciosas!

Como poderia por mais tempo manter-se em pé a desprevenida e ingénua Monarquia contra a habilidade conspiratória e manha tradicional dos cristãos-novos?! já noutro tempo el-rei D. João III para conseguir a Inquisição em Portugal (o que lhe levou muitos anos a cumprir e fôra a ideia constante da sua vida) recomendava para Roma aos seus delegados se houvessem com infinita discreção, «porque segundo a inteligencia que esta gente «tem em todas as cousas, sabendo-o se poderá todo o fruito que se «espera...»

O seu proprio delegado Duarte da Paz, um cristão-novo muito da sua confiança, jogou até á ultima com um *pau de dois bicos:* fez-se procurador d'ambas as partes, e por todos os modos — como facilmente se comprehende — protelava a contenda! A' indignação do rei de Portugal, quando descoberto este lôgro, respondia de Roma Duarte de Paz: *que não o culpasse por ter vindo a Roma, e por continuar a requerer o perdão dos christãos novos;* **porque o faço cuidando que sirvo n'isso a vossa altéza.** (Camilo Castelo Branco — *Traços de D. João 3.º*).

— E quem eram n'esse tempo os cristãos-novos, tão prescrutadores e tão astútos, e tão poderosos, que embargavam o poder do proprio Rei?!... — Eram eles-mesmos os revolucionarios d'agóra; eram os Mendes, os Costas, os Leitões, os Leões, os Camachos, os Azevêdos, os Pereiras, os Macieiras, e todos os mais nomes de todas as arvores que teem fructificado em Portugal! — Como havia de aguentar-se o Trono?!... Em Hespanha, sim, era isso possivel, em Portugal... inteiramente impossivel!

Fernando e Isabel, os reis católicos, expulsaram os judeus do territorio hespanhol em 1492; com este decréto retardaram o advento da Républica, — e ela entrou em Portugal, principiou a germinar em Portugal em 1492!... No entanto, perpétúa-se na Hespanha a semente hebreia a engrossar a cohorte republicana com

24

O coronel, cristão-velho, Pedro Celestino da Costa, morto na defeza do Trono, na Revolução da República

descendentes d'arabes e mouros; os quaes, um dia, derrubarão o dominio dos gôdos, e fecharão os conventos!

Recapitulação da Historia de Portugal:

Em 409 da éra de Cristo toda a Hespanha era ainda colónia romana, e em decadencia d'industria e população, quando uma avalanche de suevos, copiosa nação de estirpe germanica, transpôz os Pirineus, e tudo inundou a ocidente da Peninsula desde o Mar Cantábrico até ao Mondego. Estes *bárbaros* por onde quer que passavam assolavam cidades, vilas, e aldeias, incendiando e exterminando os habitantes. Ninguem mais sobrou em todo o paiz que estas tribus guerreiras, entre si dividindo as terras e os bens. Tomaram Braga por capital do novo reino, transferida depois para outras cidades, e finalmente para a cidade do Porto (Porto-do-Cale). Este reino é destruido em 585 pelos gôdos, povos barbaros tambem, e de estirpe germanic, aos quaes se tinham fixado no resto da Hespanha formando um reino com a capital em Tolêdo.

Data, pois, a **1.ª Independencia dos Suevos** de 409 a 585, sob o nome de *reino de Portocale*. Os reinos tomavam o nome das capitaes.

Subjugado o reino de Portocale, destituidos seus reis e seus fidalgos, começa a **1.ª Dominação dos Gôdos**, a qual vae de 585 ao ano de 1143; esta é a primeira dominação do reino visinho, ou *1.ª tentativa d'União Ibérica*.

Entremeio, sob a mesma opressão do povo gôdo, que pouco depois tinha o nome de reino de Leão, tiveram os portocalenses, ou portuguezes, vários incidentes de revolta; e entre eles se torna-

ram mais famosos os do ano 967, (já quando os povos da Peninsula estavam um pouco mais desafogados da *1.ª tentativa de dominação semitica*, a invasão dos arabes, judeus e moiros). Neste tempo os suevos tinham o nome genérico de galêgos, sendo a Galiza ou Portocale todas as terras jazentes entre o Mar Cantábrico e o rio Mondego; (e todos nós sabemos camo ainda hoje os alentejanos chamam galêgos aos beirões). A rebelião de 967 teve por chefes o Bispo de Compostela e o conde D. Gonçalo Moniz, um seu parente, governador em Portocale das cidades de Lamêgo, Vizeu e Coimbra. O rei D. Sancho de Leão sufocou os rebeldes, subjugou a Galiza até ao Douro, e quando se propunha passar este rio (diz um docomento cuëvo, o Cronicon de Sampiro) fôra envenenado pelo conde D. Gonçalo Moniz que lhe propinára veneno em uma maçã.

Restauraram os suevos o reino de Portocale na sublevação de 1143, aclamando por seu rei a Afonso Henriques; e deste ano a 1580 vae a **2.ª Independencia dos Suevos**, — o 2.º Estado suevo. Neste entremeio se conquistaram todas as terras até ao Algarve, e entraram em Portugal os judeus andaluzos, em 1492.

Por um incidente dinástico no ano de 1580, apóz a derrota que infligiram os semitas do Norte de Africa aos cavaleiros portuguezes, tombaram os suevos pela 2.ª vez nas mãos dos gôdos, que já ao tempo tinham nome de *reino de Hespanha* pela conquista de Granada. Esta **2.ª Dominação dos Gôdos**, (ou 2.ª tentativa d'União Ibérica) vae até 1640.

Neste ano, restaurado Portugal pela 3.ª vez, vae a sua independencia, isto é, a **3.ª Independenc**

25

O cristão-velho Almirante Hermenegildo de Brito Capelo, o afamado explorador que com Ivens e Serpa Pinto consumara a travessia d'Africa Foi o ultimo chefe da casa militar d'el-rei, e inabalavel defensor da Monarquia

26

O cristão-velho, e prégador notavel, P.e Luiz Gonzaga Cabral, Provincial dos jesuitas portuguezes expulsos em outubro de 1910

dos Suevos, 3.º Estado suevo, 3.º reino de Portugal, (de cada vêz mais combalido pela desenvolução dos cristãos-novos, invasores de 1492, e dos semitas restantes), — vae, enfim, esta nação suevica ou germanica, até ao ano 1910, em que, sob a forma de governo republicano começa a 2.ª dominação semitica. Os judeus tinham afectado as formas politicas revolucionarias, sucessivamente de — heréticos cristãos-novos nos seculos XVI e XVII, pombalistas no seculo XVIII, liberaes no seculo XIX, e finalmente républicanos no seculo XX em que de vêz tomam posse do Estado.

Com a Revolução dos cristãos-novos, em 1910, estava historicamente resolvida a vingança que havia a tomar aos cristãos-velhos dos sucessos de 1506, aquela célebre matança, a mais cruel e sanguinosa revolução que até hoje tem havido em Portugal! E fôra o caso que, na Igreja de São Domingos, de Lisbôa, em dia de Pascoela de 1506, vira o povo um reflexo de luz num crucifixo, e havendo-o por irradiação da propria imagem, subitamente o tomava por milagre. Um desprevenido e incáuto cristão-novo, argumentando o fenónemo por natural, fôra como que uma espécie de faúlha

27

Comandante Paiva Couceiro (cristão-velho tradicional) ultimo reducto da Monarquia Portugueza.

28

O conselheiro cristão-velho Azevedo Coutinho: o *Heroe d'Africa*, intrepido defensor da Monarquia. Incarnação do militarismo germanico

tombada num paiól de pólvora. A multidão convulsiona-se; sáem do templo dois frades, de cruz alçada, aos gritos *d'heresia, heresia!* incitando a multidão á atroz vingança. Rápidamente são lançados em fogueiras pelas praças dezenas, e centenas, d'individuos. A marinhagem dos navios estrangeiros auxiliava-os na faina. Ha cadáveres em monte, creanças estranguladas, cráneos esmigalhados de encontro aos muros, esperando a sua vêz d'entrar nas fornalhas. Morrem nesta tarde 500 pessôas. Ao outro dia as violencias redobraram; a vingança da multidão em geral, faccionava-se nas vinganças particulares. A luxuria e o roubo acompanham a ebriedade da populaça. Neste dia as infernaes forquilhas revolveram nas chamas mais mil corpos. Ao 3.° dia mais 500 perderam a vida. Na pequena população da Lisbôa d'então, dois mil moradores tinham morrido, dois mil cristãos-novos! A Cristandade estava bem vingada .. mas ficara a semente para séculos futuros! Sôbre as cabêças d'aqueles treslouucados portuguezes suspenderam os judeus a espada de Démocles.

Esta era, pois, a mais cruel e horrivel revolução de Portugal; depois dela, apenas a revolução que fêz a Républica (e que nem mesmo ao de leve se lhe compara!). Esta

29

Frederico Pinheiro Chagas, cristão-velho, 2.° tenente da Armada Portugueza. Suicidou-se com o triunfo da Républica; fôra o simbolo duma raça que se extingue!

era agora a Revolução dos cristãos-novos, a grande Revolução dos descendentes e directos representantes desses hebreus! Como acima da razão do Homem se encontra ainda uma *razão da Historia!* O Homem é o cégo instrumento dessa razão, dessa memoria que recorda e vinga os séculos idos, e da qual o individuo não participa!

Em outubro de 1910 encontrava-se vingada a façanha dos frades. Nos dias do triunfo da Républica, nesses dias famosos da inversão duma raça, fizeram-se pelas ruas de Lisbôa verdadeiras *montarias* aos padres católicos — a esses simbolos e refugio da Cristandade. A multidão dos heréticos cristãos-novos, tantas vêzes reprimida, saciava-se agóra, bacanal de desforra, contra o Clero... *familiar do Santo Oficio!* Assim procedia a multidão de cristãos-novos, *sem sequer suspeitar a causa ancestral desta révanche!* . .

Os religiosos da Companhia de Jesus, de conjuncto com os d'outras ordens religiosas, fôram imediatamente encarcerados, e contra eles promulgado um édito de expulsão.

El-rei, a familia real e alguns fidalgos, palmilhavam clandestinamente o caminho do exilio!...

... O rabí exilado em 1496 tivera razão quando proferira a terrivel profecia de que em Portugal não acabaria de reinar outro Manuel!!

Estava vingada a matança de cristãos-novos na Pascoéla de 1506!

Em tudo e por tudo *era o fim da dominação germanica, principio da dominação judaica*.

Em 1496, el-rei D. Manuel I, de Portugal, tentou expulsar os judeus; não os expulsou. E eles expulsaram el-rei D. Manuel II, de Portugal, em 5 d'outubro de 1910!...

O Comandante cristão-velho Paiva Couceiro tentou suster por movimentos militares os ultimos reductos da Monarquia, contra os movimentos revolucionarios dos cristãos-novos. Tudo debalde! Como um ponto final na sangrenta tragedia de 5 d'Ou-

30

D. Manuel I, rei de Portugal, auctor do édito da «Expulsão dos Judeus» em 1496, (Varonia germanica d'el-rei D. Afonso Henriques)

D. Manuel II, rei de Portugal, expulso pelos descendentes desses judeus em 5 d'Outubro de 1910. (Varonia germanica Saxe-Coburgo-Gotha)

tubro, o vulto germanico de Frederico Pinheiro Chagas, 2.º tenente da Armada Portugueza, em si simbolisando a raça proscrita, despedaça com uma bala a propria vida! Fôra como que um simbolo da Cristandade, um *fim de Imperio* que prefere morrer ás suas proprias mãos: ultima bala com que a raça a si-propria se liquida! Uma outra raça vae entrar em scena, a *raça da Républica*, a raça hebreia!

A preponderancia que a Inquisição tentou debelar, por espaço de tres séculos, surgia agora em redondo, e afirmativa: *proclamou-se a República!*

REPÚBLICA: ESTADO JUDAICO:

outra raça; a nova nação; O aniquilamento do Estado suevo. A República portugueza foi, em verdade, por uma pura intuição, sem intervenção da consciencia, uma assignalada invasão do povo hebrêu nos dominios da politica nacional. Sempre os judeus teem administrado este paiz ás ordens das falanges

suevo-gôdas; um dia, porém, de administradores passaram a senhores:— *proclamou-se a República!*

—Tem sido uma vingança étnica, (escrevi em 1921); o suevo-godo bate em retirada ou fica irrisóriamente no Exercito simbolisando a fôrça fisica submetida á fôrça mental! O descendente do Inquisidor é inquisitoriado pelo cristão-novo!...

31

Os hebreus victoriosos aglomerados na Rotunda em 1910 por ocasião dos funeraes Bombarda. As victimas de 1506 triunfantes em 1910.

Crearam os portuguezes o Tribunal da Inquisição para evitar a avalanche dos cristãos-novos; cessou o Tribunal, e a avalanche espalhou-se ao de cimo! Antes tivessem o cuidado de se tornarem prolificos: toda a vida é uma luta p'la descendencia.

Pelo mesmo fenómeno da improlificuidade e extinção de familias, viu a aristocracia portuguêza, surgir-lhe deante o seu grande inimigo de todos os tempos, mas em todos os tempos submetido e só agóra triunfante: o Semita!

—Os que dominam hoje em Portugal, quer eles o saibam quer não, são os descendentes directos dos cristãos-novos; directos quere dizer: de varão a varão; porque é ahi na linha varonil que se dão unicamente os fenónemos atávios. O filho não é independente do pai, e o filho e o pai não são independentes da sua raça!...

32

O estandarte da Maçonaria nos funeraes Bombarda. Fôra em redor deste simbolo do Oriente, simbolo d'Israël, que se agregavam, como em *Comuna Secreta*, até à República, os descendentes directos dos hebreus portugueses

Em Portugal as bandeiras religiosas separavam outróra os bandos étnicos: judiarias, mourarias, fidalguias ... cessaram as bandeiras; fizeram-se esquecer os antigos rebanhos; e sem que o saibam, eles ahi estão organisados em bandeiras politicas!...

Em Portugal começaram a dominar p'lo

Constitucionalismo; fôram tomando progressivamente as finanças, a medicina, o bacharelato em geral, e um belo dia, 5 d'outubro de 1910, assaltam definitivamente o Podêr!

Entrar no Parlamento portuguez o mesmo é que entrar numa sinagóga! —

E' interessante cotejar a fotografia do ultimo parlamento da Monarquia (na parte mais integral — a Camara dos Pares, se bem que assaz invadida de judeus) com o 1.º parlamento da República: dão-nos a impressão de duas nações diferentes!

33

Os cristãos novos Eusébio Leão e José Relvas proclamando a Repúlica das janelas da Câmara Municipal de Lisboa.

Poderia mesmo o caso não ser assim, e sêr o Parlamento da Monarquia todo de judeus, que mesmo esse facto não destruia este outro facto: o de sêr a República o assalto definitivo dos judeus ao Poder!

Mas se é forçosa a citação de nomes, ahi vão alguns deles, dos *centenares de milhares* que encheriam a lista desde os membros do Governo Provisorio, até aos anónimos democráticos de vilas e aldeias.

Afonso Costa (principiemos por este, — por esta coluna da República Portugueza) descende em linha recta de judeus, dos Costas cristãos-novos de Vilar-Sêco pequeno lugar do termo de Vizeu. Um seu antepassado, Pero da Costa, natural de Ceia, cristão-novo, e *rabí*, começou sofrendo os tormentos do Santo Oficio a 5 d'outubro de 1636, e foi queimado na Inquisição de Coimbra, por *herege, apóstata, negativo e pertinaz;* (Processo n.º 6633, Torre do Tombo).

Manuel de Brito Camacho, cristão-novo, natural d'Aljustrel, oriundo por varonia dos Coelho Gomes, cristãos-novos d'Almodovar; pelo lado dos Camachos provém dos deste apelido do

34

O cristão-novo Guerra Junqueiro, profeta da Revolução que implantou a República em 5 d'outubro de 1910

termo de Beja, de que abundam condemnados em autos-de-fé; (consultem-se as listas dos autos-de-fé, *coleção Moreira*, na Biblioteca Nacional).

França Borges, fundador do jornalismo républicano, e retintamente democrático, — é tambem retintamente cristão-novo, dos Borges infamados do termo de Lamêgo; são conhecidos de todos os que estudam as diligencias do Santo Oficio. Os Borges, como os Silvas, os Rodrigues, e os Pereiras, eram das familias mais copiosas de judeus. França Borges é um exemplar perfeitissimo de sefardim.

Guerra Junqueiro, de quem é costume dizer-se sêr o Profeta da Revolução que implantou a República, é um cristão-novo das colonias tradicionaes de Traz-os-Montes, e o mais prompto tipo de judaismo classico. E', por excelencia, o Poeta libertario entre os portuguezes, como Anatole France entre os francêzes (judeu portuguêz da colónia de Bordeus) chapa integral do facies de Junqueiro.

São tambem cristãos-novos (muitos deles com conhecimento e tradição do facto) Bernardino Machado, reveviscencia sefardinica, que parece extraido d'altos-relêvos do tempo do Captiveiro; Antonio Macieira, José Relvas, João de Menezes, Afonso de Lemos, *tendo todos o conhecimento de sêrem judeus,* como tambem Ramada Curto, hoje socialista, e que pensou educar os filhos na Sinagóga (disse-o ao auctor deste livro o rabi Mucznik); o socialista Campos Melo, da Covilhã. Emfim, são judeus insofismaveis Azevêdo Gomes, Celestino d'Almeira, o juiz Ribeiro de Almeida actualmente leader do Partido democrático, cristão-novo de tradição domestica, os irmãos Rodrigues, os irmãos

Martins (Julio e Pedro) naturaes do Alemtejo e oriundos da Beira, Germano Martins, Teixeira Bastos, Belo de Moraes, Tomaz Cabreira, etc., etc.

Têm sido cristãos-novos os sucessivos Presidentes dos Conselhos de Ministros, e seus respectivos ministerios. Nos ultimos dias, que eu saiba, são cristãos-novos Antonio Maria da Silva, conspirador afamado e tipo classico de financeiro hebreu e... *engenheiro em chefe das revoluções* (usando da expressão de Gougenot de Mousseaux acêrca dos judeus), — o habil manejador d'associações secrétas, o organisador da «Carbonaria»; o anterior a este, Cunha Leal, de varonia judaica, descendente de Sancho Pessôa da Cunha um cristão-novo condemnado pela Inquisição de Coimbra em 1706 (processo n.º 9478) emigrado para o Fundão onde casou pela 3.ª vêz. Por um conjuncto de caracteristicas se observa, tambem, que Cunha Leal não pode estar isento do sangue africano. Não é caso esporádico e para admirar, — pois que uma numerosa multidão de negros penetrou em escravatura nestes reinos. D. João V fomentou numerosas colonias. O Marquez de Pombal ao abolir a escravatura, põe esta observação no preámbulo do Decreto:

«Considerando que, sob a de-«signação de prêtos, se conservam «como escravos individuos muito «mais brancos do que os seus se-«nhores...»

Deliciosa ironia que podia muito bem ser dirigida aos judeus pois que muitos são de rosto bastante escuro e sendo ao tempo já bastante preponderantes e opulentos. Pombal, apesar de defender os judeus, e de os conter por os seus melhores amigos, tambem era capaz

35

O cristão-novo Afonso Costa, incarnação da Republica Portuguesa; tem antepassados condenados pela Inquisição. E' actualmente advogado em Paris de várias colectividades financeiras

36

Tipo de *Bacharel republicano:* o judeu russo Leon Trotsky, incarnação da República dos S viets. E' da familia israëlita Braunstein

de *lh'as não poupar!* como é uzo dizer-se!

Mas os nêgros, do mesmo modo que os mouros, se bem que tenham vingado pelo sangue não conseguem, contudo, vingar p'la raça; não contam em Portugal *descendentes directos,* mas unicamente por via de femeas. Ha uma contínua *selecção sexual* que os aparta da nossa população, como, de resto, é costume suceder para com todas as raças inferiores. A's mulheres portuguezas tem cabido essa mesma selecção: por isso mesmo que mais mulatos existem filhos de branco e de mulher negra, que de negro e de branca. Os mulatos portuguezes são na maioria de varonia hebraica. Os hebreus são a esse respeito pouco escrupulosos, têm no sangue a tendencia. Dir-se-hia ser maior a diferença entre um judeu e um europeu, que a que possa existir entre judeu e negro; ha quem sustente esta teoria, e de que mais do que um laço de ancestralidade úne o negro ao judeu.

A influencia do sangue nêgro em Portugal transparece em numerosissimas pessôas, já pelo modo d'andar em balancé, já pelas manchas negras que teem no corpo, (*genipapo*), já pela côr e pelo cabêlo engrenhado, já pelos olhos abronzeados e grandes, já pelos narizes oferecendo maior superficie de frente que de lado, já pelos lábios, já pelas unhas, já pela voz semi-ventríloqua, voz que parece não passar

pela laringe, — mas principalmente pelos caracteres animicos, a tendencia para a mimica, a predileção pelo batúque...

38

Tipo de *Bacharel republicano:* A. Mendes da Costa, judeu de sinagoga, e secretário da Comunidade israëlita portuguesa em Amsterdam

Antonio Granjo, Presidente do Conselho de Ministros, assassinado ás mãos de cristãos-novos mais radicaes, na matança de 1921, era tambem cristão-novo; seu pae, Domingos Pires, vendedor ambulante e judeu do Carção, em Traz-os-Montes, era ainda dos infensos de sangue cristão. Como psicologia de cristãos-novos, o *padre católico* era para Antonio Granjo o verdadeiro objecto do seu ódio; e isto, a ponto, (diz-se), de lhe *cuspir nas faces* por ocasião das incursões monarquicas de Couceiro. O cristão-novo, e isto é conhecido em Traz-os-Montes, é mais intolerante em materia de religião que em materia de politica. O proprio cristão-novo Alfredo Buiça, de Lebução, assassino da familia real, — mais do que furioso inimigo politico era irreductivel inimigo da igreja católica (diz-m'o alguem, o poeta revolucionario Eugenio Vieira, que de perto o tratou).

37

Tipo de *Bacharel republicano*: o cristão-novo José da Ponte de Sousa, revolucionário democrático da «Propaganda» lente da Escola de Farmácia de Lisboa; (falecido).

Lopes Cardozo, caudilho républicano de Traz-os-Montes onde é conhecido por *Judeu do Sardão* (nome duma sua propriedade) é cristão-novo tambem, da famosa tribu de Lebução, antiga Labosão, os quaes se conhecem por sêrem geralmente de cabelos

39

O cristão-novo António Granjo (judeu tradicional de Trás-os Montes) republicano, e Presidente do Conselho de Ministros, chassinado na matança de 19 d'outubro de 1921

ruivos. Os transmontanos atribúem á pretensa qualidade *rabinica* de Lopes Cardoso o seu prestigio na politica da Republica! Quanto a outros politicos de Traz-os-Montes, é sabido como qualquer républicano d'importancia é infalivelmente de raça judaica. Do pequenino lugar de Lebução, situado entre Chaves e Vinhaes, colonia judaica, população de ruivos e aloirados, bôa porção d'individuos tem saido com peso na governança do Paíz. Ahi nascêra o banqueiro Souto-Mayor, judeu aloirado, de influencia incontestavel na alta finança; d'ahi é oriundo o banqueiro Henriques Tota, por seu avoengo Gabriel Henriques Tota (vide Processo 1075 da Inquisição de Coimbra), e árbitro, tambem, das finanças portuguezas; d'ahi, do logarêjo de Vilartão, era o ruivo judeu Afredo Buiça, que com dois tiros abre as portas do Poder á onda judaica; d'ahi, oriundo, outro ruivo judeu Lopes Cardoso natural da colónia d'Arcuzêlo!... Tambem o lugar de Carção, na mesma provincia, cuja população a que dão o nome de *carçonistas* é toda composta de judeus que se dedicam mais ou menos á vida ambulante de vendedores de azeite e outros productos, tambem Carção tem produzido alguns ho-

40

O cristão-novo Arthur Costa, senador da República e contador do Tribunal da Relação de Lisboa

41

O cristão noro França Borges fundador do jornalismo republicano E dos Borges infamados do termo de Basto

mens conhecidos, tal o Chefe do Governo Antonio Granjo, cujo tipo é aquele que lá predomina. Estas colónias empossadas na provincia de Traz-os-Montes (e nas outras provincias sucede o mesmo) desde 1492, teem-se derramado em assalto sôbre Lisbôa, principalmente com a abertura dos caminhos de ferro, principalmente desde o meado do século passado.

Anterior a Cardoso: Barros Queiroz, Presidente do Conselho de ministros, não tem em sua casa tradição de judeu, mas pertence aos infamados Barros, do Douro, apelido derivado de *Ben-Kosh*, autenticos cristão-novos em varonia.

Enfim, tão numerosos são eles, que résivel é até a mais restricta, como a mais comprida citação de nomes! São todos, emfim, desde os das cidades aos das aldeias, e com uma percentagem tão diminúta de cristãos-velhos républicanos que mais fácil seria proceder ao arrolamento destas anomalías cristãs-velhas!

42

Os cristãos novos Cunha Leal (de familia israëlita do Fundão), e Lopes Cardoso, caudilho republicado de Tras-os-Montes onde é conhecido por o *Judeu do Sardão*. Conhecidos ministros da República

Todos, todos, bachareis républicanos de Portugal, advogados, e principalmente médicos (que todos são républicanos); e boticarios, e dentistas, e *empregados*, e comerciantes, e banqueiros, — todos, em fim, quantos formam o ambiente desta républica, são em blóco uni-

43

Tipo repulicano, ou judaico: alguns homens notaveis da República: 1.° — Azevêdo Albuquer que, engenheiro, lente da Academia Politécnica do Porto, e membro do Governo Provisório da república que se pretendera implantar em 1891. 2.° — Felizardo de Lima, *isca a arder* como lhe chamara um jornal monarquico; revolucionário do 31 de Janeiro de 1891. 3.° — Azevêdo Gomes, médico, membro do Governo Provisório da República Portugueza. 4.° — Aboim Inglês, cristão-novo alentejano da mesma familia de Brito Camacho, industrial e actual Presidente da Associação Industrial. 5.° — Melo Leote, juiz da Relação e membro do Governo Provisório: estampa judaica. 6.° — Bernardino Machado, outra estampa judaica, lente d'Antropologia, membro do Governo Provisório e III Presidente da Repúlica. 7.° — Afonso de Lemos, médico e senador, descendente do célebre médico do seculo XVIII, Jacob Rodrigues Sarmento, de quem ainda hoje conserva reliquias. Corége-se o seu tipo judaico com o do socialista Campos Melo, adiante incerto. 8.° — Antonio Luiz Gomes, advogado, membro do Governo Provisório. 9.° — Julio Martins, médico, e irmão do lente Pedro Martins. 10.° — Hygino de Sousa, medico e lente, jornalista e revolucionário de 1891. 11.° — Antonio Macieira, advogado, membro do Governo Provisorio. 12.° — Miranda do Vale, veterinário e jornalista. 13.° — Santos Cardoso, revolucionário, deputado de 1911, e jornalista. 14.° — José Felcão, cristão novo do concelho de Miranda do Corvo, lente de Matemática e auctor da «Cartilha no Povo». 15.° Brito Camacho, medico, membro do Governo Provisorio, e Alto-Comissário de Moçambique, descendente do judeus do destrito de Beja.

forme, e por carreira de varões, os representantes directos dos judeus portuguezes, a falange dos *marranos!* Tempos virão de menos ignorancia que este que passam, e mais se confirmará tudo o que digo!

São judeus, nem mais nem menos puros que os de Sinagóga, (a raça não desmerece nunca, a raça, transmitida em varonia), todos quantos fundaram o novo Estado com o novo pavilhão

verde-encarnado (que um judeu confecionou, o pintor Columbano Bordalo Pinheiro), ostensivo pendão desta 1.ª nação de raça hebreia instituida depois da Dispersão... embóra não haja o conhecimento d'isso!... — Mas que importa a ignorancia ou o conhecimento? Nem por isso os fenonemos deixarão de suceder com o mesmo rigor! Pertencer a uma raça não é saber que se pertence, — é pertencer!...

Simpatias politicas (ou artisticas, ou d'outra ordem qualquer) não dependem da vontade de cada qual; e ninguem deve ter a pretenção de formar partido politico verdadeiro com elementos contrários á sua raça; a pouca consistencia dum partido consiste justamente neste alheamento... o que ráramente acontece, salvo entre a raça derrotada a que vêm juntar-se elementos vencedores (porque uma raça quando invade, invade em geral todos os campos; ha mais cristãos-novos no partido monarquico que cristãos-velhos no partido republicano; e de cada vez haverá menos).

Só se pertence a um agrupamento politico por um movimento de simpatia, e essa simpatia é sempre pessoal, e a pessoalidade é a afinidade de raças!

Se agora resuscitasse um familiar do Santo Oficio, acostumado como estava a reconhecer judeus, até só pelo aspecto fisionómico, exclamaria pasmado: «ólá!... onde «eles estão!... todos «juntos! o partido re«publicano de Portu«gal!...» e ficava a scismar!

44

Ainda o mesmo tipo da República, tipo judaico, de que merece especial menção o feitio semitico do olhos inalienavel caracteristica etnologica. 1.° José de Sampaio (Bruno), republicano da Propaganda. 2.° — Aurelio da Paz dos Reis, da revolução de 1891. 3.° — Teixeira Bastos, escritor propagandista da República! um seu parente, o modernista Rui Bastos, acaba de regressar á religião dos judeus. 4.° — Levy Marques da Costa, da Camara Municipal de Lisboa. 5.° — Tomaz Cabreira, matemático e repulicano da Propaganda. 6.° — Malva do Valle, medico; dos republicanos de 31 de Janeiro de 1891

Entretanto, em silencio se não quedavam os animos militares dos cristãos-velhos: e, logo em seguida á implantação da Republica, para o Norte, berço da Monarquia Portugueza, se encaminham, de novo, os suevo-godos, a engrossar as falanges de Paiva Couceiro, na ancia de retomar Portugal aos semitas, como outróra os barões da Cristandade ao redor do Duque de Cantábria.

45

Tipo monarquico, ou suevo-gótico, (cristão-velho). Alguns notaveis legionarios monarquicos das incursões de 1911 e 1912 sob o comando do cristão-velho Paiva Couceiro: 1.º—D. João d'Almeida, capitão da Guarda Imperial Austriaca, partidario de D. Miguel, e preso pela República em 1911. 2.º—Dr. Agostinho da Costa Alemão, conspirador intemerato do *complot* monarquico de Coimbra. 3.º—Tenente Ornellas e Vasconcellos, exilado. 4.º—Tenente José Bruno Cabêdo, miguelista, e conspirador monarquico perseguido e preso pela República. 5.º—Julio de Ornellas e Vasconcellos, morto no combate de Chaves. 6.º—D. Pedro de Villa Franca, morto no combate de Chaves. 7.º—Capitão João d'Almeida, legionario de 1912; fôra heroe d'Africa e governador de Huilla. 8.º—Domingues de Gusmão Araújo, conspirador e legionario de 1911, e um dos fundadores, na Belgica, da revista *Alma Portugueza*, orgão do Integralismo Luzitano. 9.º—Andre Supardo, d'origem nórdica, combatente de Chaves. 10.º—Jose Pedro Folque, combatente de Chaves. Todos são antropologicamente e genealogicamente cristãos-velhos

Ora, de novo, nos púlpitos do Minho e Traz-os-Montes, o Clero exortava contra os inimigos do Altar e do Trono, como outróra contra os infieis, judeus ou moiros! Mas mais do que nunca os suevo-godos eram estrangeiros em terra portugueza; sua causa falhou. A espada penetrou no ámago da Nobrêza; o Clero, exauturado em montarias! Consumava-se a vingança d'Israël!

E encheram-se os cárceres dos legionarios cristãos-velhos de 1911.

Foi completo o Triunfo da *causa do Sul,* primeira acção militar da onda judaica.

A desunião, que imediatamente se seguiu á implantação do novo Estado, era um caso previsto da psicologia semitica.

Chamberlain em sua obra *A Génese do Século* XIX (pag. 618) diz, em referencia ao judeus na Palestina:

«. . . . . e mesmo em materia puramente politica mostra-«vam-se eles tão constantemente hostís a todo o equilibrio estável, «a toda a ordem estabelecida, que nenhuma forma de governo «rasoavel tomou entre eles consis-«tencia, conhecendo sempre o «maximo de bem-estar sob a pres-«são da hegemonia estrangeira, «o que, não obstante, os não im-«pedia nunca de a minar, fôsse «ela qual fôsse. . .»

46

O clero. O Padre católico é na quasi totalidade cristão-velho, e por conseguinte, monárquico. Quatro sacerdotes da conspiração de 1911, em defeza do *Altar e do Trono*, como outróra, contra a herezia cristã nova!... 1.° —Padre José Manuel Ribeiro Braga, acusado de incitar á rebeldia em seus sermões, e condenado por fazer parte do *complot* de Braga. 2.°—Padre Antonio Barroso, o afamado conspirador monarquico do Minho, penitenciario da República. 3.°—Padre Francisco da Cruz, conspirador monarquico da Beira. 4.°—Padre Manuel Antonio Luiz, conspirador monarquico do Minho, incitador dos povos, e penitenciario da República

Não fôram eles-proprios que recorreram á intervenção estrangeira, ao dominio romano, por incapazes de a si-proprios se governarem?!

Dizia eu no folhêto *Portugal Cristão-Novo:* «Sabem-se gover-«nar bem de mais para que saibam «governar...»

Por este mesmo aspecto de dissolvencia semitica encaram os europeus a politica portugueza, a ponto de por isso-mesmo se tornar proverbial.

Eis em Portugal, com efeito, um exemplo magnifico de Estado

judaico, uma *cultura* de instituições judaicas!

Da desunião, nos primeiros anos da República, é testemunho um terrivel libélo d'acusação ainda não publicado, e que fôra elaborado pelo proprio Presidente do *Governo Provisório*. Este individuo tenaz, de mento germânico, que conseguira, sob um esfôrço inaudito, conduzir os desunidos repúblicanos ás Constituintes de 1911, era o Professor Theofilo Braga, filho dum homem do Minho, de estirpe germanica.

47

Rostos monárquicos: 1.°—Thomaz Saavedra, ex-cadête de lanceiros de el-rei e ajudante do Qua-tel General da Coluna realista de Couceiro 2.°—Francisco A. Castelo Branco, filho do Conde de Fornos, combatente de Chaves 3.°—Ayala Boto, estudante de medicina, combatente de Monsanto 4.°—Antonio Soares da Maia Monteiro, conspirador monarquico de 1912, perseguido e preso pela República

Ora quando, em 1921, se publicára o folhêto *Portugal Cristão-Novo* em que de certo modo demonstrei que o partido repúblicano de Portugal fôra uma vaga da invasão judaica, dizia-me o professor Teófilo Braga:

«Agóra comprehendo eu, meu caro amigo, a divergencia «que havia entre mim e os homens que me cercavam no Govêrno «Provisório; — a ponto de dizer:. . . *estes não são os anti- «gos portuguezes!!!*. . .»

Por tal divergencia resultára ajuntar em *dossier* aquele terrivel libelo contra os homens mais célebres da República. Cá fóra, entretanto, sabia-se d'isso, e mal o homem morreu lh'o fôram roubar, a par dum manuscripto sobre Camões com o fim de disfarçar o verdadeiro objectivo, e estando ainda o cadáver sobre o leito, e o dossier dentro dum cofre; (segundo me informam). Entretanto, denunciados os auctores do furto, (e que todo o interesse mantinham em que taes documentos desaparecessem), com desculpa banal reconduzem o manuscripto á procedencia, alegando

o quer que sêja d'infantil, mas sem ninguem até hoje poder precizar quantos documentos teriam vindo a menos!...

Neste ano de 1911, um acontecimento mui notavel, sintomático e eloquente, teve lugar no primeiro governo da Républica, — e para cuja narração aqui, não devo usar, eu, d'outras palavras que as que usei em 1921:

— No almanaque israëlita para 1915, que me acaba de oferecer Rabi Mucznik, é contada por W. Terlô, judeu russo, a historia do projecto para a colomnisação israëlita do Planalto d'Angola, com a mira em uma futura independencia; e conta os abstáculos encontrados durante a Monarquia e as facilidades durante a Républica. Conta Terlô que em 1910, sendo Ministro das Finanças no Governo Provisório, José Relvas (cristão-novo duma familia Mendes, de Vizeu), lhe apresentára o dito projecto, o qual ele acolhera com entusiasmo, pensando logo no melhor modo de o pôr em pratica, realisação da sua raça, e que iria encontrar num ponto da Terra o sonho doirado do mundo judeu! No ano seguinte organisa-se em Lisbôa o Grupo Sionista com Alfredo Bensaúde na Presidencia. O advogado Dr. José d'Almada, encarregado dos estudos sôbre as missões católicas, elabóra com W. Terlô um projecto de Lei, tendente a favorecer os israëlitas na ambição do Planalto d'Angola. Em fevereiro de 1912 é publicado o projecto no Diario do Governo, e entregue a uma comissão de sete membros, nomes bem conhecidos no nosso meio, e na totalidade cristãos-novos. Era relatar o cristão-novo Amilcar Ramada Curto (que já propôz ao Rabi Mucznik a educação de seus filhos na Sinagoga) enérgico e talentoso deputado, que perante a Câmara defende o projecto com entusiásmo. Unanimemente aprovado pela acção relevante do cristão-novo, Barros Queiroz e Alvaro de Castro, e pela acção ainda maior da inconsciente voz do sangue, é proferido pelo Dr. Caetano Gonsalves (indio!), um discurso muito significativo em que o orador dizia que vêr os judeus constituirem uma nação independente o não assustava, pois com isso Portugal nada perderia, e a Humanidade ganharia muito; e

ele, orador, se regosijaria por vêr irradiar de Portugal o Imperio de Israël!

Os judeus de todo o Mundo ficaram pasmados e subitamente entusiasmados com esta cordealidade do Governo Portuguez! Logo se reuniu em Viena d'Austria um congresso tendente a avaliar o projecto. —

A comissão colonial, que unanimemente aprovara o projecto, compunha-se dos deputados: José Barbosa, José Bernardo Lopes da Silva, Antonio Augusto Pereira Cabral, Prazeres da Costa, Carlos Maia Pinto, Camilo Rodrigues, e Amilcar Ramada Curto, relator, alguns deles cristãos-novos conservando o conhecimento d'isso!... Passa, em seguida, á comissão de Finanças onde é tambem aprovado, unanimanente, pelos deputados: Inocencio Camacho (actualmente governador do Banco de Portugal), José Carlos da Maia, Aquiles Gonsalves, Barros Queiroz, Alvaro de Castro e Vitorino Guimarães.

48

Alguns dos deputados das Constituintes de 1911, dos que aprovaram o projecto da entrega do Planalto d'Angola aos israëlitas de todo o Universo: — 1.º O cristão-novo José Relvas, ao tempo ministro das Finanças (tendo ainda tradição de judeu, duma familia de Vizeu havida por tal). 2.º — O cristão-novo José Barbosa. 3.º — O cristão-novo José Bernardo Lopes da Silva, deputado por Pinhel (tendo ainda tradição de judeu, duma familia de Sórtes, em Traz-os-Montes, havida por tal). 4.º — O indio Prazeres da Costa. 5.º — Carlos Maia Pinto, tipo completo da varonia judaica, misturado de sangue indiano. 6.º — O cristão-novo Amilcar Ramada Curto, actualmente socialista, e relator do Projecto da entrega d'Angola (tendo ainda tradição de judeu)

José Relvas, cristão-novo conhe-

cido, dos Mendes de Vizeu, encarnando este ideal da fundação duma nação israëlita, aproximava-se, de certo modo, duma acção semilhante acontecida no seculo XVI; e foi que *José Mendes*, da mesma familia de Vizeu, famigerado cristão-novo que saira de Portugal para a Turquia, ahi tomára tal preponderancia que conseguira negociar a cedencia duma ilha no Mediterraneo para a fundação do Estado israëlita. Como se vê, já no século XVI eram os judeus portuguezes taes e tantos, que tinham força para uma empreza desta ordem. E' até para extranhar que a Monarquia portugueza tanto tempo se tivesse conservado; — que inaudito esfôrço da Inquisição!...

A República de Venêza negando a José Nássi (tal o nome do José Mendes na Turquia) a concessão da referida ilha deu em resultado perder a de Chypre, — e José Nàssi ganhar o feudo das Cíclades, juntamente com o titulo de *Duque de Náxio!*

«Avido, astúto, intrigante, audaz, serviçal, de mãos largas, «amigo da evidencia, da ostentação e do poder, José Nássi è «uma das figuras lendárias da Nova Diáspora, e o mais acabado «tipo d'aventureiro feliz que a sua raça tem produzido;» (Azevêdo, pag. 369).

Na Turquia, por intermédio da riquissima judia portugueza Dona Grácia de Nássi (Beatriz Mendes) mulher do banqueiro Francisco Mendes, conseguiu ele a atenção do Grão-Senhor, e de tal modo se lhe infiltrou no animo que o chegou a dominar com um ascendente nunca ouvido, e como Dictador em todo o Imperio. Diz Graetz que a Serenissima Rèpública de Venêza, a omnipotente Hespanha, a orgulhosa França, e até o arrogante Pontífice, chegaram a ter-lhe mêdo.

«Essa influencia, (continúa Azevêdo), ainda hoje se recorda «com agrádo. Um escritor turco dos nossos dias pretende que se «não teria introduzido o regime das capitulações no imperio «ottomano, se José Nássi tivesse podido achar-se em Constantinó-«pola, vinte anos mais cêdo, *quando se concederam os primeiros «previlegios aos europeus*».

Selim II chegou a ter pendencias com a França por motivo

do sequestro que o Governo Francês fizera nos bens de Francisco Mendes; e ordenou a tomada dos navios francezes que navegassem nas águas da Turquia, até prehencher a importancia do sequestro.

Tal a influencia que este judeu portuguez tinha no Oriente! Manejou habilmente a politica da Europa, que hoje, mais do que nunca, os judeus manejam!

Tal a influencia que tinham lá fóra os cristãos-novos, que de Portugal emigravam! Não eram inimigos de pouca monta os que viviam no gremio dos cristãos velhos, destes antigos possuidores de Portugal! E hoje mais do que nunca, quão débil e inviavel deveria sêr aqui um trôno europeu, — aqui, sob a integral descendencia de tal gente! Eram eles os Mendes, os Silvas, os Camachos, os Pereiras, os Azevêdos, os Costas, os Rodrigues, os Menêzes, os Borges, os Leitões, os Macieiras, todos, os que fundaram a Républica em 1910 e a continúam mantendo!

Logo a seguir á implantação da República começara a suceder o quer que fosse, ao mesmo tempo burlêsco e doloroso...: a destinção; isto é, o cristão-novo, de longa data republicano-velho, e o cristão-velho a ter que se fazer republicano-novo!

E, como outrora, se chamava aos cristãos-novos os *conversos*, se chamava agora aos republicanos-novos os *adesivos*. Verdade seja, que, muitos destes convertidos á fé da Republica, já o eram puramente hebreus e ora voltavam por suas proprias conveniencias, como, por suas proprias conveniencias, tinham andado desviados; por seus interesses e pela caracteristica *volubilidade* da raça, se voltavam agora!

Mas a grande quantidade de cristãos-velhos, que se tornaram *conversos* á República, já inquietava os verdadeiros republicanos, comprometia a integridade do bloco judaico... como outrora os cristãos-novos comprometendo a pureza do bloco cristão. Os *adesivos* eram como que uma especie de *tornadiços* — continuamente a tenderem para as origens.

Então sucedeu a revolução de 14 de maio de 1915, conside-

rada a verdadeira revolução republicana, e que era agora para os novos-republicanos o que em o ano de 1506 fôra a revolução do Largo de S. Domingos para os judeus recentemente convertidos ao cristianismo.

E assim a República renascia, mais pura, e mais liberta de elemento estranho.

Depurava-se o bloco cristão-novo, de si irradiando uma porção de cristãos-velhos republicanos, de si irradiando a possibilidade d'outra república. O cristão-velho e Presidente da Republica, Manuel d'Arriaga, o Presidente do Conselho de Ministros, Pimenta de Castro, o Secretário Geral da Presidencia, Forbes da Bessa, e muitos mais cristãos-velhos, são por esta ocasião eliminados; — e renascia com muito mais pureza, e ora, pois, com muito mais vigôr, a falange do hebreu Afonso Costa!

Sucede, em verdade, que a cada nova convulsão social surge mais pura a raça vencedora.

49

O cristão-novo Armando d'Azevedo, afamado revolucionario. Tipo clássico de sefardim ou judeu peninsular. Descende dos cristãos-novos de Torres Novas, revolucionarios do ano de 1629. Armando d'Azevedo incendiou no Porto a revolução de 14 de Maio de 1915

E ora, de novo, no Parlamento da República os vencedores *deputados da Nação* eram, a directa descendencia ahi, da chamada... *gente de nação*!

Os focos da revolução de *14 de Maio* foram as duas cidades, Lisboa e Porto. No Porto incendiara-a aquele afamado revolucionário que em movimentos posteriores surgiu tambem, agitando a fronte sefardinica, alma doente e musical da raça, e retraída vingança d'Israël: aqui me refiro a Armando d'Azevedo, oriundo de Torres-Novas, judiaria que se tornara famosa nos tumultos anti-cristãos do século XVII, pela morte do cristão-novo Simão Dias Sólis; (vidé pag. 108).

Tal acto depurativo dos vencedores, (14 de Maio de 1915), acarretou a reação no campo oposto, — que, não de todo abatido o ânimo dos tresmalhados cristãos-velhos, depuravam-se tambem. Porque, depois que se limpou do tipo estranho o partido dos semitas, — pelo fenómeno complementar e inverso procediam do mesmo modo os cristãos-velhos, (a falange monarquica), presentindo em suas fileiras muitos hebreus.

Então surgia a facção integralista, o chamado *Integralismo Luzitano*, que era, em essencia, um *neo-miguelismo*, como tambem já o partido de D. Miguel outra coisa não fôra que a revivescencia do partido dos Távoras, uma espécie de *neo-távorismo*. Surgia o integralismo, no desejo de restaurar o antigo estado anterior a 1820; no desejo duma evolução de caracter puramente cristão-velho. Surgia a organica vontade e o animo anti-judaico de Diogo Inacio de Pina Manique, cristão-velho, intendente geral da Policia no reinado de D. Maria I. Pina Manique tivera uma unica preocupação na vida — a perseguição aos *jacobinos*, aos *judeus*, que ele confundia numa só ideia; e ninguem melhor do que ele saberia distinguir os que eram judeus dos que o não eram; ninguem melhor do que ele prescrutava as tradições de famílias, (de resto, em toda a parte do Paiz estava ainda viva a tradição de judaismo). Pina Manique conhecia muito bem quem em Portugal incarnava o ideal avançado; sabia muito bem onde estavam os antigos portuguezes, e que fórmulas politicas afectavam os cristãos-novos no assalto ao Poder! Pina Manique, se bem que admirador, fôra, pois, o adversario de Pombal, a natural reação contra a desmedida protecão aos cristãos-novos, e contra o avanço destes mesmos á posse do Estado.

— Quanto tempo será preciso decorrer ainda para que estas lúcidas verdades sejam ouvidas?...

Falar de judeus a Pina Manique, era irrita-lo, era fazer-lhe perder a serenidade!... — E porque razão se perturbáva tanto o intendente geral da Policia?...

O surgimento do *Integralismo* equivalia a eliminar do par-

tido monarquico, (mas isto por fenómeno de puro *instincto*, muito mais razoavel que a *razão)* uma bôa porção de cristãos-novos, que, por qualquer circunstancia, se encontravam inquinando as hostes monarquicas.

Este regresso integral ao neo-suevismo, tornára-se, portanto, a aspiração da mocidade cristã-velha. Qualquer porção d'elemento democrático, e qualquer porção d'elemento integralista, cotejadas, são evidentemente duas nações! — Quanto tempo será necessário decorrer ainda para que haja a consciencia nitida de que, mórmente os idiaes politicos não são casos independentes da luta de raças, não são casos independentes da *osteologia*, independentes do esquelêto?!...

O ideal integralista fôra agitado, simultaneamente, pelos escritos do padre Amadeu de Vasconcelos, (Mariotte), cidadão de estirpe cristã-velha, e pelos escritos e acção de Antonio Sardinha, cristão-velho tambem, tradicional, (tipo suevo-galaico), o qual, segundo a expressão d'Hipolito Rapozo, é o *São Paulo do Integralismo Luzitano;* e pelo cristão-velho Xavier Cordeiro, espirito jurídico do Integralismo; e por Hipolito Rapozo, tipo germanico, e ação germanica do mesmo Integralismo; e por Pequito Rebelo, um cristão-velho, alma da gleba; e por outros mais que imediatamente organisaram a ação politica.

50

Antonio Sardinha, cristão-velho tradicional, (tipo suevo-galaico; prosador e poeta, e organisador da facção *integralista* expressão maxima da reação anti-semita

Mas até a estes mesmos cristãos-velhos vieram aderir alguns hebreus (como em França tem sucedido com a *Action Française,* que é a fação integralista desse paiz). Mas isto sucede, por mercê do *mesmissimo* principio de que uma raça em maré d'invasão invade tudo: invade avançados e atrazados, se bem que tenha o *quartel*

51

Duas colunas do Integralismo Luzitano: 1.º — O advogado Hipólito Rapôzo, cristão-velho, *esquema germanico* do Integralismo. 2.º — O advogado Xavier Cordeiro, cristão-velho, e *espirito juridico* do Integralismo

general nos avançados. Contudo, estes ditos cristãos-novos, a que poderiamos dar o nome de *trocados*, procedem nos partidos conservadores como se pertencessem aos avançados. Por tal motivo não ha partidos politicos conservadores que possam ser o Castelo da Tradição. Além de que, o ideal *integralista* é d'engenho erudito, e, portanto, dificilmente assimilavel; em politica quere-se a simplicidade do *sim* e do *não*. Ora o *Integralismo* (a começar pelo proprio nome) apresenta-se á razão de toda a gente como um caso particular de monarquismo; — se bem que, em verdade, um caso particular o sêja ainda mais o *Constitucionalismo*.

Falhou, portanto, o *Integralismo Luzitano*, tresmalharam-se pelos campo os seus soldados (devido ás manóbras dum cristão-novo da Covilhã, Anibal Soares, director do jornal monarquico «Correio da Manhã»), e em seu lugar avigorou-se o monarquismo do «Correio da Manhã» monarquismo de redação, monarquismo propriamente . . d'assignatura!

Sucedia, entretanto, para Portugal, um acontecimento inesperado, desorientando o caracter da Politica, lançando-a, primeiro numa apatia de que ainda hoje se ressente: o acontecimento fôra o toque de clarim da *Grande Guerra* entre a *Nações aliadas* e a *Entente*, — a guerra Europeia.

Então se experimentou o primeiro organismo militar do Estado Judaico: o *Corpo Expedicionario Portuguez*. Convem observar que para o levar a efeito, não se poderia contar, nem com o animo militar dos hebreus (que o não teem) nem com o genio organisador dos mesmos (que tambem o não teem). Con-

tou-se, então, com a tempera mititar e organisadora do oficial do Exercito Norton de Mattos, cristão-velho, (de estirpe irlandeza), antigo realista e recentemente républicano.

«O seu gesto — di-lo Chalux em *La Nation Belge* de 21 «d'outubro de 1923 — é *sobrio*, o que é muito raro num portuguez. «Rosto de um proconsul romano, com qualquer coisa dum monarcha «americano: rei dos caminhos de ferro, do trigo, ou do petroleo».

Se alguma vez aparecem os não-judeus a dentro da República, ainda é isso nos serviços do Exercito, e algumas vêzes nas funções de ministro da Guerra, pois que os ministros desta pasta são em geral extractados do mesmo Exército; (sirva d'exemplo o major Ribeiro de Carvalho, natural de Chaves, cristão-velho, do tipo suevo-galaico. Não confundir com outro do mesmo apelido, tipo autentico de judeu, e director do jornal «A República»). Contudo, como o oficio d'oficial do Exército é hoje coisa caseira e burocrática, e quasi ausente do espirito militar, — ele está enxameado de gente hebreia . o que implica a sua propria ruina, cuja desciplina vive hoje mais á custa do que foi que d'aquilo que está sendo! Apesar da ação destructiva do judaismo a dentro do Exercito, este mantem-se, por movimento adquirido. Ha um general, infalivel hebreu de Traz-os-Montes, e para quem, como para todos os outro desta raça, o militarismo propriamente dito outra coisa não é que germanismo ou *thalassismo* (thalassa, palavra com que os republicanos usam destinguir os monarquicos), individuo mais tenaz que enérgico, segundo a expressão de Chamberlain acêrca dos judeus, — ha um general que é o oculto poder que manobra a desagregação do Exército Portuguez desde que a Républica se implantou! Individamente (e é escusado explicar a razão do que digo), para aqui transportando os sistemas suissos, a organisação do Exército da Suissa — que é nenhum — a sua obra é essencialmente anti-militar. Este oficial e mentor do Exército Portuguez incarna o *nihilismo militar!*

Mas já que falo da desorganisação do nosso Èxercito pela introdução do espirito judaico, devo observar que o soldado é essencialmente cristão-velho, muito embora ao serviço dos cristãos-

novos. Os nossos soldados, tanto do Exercito como da Guarda Nacional Républicana, são d'auténticas familias portuguezas.

Mas, em verdade, cada raça lá tem os seus atributos, suas maneiras de ataque e de defeza. A Natureza deu ao boi os cornos, a saliva venenosa á vibora, ao leão deu a força, ao cavalo a pata. Tambem a Natureza distribuiu pelos homens: — a uns o engenho militar (germanos), a outros o engenho juridico (romanos), e a outros o engenho conspiratorio ou revolucionario (judeus). Sim, os judeus, segundo a expressão de Gougenot de Mousseaux, sao *os grandes mestres da conspiração*, os melhores manejadores de revoluções, os que melhor se coadunam com essa caseira preocupação de vida.

Não são, pois, os *marranos*, (vocábulo nacional que significa *corcovado*), com suas espáduas alçadas, e orelhas despegadas do craneo como que preparadas para a espionagem, — não são, pois, os marranos, os mais conformes com garbosos aprumos militares, os mais conformes com disciplinas fisicas e mentaes, como é mister nos exercitos.

E' hoje, o judeu, como em todos os tempos, já desde a antiguidade palestinica, o anti-militarista, por excelencia, o pregoeiro da dissolução dos exercitos. Hoje em dia quasi outros se não conhecem em toda a Europa empenhados nesta faina, alem dos judeus.

Não quero fazer uma profissão de fé militarista, — mas devo afirmar que a guerra é a directa filha da inteligencia; que as raças nobres se impõem pela *força*, que o mesmo é que se impôrem pela inteligencia, pois que a força é o jogo da propria inteligencia, — a inteligencia em ação, — pois que sem esta não ha triunfo da força! A inteligencia cria-se na guerra e gasta-se na paz; mas na paz cria-se a astúcia — a astúcia, essa inteligencia dos instintos, inteligencia da materia, — esse estigma e atributo das raças mediocres, e sobretudo das raças mediocres escravisadas.

Ora o hebreu, que vive pela astucia, o hebreu, cuja fórmula

de conquista é o infiltrar-se, — o ser metediço, mole, adoravel, feminino, pacifista, continuado, persistente, astuto, — o hebreu é o inimigo, por excelencia, da Nação-Exercito. — Não tem podido compreender essa suprema creação da Matematica, essa nova especie superior ao Homem, e olha-a apenas pelo lado material e carniceiro, sem ahi achar um organismo superior como se fôra um individuo em ponto grande com uma razão já superior ao Homem! Um exercito é uma nação; e quando ha nações sem exercito — é que vivem ainda das tradições do exercito!

Oh, mas esse individuo singular que se chama *judeu*, dificilmente compreende essas razões d'exercito!

Não é d'hoje nem d'hontem que os hebreus teem mostrado aversão á vida das armas, á disciplina militar.

Na Palestina «eram eles tão pouco guerreiros (diz Cham-«berlain, a pag. 617) que os seus reis na impossibilidade de con-«tar com taes soldados, confiavam a mercenarios estrangeiros o «cuidado de defenderem seus reinos e suas pessoas; tão pouco animosos de aventuras que só o proprio aspecto do mar, em o «qual os seus parentes fenícios se lançavam a tão brilhantes «emprezas, os apavorava».

Os soldados mercenarios a que os israëlitas recorriam para a defeza do Paiz eram os seus visinhos *amorrheus*, homens altos, loiros, d'olhos azues, moradores a leste do Jordão, e a quem os egipcios chamavam *Tamchou* ou o «povo dos nórdicos»; (Sayce, *Race of the Old Testament*, pag. 110 e seguintes). Em tempo de Salomão e de seus sucessores distinguiam-se os chefes militares pelo predominio do tipo amorrheu (Chamberlain, pag. 497). A guarnição permanente de Jerusalem era composta de mercenarios arabes; (Cheyne: *Introduction to the Book of Isaiah*, pag. 231 e seguintes).

A pouca disposição para a vida das armas que em todos os tempos testemunharam os judeus em Portugal fôra sempre um motivo de criticas ironicas da parte das populações e dos cronistas. E assim nos contam que no reinado de D. João II, organisan-

do se um batalhão de judeus nos nossos serviços militares do Norte de Africa, eles se mandam queixar ao proprio rei de que o rapazio os insultava com apupos!...

No seculo XVII referendava um memorial que sendo Lisboa cidade tão populosa quando havia algum rebate de piratas não se juntavam nela dez mil homens de peléja por sêr a maior parte cristãos-novos! (pag. 34 deste livro).

Pela sua índole anti-guerreira é a raça judaica, de todas as raças, a que menos entende o entusiasmo imperialista, a grandeza espiritual ou moral duma ascensão arriscada e contingente. Detesta a guerra pela força da logica materialista, não percebendo, portanto, que a luz mental não menos resulta do embate dos corpos que do embate dos espiritos! esta raça vive apenas entre os polos das duas paixões: *o dinheiro e a politica!* Outro mister ou pensamento serve apenas a coloca-la entre estes polos!

Na grande guerra europeia os nossos hebreus (que não os nossos soldados), se destinguiram principalmente, e *valerosamente*... em empregos nos quarteis generaes. Os combatentes do *front* davam a estes anichados da rétaguarda o epíteto afrontoso de *cachapins!*

Entre os francêzes, como entre os combatentes d'outras nações, os judeus na maioria se destinguiram por estes mesmos oficios de previlegio, estes lugares de favôr, ao abrigo das balas. O judeu francês, e sionista, Braunstein da (familia de Trotsky) escrevia no *Faubourg* de 4 de dezembro de 1920, enaltecendo o valôr da propria raça: «*alguns* cumpriram o seu dever durante «a Guerra». Mas René Le Gentil corta cerce a gentil informação quando comenta que *a quasi totalidade dos judeus* se soubera pôr em resguardo, quer em serviço nos quarteis generaes e administrações, quer no gôso de licenças; *(Cyniques et fantoches de la guerre,* 1921, pag. 55).

O auctor do *Bolchevisme de Salon et Faisandisme Juif* (vide *Les Cahiers de l'Anti-France,* pag. 545), escreve:

«Sempre o judeu teve horrôr á vida militar. Já na antiga

«Roma, a pretexto de religião, encontrára meio de se furtar á «vida das armas, o que era um motivo de contínuo augmento de «população. A prova de que o judeu não é *cidadão,* argumenta «Bernard Lazare, é que — não toma parte num exercito nacional. «Nos seus *cheders* (escolas primarias), correntemente se ensinam «preceitos como este, do Talmud: *se fôres forçado a ir á Guerra* «*trata de ser o ultimo a partir e o primeiro a voltar.*

«Mas ha melhor ainda. Eduardo Dujardin, grande amante «da Biblia, sustenta que *o derrotismo* (défaitisme) *é uma dou-* «*trina essencialmente teológica,* pois que remonta ao *Deutero-* «*nomio* e a Jeremias no seu ódio votando a sua propria patria, «Jerusalém, ao rei estrangeiro Nabuchonosor».

O anti-militarismo, o pregão democratico da dissolução dos exércitos, é tanto mais perigoso para o futuro das nações quanto os judeus estão tomando de vantagens na vida da Europa, e ainda possuindo (e que não possuissem...) uma consciencia de raça e de nação.

Anti-militaristas, sim: 1.°, por suas proprias compleições organicas; 2.°, por indiferença em sentimentos patrioticos; (d'ahi, o sêrem *versateis* nesta materia, nunca encontrando, por mais que se esforcem, uma razão para consigo *d'amôr á patria*, e apenas sentimentos vagos).

Anti-militaristas, sim: Contudo, tirando o maximo proveito de todas as guerras, as guerras entre as varias nações e ás vêzes por eles-proprios preparadas. — Não está averiguado como dos interesses particulares da finança judaica estalou a guerra de 1914? Não está averiguado, como ainda por conveniencia da mesma finança se não consegue restabelecer a paz na Europa? Neste ponto chega a ser inacreditavel a ação deletéria do judeu grego Basil Zaharoff, novo-rico, milionario, inspirador de Lloyd George, e *alma damnada* da politica mundial!

Não foi por sentimentos patrióticos para com as nações em que nasceram que os hebreus foram á Guerra. Esses hebreus ortodoxos pegaram em armas ainda por seu próprio interesse,

pelo seu nacionalismo, por *Sião!* tal o apêlo que os israëlitas de França enviaram aos seus irmãos dos paizes neutros: «A Revo«lução franceza libertou os judeus do Ocidente; a victória dos «aliados libertará os judeus do resto da Europa»; *(Bolchevisme de Salon*, pag. 542).

O hebreu inglez Lucien Wolf declara que o judeu é anti-germanófilo apenas por isto: por individualista e universalista que é; e escreve: «Para os judeus, o Estado é feito para o indi«viduo e não o individuo para o Estado». E, (diz o autor do *Bolchevisme de Salon)*, Lucien Wolf é chocado pela ideia de que «o cidadão é antes de mais nada um soldado!» É o Estado militar que o apavora!

Pela selecção pela propria guerra não encontrariam, pois, os portuguezes um processo d'eliminação de judaismo? A desenvolução duma dada espécie resulta de se lhe tornar propício o ambiente, um ambiente ao encontro das suas tendencias. Constituindo um ambiente em que seja considerada por virtude a qualidade incompativel com os hebreus, temos achado uma fórmula d'irradiação natural dos mesmos hebreus. As varonias cristãs-novas irão instinctivamente deixando a Peninsula pelo regresso das sociedades militares!...

Em Berne, antes de maio de 1915, se reuniam em congresso pacifista vinte e oito mulheres socialistas, de varias procedencias, e na totalidade judias, sob a presidencia de Clara Zetkin, judia alemã.

As judias pacifistas de Paris, secção franceza do *Comite internacional para a paz permanente*, já lançavam o primeiro manifesto contra a guerra em dezembro de 1914. Nos salões mundanos de Paris eram os judeus que promoviam esta mesma propaganda. Num desses salões, conta Rachilde, em que a dona da casa esperava o hebreu Anatole France, vira ele alguns estrangeiros suspeitos, empenhados na campanha contra a guerra, fazendo o elogio do governo dos Soviets; e protestava (em o *Éclair* de 24 de maio de 1920): «os nossos principaes inimigos

«estão no interior... e porque razão se hão de fuzilar uns, dei-
«xando em paz os outros?»

Pelos teatros perpassava agora uma vaga internacionalista da lavra israëlita. O judeu Ch. H. Hirsh, com a sua célebre peça *Danseuse Rouge*, que Colomer e todos os extremistas admiram, quere rehabilitar a famosa bailarina Mata-Hari fuzilada na guerra por crime de espionagem contra a França. E os filhos d'Israël lançam comumente manifestos, em estilo mais ou menos *modernista,* mecanicamente hebraicos e paradoxaes, proclamando o desmanchar dos exércitos, e o advento da paz universal.

«Que isto se saiba e se ensine aos combatentes, (escrevia o «judeu Henri Marx), *o objecto afrontoso não é a Alemanha, «mas a guerra.* A Alemanha militarista e pangermanista é ini- «migo que depressa se vencerá; mas a guerra é uma demencia «pela qual ainda os psiquiátras não respondem.» *(Bolchevisme de Salon,* pags. 409 e 497.)

O judeu é o unico individuo (não sei porque natureza excepcional) capaz de nutrir *rancôr* ao militarismo. D'outras raças, por mais intolerantes em materia politica, são nisso mais ou menos tolerantes.

A ausencia de sentimentos nacionalistas, para com as nações que lhes deram berço, são uma das causas d'aquela ausencia de sentimentos militares. O judeu é, pois, á maneira dos ciganos, um eterno estrangeiro dentro das nações, — quer tenha ainda tradição de raça, quer a não tenha, como sucede em Portugal aos cristãos-novos. O seu *nacionalismo* é puramente superficial. O poeta André Spire, judeu francez, ousa dizer, em seus *Poèmes Juifs,* que os escritores francezes da sua raça perante o massacre dos judeus na Russia em 1905 por terem tomado parte na revolução, e perante a injuria sofrida em França na defeza do capitão Dreyfus, - só aparentemente se conservavam francezes, no íntimo calando *o que havia neles de mais profundo, e talvez de melhor;* que deixavam apenas transparecer e vibrar *a pelicula franceza, que lhes cobria o coração á custa d'alguns anos de*

estudos classicos e de tagarelice parisiense; (op. cit., pag. 507).

André Spire evidentemente tem razão: com efeito, a *educação, a raça social,* mais não são que uma película do interior: ceu do ocidente em que medra uma planta do oriente: cedro do Libano cultivado em França ou em Portugal.

R. Groos reconhece que cada judeu tem duas patrias: uma real, outra ficticia; e diz o autor do *Bolchevisme de Salon* (pag. 540), que se eles são leaes para com as suas patrias adoptivas, eles só verdadeiramente serão patriotas para com a multidão da propria raça; mas serão leaes unicamente até ao ponto em que lhes derem liberdades: é uma lealdade sob condições. São a liga anonima dos Direitos do Homem, pensa Séailles!

André Spire, em o seu livro *Poèmes Juifs* (1919) faz profissão d'amor a seus irmãos de raça, e só a eles, os judeus revolucionarios *bolchevistas* a «estes *párias,* o único proletariado em «que ainda tenho esperanças». E declara guerra a toda a civilisação cristã. Em *Le Secret,* que é um outro seu poema, diz o autor que atravez as lutas ridículas das nações, Israël terá um dia o seu triunfo, de que ha indícios d'aurora!

E os cristãos-novos, esta raça desmemoriada de si mesma, por que instinto procedem e se congregam?! — Ah! estes poderiam esclamar com o poeta judeu Albert Cohen: «Sinto na carne «o *cheiro* da minha raça!»

Um *faetor judaicus* politico e social congrega os desmemoriados cristãos-novos!

Aproximava-se o fim da Grande Guerra, e mais soldados iam ser enviados para França. É então, que, duma maneira inesperada, surge em Lisboa a revolução de Sidonio Paes, a alterar profundamente o estado politico, outro impondo de caracter militar e presidencialista. Este governo principiou por agradar a cristãos-novos por nele acharem uma promessa de *derrotismo,* saborosa promessa de não irem mais soldados para a Guerra; e acabou por agradar aos cristãos-velhos, a uns, os monarquicos, porque

nele viam um embaraço á onda judaica, um obstáculo na corrente Afonso Costa, — e a outros, os raros cristãos-velhos republicanos, por ainda lhes parecer ser o movimento Sidonio Paes uma promessa de república nacional e movimento vingador da revolução de 1915.

Sidonio Paes era para esta minoria cristã-velha a segunda tentativa anti-judaica a dentro das instituições republicanas (sem contar o movimento de *28 d'Abril,* cujos personagens fôram o esteio revolucionario de Sidonio Paes, e os regimentos derrotistas dos semitas do Algarve). A alguns cristãos-novos tambem pareceu agradar o novo governo, porque talvez se lhes tivesse afigurado (no puro instinto, é claro) uma tentativa de *monarquia hebraica,* para a qual o Presidencialismo era um degrau.

Mas a grande multidão dos cristãos-novos, fieis á índole da raça, e fieis aos dictames dos seus chefes, mantinha uma revoltada antipatia pelo inesperado Dictador que tinha por si o Norte do Paiz, que assistia aos actos religiosos, e reatava as relações com a Santa Sé.

O entusiasmo das multidões militares, aclamando os heroes, não tem lugar nos corações dos hebreus, — e não sómente o não tem, como o detesta. D'ahi, ao estrépito victorioso da comitiva realenga de Sidonio, opunham-se conspirações subterraneas. Estavam álerta as associações secretas, de cuja atmosfera silenciosa surgiam tentativas d'assassinio. Até que, finalmente, a onda judaica demove a pedra que se erguera na corrente, e serenamente... prosseguiu!

52

Simão de Laboreiro, cristão velho de morgadio rural; inimigo do Estado Judaico e intemerato defensor de Sidonio Paes

Sidonio Paes não era uma acção, senão reacção; não era uma obra, mas sómente um desafôgo: uma reacção a outra obra; e ái dos que não passam de reacção! Bastaria demover um unico obstáculo, a vida do ousado Presidente: e foi isso que se fez, pela maneira mais prática, e mais natural: a bala!

53

O cristão-novo Almeida Ribeiro, autentico judeu com tradição doméstica, juiz do Tribunal da Relação de Lisboa, deputado democrático e *leader* do seu partido, o partido mais poderoso da República. Pertence á mesma familia um outro Almeida Ribeiro, auditor dos Tribunaes Militares, e mais um outro que é lente da Universidade de Coimbra

Quando um estado de coisas depende dum só homem, a lógica manda que assim mesmo se proceda.

E ora, de novo, no Parlamento da República tomam comodamente os seus lugares os pertinazes deputados *de nação*... Neste ano de 1924, nesse mesmo Palacio do Parlamento, é *leader* do partido democrático (o partido mais poderoso da República a ponto de ser ele a propria República), um judeu, um autentico cristão-novo com tradição domestica: Almeira Ribeiro, juiz do Tribunal da Relação de Lisboa. E pelo contrario, é *leader*, e representante, do partido monarquico um autentico cristão-velho com tradição, Ayres Dornellas, 16.º morgado dos Caniços, descendente dos godos, em varonia, dos que teriam conduzido ao Trono cristão o chefe Pelagio, Duque de Cantábria. Ayres Dornellas quere conduzir ao trono de Portugal o destronado D. Manuel II, Duque de Bragança! Está muito bem que assim proceda; é o lealismo para com a propria raça; tem mesmo esse direito e esse dever! — Mas porque motivo é que os hebreus hão-de ter esse direito e esse dever?! Tão honesto e tão justo é um cristão-velho erguer a voz pelo seu rei, como um cristão-novo erguê-la contra o rei dos cristãos-velhos. A pior das ignominias é remar contra a direcção da propria raça, atraiçoar os destinos da sua propria gente!

E' preciso realmente ter olhos fechados para não ver que toda a diferença e divergencia d'ideal corresponde absolutamente a divergencia de raças. Fôra, até, a diferenciação de raças apenas modalidade fisionómica, apenas modalidade á superficie, — que esta mesma superficie se encarregaria de orientar os des-

tinos do todo: um pêlo a mais, um pêlo a menos, quantas vêzes não decide da vida dum homem?!... — Os odios antigos e os odios modernos (dizia eu, no «Portugal Cristão-Novo», 1921) não eram, nem são, como erradamente se tem suposto, questão de religião, questão de politica; não; fundamentalmente é questão de raça; raças diferentes falam linguagens diferentes! .. Abatida a bandeira religiosa ficou a bandeira politica a dividir naturalmente os homens: *republicano* sinónimo de semita, *monárquico* sinónimo de suevo-godo...

... O espirito republicano em Portugal não se limita ao cristão-novo; atinge unanimemente o judeu-velho, aquele que, desde o começo do século passado, não cessa de provir de Marrócos; esse mesmo já gosa aqui da melhor das preponderancias. E' que o judeu tem sido por toda a Europa o perseguido das monarquias, tornando-se, portanto, o grande amigo das repúblicas como uma forma d'impor as suas monarquias. As suas repúblicas são a preparação para as suas monarquias; desmancham para construirem a seu modo.

Portanto, a Politica, não é questão de principios; é, acima de tudo, questão de raças: *républicano* é a reação do judeu (do cristão-novo) contra o antigo dominador; e *monárquico* é a reacção do suevo-gôdo contra o judeu que *absorveu* a ideia de república. —

Foi, pois, por numerosa descendencia, e absorvendo os ideiaes mais avançados, que os judeus conquistaram Portugal. Quanto a numerosa descendencia, entende-se bem; mas quanto á absorção dos ideiaes avançados, é o que de novo vamos explicar:

Com efeito, para se encontrarem

54

Ayres Dornellas, cristão-velho, lugar-tenente do ultimo rei de Portugal, e *leader* monárquico no Parlamento da República. Prosegue na campanha anti-semita, como descendente e representante da raça gôda, esta raça que ha mil e quinhentos anos combate a invasão da raça hebreia

55

Cristãos-velhos: senadores monárquicos na República. 1.º — D. Thomaz de Vilhena. 2.º — Oriol Pena

os descendentes dos judeus, de conjunto, nos partidos radicaes, não só em Politica, como em Arte, ou Religião, ou em qualrqueoutra manifestação de reforma, ou é porque teem, para isso, uma organisação consciente de defêza de raça, (e é o que sucede pela Europa, em que estão ainda apartados no interior das nações), ou é porque, *intuitivamente*, abraçam esses meios de defêza individual que, colectivamente, é a da raça. Em Portugal não se dá o caso da organisação consciente: a quasi totalidade dos cristãos-novos desconhece hoje a propria origem; são a esse respeito assaz ignorantes. Portanto, fica apenas de pé a necessidade *intuitiva,* puramente intuitiva, de abarcarem os ideiais revolucionarios, de proclamarem as reformas, como uma qualidade inherente ao sangue. A raça judaica, entre o adaptar-se a numerosas particularidades duma civilisação que lhe não é propria, e o adaptar essa mesma civilisação a ela-propria, — prefere esta segunda diligencia; o judeu não se amolda, — amolda! Acabei de dizer que é isto por movimentos de puro instincto, mas tambem é conveniente que se saiba que ha a continuidade tradicional de pae para filho. Não que o jude i seja revolucionario por temperamento (que tambem o é, e não pouco!) mas principalmente porque lhe sucede o que é costume suceder aos invasôres: tomarem para si os ideiaes avançados, tomarem a representação desses ideiaes!

Mas sobretudo são revolucionarios os hebreus, (e nunca é demais frisar esta passagem) pelo facto tão simples e natural de sêrem para eles as civilisações europeias tecidas de detalhes que eles devem adaptar á propria indole, á indole semitica.

Ora, pois, em oposição ao dominador do Portugal antigo, o

judeu abraçou, por movimento instinctivo, o ideal combativo do existente cristão-velho, — tal em politica o ideal republicano (o dinheiro e a politica são os dois interesses maximos dos judeus) em oposição ao monarquismo existente. Porém, um dia, em que já não haja a necessidadc combativa, mais do que a necessaria entre os irmãos, — que já não haja cristãos-velhos a derruir, ele, o judeu, regressará á sua tendencia, tendencia universal: o *monarquismo*, um monarquismo em redor dum principe semita! (e isso esboça-se já).

Mas não só a antipatia pelo germano, (o suevo-gôdo), empurrou o judeu para o ideal avançado, (não é preciso ter o conhecimento de raça diferente para sentir antipatia por alguem, — basta apenas ser de raça diferente); não foi somente a antipatia, como foi tambem a simpatia pelos individuos da sua propria raça que o levou á *instinctiva* agregação em redor das bandeiras radicaes: **esta lei do movimento da dupla força é rigorosamente executada.**

Explica-se, pois, o odio dos cristãos-velhos contra os partidos radicaes, contra os judeus, e a sua recíproca animosidade. Com efeito, suponha cada qual a reunião em grupo de todos os rôstos que instinctivamente lhe são antipáticos; — quem suportaria semilhante agrupaménto?!... Pois ele existia outróra em que os judeus se encontravam separados das populações; hoje, que se encontram emiscuidos por meio delas, dá em resultado uma promiscuidade d'ódios e simpatias, verdadeiramente cahótica! Como um estado cahótico é imperduravel, esses mesmos ódios e simpatias tendem de novo a apartar-se em grandes grupos como individualidades *em ponto grande*. A diferença dos grupos é a diferença de raças. Os judeus d'outróra, conscientemente apartados da população, e em torno das diferenças religiosas, — continuam apartados, hoje em dia, na necessaria divisão politica

Os homens dividem-se em raças, e raças diferentes odeiam-se sempre; o que é diverso briga... e se não briga é porque não é diverso; «diz-se com quem andas que eu te direi quem tu és...» D'ahi, todos os ideiaes que dividem os homens sobrepõem-se ás

raças, dividem-se em briga. Pelo raciocinio pode alguem possuir um ideal politico (que o ideal nunca é fructo do raciocinio!...) mas se os seus inimigos teem esse ideal, pode ele favorecer os seus inimigos?!... *Cada qual é o inverso do seu inimigo porque ninguem pode ser aquilo que não é!*

A defeza da raça é a defeza do individuo: com efeito, sendo estructuralmente semilhantes todos os individuos dum mesmo grupo étnico, quando as coisas vão mal para o grupo em geral — irão mal para cada um em particular. Por isso os homens não podem triunfar fora das raças; logo, o instincto da raça é tão profundo como o instincto da conservação individual.

O *sêr vivo* divide-se em espécies, e por sua vez, as espécies dividem-se em raças; ora o individuo não vinga independentemente da sua raça como a raça não vinga independentemente da sua espécie. O individuo por si só não triunfa sem o triunfo colectivo da raça a que pertence, considerando, é claro, este triunfo, pelo lado essencial, isto é a *Procreação,* e com garantia da maior posteridade. D'ahi, a inconsciente, a instinctiva agrupação de caras eguaes no mesmo ideal politico, religioso ou artistico. E não é apenas em estes agrupamentos: tambem as profissões sociaes correspondem nitidamente a diferenças de raças, e a cujo fenómeno, é claro, não é estranha a educação, as tradições de pae para filho, — pois que os paes, em geral, transmitem as suas profissões aos filhos. Um toureiro, por exemplo, diverge étnicamente dum boticario, como um oficial do Exercito diverge um pouco dum oficial mecânico, — como tambem não me parece que um conductor de carros electricos seja muito semilhante a um conductor de carroças.

— O principio da separação racial não é mais do que um bom principio d'ordem, (escrevia eu em *Portugal Cristão-Novo).* A Genealogia e a Antropologia reforçam-se aqui sobre-maneira. Um grupo de homens homólogos, porque teem as tendencias no mesmo sentido, são uma grande tendencia; tem mais fôrça um pequeno partido homogenio que um grande partido heterogenio. A desordem, a balbúrdia, são provenientes da desordem e balbúr-

dia das raças; e esse foi, justamente, o grande erro da Inquisição em Portugal, uma errada interpretação de defêza: tirou os destinctivos; veiu misturar o que era naturalmente diverso; ora é muito dificil governar homens desiguaes (cahoticamente misturados)..

..Devo proclamar que uma raça que se junta e que se defende, defende a propria existencia dos seus descendentes e cria para si e para os seus um ambiente simpático e optimista; o desanimo é apenas o isolamento dos seus elementos... —

Assim escrevi em 1921.

Este mesmo erro da Inquisisão, o êrro de misturar o que era naturalmente muito diverso, coagindo os judeus ao catolicismo, á penetração nas sociedades cristãs (na manifesta intenção, é claro, de defender a purêza do catolicismo e a raça portugueza contra a invasão da raça judaica,) este mesmo êrro da Inquisição, varias vezes suspeitado em Portugal, tivera um grande inimigo em Antonio Vieira, aquele famoso jesuita e orador sagrado, e o mais egrégio espirito do seu tempo.

Antonio Vieira, prêso em Coimbra pelo Santo Oficio, é acusado de defender os hebreus e de ser contra o procedimento da Inquisição; efectivamente, ele-proprio, deante dos inquisidores, se pronuncia na mágua de ver casar cristãos-novos com cristãos-velhos; e que isto, a seu vêr, comprometia a integridade do catolicismo, podendo vir a sêr um perigo para Portugal; e que, em tempos propozéra, o que, aliaz, não fôra aceite, o diferenciarem-se os falsos dos verdadeiros cristãos com o dar-se a liberdade aos falsos para poderem praticar seu judaismo, escolhendo-se, para isso, lugares determinados no Paiz, onde deveriam ser acantonados; e para que, a todo o tempo, caso se tornassem perigosos para a nação, se podêrem expulsar sabendo-se ao certo quaes eles eram.

Mas o que formou propriamente o corpo de delicto de Vieira, e pelo qual foi condemnado, era o ter defendido o espirito profético de Bandarra, interpretando ao mesmo tempo algumas trovas

d'aquele mesmo trovador de Trancoso. Que o *Quinto Imperio,* anunciado por Bandarra, haveria de realisar-se em Portugal com a ressurreição de D. João IV. Estas taes proposições fizera-as Vieira no intúito simpático d'agradar e de consolar a viuva de D. João IV, quanto tivera perante o Tribunal do Santo Oficio um sabôr gravissimo d'heresia!

De longa data se acentuavam os ódios e despeitos entre os jesuitas e os dominicanos do Santo Oficio. Vieira, como figura proeminente da Companhia, deveria ser a victima predilecta, um ensêjo soberbo de desafronta da parte dos senhores da Inquisição. Foi condenado, àlém doutras penitencias, a não exercer o seu mister de prégador. Mas Vieira se dirige a Roma, e d'ahi enceta a mais formal campanha que contra a Inquisição se emprehendera apoz a que fôra contra a sua fundação. Efectivamente, este era o momento de maior importancia que coube a Portugal junto da curia romana, como só o egualára aquele em tempo d'el-rei D. Jóão III, para o estabelecimento da Inquisição.

Da luta entre os grandes aproveitam os pequenos; e desta sorte os cristãos-novos folgaram, pois que o Papa, dado o debater-se tão grave questão, como era uma possivel reforma dos estatutos e fórmulas juridicas do Santo Oficio, resolve suspender as funções deste tribunal, em 1674.

Queriam os procuradores dos cristãos-novos que fôsse alterada a escandalosa e injusta facção dos processos de crime, pois que, sendo um individuo acusado á Inquisição por um delactor (em volta do qual se guardava incorrupto sigilio) e com quem o acusado, segundo o delactor, praticára ou falára heresias, era o reu interrogado e atormentado até advinhar quem fôra o seu acusador, pois que se tomava por capciosa a não citação de qualquer cúmplice. Sucedia, entretanto, no desejo de atinar com o nome daquele que o denunciara, ir o reu denunciando uma quantidade interminavel de pessôas que desde logo se encontravam nos casos de serem tomadas pelo Santo Oficio.

Cinco anos depois de condenado, já escrevia de Roma o Padre Vieira ao Padre Manuel Fernandes, confessor do

Regente de Portugal; e dizia que, para se conseguir a mudança do estilo do Santo Oficio, necessario era «provar e demonstrar que do estílo «observado naquelle juizo se seguem muitas e gra«vissimas injustiças, ao menos materiaes, como são padecerem «muitos innocentes, e não terem nenhum remedio para se defender, «perdendo honras, fazendas, vidas e muitas vezes as mesmas «almas, por não terem outro remedio de salvar as vidas, que «confessar o que não fizeram e accusar muitos para advinhar «poucos . . .» *(Episódios Dramáticos da Inquisição Portugneza,* por Antonio Baião, vol. I, pag. 205 e 266).

Era assim que, a Inquisição, por estes iníquos sistemas, tinha nas mãos os segredos mais recónditos! Comprehende-se, pois, como os inquisidores se empenhariam em defender esta completa e tão terrivel arma!

Com a suspensão das funções do Santo Oficio andavam os inquisidores raivosos, agitando e perturbando a sociedade, predispondo os ânimos a seu favôr, pedindo a intervenção do Principe Regente D. Pedro, do Clero e da Nobreza, da rainha de Portugal e da rainha de Hespanha; e afirmando ao Regente que o Paiz era a favôr da Inquisição, que queria a conservação do velho *estilo,* aquele estilo com que fôra instituida, que o povo se amotinaria, e ameaçava amotinar-se, se as pretensões dos jesuitas triunfassem!

Mas a Inquisição continuou suspensa, só reabrindo em 1681. Os cristãos-novos tinham tomado, entretanto, uma grande força; e o certo é que o Santo Oficio não mais tornou a ser aquilo que fôra.

Não se deu, como pretendia Vieira, a liberdade de consciencia aos cristãos-novos, e assim se perdera uma esplendida oportunidade para operar a separação consciente das raças. — A promiscuidade intranquila perpetrou-se!. . .

Quando uma nação está no *plural,* isto é, em polverisação de raças, — sucede a desordem. *Desordem* quere dizer: tendencia a aclarar pelo triunfo duma nova ordem, pelo triunfo dum grupo uniforme, duma raça única. Nem poderia existir a possibilidade

duma nação sem a homogenidade duma raça em aristocracia, sêja ela de germanos ou de judeus; o que se torna inviavel é justamente o contrario, — a promiscuidade entre os individuos da governança. É por esta razão que toda a promiscuidade é passageira, tendendo a extinguir-se pela propria selecção politica.

Dest'arte, se não fôra a paridade de raça entre os dominantes da República, — era esta inviavel, e a desordem e a polverisação do Estado tão completas como a desordem e polverisação das raças. Por isso mesmo tem ás vezes mais força uma minoria, um pequeno partido de pessôas eguaes, que uma grande maioria d'individuos estranhos uns aos outros, — um grande partido.

Ora, senhores, a razão da cohesão é dos problemas mais notaveis!

E por isso esclareço ao redor do facto: — numa nação essencialmente semitica, como é esta, seria hoje impossivel a continuação dum trono europeu, tanto quanto é possivel um trono semita. Vaticino. . a proxima eleição dum principe semita que, aos poucos subindo, atingirá as culminancias do Poder!

A raça que conquista o predominio constitúe-se por isso mesmo em aristocracia; e a aristocracia é o esteio das monarquias. Desabam justamente as monarquias quando os soberanos não são da linhagem da raça dominante. Ora, Portugal, com o crescente predominio dos cristãos-novos, principiou a andar longe da raça dos reis que eram da dimnastia portugueza até ao exilio de D. Miguel de Bragança. E mais se apartou da raça dos reis quando a rainha D. Maria II casou com um principe absolutamente alemão, D. Fermando de Saxe Coburgo Gotha. A distancia era de cada vez maior: dum lado o crescente cristão-novo (proprietarios, financeiros, médicos, advogados, funcionarios publicos, enfim, toda a força da Nação, e do outro uma sucessão de reis alemães. Este fenómeno acelerára o advento da República. Hoje, Portugal, inteiramente judaico, dificilmente suportaria um trono germanico, — Portugal, de cada vez *mais estrangeiro* á

56

Eugenio Vieira, antigo revolucionario anti-monarquico (e até d'indole anarquista) como, pelo tipo — tipo judaico — muito razoavelmente se deduzia. E' prosador, poeta, e musicógrafo

face da Europa, com aquela intensidade de caracter estranho que marca Herder a respeito dos judeus.

Esta é até a circunstancia principal que aparta visivelmente Portugal da Hespanha. Hoje, mais do que nunca, Portugal é diferente da Hespanha, pela desproporção do sangue judaico.

É tambem sintomática a antipatia ineludivel que os portuguezes manteem pela causa castelhana em face de Marrocos; (os mouros ou berbéres são semitas tambem. Pertençam, embora, ao grupo khamitico, ou etheópico, que nem por isso deixarão de ser mais parentes, ou mais afins de raça, dos judeus, que propriamente dos europeus). Ora esta propensão para a causa dos moiros, contra a causa da Europa, não resulta tanto da inimizade propria de visinhos (Portugal e Hespanha), como da afinidade entre os cristãos-novos e os seus parentes moiros do Norte d'Africa. E' observavel, como perfís, marcadamente semitas, se escancararam de entusiasmo a favôr dos moiros sem outra causa mais do que uma desinteressada simpatia, — e pelo contrario, como perfis, marcadamente cristãos, (ou não-semitas), se decidem a favôr da antiga Hespanha, instintivamente contra a causa dos moiros! tambem é observavel como nas listas dos traídores hespanhoes predominem apelidos d'origem semitica, judaica ou moirisca!... Uma nação, superiormente e atnológicamente prevenida, jámais deve enviar contra o inimigo soldadesca parente do dito inimigo. O governo de Hespanha tem enviado a combater em Marrocos, por conveniencia económica talvêz, os contingentes das provincias do Sul. Eu bem sei que se usa em Hespanha o sistema das transferencias militares, isto é, o enviar mancêbos duma determinada região para os regimentos d'outras regiões; mas estas transferencias não excedem um limite bastante restricto, e quasi exclusivamente em referencia ao perigo de Barcelona...

Ora os homens das provincias do Sul não são os mais pro

pícios para a Hespanha, quando em combate com os seus irmãos de Marrocos. Quando se enviam irmãos contra irmãos, têm mais probalidades de triunfo aqueles que estão em sua propria casa. Enviasse Hespanha os contingentes do Norte, e eis que triunfaria o partido da Europa, não obstante os obstáculos anglo-francos.

Irmã dos moiros, a população dominadora em Portugal é etnologicamente adversaria dos que grangearam a independencia nacional! Sim, Portugal constituiu-se, empurrando para o Sul a vaga semitica, judeus e moiros, e são eles justamente (os judeus) que dominam hoje em Portugal. A continuação dum Estado europeu seria hoje impossivel; que ainda a suceder, teria forçosamente que evolucionar para uma república néo-germanica, e para esta a oportunidade já passou. Portanto, agora, só verdadeiramente seria oportuna uma monarquia neo-semitica, — e esta plenamente satisfaz o superior predominio dos portuguêzes.

Os cristãos-novos, absorvendo os ideiais avançados, poderam proclamar a sua república como um meio de rivalisar os néo-suevos organisados em monarquia.

Aproxima-se o tempo de os néo-semitas proclamarem tambem uma monarquia.

Com efeito, a mais nova geração de cristãos-novos, herdeira da República de seus paes, enche-se já dum fervôr aristocrático, e começa a proclamar o *Presidencialismo (fáscismo* e outras fórmulas semilhantes) proximo degráu do *imperialismo* por aclamação! (cumpre observar que emquanto o *fáscismo* na Italia, e *nacionalismo* por toda a Europa, são uma reação contra os judeus, em Portugal seriam já uma organisação judaica em monarquia; portanto, pseudo-fascismo, ou pseudo-nacionalismo).

Mas antes da definitiva organisação judaica, presinto a afirmação maior da raça, no desejo de se expurgar completamente de individuos que ainda lhe sejam estranhos: e para isso ahi estão o *comunismo* e os demais acontecimentos da Rússia moderna (optimos estados para a semente imperialista)! Os degraus hão-de

contar-se a um e um; o que começou tem que acabar; a mais profunda desordem é o começo da ordem, mas tudo o que começou tem que acabar.

Contudo, as convulsões sociaes da Rússia jámais se reproduzirão em Portugal, porquanto neste paiz o estado judaico não tem graves inimigos a combater: por isso em Portugal, tanto o *nacionalismo* como o *bolchevismo,* não teem poderosamente razão de vida.

Não devemos esquecer que Portugal é um paiz de revolucionarios anti-europêus, um paiz de semitás, e que, portanto, o futuro de Portugal, não pertence a europêus, mas a semitas!

Aqui, o cristão-novo é o único povo que tem fé nos destinos da Nação; o cristão-velho vive unicamente a reação, teme o futuro, respira saudade!... Logo, o futuro pertence aos cristãos-novos; eles salvarão Portugal!. . "Os Judeus é que salvarão Portugal,,—dizia um dia um estadista da República! Acredito; ocupando os judeus as situações na Europa,—a maçonaria, instituição de judeus, (anglo-judaica, em suas origens, creada a fim de dominar a França sob o epíteto capcioso de *Franco-maçonaria)* é, portanto, garantia da salvação de Portugal. *"Esta Nação só será salva por uma revolução saída das nossas mãos,* dizia o Grão Mestre da Maçonaria Portugueza em ocasião que precedeu o *19 d'Outubro de 1921*, a revolução da afamada matança! isto dizia o Grão Mestre da Maçonaria; os sucessos, porém, excederam muito a sua espectativa, porque um judaismo mais integral, menos emiscuido d'elementos estranhos, subia, subia...: era o vento da Rússia!

A vida pertence a quem tiver arrojo e confiança.

Ha dois modos d'existir na vida: ofensivo e defensivo. O futuro é unicamente dos ofensivos.

Tambem em Politica, cada qual é... ou não é. Em Portugal o republicano *é*, e o monarquico *não é*... (—não é o quê?): —*não é* republicano. Quere isto dizer: o cristão-novo em Portugal é a afirmação, e o cristão-velho é unicamente a negação

desta mesma afirmação. E mal vae para quem não passa além de *reacção!* — Quem tivér ouvidos que oiça!

Não digo que sêja o judeu melhor que o suevo; mas, ao menos prehenche a oportunidade, — e sêr-se oportuno é sêr-se tudo! Todos os movimentos sociaes são a luta pela oportunidade; *reagir* é uma coisa secundária, é lutar contra a luta pela oportunidade; é tornar-se, portanto, inorportuno; é, portanto, perder-se.

Hoje a oportunidade é dos judeus: quere isto dizer que o meio favorece a procreação dos judeus sôbre todos os outros. Eles, portanto, são, por instincto, (não por trama de consciencia de raça, — que só localmente poderá) existir os detentores dos *ideaes* avançados (distinga-se entre *ideas* e *ideaes), —* isto é, os combativos, *por instincto*, do existente europêu: a afinidade para os grandes bandos politicos não faz senão reunir, em espaço e em tempo, pessoas que pertencem aos mesmos bandos étnicos. — Pode haver promiscuridade? — Sim; mas ela tende a desfazer-se pelo depurar dos proprios partidos, pouco a pouco, e á medida das convulsões sociaes. Portanto, é inviavel a mistura das raças.

No blóco constitucional do século passado figuravam germanos da nobreza antiga (que ha diferenças entre a antiga e a moderna), e que já na recente Republica não figuram. E apoz a República as tentativas de avançada ideal (ou pseudo-ideal), o *14 de maio* de 1915, o *19 d'outubro* de 1921, — o movimento *radical comunista* de 1924... são tentativas de purificação radical, — e demonstram bem que o semitismo integral não admite transigencias com os correligionários d'outras origens. Quando a raça já estivér mais pura, por convulsões socialistas e anarquistas, — então, surgirá um *principe judeu* que pode até ignorar a propria origem! E então, a organização judaica consciente, os israelitas de todas as sinagogas do Mundo, tendo o meio preparado, e a hora propicia, podem bem fazer o que fizeram os bárbaros no já inquinado Império romano: que este império antes de se volver em coisa germanica, já de ha muito vinha sendo germanisado!

O escritor metafisico Raul Leàl, interpretando erradamente o meu pensar, exarou num jornal estas palavras, interpretando deste modo o pensar de muitos... —

«Supõe Mario Saa a existencia duma grande organisação «semita para a destruição do mundo não-semita. Para isso, os «judeus apoderaram-se, primeiro, da alta finança e grandes «industrias, e depois lançaram mão do bolchevismo para destruir «o quê? Precisamente a alta finança e grandes industrias de que «eram senhores!»

Jámais falei em organisação consciente dos semitas para a destruição do mundo não-semita; tal não se dá, pelo menos em Portugal entre os numerosos cristão-novos, detentôres do Poder; (apesar de não sêr ignorado, e já no seculo passado, que Israël tinha o seu governo e os seus tribunaes como qualquer nação, mas ocultos; vide R. de Wolki, *A Russia judaica*). Mas, ao contrario, tenho pretendido dar todo o relêvo á colectividades *instinctas* (cuja ação destructiva é muito mais poderosa que as primeiras) e só ocasionalmente me referi áquelas. Devo observar, entretanto, que o facto de os judeus possuirem o dinheiro não destróe aquele outro de sêrem meramente destructivos e sempre ao lado, e absorvedores, dos ideiaes revolucionarios: ganham de todas as maneiras! E ainda isto por sua propria indole, pois é inegavel que o judeu é essencialmente um radical, por mais defensivo que seja ele de suas riquezas... pois que o instincto manda mais no Homem que a razão! Embóra, é claro, não seja de todo errado, que quando juntam algum dinheiro se mostram pacificos, e com um certo aspecto de conservadores, frequentando as igrejas, se preciso fôr; frequentando as igrejas e os *bons costumes* como qualquer circunspecto farizeu! Mas sempre, em qualquer estado, profissão ou circunstancia, o hebreu, circuncizado ou não, *actua pela simples presença, á maneira dum dissolvente;* (palavras de Bermard Lazare).

E Raul Leal, cristão-novo, torna a escrever:

«Diz Mario Saa que os judeus são revolucionários por natu-«rêza. Como explica então o facto de terem sido judeus os

«maiores perseguidores de Cristo, o Grande Revolucionario?
«Eles tanto podem sêr libertarios como conservadores (ex.:
«Maurice Barrés)».

Eles são tão revolucionarios como outras raças desde que se encontrem em circunstancias d'invasão, — e é isso precisamente o que está sucedendo. Um dia virá que sejam eles a repelir as avançadas revolucionarias dos outros povos, tambem hostilmente em circunstancias d'invasão. Entretanto, o espirito semitico *é por naturêza revolucionario*, já por mais exaltado e mais versatil.

E' notoriamente *leviano!* A's vezes, tanto são conservadores como avançados, para sêrem apenas comerciantes; mas a verdade é que a propria versatilidade é espirito revolucionario!

Sem dúvida, existe neles um espirito profundamente revolucionario, descendente do entusiasmo imponderado e febril que em tudo põem, e sobretudo por aversão ao existente alheio. Chamberlaim comenta (*A Génese do Século* XIX, pag. 612):

«A aptidão intelectual e a moralidade são coisas de disposição
«individual; o judeu, como todos os outros homens, é inteligente
«ou estúpido, bom ou mau; o que não é individual são as prégas
«do pensamento, as tendencias inherentes á mentalidade e á
«conducta, os súlcos assignalados no espirito pelos hábitos ances-
«traes. Assim, hoje, reconhecemos entre os judeus atheus —
«daqueles cuja orientação é a mais moderna — estes caracteres
«demasiado aparentes: a tendencia a tomar por factos positivos
«e materiaes meras hipóteses absurdas da Sciencia, ou represen-
«tações que ela não alvitra senão a titulo de plataforma provisória;
«a total incapacidade de se elevarem acima do ponto de vista
«histórico o mais restrictó; a especial vocação para tecer e arqui-
«tetar reinos do Messias, socialistas e económicos, sem ponde-
«rarem, um só momento, se tal acontecimento não arruinaria por
«completo a nossa civilisação e a nossa cultura tão laboriosamente
«adquiridas. A convicção infantil de que se poderia dum dia para
«o outro transformar as almas dos povos por decrétos e leis; a

«geral incomprehensão de tudo aquilo que é verdadeiramente «grande e que ultrapassa os limites estreitos do círculo d'ideias «proprio destes cérebros; a exaltação ridicula de toda a mani- «festação intelectual, por mais liliputiana que sêja, desde o «momento que tenha um judeu por auctor . . . Pois bem, os pre- «tensos livres-pensadores que taes caracteristicas revelam, paten- «teiam-se como autenticos productos desta religião do Thora e «do Talmud, muito mais irrecusavelmente e radicalmente que «muitos piedosos rabinos que praticam as altas virtudes da «humildade e da obediencia á Lei, a par do amôr ao proximo, da «dedicação aos pobres, da tolerancia para com os não-judeus, e «que passam uma existencia de que se honraria, não importa que «povo, de que se glorificaria, não importa que religião».

Os agitadores e livres-pensadores de Portugal (que não pensadores livres!) são os directos descendentes e representantes d'aqueles doutores materilistas do Talmud, por mais espirituaes e metafisicos que pareçam!

Os judeus (cristãos-novos em Portugal) amoldam-se aos meios e circunstancias, mas na generalidade são revolucionarios.

Em Bragança, em que o elemento cristão-novo ainda é conhecido, — conhecido é tambem sêr ele, ali, o elemento revolucionario, e tanto faz o pobre como o rico, o sapateiro como o omnipotente financeiro.

Em Traz-os-Montes são os cristãos-novos os sustentáculos da República, os *anti-clericaes*, por excelencia, os unicos politicos repúblicanos que descendem d'ahi ao Parlamento. Ora, no Sul, em que ha muito mais judeus que no Norte, (e por isso mesmo aqui a tradição se perdeu) outros não são os caudilhos repúblicanos, e os repúblicanos em geral. Alemtejo e Lisbôa, que já no século XVIII fôram a base dos adeptos de Pombal, dos *jacobinos*, e que no XIX fôram o esteio do liberalismo (quanto as provincias do Norte o eram antes do partido de D. Miguel) são actualmente o alicerce da República. Assim como ha, evidente-

mente, em Portugal a raça do Norte e a raça do Sul, tambem ha a politica do Norte e a politica do Sul!

Beja, uma cidade semitica, uma cidade de judeus, não conta uma duzia de monárquicos.

Na Covilhã, por exemplo, como n'outros lugares em que ha importantes colónias de cristãos-novos ainda havidos por taes, são eles, por via de regra, os revolucionarios, não obstante serem tambem os mais opulentos. Os cristãos-velhos, pobres ou ricos, são invariavelmente conservadores.

O cristão-novo covilhanense Campos Melo realisa até o engraçadissimo paradoxo de ser a um tempo deputado *socialista*... e industrial! Entre judeus tudo é possivel!... Um bom exemplo é tambem o cristão-novo Alfredo da Silva (tio do pintôr e poeta *futurista* Teles Machado) que não obstante industrial arqui-milionario promovia convulsões politicas radicaes, tal o movimento outubrista do ano de 1921. «Israël, conhecendo «admiravelmente as injustiças, as taras, as vila«nias e as fraquêzas do capitalismo de que ele «é em grande parte o pae, não achou nada de «melhor para se prevenir contra os assaltos «de baixo, que fomentar as irritações popula«res, para dirigi-las, domina-las, protegê-las e «lança-las *contra o outro capitalismo*. Juda «pode proferir: a tous les coups on gague». *(Bolch. de Salon»* pag. 557).

57

Campos Melo, cristão-novo da Covilhã, dos puros tradicionaes judeus. Foi iudustrial e deputado socialista, e actualmente é democratico; tipo antropológicamente republicano, ou, pelo menos, anti-monarquico

O *comunismo* em Paris, todos o sabiam, fôra um producto de financeiros hebreus (na maior parte descendentes de portuguezes). Além de que, aos interesses individualistas da alta finança qualquer estado de desagregação das sociedades é tão conveniente, como aos corvos é conveniente a podridão!

Toda a fórmula avançada é uma passagem — a passagem dum povo sôbre outro povo! E assim se vê como o territorio é

fixo, e os povos perpassam, substituem-se. Por isso razão teem os judeus: "A minha Patria está, onde está um homem da minha raça,,.

Qualquer portuguez pode sêr mais irmão dum estrangeiro que de seus proprios compatriotas! D'ahi a bases falsas das nações, e mormente das nações modernas.

Mas repito: os homens da República são os representantes directos dos judeus das comunas. E isto é uma descoberta bem importante!

O mesmo blóco inteirinho transitou do Passado até ao Presente perdendo á superficie a côr religiosa para ganhar á superficie a côr politica. Não é coisa recente e repentina a junção dos descendentes dos hebreus nas facções radicaes de Portugal: já veem unidos, como um *todo* cumpacto e tradicional, dês que fizeram arraiaes na *nossa* terra que é hoje muito mais a terra deles!

Inimpterrutamente, desde o tempo das *comunas* até ao Presente, sempre andáram unidos, sempre em acções de conjuncto como um só homem: aqui eram *judeus* contra a Religião do Estado, — ali fôram *liberaes*, ou jacobinos, contra a politica dos frades e inquisidores, — e hoje são finalmente repúblicanos, mações, livres-pensadores, socialistas, *comunistas*, em reação ao que até ao Presente dominou.

58

O cristão-novo Nogueira de Brito «comunista libertario» jornalista de «A Batalha», — escritor e historiógrafo. E'-descendente de judeus, segundo *genere* por ele-proprio averiguada.

Onde quer que se oiça o grito de revolta: «abaixo! abaixo! nós somos os obscuros filhos do Povo» — estenda-se bem, está-se escancarando uma bôca semita, e mais particularmente uma bôca judaica. O *Povo*, que com revolta e orgulho, a si-proprio se dá o nome de «Povo», é aquele que está farto de ser povo, e que, portanto, nunca o foi! E' o judeu! O Povo de Portugal, o antigo rebanho, adormece indiferente de norte a sul — e só o judeu agita os *Direitos do Povo* que, é como quem diz: *Direitos*

do Judeu. O Povo antigo adormece de norte a sul. As lutas sociaes dão-se entre as camadas superiores, na disputa do Poder; essas camadas são duas raças diferentes. Degladiam-se em Portugal as duas varonias: suevo-gôdos, representando o ramo germanico, o *Homo europaeus*, e judeus, representando o ramo semítico, o *Homo asiaticus*. Todos os fenomenos da Historia de Portugal, (e da Peninsula), teem o seu fundamento nesta contenda.

Não nos cabe esclarecer coisa mais clara.

COMUNISMO E NACIONALISMO:

Herzl, israëlita, inaugurador do *sionismo*, (e por cuja morte lhe sucede Max Nordau, o afamado anarquista, auctor do livro «Mentiras convencionaes da nossa civilisação»), Herzl, que pretende a reconstrucção da antiga patria, a recondução dos hebreus para a Palestina, para Sião, escrevia nos anos derradeiros do século passado:

«*Os judeus educados depressa se tornam socialistas.*
«Assim, temos a certeza de sofrer muitissimo na luta entre as «classes, pela nossa posição mais exposta nos campos *socialis*-«*tas* e *capitalistas*.»

E logo adiante, èm referencia ao ódio que por toda a parte dispertam os judeus, aó anti-semitismo de cada vez mais infrene. em toda a parte, continúa:

«A causa remota, foi a nossa perda de poder assimilavel du-«rante a idade-média; a proxima, a nossa excessiva produção «de intelectuaes mediocres, que não podem encontrar ingresso «salutar em qualquer situação a que concorram. *Quando nos* «*empobrecemos, reduzimo-nos a um proletariado revolucio*-«*nario*, oficiaes subordinados do partido da revolução; quando «nos enriquecemos logo se levanta tambem sobre a nossa bolsa

«aquele terrivel e costumado poder absorvente.» (Vide *Um Estado Jodaico*, trad. port. d'A. Amzalak, pag. 21 e 25).

Tambem Lazare escrevera em França pelo momento da questão Dreyfuss:

«Pode-se dizer que *os judeus estão nos dois polos da* «*sociedade comtemporanea.* Encontraram-se entre os fundadores «do capitalismo industrial e financeiro, e teem protestado com a «maior das vehemencias contra o capital. *A Rothschild corres*«*pondem Marx e Lassalle;* á luta pelo dinheiro, a luta contra o «dinheiro; e o cosmopolitismo do financeiro torna o internacio«nalismo proletario e revolucionario.» (Karl Marx é o auctor do livro «O capital», e do famoso manifesto «Proletarios de todo o Mundo — uni-vos», obras anarquisto-socialistas, precursôras do *bolchevismo).*

Continúa Lazare:

«Os judeus são verdadeiramente os inventores da luta de «classes, entre *ebionim* (ricos) e *adavim* (pobres). A justiça re«clama a desaparição da desigualdade.»

Oiçamos o comentario do auctor do *Bolchevisme de Salon et Faisandisme juif* (Cahiers de l'Anti-France, an. 1923, pag. 555):

«Desde 1848 que o anti-judaismo legal desaparecera no «Ocidente; o *ultimo gheto* (judiaria) *tombara em Roma em* «*1870;* (só ficaram na Russia e Romania. — *Que d'explications* «*dans ces lignes!).*

«Em seguida, a luta de classes, em grande parte devida a eles, «atingia o seu cúmulo. Desde sempre, já desde Amos, o democráta, «*fazem eles a propaganda da luta de classes*, porque... *está* «*no espirito d'Israel a destruição das potencias estabelecidas* «(Henry Torrès). Toda a historia o demonstra: o judeu é o enge«nheiro em chefe das revoluções. Sua propria religião anárquica, «que os faz semilhantes a Deus, (e ora, pois, incapazes de subor«dinação) e o seu cosmopolitismo — pois que não teem territorrio, «— os tornam fatalmente *internacionalistas.* O seu papel, com «Karl Marx, fôra enorme na 1.ª Internacional, e depois. O auctor

«d'*O Capital*, com efeito, se conformava apenas — diz B. Lazare «— com o *velho materialismo hebraico*. Descendente duma série «de rabinos e doutores, foi *talmudista lúcido e claro*... que «fazendo sociologia, aplicou as suas qualidades nativas d'exe-«gese á critica d'economia politica. Drumont disse-o: é um judeu, «Simão Meyer, que, durante a Comuna, arvora a bandeira vermelha.

«Mas, é preciso não errar, os judeus *não provocam a re-«volução*, adérem a ela; (Lazare). O judeu toma parte na revo-«lução, *como judeu, isto é, conservando-se sempre judeu*... «...o judeu lança os outros e recolhe. Que eles tombem sobre «o pavimento das barricadas; quanto a ele, enceleira a seára. «Operação mais proveitosa. Assim procede tanto em tempo de «guerra, como em tempo de revolução.»

Escrevia o rabino Adler, de Londres na *Pall Mall Gazette* (4 de julho de 1894): — os judeus são voluntariamente anarquistas, mas não sentem predilecção alguma pela ação individual. — E Louis Martin: — Raramente se vê um judeu insultar um padre, mas *manda-o* insultar.

Em oposição ao estado europeu, e por indole nativa, o judeu promove a desagregação da velha Europa, a desagregação das sociedades do Ocidente. Começa justamente por onde devia, corrompendo os costumes, alterando os costumes do Ocidente.

Recortaremos alguma literatura, em referencia aos tempos mais modernos:

Alexandre Dumas, semi-judeu, e Naquet, judeu inteiro, iniciam em França a campanha a favôr do divorcio, em 1876. Já Naquet em 1868 acusava o matrimonio de atentar contra a liberdade individual, de ser um motivo de degenerescencia para a éspecie, e que o amôr filial e paternal não eram mais que um producto da vida em comum. Que se deveria abolir o matrimonio, socialisar as ocupações familiares, educar as creanças em comum, etc. A tentativa da introdução do divorcio era um apelo aos vulgares costumes judaicos. Dezenas de literatos, até ao so-

cialista Lassalle, todos israëlitas, secundam o movimento, preconisam a egualdade da moral entre homem e mulher. E' introduzido o divorcio em França, mas faltava adaptar os costumes da Europa ás verdadeiras tendencias de Israël. «O casamento «registado por um oficial do Registo Civil, (escreve o judeu «Henry Marx), *deve* ser uma união livre. *O juramento de fide«lidade compromete a serenidade dos contractos*... Os cos«tumes do Oriente, cuja razão elevada e virtuosa tantas vezes é «lembrada, concedem a cada homem varias companheiras, não ape«nas para a satisfação dos seus sentidos, como para a felicidade «da sua moralidade... A escravidão da actualidade é a causa «de todas as traições.» O judeu húngaro Max Nordau (Sudfeld) acha infame a supressão da poligamia, não tendo os animaes o costume da fidelidade. O judeu loreno Leon Blum, requere um futuro muito mais livre, em que a mulher viria tão naturalmente de casa do seu amante como de tomar chá com sua amiga. Que a prostituição se origina na falta do costume salutar de satisfazer ocasionalmente e imediatamente a vontade carnal, pois que o homem não espera em seu prazer, e então procurará as mercenarias, cuja existencia é pois forçosa, e isto em prejuizo da *mulher honesta*.

Como a moral e a religião são naturalmente as bases das sociedades, aos seus remodeladores compete o corromper estas mesmas bases: mais do que por um plano d'ataque o instincto lh'o ensina.

A demolição da moral principiou na Rússia pela onda judaica ou *modernista*, israëlita, que inundava Paris, em quartos alugados, vivendo a sua mocidade de estudantes completamente ausentes de familia; e assim, como o aprenderam e predicaram, o executaram depois na Rússia bolchevista. Na transformação da moralidade não é menor o papel das israëlitas; Kollantay, Magdeleine Marx, Marthe Bigot, Magdeleine Pelletier, são famosos exemplos. Pelletier diz dos abôrtos prematuros: «Sobre o nos«so corpo o nosso direito é absoluto, pois que pode ir até ao «suicídio. Acima de tudo é o individuo que é sagrado.» Prompta-

mente o governo dos soviets sancionou a vontade destas judias.

Para acelerar a realisação do *paraizo terrestre,* como lhe chama Kollontay, cria-se um secretariado universal sob a presidencia da judia alemã Clara Zetkin, acolitada pela dita Kollontay, e funda-se uma revista poliglota. *A Internacional comunista das mulheres* teve a sua primeira assemblea deliberativa em 1921 ; *(Bolch. de Salon*, pag. 488).

Camille Spiess diz que o judeu o é mais alto representante do instincto sexual, do paraizo dos sentidos : que todas as aspirações sexuaes estão nele contidas ao máximo. O auctor do *Bolchevisme de Salon*, comentando um tregeito luxurioso, e intranscriptivel, do poeta judeu Alberto Cohen, auctor de *Paroles juives*, 1921, diz: «*Raça carnal*, que a seguir ao dinheiro em mais «mais nada pensa que na volúpia?»

O filósofo Espinosa afirmára que para os judeus não existiam valôres puramente espirituaes, e que em tudo se limitavam aos beneficios do mundo prezente.

Por sua maxima preocupação da materia são os judeus, por excelencia, os tratadistas da arte de bem viver, da arte de bem aproveitar os curtos dias, da arte do paraizo na terra!

A campanha contra a desagregação das sociedades move-a no ocidente a colónia judaica, como se constata em França, na Alemanha. etc., pelo livro, pela palavra, e pela acção. Mesmo os que mais inofensivos se afiguram são ainda os terriveis inimigos da velha Europa, a Europa dos barbaros fundadores das nacionalidades da cristandade. Estes modernistas, estes *futuristas*, estes literatos que parecem arrastar suóbicamente, e só isso, o seu gesto original e pretencioso pelos salões mundanos de Paris, incutindo-lhes o gôsto como uma moda, um *denier crie,* estes israëlitas (porque o são todos em França. e não outros), o autor do *Bolchevisme de Salon, et Faisandisme juif* os considera precursôres do bolchevismo; estes *orientalistas,* a que temos dado o nome de modernistas, não são apenas uns destruidores de sintaxe!

Dir-se-ia que um tenebroso plano de corrupção urdiram os judeus á face da terra, sob a promessa de *cidade d'amôr*.

O judeu húngaro Victor Basch, personalidade altamente representativa, lente da Sorbonne, em Paris, e vice-presidente da *Liga dos direitos do homem*, proferia, em assemblea convocada em 1917 para celebrar a Revolução Russa: «Nós (os judeus) «orgulhamo-nos de sêrmos os Dom Quichote do ideal, os amantes «da *cidade d'amôr* que em nossas almas vive» ; (revista social *Diana*, nov. de 1918, em titulo *Fiat luz)*. Este judeu presidia em 1920 á assemblea solemne para a nomeação do governo israëlita. *(Bolch. de Salon*, pag. 534 e 535).

Fôra ele que em 1916 enviara aos judeus da América aquele apêlo:

«Amigos, tudo o faz presentir, o dia está próximo, e apoz o «ribombar dos canhões gigantescos e dos relámpagos das metra- «lhadoras, o *Messias o vosso Messias vae* «surgir».

Destes judeus, não-assimilados, destes judeus que teem ainda a consciencia de raça, e que tudo dominam em um paiz em que Abraam's é inspirador de Doumergue, oiçamos o que diz o Marquês da Tour du Pin:

«Os judeus são uma nação. Esta nação está persuadida de «que o império do mundo lhe pertence. Não tem outro meio de «realisação que não seja *pela corrupção dos espiritos*, a qual «conduz á decomposição da sociedade».

Em 1918, um judeu de 13 anos d'edade (n'aquela edade em que se não mente e em que se transpiram as tradições do lar), o poeta francez Lipman, escrevia no seu livro *Paginas dum adolescente*:

«Crêem, em verdade, os judeus, que uma missão teem a «cumprir na terra; esta missão é a de propagar, entre as nações, «as ideas de paz e fraternidade. Ora, para a levar a efeito, Israël «tem que andar espalhado por todo o mundo, até que haja ter- «minado a sua obra; então, segundo as predições dos profétas, «*todos os povos reconduzirão os judeus a Jerusalem*».

Eis o que pensa Israël. O judeu Richard Bloch o afirmára

já — que *Israel deve desnacionalisar os povos;* e outros acrescentam que *a paz universal será uma consequencia da dominação judaica.* (Bolch. de Salon, pag. 532).

Tal o perigo que oferece uma nação consciente da sua propria raça, e cujo meio de conquista é a infiltração. Os judeus crescem desmedidamente em população e poder, no interior, no coração das nações, mas sempre como uma raça adversária e alheia, inimigo que não oferece batalha em campo descoberto. Tal o perigo que oferecem os judeus na Europa; tiram a fôrça da sua propria franquêza; Séneca dizia que os judeus eram o único povo que conseguia impôr a lei ao vencedor. O judeu Naquet, escreve-o:

«A Hélada conquistou o seu vencedor, e helenisou-o. Outro «tanto fará a nossa Patria: seu espirito ha de animar a confede«ração universal. *Deve ela-propria tornar-se Humanidade*»; *(L'Humanité et la Patrie,* pag. 333)».

Abstraindo, mesmo, do sentimento de nacionalidade hebraica ou sionista, (de Sião), é o judeu, por natureza, alheio ao sentimento de nacionalidade territorial. Lannay comentava: de tal maneira a ideia de patria territorial persiste inconcebida por toda a inteligencia semita. O hebreu Crémieux defenia *patria:* a egualdade de direitos e de deveres; *(cahiers de L'Anti-France,* n.º 6, pag. 544).

Mas o grave inconveniente para as nações, é que os hebreus, não apenas se encontram *inassimilados,* como tambem se declaram *inassimilaveis.* O dr. Leopoldo Kahn, rabi de Viena, afirmava em 1921: «Toda a assimilação não é senão exterior, e «sempre *puramente exterior.*» *(Op. cit.* pag. 552; e *Chamberlain,* pag. 443.)

Bernard Lazare escreveu em 1894: «*Existe um naciona«lismo judaico,* cuja manifestação actual é o sionismo. A sua «patria tem sido sempre em Jerusalém, tenazmente, indomavel«mente. No meio das outras nações, considerados como *o Mau,* «teem permanecido taes quaes eles são, *como um povo eterno*

«contemplando o surgir de novos povos»; (*L'Antisémitime*, pag. 99). Anualmente, na véspera da Pascoa, se psalmodía nas escolas rabínicas: «o proximo ano em jerusalém, *Lechana aba «Ieruchalaïm»*. Teem, diz o judeu Spire, acima de tudo, a missão de proteger a sua *personalidade étnica*. Inútil, pois, o esperar a assimilação d'aqueles que, até 89, o não fizeram; (isto escreve o citado autor do *Bolchevisme de Salon*, pag. 541).

O *perigo judaico*, alem de consistir na propagação da índole semitica, adversa á européa, consiste em serem os judeus uma poderosa nação, empunhando, entre as nações que os acolheram, o pendão da revolta, o pendão da dissolução das nações (e até aqui estaria muito bem), mas conservando-se, entre eles-proprios, de cada vez mais agregados e com maior consciencia de nação; o perigo judaico consiste em não serem o que apregoam: anunciam a demolição das fronteiras, e recolhem-se de cada vez mais á *judiaria*, inconsorciaveis com os outros povos, de cada vez mais inassimilaveis. Anunciam o socialismo, e não perdem o ensejo de se enriquecerem de cada vez mais individualmente. Comprometem o resultado dos novos ideiaes, socialismo, comunismo, internacionalismo, e, contudo, são eles que promovem o socialismo, o comunismo, o internacionalismo, — e o universo de cada vez é mais judaico, de cada vez mais... nação d'Israël!

Ainda ha quem pergunte se o *judaísmo* é realmente uma raça ou uma religião! É, evidentemente, as duas coisas: uma raça com uma religião, não podendo existir esta sem aquela. Jámais lhe poderiamos tirar a parte que compete aos cristãos-novos. Estes judeus, tão puros como os outros, não tendo, na realidade, a consciencia de raça que teem os outros, teem, contudo, a pureza do seu instincto, com os seus mesmos fins e mesmos processos. O instincto é uma razão mais poderosa que aquela a que vulgarmente chamamos *razão*. Mas, tratando-se da nação ortodoxa, ou consciente, o perigo que oferece é manifesto: é, por excelencia, a nação prolífica, e que sonha em tomar o dominio do mundo, em fazer-se ela-propria Humanidade!

É uma forte nação, e tanto mais forte, quanto se encontra em pedaços, formando Estados dentro dos proprios Estados.

Vêde a ultima estatistica; *(Revista Americana,* Rio de Janeiro, 1924):

«O Annuario Americano Judeu, publicado pelo dr. Linfield, «director do bureau de estatistica para o estudo social do povo «judeu, contem uma estatistica fixando em 15.500:000 o numero «de judeus em todo o mundo. Dois terços estão na Europa, um «quarto na America; 8 % na Asia, Africa e Australia. Na Europa, «8.750:000 judeus estão num territorio que o dr. Linfield chama «*Europa Judia-Central* e que corresponde á Ukrania, á Russia «branca, á Lithuania, á Polonia, á Lotonia, á Tchecoslavaquia, á «Austria, á Hungria, e á Rumania. Ahi estão 8 % da população «judia na Europa, contra 12 %, em média, nos demais paizes. «Objecta-se que talvez esse calculo esteja hoje um pouco alterado, «pois os judeus refluiram, ultimamente, da Europa Central e «Oriental para a Occidental. Na America ha, segundo o Annua- «rio, 3.850:000 israelitas sendo 3.600:000 nos Estados Unidos; «126:000 no Canadá e 100:000 na Argentina. Na Asia, os judeus «vivem sobretudo na Palestina (84:000) mas isso é apenas 11 % «da população. Nos paizes arabes da Asia Menor (Sirya, Meso- «potamia e Arabia) ha cerca de 140:000, ou seja 11/2 % da «população desses paizes. Na Asia Central e Septentrional ha «350:000 e apenas 27:000 na Asia Oriental. Na Africa habitam «450:000, sendo 50:000 na Africa do Sul. Na Australia ha «24:000 israelitas. As principaes communidades judias são as de «Nova York com 1.643:000 israelitas, ou 45 % da população «local, o que a torna a maior cidade judia do mundo, Nova-Israel; «Varsovia, com 319:000, ou 48 % da população, e Vienna com «300:000, ou pouco menos de 15 % da sua população.»

Se nesta contagem entrassem os cristãos-novos portuguezes, que são, afinal, os *verdadeiros judeus,* os sefardins, a proporção em Portugal bateria o *record!*

Entre os polacos, sem duvida, muitos haverá descendentes de sefardins. O cristão-novo em Portugal é uma prova da inassi-

milaridade da raça: desmemoriados que sejam, por mais cruzados que sejam, eles lá se procuram uns aos outros, lá casam uns com os outros, lá se encontram nos mesmos partidos, nas mesmas tendencias.

Vêde, pois, como Israël é uma poderosa nação, de raça purissima, de varonia pura, já pelo fenómeno da instinctiva selecção racial que até corrige os erros da Sociedade (vide este livro, pag. 41), já porque no judaismo não teem, em tempo algum, entrado estrangeiros. Felsenthal tem calculado que desde Theodosio até ao ano de 1800 «não haverá talvez 300 não-semitas que «tivessem sido recebidos no povo judaico»; e que a *raça* é que é o dado permanente, o substracto necessario, não sendo a religião mais que um acréscimo, um qualificativo, um accidente. E assim é, em verdade. *(Thèses juives,* por dr. B. Felsenthal em a *Festschrift zum 70. Geburtstage A. Berliner's,* 1903).

Chamberlain faz o seu comentario:

«Destas considerações resulta para nós o direito e o dever «de encarar o judeu como um elemento particular e propriamente «estrangeiro na nossa vida. Exteriormente, herdou ele aquilo «mesmo que nós-outros temos herdado; interiormente, herdou «ele um espirito fundamentalmente diferente do nosso»;

E n'outro lugar:

«Mas este povo estrangeiro, eternamente estrangeiro por «indissoluvelmente ligado — como o nota Herder — a uma lei estran«geira a todo e qualquer outro povo, não se ha tornado no decurso «do seculo XIX um elemento menos constituitivo da nossa vida, «e talvêz mesmo, sob certos dominios, o seu factor dominante. «Ha cem anos o mesmo testemunho confessava com melancolia «que — as nações mais grosseiras da Europa se tinham tornado «escravas voluntarias do judeu usurário; (vide *Ideen zur Ge«schichte der Menschheit,* III.ª parte, 1. 12 § 3) —; outro tanto se «poderia dizer neste momento da porção mais consideravel do «Mundo civilisado. A posse do dinheiro ainda é o menos: são «os nossos governos, a nossa justiça, a nossa sciencia, o nosso «comercio, a nossa literatura, a nossa arte... quasi todas as

«formas da nossa actividade se teem tornado escravas mais ou «menos voluntarias dos judeus, arrastando ora num pé — ora nos «dois — a grilheta da servidão. Além de que, este caracter *estran-«geiro* sublinhado por Herder aparece sempre e de cada vêz «mais nitido; ha cem anos a custo se percebia; mas agora, de «tal modo se tem desenvolvido e afirmado a ponto de se impôr á «observação dos menos perspicazes. Obedecendo a motivos «d'ordem ideal, o Indo-Europeu abriu amigavelmente a porta; o «Judeu precipitou-se ahi como um inimigo, tomou d'assalto todas «as posições, e nas brechas — não quero dizer nas ruinas — da «nossa individualidade propria, hasteou a bandeira desta outra «individualidade que se nos conserva eternamente estrangeira». *(A genese do seculo* XIX por Chamberlain, pag. 438 e 445).

De tal modo os judeus são encarados na vida europêa, não obstante sêrem ahi uma minoria em relação ao numero do europêus. Que caracter profundamente estranho não deverão, hoje em dia, patentear os portuguezes á face da Europa! Como poderão esses homens de Chamberlain suportar os neo-portuguezes?!

Repito: mais do que a razão, o instincto, a indole inconsideravel, tem urdido o plano de corrupção geral, a derruição da velha Europa. Por esse mesmo caminho se lhe fôram agregar, e nella colaboram, os cristãos-novos. De qualquer modo, é o ódio á Cristandade, á victoriosa Edade-média, ódio instinctivo, porém ladeado dum certo plano consciente. O *Humanité* de 13 de janeiro 1922 contem escriptos dos judeus Marx, e Paul Louis, bolchevistas, àcêrca do papel preponderante que vão ter na revolução universal os semitas do Islam: que, emquanto os judeus teem a missão de arruinar o Ocidente, *os mussulmanos deverão arruinar os imperios coloniaes inglez e francez; (Bolchivisme de Salon,* pag 476).

E' contra a Alemanha, principalmente, que os punhaes se dirigem, por estar ahi concentrado o *Homo europeus,* ainda agressivo, e disposto a oferecer batalha ao inimigo semita, como

outrora, quando dos seus detacamentos suevo-godos na Peninsula Hispanica, quando da espada vingadora de Carlos Magno, quando dos Cruzados, até ás posteriores inquisições e aos movimentos anti-semitas da moderna Alemanha! (Os suevos, os portuguezes, eram o povo mais aguerrido da especie germânica).

Um judeu inglez representativo, Lucien Wolf, proclama em sua obra *Iewish Ideals and the War* que o judeu é anti-germanico, por isto apenas: porque o judeu é *individualista e universalista;* e que ora, pois, detesta as sociedades militares, superiormente representadas pelos germanos. Por estes dois odios: odio á Guerra e odio aos bandos étnicos européus, se põem os judeus em oposição á Cristandade.

O *socialismo,* o *universalismo,* o *humanitarismo,* o *racionalismo,* sendo, segundo Chamberlain, ideias judaicas, — os judeus, com o seu representativo André Spire, são por isso mesmo anti-germanicos. Zangwill, israëlita inglez e escritor conhecido, invocando a adesão dos israëlitas da America, lembra-lhes que a Alemanha representa na Terra **o ideal deshumano do super-homem gôdo.** (*Bolchevisme do Salon,* pag. 541.)

Nacionalismo. — Russia e Portugal batem o *récord* na proporção do sangue judaico; mas a invasão por toda a Europa faz-se. A cada nova convulsão social a avalanche dos judeus surge mais nítida, mais intransigente e formidavel, e tanto em Portugal como lá fóra. Por seu turno o partido dos europeus tambem se vai purificando a cada passo, em o puro *Nacionalismo* (o verdadeiro!) que é a violenta reação anti-semitica. Em cada nação é ele o despertar da raça historica, tal como em Italia é ele o despertar do *povo romano*, o antigo fazedor do Imperio antigo! E' o resurgimento da velha raça, por tanto tempo abatida, ora sob a pata dos germanos a que o romano opoz, na Edade Média, a *Renascença,* ora sob a pata dos semitas, a que opõe, modernamente, a sua nova Renascença, o seu *Fáscismo:* Gabriel d'Anunzio e Mussolini, são vultos integraes do antigo Imperio! Foram factos capitaes na Historia de Roma a eterna

questão anti-semita. A *Delenda Carthago*, contra o semitismo fenicio-judaico de Carthago, deu em resultado a destruição desta cidade; e a *Delenda Hyerosolima*, contra os semitas judeus, de Jerusalém, deu em resultado a destruição desta cidade; (Chamberlain).

Pois ainda houve mais uma terceira perseguição aos judeus, menos estrondosa, mas muito mais cruel: *a perseguição aos cristãos*. Evidentemente estes primeiros cristãos eram judeus, pois que só a judeus poderia interessar uma divergencia na religião dos judeus!

Modernamente o *fascismo*, na Italia, outra coisa não é que a renascença destes mesmos movimentos anti-semitas. Mas é falaz este moderno movimento, pois que não é uma *acção*... senão *reacção;* toda a força lhe advem, portanto, da importancia crescente do proprio inimigo; por isso mesmo é falaz. Sucede o mesmo no *nacionalismo alemão:* ele não é independente do proprio inimigo, — e tanto assim que em seus ajuntamentos, manifestações e gritarias, não se lhe vê outro estandarte álém do estandarte anti-semita! Este facto, de não ter estandarte proprio, significa reacção mas não acção. Na Austria acontece a mesma coisa; e porque os israëlitas formavam o grosso dos partidos socialistas, conservando-se perpetuamente judeus, se teve que crear o partido *socialista-cristão*, o qual assim se chama, não porque envolva a ideia religiosa, mas a ideia de raça não judáica. Por toda a Europa Central o grito nacionalista é apenas este: *Guerra a Judeu!* Nas fronteiras dos povos ha um movimento desusado de familias hebrêas, a fugirem ás convulsões da reacção. Na Armenia uma conspiração fascista, e ha muito pouco tempo descoberta, tinha em mira o exterminio dos israëlitas!

Agora mesmo o chefe do partido ultra-nacionalista bávaro, imperialista, e portanto anti-semita, declara e proclama a guerra de exterminio a todos os judeus: massacre mundial de homens, mulheres e creanças!... Está, enfim, sucedendo por toda a parte o que sucedeu em Portugal ha muitos anos: a repressão dos judeus... acabando, por fim, pelo triunfo dos proprios judeus!

A Revolução Russa é toda a fôrça do judaismo europêu! Trotsky, o formidavel revolucionario, encarnação do sovietismo, e Gorky, outro formidavel revolucionario, escritor, e tantos outros, a grande maioria (muitos deles descendentes de portuguezes), são puramente e sabídamente judeus!... A Revolução Russa é um fenómeno judaico integral, e de que as recentes repúblicas são reflexos. Os nacionalistas, ou adeptos do Estado Imperial na Alemanha, nos seus ataques á República alemã, empunham, como disse, os estandartes anti-semitas. O grande valído de Guilherme II, e notavel politico, Rathenau, judeu, — é assassinado recentemente em Berlim, por a *organisação consul*, «porque «aquele adepto do bolchevismo (declara Kern, um dos principaes «culpados) queria estabelecer o bolchevismo na Alemanha sem «violencia, tal como indicavam os seus escritos, o tratado de «Rapallo e o casamento duma sua irmã com Radeck (judeu russo «e um dos grandes vultos dos soviets): e tambem porque a *orga-«nisação consul* julgava que a morte de Rathenau teria como «forçosa consequencia a queda do gabinete de Berlim e a volta «da monarquia».

O Bolchevismo, pareça embora outra coisa, é no fundo o que são todas as convulsões sociaes, — uma raça a depôr outra raça. E andasse eu, embora, erradamente, considerando ahi os judeus a raça invasôra (que toda a gente o sabe), ele seria ainda: uma raça a substituir outra raça!

Dum lado os judeus, conduzem a Europa ao *bolchevismo*, e do outro os antigos europêus, os não semitas, evitam a acção com uma violenta reacção anti-semita. Só é possivel, pois, a reacção, onde estes dois partidos sejam poderosos. Em Portugal, onde o partido europêu é debilissimo, o bolchevismo é, por isso mesmo, *desnecessario*, e como tal acontecerá jámais. Sem dúvida sucederão muitas contendas, muitas varias revoluções seleccionadoras, mais ou menos radicaes, com o fim de espoliar os elementos velhos (novas leis em que mais sofrerão as provincias do Norte) mas o bolchevismo virá jámais. Virá jámais,

porque tudo é judeu, e uma raça não se levanta contra si propria! Portanto, a reacção do bolchevismo, o *nacionalismo,* não será o verdadeiro nacionalismo, mas uma coisa com a mesma designação, mas que significa, apenas, *organisação judaica* em ditadura. Dahi, o haver em Portugal *duas qualidades de nacionalismo:* o verdadeiro, porém pequenissimo partido de cristãos-velhos, o anti-semitico, — e o pseudo ou falso nacionalismo, que não será, como disse, uma reacção contra a raça judaica, mas já uma organisação presidencialista, ainda um feudo judaico, e que será um meio passo para o imperialismo por aclamação: — enfim, uma tentativa de monarquia semítica! Entretanto, ao norte do Mondego, se restabelecerá a monarquia neo-germanica (4.ª independencia dos suevos). E de que maneira? — Um dia, restaurado o militarismo germanico do Norte, virá opôr-se-lhe o semitismo revolucionario do Sul. Protelada a contenda terá que optar-se pela legal divisão de Portugal, com as duas humanidades sempre antogónicas: germanos ao Norte e semitas ao Sul.

IV

assalto á religião

IV

assalto á religião

O *cristianismo* penetrou no Imperio Romano com a difusão da raça hebreia. Os primeiros cristãos eram judeus. As perseguições que em Roma lhes moviam eram ainda perseguições anti-semitas.

Quando o cristianismo entrou na Europa, estava toda a Europa em poder dos romanos: tomada, pois, a capital do mundo, facil seria tomar o mundo inteiro; bastava apenas que o imperador dos romanos se convertesse, para que todo o mundo se convertesse. Eis o milagre da difusão da lenda cristã!

A obediencia da Europa ao bispo de Roma, ao Sumo Pontífice, é ainda hoje um vestígio da hegemonia que exercia na Europa o Imperio Romano. O judaismo, entretanto, lá conseguiu que este derradeiro vestigio fôsse judaico: «os judeus, dizia «Séneca, são o único povo que consegue impôr a lei ao vencedor». A imposição do cristianismo fôra o triunfo maior da raça hebreia, como hoje é ainda o seu triunfo a derruição do catolicismo. E fôra assim que principiara a grande invasão.

O cristianismo, moderna dessidencia entre os judeus, ainda é de judeus e para judeus. Quando, vivendo entre as nações europeias, os mesmos judeus, se teem mostrado ardorosos anti-

cristãos, é ainda um desejo de cristianismo, de purificação do cristianismo tornado anti-cristão atravez da Europa! E falo aqui dum cristianismo anti-cristão porque esta religião judaica, ou palestínica, apenas vingou nas religiões de Roma, pelo seu lado grosseiro e material, pela introdução da base histórica.

O cristianismo, fôra a introdução da lenda cristã na parte externa da religião católica. Jesus Cristo foi, pois, um intruso na religião católica!

Mas á custa da própria difusão do fenómeno cristão é que o judeu se começou a valorisar aos nossos olhos, — e ora, pois, a si-próprio, a volorisar-se! — Não era, o judeu, o *pae espiritual* da Europa cristã?...

Desta servidão á lenda hebreia, Chamberlain escreveu:

«Segundo Renan, não pode existir futuro para a cultura «indo-européa, a menos que se não aparte de cada vez mais do «espirito semítico, e que, a nossa religião, se torne de cada vez «menos judaica»; *(A Génese do Seculo* XIX pag. 439).

Mas a verdade é que o espirito das religiões européas sempre essencialmente divergiu do espirito das religiões semíticas: o contacto é apenas aparente; a servidão aos judeus é apenas histórica; mas essa basta para ser já uma servidão aos judeus! O cristianismo, á medida que se espalhava, amoldava-se á indole das várias raças: de modo que, em verdade, não é ele uma religião universal, mas uma *lenda universal*, que cada povo a seu modo digeria. Assim temos que o cristianismo em suas origens tinha o cunho e o sabôr duma religião semítica. Transplantado para Roma amoldou-se á feição do espirito romano, — ou, mais propriamente — a indole romana encadernou-se nas tradicções judaicas: a imponencia pagã, da religião de Roma, lá continuou nos ritos católicos, o Sumo Sacerdote lá se continuou com o Sumo Pontífice, e os deuses com os santos. O cristianismo adaptado á indole romana, um *paganismo cristianisado*, tomava a designação de *catolicismo;* (catolico significa *universal;* o Imperio Romano era um imperio nniversal). O catolicismo é

repleto de espirito jurídico, quão jurídico era o espirito dos romanos.

Sob a invasão dos povos bárbaros o catolicismo se difundiu por eles. Mas estes bárbaros começaram eles-proprios a pensar em como lá tinham, tambem, um estômago proprio, e, portanto, um modo proprio de digerir: passados séculos de digestões imperfeitas do cristianismo romano que lhes impunham, procedem ao movimento da *Reforma*, do qual resulta o seu proprio cristianismo, aquele germanismo cristianisado: o *Protestantismo*. Desta maneira se libertaram os bárbaros da hegemonia que ainda, invisivelmente, exercia sôbre eles o Imperio Romano.

Na Russia, os eslavos, tambem sentindo que tinham mui propriamente um estômago russo, não muito semilhante ao dos romanos, quizeram assimilar o cristianismo, á sua maneira: e d'ahi, naturalmente, a igreja ortodoxa, o eslavismo cristianisado.

A lenda era a mesma; mas o que jazia por baixo desta lenda, era de povo para povo uma coisa diferente, sem nada de comum com o espirito originario do cristianismo, o espirito judaico, o espirito semítico.

O verdadeiro, e originario sentido do cristianismo, só o podem entender os proprios judeus. A generalisação do fenómeno cristão era a deturpação do seu sentido. Onde haja, pois, um cristão que não um semita, ha um mal entendido, uma enxertia!

Por sua parte é o judeu o espirito antagónico, a propria incomprehensão do catolicismo. Forçado a entrar nele, como frequentemente tem sucedido, entra, em verdade, no cristianismo, mas jámais no catolicismo. E então, prefere as fórmulas mais simples de cristianismo, aparentemente mais simples, e portanto mais tolerantes para com ele, o *protestantismo*. Entre todas as religiões da Terra, é a de Roma o ponto de referencia do seu ódio: nesse rancôr, e no desejo de a derruir, lança até mão das religiões contrárias, promovendo-lhes a propria propaganda. O calvinismo e luterarismo têm sido excelentes armas dos judeus

Haja, embora, judeus, até como sacerdotes da religião cató-

lica, que tudo isso, seja embora sincero, é muito falso: sê-lo-hão cristãos, sim, mas jámais católicos. O abismo que existe entre uma religião semítica e o protestantismo é ainda maior que o que existe entre catolicismo e essa mesma religião semítica; mas é que os *extremos tocam-se* exteriormente, e a liberdade de consciencia que oferece o protestantismo quadra melhor aos temperamentos rebeldes: seu espirito, porém, é absolutamente antagónico, e só exteriormente se irmanando.

O inglez H. S. Chamberlain, que hei, tantas vezes, aqui citado, escreve: «Um unico traço nos basta para imediatamente «comprehendermos o grande abismo que separa uma alma da «outra, e para evocarmos á nossa consciencia a terrivel distancia: «constatamos que a figura do Cristo aparece ao judeu completa-«mente despida de significação! Não falo aqui, evidentemente, «do sentido que a isso dava uma piedosa ortodoxia. Mas quem «se não recorda, por exemplo, das maravilhosas palavras dum «Diderot ácêrca do Crucificado e a emoção deste livre pensador «deante da imagem divina que ele apresenta ao homem no «momento, justamente, da sua imensa dor: — Que profunda «sabedoria existe no que a cega filosofia tem chamado a loucura «da cruz! Em aquele estado em que me encontrava, de que me «serviria a imagem dum legislador feliz e cumulado de gloria? «Eu olhava o inocente, o flanco aberto, a fronte coroada d'espi-«nhos, as mãos e os pés lanceados de golpes, e expirando entre «sofrimentos; e eu disse para comigo: meu Deus, e ainda ouso «lamentar-me! — Pois bem, prescrutei uma biblioteca inteira de «livros judaicos, na esperança de ahi encontrar alguma coisa «d'análogo, mas tudo em vão! A fé na divindade de Jesus Cristo, «não a concepção do parto mas o sentimento humanissimo que «existe no facto dum Salvador sofrendo; minha esperança falhou. «Um judeu que experimenta este sentimento, cessa por isso «mesmo de ser um judeu, para ser um negador do judaismo... «... um judeu cultivado, (Graetz), um judeu eminente do «século XIX, designa-o assim, (o Cristo): *o novo nascimento «com a máscara da morte*, causa de novas e dolorosas feridas

«para o povo judaico»; *(A Génese do século* XIX, pag. 445, tit.: *O Povo estrangeiro).*

Renan, na *Historia das Linguas Semiticas*, escreveu: «a «abstracção é desconhecida nas linguas semiticas, a metafisica «impossivel». O orientalista Jaures Darmesteter, escreveu, tambem, em referencia ao judaismo: «A sua cosmogonia arreba-«nhada precipitadamente na Babilónia pelo ultimo redactor da «Biblia, e as historias da maçã e da Serpente, pelas quaes «tantas gerações cristãs teem empalidecido, jámais inquietaram «em demasia a imaginação dos seus doutores, nem pesaram «tão pouco profundamente sôbre o pensamento dos seus filóso-«fos». E Chamberlain comenta em referencia: «A este judeu, «completamente livre pensador, a este *honesto judeu*, como «diz Shakespeare, toda a sua erudição não lhe tem podido con-«ferir uma inteligencia mais profunda do mitho!» Que o judaismo é apenas uma *Lei*, no sentido juridico da palavra, reduzindo ao mínimo a vida interior do coração: quem quer que obedeça a esta lei não pecará, e não ha mais necessidade de quebrar a cabeça; «o judaismo não é religião revelada mas legislação revelada», di-lo um proprio judeu, Moïse Mendelssohn; *(Rettung der Juden)*. Chamberlain põe em confronto a objectividade e estreiteza judaicas com a subjectividade grandiosa e metafisica dos indios; e demonstra como a religião dos judeus (e ora pois o seu proprio temperamento), não é mais que um inabalavel *querer*, uma fé e uma esperança inabaláveis, sôbre todo o espirito religioso; *vontade* açambarcando as faculdades mentaes e conduzindo a fins materiaes e positivos. A ideia duma existencia espiritual, além da morte, quasi não faz parte da religião dos judeus; as suas orações, os seus pensamentos religiosos, são encaminhados para as suas prosperidades materiaes: saúde e riqueza, para si e para os seus! Na Mesa da fé, em Portugal, judeus e judias acabavam geralmente por confessar que tinham adoptado as praticas judaicas e jejuns, porque alguem os persuadira a que com isso ganhariam honras e riquêzas! Goëthe, observou que os judeus teem muita fé e pouca

religião; e Renan observou que a concepção dos povos semiticos abraça pouco mas abraça fortemente; e Chamberlain descobriu que essa vontade, se por um lado é a sua extraordinaria fôrça, por outro lado é o extraordinario estiolamento da sua inteligencia. Renan vae mais longe: diz que o monoteismo dos judeus não é mais do que o fructo duma raça que tem poucas necessidades religiosas, e que é como *minimo de religião* que eles se adaptam a esse pouco de necessidades! «A vontade, repito-o (escreve «Chamberlain, pag. 531), aprisiona o entendimento e a imagina-«ção, e tem-lhe a rédea curta. Por este motivo o Semita quando «perde a sua propria crença torna-se imediatamente ateu; . . . . . . «se não é Alah o creador, então é a materia; como explicação do «mundo estas duas theses equivalem-se, entre elas não ha quasi «a sombra duma diferença, — e isto porque o Semita, nem numa «nem n'outra se sente em presença dum insoluvel enigma, dum «misterio sobre-humano.»

E mais adeante:

«A altura da mentalidade profética, o ardôr do discurso «profético, é, precisamente, o que revela a um destes povos syro-«semitas, materialistas, e tão pobres em noções religiosas, o «abismo entre Deus e o Homem!» *(A Génese do Seculo* XIX, pag. 599).

O auctor refere-se ainda á facilidade com que os semitas se deixam induzir, até ao delirio do entusiasmo, por um discurso profético, e obedecendo humildemente a ordens divinas. E atribúe-o á falta de senso critico, dos semitas, motivado pelo desenvolvimento insuficiente da razão. (Pag. 522).

Por esta forma a discordia era eminente entre o cristianismo europeu e o cristianismo asiático, (ou mais, propriamente, a *luta de raças)*. Quando os judeus espalhados por toda a parte fôram coagidos, como em Portugal, a abraçar o cristianismo, a abandonar a sua crença antiga, eles o fizeram, abraçando um cristianismo todo semitico, em oposição ao catolicismo, ou espirito latino. Deste conflicto, que o tribunal da Inquisição acentuou,

acontecia surgir uma religião intermédia, uma espécie de *mestiçagem religiosa,* professada por todos os cristãos-novos. Ainda hoje ha vestigios dessa religião mestiça, ou cristianismo judaico, em abundantes lugares das nossas provincias; ainda ha vestigios d'aquele uso discréto e pertinaz que é como que um protesto ininterrupto contra a efemeridade das coisas da Vida!

Do conflicto inquisitorial, que durou tres séculos, resultou tombar, a maior parte dos cristãos-novos, na irreligião supersticiosa dos nossos tempos, — e sempre... *na aversão instinctiva ao catolicismo:* perderam os cristãos-novos a religião propria, sem ganharem a alheia. E ainda agora, quando os portuguezes da actualidade, se querem, ás vezes, possuir de catolicismo, resulta sempre um *catolicismo* a seu modo, sempre indisciplinado e revolucionario, — emfim, um cristianismo tendente a judaico!

Desta maneira acabou o catolicismo em Portugal! Os fieis frequentadores dos nossos templos são outros tantos scismáticos da religião católica; e na generalidade são fariseus, os que ahi penetram com ruido, porque ahi penetram realmente, para sêrem vistos!

Com o baptismo, a que o rei de Portugal forçou os hebreus, em 1496, habilitou-os a ascenderem aos postos do Estado, — e a mais do que isso: ás dignidades da própria Igreja! E os judeus das sinagógas do Oriente escreviam aos seus correligionarios de Portugal: *que se fizessem cristãos, e principalmente clérigos, para melhor derruirem a fé cristã; (Historia dos cristãos-Novos Portuguezes,* por Azevêdo, pag. 465).

Já nos anos primeiros do século XVII as primeiras dignidades da Sé de Lisbôa se encontravam tomadas por judeus; *(ibidem,* pag. 133). Era evidente o predominio pessoal dos cristãos-novos, que aos ritos externos da Igreja católica iam impondo um mosaismo interno, contaminando o interior da propria Igreja!

Chegou a tanto o desafôro da inovação, que até confrarias se fundaram da invocação de certos santos dos nomes dos condemnados pelo Santo Oficio. Assim aparece em Coimbra a céle-

59

Cónego Manuel Anaquim, cristão-novo, dos judeus tradicionaes da Covilhã, onde é grande industrial. É actualmente vigario geral do Patriarcado, candidato á dignidade de Patriarca, e plataforma politica entre a Igreja Católica e o *Estado judaico*.

bre irmandade de São Diogo, em memória do cristão-novo Frei Diogo, que morrêra queimado. Presidia á irmandade o famigerado Dr. Antonio Homem, lente de Cánones na Universidade de Coimbra, cónego, e tão eminente, e tão conceituado em todo o paiz, quanto a noticia do êstar prêso pelo Santo Oficio causára a mais viva sensação: em sua defêza o proprio reu alegava a alta opinião em que era tido, na Universidade e na Mêza da Consciencia e Ordens, e que «em todas as materias graves era consultado «pelas religiões, e seus prelados, bispos, du«ques, condes e senhores pessoas insignes em «letras, assim da mesma Universidade como «fóra d'ella. Em tanto que mandando S. S. ao «bispo D. Affonso de Castello Branco, que lhe enviasse da Uni«versidade algumas allegações de direito sobre as alterações de «Veneza, o dicto bispo as encommendou a elle Réo, que em breves «dias fez uma larga informação em favor da sé apostolica, que en«viada a Roma, respondeu o cardeal Eusebio ao mesmo bispo «que S. S. vira e folgára de ver o papel do Réo, assim por ser douto, «como por ser o primeiro que de Portugal fôra a Roma, a copia do «qual se achará entre os papeis d'elle Réo. E tambem pela mesma «confiança que d'elle Réo se tinha, fazendo alguns prelados cons«tituições para o governo dos seus bispados, pediram a elle Réo «as quizesse ver, cotar e apontar as duvidas que podiam ter como «elle Réo fez, como se verá das cartas de graças que sobre isso «lhe escreveram, que se acharão tambem em seus papeis».

Isto alegava o Dr. Antonio Homem; e mais alegava a importante e comprida lista de seus escriptos, sempre em defêza da Igreja católica; alegava os seus titulos scientificos de *sacerdote, cónego doutoral de uma sé insigne, prégador, confessor, examinador synodal, lente de Prima e Decano da faculdade de canones, chanceler da Universidade e mestre dos prelados e ministro de todos os tribunaes do reino,* etc.

Pois o Dr. Antonio Homem, filho do judeu Jorge Vaz Brandão, e 3.º neto dum mercador, ou fisico, Moisés Boino, não cria na religião cristã, e vivia surdamente á lei de Moisés! Para todos os cristãos-novos que formavam a oculta sinagóga de Coimbra, ele era o mais *eminente homem que havia na lei de Moisés;* e todos, desde o mais insignificante sirgueiro e cutileiro, até aos estudantes da Universidade e aos de mais alta posição social, lhe beijavam humildemente o pé, nas secrétas cerimónias rituaes! (*Episódios Dramáticos da Inquisição Portugueza*, por Antonio Baião; vol. I, pag. 103).

E' denunciado em 1616, pelo cónego Alvaro Soares Pereira, na devassa a que então se procedia na Universidade de Coimbra para avaliar da imoralidade sexual que ahi grassava, tanto entre lentes como estudantes. Antonio Homem é denunciado por ser *infamado de torpêzas e pecados infames com pessoas do sexo masculino;* era réu do *crime do nefando* como então se denominava a sodomia. Logo em seguida mais denuncias o enredaram, agóra pelo crime de judaismo: delactaram-o, então, alguns cristãos-novos, seus parentes, já detidos nos cárceres da Inquisição, André Nunes de Pina, Diogo Lopes de Sequeira, o jurisconsulto Tomé Vaz; e mais o denunciaram o cónego Crispim da Costa e o matematico André d'Avelar, tambem membro do cabido, e o médico Francisco d'Almeida, e muitos, muitos mais cristãos-novos!...

«D'ahi sabemos que o famoso lente e mais correligionarios «(escreve J. Lucio d'Azevêdo, *op. cit.* pag. 172) usavam reunir-se «para celebrar a Páschoa e outras solemnidades judaicas. Os «ritos, possivelmente imaginados pelos proprios que os execu-«tavam, tinham certo sabôr católico. Em sala alcatifada ou estei-«rada, illuminada por lampadario de varios lumes, talvez o proprio «candieiro liturgico, havia dois bufetes, cobertos do panno de «seda ou rendas, e, ladeados de velas accêsas, em um d'elles a «effigie de Moisés, aberta em alabastro, em outro a imagem do «martyr Frei Diogo da Assumpção. Um livro grosso, plausivel-«mente a Biblia, representava os rolos da lei. Defronte, com vestes

«de seda roçagantes e mitra dourada, cingida a testa dos phylac-
«terios, Antonio Homem, tomando um thuribulo, incensava o
«altar e os circunstantes, fazia mesuras, inclinando a cabeça á
«direita e á esquerda, em seguida sobre o peito; distribuia ben-
«çãos e dava a fimbria do vestido ou o pé a beijar; tirava sons
«d'uma corneta de prata, lia psalmos de David e prégava, afir-
«mando as esperanças do povo de Deus no Messias, exhortando
«á observancia da lei. Quando os preceitos se não pudessem
«cumprir á risca, por temor das denuncias, fossem guardados no
«coração. Os assistentes concorriam ás cerimonias com as suas
«melhores roupas, descalsos e de cabeça descoberta, particula-
«ridade esta ultima muito em contradição com os usos judaicos.
«Entre elles contavam-se ecclesiasticos: os conegos Chrispim da
«Costa, Antonio Dias da Cunha, Fernão Dias da Silva, André
«de Avellar e Matheus Lopes da Silva; um frade do mosteiro de
«S. Domingos da Ponte, conhecido por Frei Sebastião, e ainda
«outros, os quaes todos, ou quasi, por vezes, eram officiantes.
«Tambem os seculares eventualmente apareciam por sacerdotes.
«D'estes, o morador da casa onde com mais frequencia se cele-
«bravam os ritos, e que por esse motivo mandou o Santo Officio
«arrasar: Miguel Gomes, o *Manco*, bacharel em leis, que, talvez
«por encobrir o fim das reuniões mantinha no mesmo lugar uma
«tavolagem».

Estes e outros foram os denunciantes de Antonio Homem, e todos comumente, cristãos-novos; e outrosim Miguel da Fonseca, escrivão da Universidade. No auto-de-fé em Lisboa, em 1624, veiu a morrer de garrote o célebre lente, — sendo ahi prégador Antonio de Souza, que relevava o escandaloso caso, e o predominio empolgante da raça hebrêa: «Vivemos, dizia ele, com «a sua companhia, *offendidos no trato, menoscabados na honra «e arriscados na fé!*» (Azevêdo, pag. 176). E afirmava mais, o prégador, que em certos sitios do Reino judaizavam quasi todos os cristãos-novos, como, por exemplo, em Beja, Evora, Tomar, Coimbra, Porto!... (Vide *Antonio Homem e a Inquisição*, por Antonio José Teixeira, pag. 261).

«Na região dependente do Tribunal de Coimbra, (continua «Azevêdo, pag. 177), estava por aquele tempo o corpo ecclesias-«tico fundamente impregnado do contagio. Viu-se quantos da «classe se acharam implicados no caso do *preceptor infeliz*. No «auto de 26 de Novembro de 1625, sahiu condemnado á morte o «doutor Antonio Francisco da Costa, sacerdote, negativo; no dia «16 de Agosto de 1626, o Padre Fernão de Moraes, negativo «egualmente, e outro padre que não viveu até á sentença, e foi «queimado em estátua. No mesmo auto fez abjuração em forma, «o que significava confissão plena da apostasia, o Padre Ayres «Annes. No de 6 de Maio de 1629, morrem convictos, posto «que negativos, um cónego e duas freiras. Dos que não confes-«saram se pode arguir seriam victimas de accusações calum-«niosas, mas o mesmo se não deu com os padres Balthazar de «Pina Cardoso e Francisco Mascarenhas, dois irmãos, que volun-«tariamente se apresentaram a confessar as culpas, e abjuraram «no auto particular de 23 de maio de 1625.

«Passado algum tempo da morte de Antonio Homem constou «que pretendiam os christãos-novos instituir uma irmandade, sob «a invocação de Santo Antonio, conego regrante, em memoria «do fundador da outra, de S. Diogo, mas que não tivera execução «o projecto, pelo empecerem as authoridades ecclesiásticas».

No ano de 1626 dava entrada nos cárceres do Santo Oficio, o Dr. Francisco Velasco de Gouveia, lente de cánones, clérigo outrosim. Neste mesmo processo, (diz Azevêdo, pag. 178) se lastimava um dos Inquisidores de estarem *cárceres e cadafalsos cheios de cónegos hereges*. O sentimento público *andava indisposto contra a Univerdade que já acoimava de covil de heréticos*, (Azevedo, 179); e varias vezes os estudantes se amotinaram, expulsando dos geraes os seus condiscipulos cristãos-novos; *(ibidem* pag. 178)!...

Este assalto dos judeus ao cristianismo, forçando-o a amoldar-se ao espirito semítico contrariado pela ação do Santo Oficio, deu em resultado tombar a grande massa cristã-nova na descrença total; (e isto na impossibilidade de continuarem na sua

crença ou n'alguma intermédia). Mas o que em todos sobrou com todo o vigôr, assim se comunicando de paes a filhos, foi um ódio implacavel á igreja católica, — que ainda hoje perdúra!...

Mas se a açâo do Tribunal do Santo Oficio, não comseguira, em verdade, obstar á descrença, e á invasão dos judeus, conseguira, contudo, obstar á invasão da religião judaica. Se não fôra a acção do Tribunal da Fé não haveria hoje um templo em Portugal que não estivesse transformado em sinagóga!

O povo judaico, que é hoje a grande força da Nação, perdera pouco a pouco a tradição, até de todo se apagar na incredulidade, ou num indisciplinado catolicismo, (que é muito mais dessidencia que catolicismo)!

Do terrivel conflito que fez nascer a mestiçagem religiosa, que em segrêdo os cristão-novos professavam, ainda hoje ha vestigios em esquecidos lugares da nossa provincia, principalmente junto á fronteira, na Beira e Traz-os-Montes. Junto á fronteira, porque outróra ahi se acumulavam os cristãos-novos, (as familias d'indole intransigente), sempre promptos a refugiarem-se *cá e lá*.

Ora, pois, nestes lugares, ainda hoje se não misturam com cristãos, e vivem, como outróra, a adulterada religião da sua raça. Em Bragança, por exemplo, são hoje ainda raros os casamentos entre cristãos-novos e cristão-velhos, sendo enorme a relutancia de parte a parte. Mesmo até a promiscuidade por todo o Paiz é tambem recentissima, quasi da idade dos primeiros caminhos de ferro, que aceleraram a profusão das raças e a perda das tradições de familia pelos deslocamentos sucessivos: por este motivo, é absolutamente nada dificil encontrar para qualquer portuguez um ascendente judeu logo á 3.ª ou 4.ª geração.

Comtudo, os casamentos fóra da raça tendem raramente a suceder, por sua propria naturêza selectiva, pela propria dinâmica do instincto. Nada existe, em verdade, de maior vigôr seleccionante que o proprio amôr. Ele junta os individuos da mesma raça; e mal vae da felicidade conjugal e da propria robus-

tez dos filhos quando esta tendencia é despresada. No sul de Portugal, os casamentos dentro da mesma raça, a raça hebreia, é mais do que tendente, é obrigatória nas classes altas, pois que quasi outros se não encontram, dominando.

E dest'arte se percebe, que se ha séculos ainda podia haver mistura de raças, ela se tende a desfazer pelo predominio dum elemento único.

A causa primeira da perda da tradição das famifias judaicas fôra a grande conveniencia de se atêrem ao esquecimento da propria origem, essa origem infamante e empecedoura. Para que se messa a extensão da conveniencia em ocultar a origem, aqui transcrevo um requerimento dum cristão-velho, a quem se estava negando uma pretensão:

«Diz o Sargento Mor Domingos Pires de Carvalho morador «na Cidade da Bahia de Todos os Santos, que ele fez petição a «V. Ill.ma para haver de ser Familiar do S.to Officio desta Inqui«sição de Lisboa; e V. Ill.ma foy servido de lha despachar no «anno de 1682. E com effeiro fez o deposito costumado para «os gastos de suas diligencias; para continuação das quaes se «lhe pedio dahi a tempos noticia dos Avós maternos de sua «mulher Maria da Sylva; e dando elle por algumas vezes todas «as que pode alcançar parece que não bastaram, pois em doze «annos se lhe não tem deferido com o despacho final de sua «pertenção; *e porque todo a sua geração ficará arruynada «com o labeo de se saber*, que elle pertendeu ser Familiar do «S.to Officio, e que o não conseguio sendo elle hum homem «honrado, e muito conhecido na Cidade da Bahia pello seu pro«cedimento, e pôsto que occupa de Sargento Mor, e *sendo pella «Mezíricordia de Deos cristão velho*, e da mesma sorte sua «Mulher e só poderá conservar sua honra, e augmentar o crédito «de sua geração, uzando V. Ill.ma com elle de sua Clemencia e «grandeza, fazendolhe mercê admitir em seu lugar a hum filho «que tem capáz de ser Familiar do S.to Officio que se chama «Joseph Pires de Carvalho pois nelle fica baixando hum grao de

«sua genealogia;» (processo de José, M. 6, n.º 116, fl. 2, na «Torre do Tombo).

Porém a causa maior do esquecimento, a que estas familias, estes hebreus, teem votado a tradição da propria origem, fôra a perda gradual da crença hebraica, pelas dificuldades do culto externo com o incançavel labôr do Santo Oficio.

Ainda hoje em Bragança o proprio judeu injuría o correligionario chamando-lhe *judeu!* E, comtudo, é ele ahi o elemento principal, politicamente e socialmente. Nas provincias do sul, em que o número dos judeus era enormissimo, (e talvez por isso!) a tradição por completo se sumiu, exceptuando Serpa, vila raiana, em que ainda vagamente se conserva. Ao sul do Tejo apagou-se por completo a tradição, tanto de crenças, como d'origens genealógicas. A descrença é o maior promotor desta ignorancia. Comtudo, na Beira, ha povoados inteirinhos de judeus, como a vila de Belmonte, junto á fronteira, população que vive em usos de sinagóga, circumcizão, abatimento das rêzes ao modo judaico, etc. Neste lugar, como n'outros, em Traz-os-Montes, (por exemplo, Vilarinho-dos-Galêgos, povoação raiana) a inteira população é de judeus, vivendo em certos usos de sinagóga, e ainda *cautelosamente,* mas sem suspeitarem a origem judaica! Chamam-se a si-mesmos *gente de nação,* crêem-se, em verdade, um povo á parte, mas não teem a noção de que povo é esse; para si-proprios são apenas isto: *gente de nação!* Estes são, pois, exemplos de povoações em que se perdeu a tradição genealógica, sem se ter perdido a tradição religiosa.

N'outras partes, então, como em Bragança, sobrou completa a tradição d'origem, como outrosim a tradição da crença: a tradição é completa. Ahi persiste integral, não apenas separando-os do povo cristão, como ainda entre eles proprios separando-os. O arqueólogo P.e Francisco Manuel Alves contou-me ter visto e ouvido, em Mogadouro, um judeu insúltar outro judeu chamando-lhe *tcházaro,* qualificativo de tribu inferior. Estes hebreus, considerados inferiores, teem o tipo dos judeus polácos,

a que se tem dado o nome de *askenazins*, e são, em geral, rúivos ou aloirados, nada semelhando os *sefardins*. Provavelmente, são eles ainda askenazins que vieram do Oriente como serviçaes dos sefardins.

Tambem se conta, por toda a provincia de Traz-os-Montes, o exemplo dum general Saldanha, pessôa muito importante e cristão-novo, mas da tribu inferior á dum seu humilde sapateiro, perante o qual não tomava a liberdade de se sentar, sem que ele previamente o ordenasse!

Esta divisão em tribus, ou castas, não a confirmei, entretanto, com nitidez. Mas o que ainda é vigoroso e nitido, é a prática dum judaismo *oculto* e *timido*, não obstante existirem jamais os motivos de receio que nos séculos passados existiram, não obstante as plenas liberdades do século XX, e o sêrem ahi, em certos lugares, a total e exclusiva população; (exclusiva, já por fecundidade da propria raça, já pelo proprio movimento de selecção). Fico a sismar, e comóve-me devéras, vêr ahi os mesmos rôstos desconfiados a que os portuguezes tanto se tinham habituado, e principalmente os familiares do Santo Oficio. Bragança, por exemplo, é a esse respeito como se fôra Lisbôa ha duzentos anos. Ahi me apresentei, uma certa noite, em casa dum devoto da lei de Moisés: queria ouvir-lhe alguns psalmos. Começou por estranhar a indicação que me fizeram do seu nome; precavia-se, depois, enchia-se de pequeninos receios, argumentava e protestava a sua convicção na fé católica; e tanto assim era, — asseguravа elle, — que ahi tinha ao fumeiro alguns presuntos, como eu proprio estava vendo, coisa que aos judeus é prohibida! Assim falou; mas cinco minutos eram passados, e ganhada a confiança em mim, ele me declarava, abertamente, o contrário: que sim, que era judeu, e judaizante convicto, e que os presuntos eram para disfarce e para vender!...

Pois este homem fôra um combatente da Grande Guerra, no posto de sargento: deveria, portanto, estar ao facto da liberdade de consciencia do século XX, e do quanto a perseguição á religião dos judeus eram águas passadas!... Mas não;

o sargento C... temia e precavia-se como qualquer cristão-novo do século XVIII! o que era nele o poder da tradição, blóco amassado de perseguições seculares!

O apêgo á tradição, entre os judeus, é uma modalidade do seu *caracter defensivo;* este mesmo caracter que faz dele o povo mais *usurário* da Terra.. que o mesmo é — que sêr o povo mais *exclusivista* da Terra! Exclusivista no sentido d'egoista, no sentido de se defender, excluindo os outros!.. O proprio *monotheismo* judaico, comumente atribuido ás raças semitas, é puramente um monotheismo falso; ele não é mais que um polytheismo exclusivista: confiavam no *seu deus* excluindo os dos outros, mas não deixavam d'acreditar nos dos outros! O monotheismo dos judeus resulta apenas duma má interpretação da idolatria exclusivista. Sim; os judeus são singularmente idólatras: Em toda a Biblia, e nas suas orações, a expressão favorita «o *nosso* deus» implicava na mais remota origem a aceitação da existencia dos deuses dos outros. O egoismo, e o individualismo extraordinario que caracterisam a raça (preceito talmúdico: *os não-judeus não comparticiparão da eternidade...)* foi o que os levou a apartar o que era deles de tudo aquilo que pertencia aos outros. Com o andar dos tempos este exclusivismo deu á sua religião um falso caracter de *subjectividade* e *monotheismo.* O uso continuo dos *pronomes possessivos* infiltra-se ainda hoje em todos os seus psalmos e orações: em Traz-os-Montes, os cristãos-novos recitam:

«Quando no mar nós nos vimos, fugindo ao rei Faraó, — a «chamar por *nosso Deus,* a ver se ele nos respondia ....
«...que adorássemos o Nascente, e louvássemos o Poente; lou-«vemos seu santo nome, agóra e sempre»!

E ainda:

«......Saimos do vosso seio a adorar ao *deus alheio,* «coisa que tanto nos erra...»

Nas crenças semiticas, e particularmente na judaica, além do caracter exclusivista e idólatra, ha um alheiamento completo da

metafísica, e ainda um alheiamento da mais rudimentar subjectividade. Está muito longe de sêr uma religião superior. E' apenas profética, e mistificadouramente inferior. A subjectividade .. a *subjectividade* no mosaismo outra coisa não é — *que uma ancia de coisas objetivas, uma vontade enorme de circunstancias que possam estimular os cinco sentidos;* e assim fica definido o *messianismo,* — que não é subjectividade mas... messianismo!

A religião dos judeus, é no seu fundamento uma religião inferior. Podem muito bem os judeus ter consigo uma religião inferior, não tendo posteriormente os homens superiores judeus necessidade de se ocuparem mais de tal questão; — nem necessidade, nem autoridade em matéria religiosa; (que ninguem hoje tenha essa pretensão); ha coisas de maior relevo espiritual a entreter a actividade dos mais inteligentes. Hoje os judeus superiores, o mais que podem fazêr é sair da sinagóga a bater com a porta, como afinal, em todas as religiões fazem hoje os homens superiores, os verdadeiramente superiores!

Mas o sargento, que, rompido o sêlo do seu mutismo inicial, fluia agora em locacidade propria da raça, dizia-me a intenção em que se encontrava de restabelecer a sinagóga de Bragança, e ensinava-me um psalmo que começava assim: «Grande e Altissimo «Senhor, desvia a mim e a todo o *Santo Povo* da desgraça e «do poder dos inimigos...»

A noite ia funda, e enredava as enredadas ruas d'aquele bairro judaico, a «judiaria». Soava, entretanto, uma voz d'hebrêa, por uma fresta entre-aberta e luminosa:

Levantei-me de manhana,
De manhana ao alvôr,
A cantar e a rezar
Os santos psalmos do Senhor;
Cantemos e não cancemos,
Demos graças e louvor,
Nome santo do Senhor!...

Na aldeia de Vilarinho-dos-Galêgos, do conselho de Mogadouro, onde uma tarde passei ouvindo psalmos das nazaladas vozes das judias, — teem esta reza para o romper da manhã:

> Senhor, que esclareceu o Dia,
> Senhor, que é minha alegria!...
> Paços, confôrtos, mesas d'alegria,
> Pela graça de Sião!...

Com a inconsciencia dum herdeiro menino, por os frívolos lábios dos moradores da aldeia, — montão de descendencia de Abrahão, — correm palavras assim:

> O' meu Deus, quem já se vira
> N'aquela santa cidade,
> Chamada Jerusalém!...
> Jerusalém está esperando
> Cada hora... e cada dia...

Ha dois mil anos, pouco mais ou menos, abandonaram os judeus a Palestina, vales e olivaes de Jerusalém, com a esperança de em breve lá tornárem!... Mas não tornaram, e ainda hoje teem saudades de lá! .. O futuro é d'aquele que mais o esperar, e o Povo d'Israël, — com religião ou sem ela, — é o Povo mais esperançado de toda a Terra!

Dizem em Vilarinho as mulheres do Povo:

> O' alto Deus d'Israël
> Cumpri vossas profecias ..

E rezam:

«*Adonay, Adonay,* em quem tenho confiança... Vivo a «meu fôlgo, minha esperança — a que já Deus prometeu a nosso «Padre Abrahão, de gosar as tuas senhas toda a *gente de nação!* «Nós, pelos nossos pecados, todos andamos errados, em terra «alheia, *sem pastôr!...* Tende de nós piedade, e mizericordia, «Senhor!»

Na expressão *sem pastôr* ha uma alusão á perda da hierarquia religiosa pela conversão ao catolicismo, em 1496. *Adonay* é um vocábulo hebraico, e o único, talvez, que sobrou aos cristão-novos do tempo em que este idioma era falado; tem ele a significação de «Senhor».

Nesta aldeia, a mais humilde mulher tem bem a impressão de pertencer a uma nação estrangeira; a mesma impressão que teem hoje os ciganos: a si-propria se dá o nome de *mulher de nação*, e pensa em tudo como se portuguêza não fôra! A sua Historia não é a Historia de Portugal (nação inimiga!) mas a historia da raça, porque a sua raça tambem tem a sua historia.

Na psalmodienta voz das mulheres do Povo crepitam as tradições da raça:

«Aos quatorze da lua de março, resplandecente do Dia, «partiu o Povo d'Israël do Egito, cantando em harmonia — can«tares que iam cantando, e ao Senhor iam louvando. E louvavam «ao Senhor de todo o seu coração; passaram no mar Vermelho «para a Terra da Promissão. E o *Povo*, aflicto á sêde, ao Ceu «clamava por água; adeante vae Moysés com a sua vara alçada; «bateu numa penha magna e lançou água clara................»

E as mesmas tradições narram ainda, — á maneira dos anciães de barbas brancas, — traçando a perna e sopesando o bordão:

«Abacó, profeta, estava — no campo com seus pastôres, «dando graças ao Senhor que lhe fêz tantos favôres; — que lhe «dá com abundancia — trigo, vinhos e gados, para viver com «fartura, ele e mais os seus creados. Tambem estava alimentando «as penas que o *Povo* tem, uns prêsos em Babilónia, outros em «Jerusalém.......... ....»

Para os ritos ocultos usam em Vilarinho-dos-Galêgos (e em numerosos lugares de Traz-os-Montes) reuniram-se em casa, uns dos outros; e uma voz sobresae a todos:

«Psalmo de David, minha morada, meu braço forte, minha «vara armada, aqui, Senhor, amesúro! Faço toda a reverencia! «Aqui, *Nação*, veneração! (e todos se inclinam; e continúa:) — «Tu és um Deus supremo, Eterno Senhor, e outro não! Glórias «sêjam dadas ao Senhor no Ceu, e paz a nós na Terra, para «sempre sem fim; amen Senhor! Ao Ceu vá!

Aos moribundos usam dizer, á maneira ritual:

«Ao Vale de Jusafá irás, um leão encontrarás: se te pedir

«senha — toma, dá-lhe dinheiro! *(aqui lhe passam por a vista «com uma moeda).* E se te pedir carne, dá-lhe pão! *(aqui lhè «passam por a vista com um pedaço de pão).* Se te procurar de «que Lei és, diz-lhe que és da Lei de Moysés; que te deixe «passar, livre e desembaraçado, para onde Deus te mandar! Se «te perguntar quem te compraz (quem te amortalha), diz-lhe que «foi uma hebreia que neste mundo ficou, e que se mais bem não «te fêz foi porque mais não sabêa (não *sabia).*»

Oito dias apoz o passamento, reúnem-se num comum almôço todas as pessôas de familia, — e é proferida esta bênção: —

«Bemdito sempre louvado sêja o Senhor dos altos Ceus, que «nos dá tantos bens seus, e em nós tem tantos cuidados: aceitémos de bom grado o mantimento que comemos, graça com «que o servimos depois da morte, amen! Cantemos com grã vi«ctoria: — O Senhor leve esta alma á sua divina Glória!.....»

E ao erguerem-se da mêsa, é lançada esta bénção: —

«A bênção que o Senhor deitou a Sião, Sião deitou-a a «Abrahão, Abrahão deitou-a ao linho, Israël deitou-a a seus filhos! «Bote-a o Senhor sôbre esta mêza, e sobre este pão, e sobre «todos quantos presente estão! O que se comeu por fartura e «o que sobrou por bendição, tudo sêja por esta alma, tudo sêja «aparecido para honra e glória sua, e para a sua salvação! E «se falta lhe não fizér que o reparta pelas almas mais necessi«tadas que haja de sua obrigação. A ele o Senhor o tenha em «descanço, em glória, em claridade, donde possa pedir ao Se«nhor pela saúde de toda a sua familia, e a ele o Senhor lhe li«vre a sua alma de dar nas *ventosas de alveiras escaldosas* (re«fere-se ao Inferno), de sombras de parêdes, de linguas de «má gente, fogos ardentes, e de todos os trabalhos e perigos; «o Senhor queira livrar a sua alma e defendê-la; amen!»

Ha nesta oração, e em muitas outras, laivos de sabôr a *praga,* modalidade cabalistica tão semítica, e mórmente nas mulheres. Em Vilarinho a *praga do Cabalão,* previlegio da sabedoria de poucos, é a mais solemne, violenta, e horrenda fulminância, que é possivel vasar-se: o rogador, ao invectiva-la,

arrepela-se e roja-se no chão, — gesticulando e gritando (ódio de mórte!). : —

Vae-te tigre da Hircânea,
Vae parar á Mauritânea!...

Ninguem ousou dizer-m'a até ao fim; — de tal maneira ela é!...

Esta feição de *rogadores de pragas*, é mais um reflexo da irritabilidade, tão violenta quanto momentanea, propria de mouros, e judeus, e mais povos semitas. A mesma *excomunhão* na igreja católica (e principalmente no seu início) outra coisa não era que a infiltração do espirito judaico, — porque não ha nela apenas excomunhão, mas uma implícita e rugidôra ameaça. Essa mesma ameaça á maneira de quem roga pragas, é de sumo prazer na raça judaica contra os seus inimigos e contra os negadores da propria fé! Ouve-se a ameaça excomunhal nas sinagógas da Russia, nas do Oriente asiático, e por toda a Europa, enfim. Em Paris (ano 1923) na sinagóga da rua da Paz (*vide* a revista judia *Menroah*, rabino Liber violentamente invectivara contra os movimentos anti-semitas, e contra os judeus apóstatas da Russia; «pediu em «seguida (escreve-se em local na mesma revista, pag. 331), e «obedecendo á vontade do grão rabino da França, Snr. Israël «Levy, se recitasse a antiga oração, *tão querida a todo o «Judaismo*, a fim de que os renegados e os falsos irmãos na Lei «de Israël fôssem punidos por Deus.»

O Talmud é enexuravel para com os judeus não-ortodoxos: ensina torturas, com uma complacencia requintada: — como se deve fazer abrir a boca aos criminosos, com todo o vagar, e depois como se lhe deve vasar chumbo derretido p'las *guelas abaixo*, até lhes penetrar nos intestinos; (*Sanhedrin* fl. 52.ª).

«Jeovah tornou-se o deus dos indo-europeus; fôram os judeus «que nos ensinaram a funesta doutrina da intolerancia religiosa «absoluta!» comenta Chamberlain.

Mas continuemos com o mesmo assumpto, o de quando morre alguem em Vilarinho. Durante um ano são repetidos os almoços fúnebres, duas vezes por semana, convidado um pobre,

e em todos eles é servida a comida de que o defunto mais gostava. Em todos eles é absolutamente banida a carne, seja ela qual fôr. Sextas-feiras á noite, durante um ano, é feita de novo a cama do morto, e ahi acêza uma candeia d'azeite que se extinguirá na manhã seguinte: porque ha a crença de que nessas noites ahi volta a ficar a alma do morto.

Tudo isto é feito sem o mais pequeno recato, — pois que em Vilarinho-dos-Galêgos a população é inteiramente de cristãos-novos, á excepção de meia duzia da cristão-velhos que vivem em bairro apartado, e a quem, por desprêzo, eles alcunham de *chussos!* Todos vivem do comercio ambulante, á excepção da tal meia duzia de cristãos-velhos que inteiramente se dedica á agricultura.

Em Bragança são os cristãos-novos mais recatados, por não serem a população exclusiva. E ahi, ainda hoje, qualquer rapazinho de *nação* a quem se peça que reze o *Padre-Nosso,* é frequente responder: — «Qual; o de casa ou o da rua?...». Em tudo procedem como se ainda vigorasse a Inquisição. Até o oculto mister dos *abafadores,* hoje, como d'antes, é ahi notório; pelo menos em Bragança ninguem o duvida: todos conhecem as *mulheres dos encalcões*. Este sinistro mister consiste em *abafar* os moribundos, abreviando-lhes a agonia, cujo objetivo deveria ter sido outróra (como o nota J. Lucio d'Azevêdo) o evitar, que, confessando-se o moribundo á hora da morte, ao padre católico, viesse a denunciar os outros hebreus que com ele praticaram a religião mosaica. Em Bragança, são ahi apontados os abafadores (afirmou-m'o pessôa de categoria), e ha-os, tanto para pobres como para ricos, como para cada sexo.

Religiosamente, são os cristãos-novos de toda a provincia de Traz-os-Montes os mais intolerantes anti-católicos, e, de conjunto, são politicamente os mais integraes républicanos; mas o seu fervôr anti-católico é maior que o fervôr anti-monárquico. Devo frisar, mais uma vez, sêrem os semitas monarquicos e religiosos, — e que, se por instincto, abraçaram o ideal mais avançado, é unicamente como povo que quere avançar.

O judeu é idólatra; e quanto mais profundo revolucionario maior anciedade pelos seus ídolos: por isso mesmo é que ele é revolucionario! O judeu é idólatra, — tende sempre a encontrar no seu semilhante o único creador do Céu e da Terra, só figurando o contrario (como, de resto, sucede a todas as raças) em presença do privilégio monarquico e principio religioso dos outros povos, entre os quaes é forçado a ter existencia!

Continuando: são os cristãos-novos tradicionaes mais possuidos de espirito anti-católico que possuidos de espirito républicano, — se bem que um com outro se conjuguem. O bispado de Bragança, por exemplo, tem hoje a sua séde em Vinhaes (o que é a vingança d'Israël!) por perseguições que lhe movêram os cristãos-novos dessa cidade, chefiados pelo judeu Lopes Cardozo, influente politico d'aquela provincia, e já ministro da República. A harmonia religiosa em Traz-ós-Montes é muito mais dificil que a harmonia politica. Em Bragança não ha padres católicos cristãos-novos, havendo, entretanto, alguns judeus monárquicos...

A irreligiosidade em Portugal (mesmo entre os cristãos-novos que não sabem-que o são) quer por *aversão,* quer por *indiferença,* (que não sucede), fôra sempre um monopólio dos cristãos-novos.

Sobretudo o espirito agredinte anti-católico caracterisava a fundo os cristãos-novos, mesmo aqueles qne o eram sem o saber, — e tal caracteristica tem recrudescido até ao Presente, até ao ódio dos *livres pensadores* ... que para serem *livres* era preciso que não tivessem... ódio: mas aqui ha sobretudo a caça ao *Padre* no fervôr do verdadeiro républicano como em todo o tempo no cristão-novo. A prova maior é que sêr-se républicano o mesmo é que sêr-se anti-católico.

Ha exemplos do contrário? — Não!

«Este furôr anti-clerical, diz Louis Martin, tem sido pura-«mente e simplesmente uma resultante da colectividade, não de «vontades preconcebidas nem d'ideas judaicas, que não existem,

«mas dos seus instinctos. Este anti-clericalismo não é obra «duma pessôa, mas duma multidão impessoal. A alguns judeus «podem dizer que desaprovam esta campanha mas nisso não «fazem mais que obedecer á sua frouxidão habitual rene- «gando suas proprias tradições. *(L'Anglais est-il un juif?,* «pag. 221).

Onde mais abunda o sangue semita em Portugal, como no Alemtejo, Algarve, Lisboa, e Traz-os-Montes, ahi a *irreligiosidade* é tambem máxima: não propriamente irreligiosidade, que o semita é mórmento supersticioso, mas infidelidade e *aversão á igreja católica*. N'aquelas provincias, como no Minho, em que é minima a percentagem de sangue semita, a percentagem de irreligiosidade é minima tambem. Nas provincias semiticas, porém, a *superstição* é máxima; por exemplo, Alemtejo e Algarve. Ahi imperam tambem, o republicanismo e o bolchevismo. Beja (que era um baluarte judaico) tem perseguido e conseguido a expulsão dos seus prelados, tal como os cristãos-novos em Bragança; pois em Beja não ha uma dúzia de monárquicos!... Braga, entretanto, suspira por prelados, — Braga, *a germanica,* — a capital dos suevos; e é, outrosim, uma fortalêza realista. A *irreligiosidade* é a fórmula mais corrente da invasão judaica.

O Marquêz de Pombal, chefe do partido *reformista* ou cristão-novo, levanta o estandarte contra os jesuitas que estavam sendo na Europa o refúgio do catolicismo. Portugal expulsa os jesuitas. Com grande gáudio dos cristãos-novos acontece a Revolução Franceza, triunfo maçonico, triunfo judaico; e surgia precisamente do ambiente exalado das sociedades secretas, ambiente puramente portuguez; é preciso não esquecer que os nossos judeus eram os tenebrosos de toda a França, bem depressa seguidos pelos outros judeus; que Martim Pascoal é o fundador da tenebrosa *Academia dos Iluminados!* (vide *Folie d'Impereur* por Cabanés). João Jaques Rousseau era um judeu de Génebra; todos os heroes da Revolução Francêza eram de sangue semita; Robespierre era um judeu alsaciano, chamado Ruben, fundador

da «Aliança israëlita;» Danton, um judeu polaco, de nome Daniel; Marat, filho dum fabricante de banheiras, chamado Mosessohn. Mais tarde Luiz Kossuth, outro judeu, de nome disfarçado, cujo verdadeiro era Lewin Kohut, começava o seu trabalho revolucionario em 1830, quando a «Aliança israëlita» pretendia inflamar a revolução na Europa... «Em Inglaterra era o judeu «Disraëli; em França, o judeu Crémieux; em Italia, o judeu Maz-«zini; na Hungria, o judeu Kossuth, e, na Alemanha, o judeu «Marx, que visavam a fazer nascer a revolução;» *(L'Anglais est-il un juif?*, pag. 136).

Nesta ocasião faz-se a Revolução em Portugal, triunfo maçónico, triunfo judaico. Surge o embaraço miguelista. Este demovido, se restaura em 34 o estado liberal, e, da cabála maçónica, surge o decreto de expulsão das ordens religiosas: fecham-se os conventos... tanto mais para admirar este triunfo quanto Portugal era por si-mesmo um grande convento. A Hespanha ainda hoje os conserva; mas, em Portugal formigava a invasão do sangue israëlita!...

A 5 d'outubro de 1910, com o advento da República, expulsa-se um resto das ordens religiosas, e reedita-se a expulsão dos jesuitas que viviam tolerados sob o sofisma de «Companhia Fé e Patria.»

E' preciso observar que a irreligiosidade entre os livres-pensadores e *radicaes*, não é filosófica, mas irreligiosidade á *flôr da pele* — muito mais negação que afirmação: por isso sucede que frequentemente se *convertem á ultima hora*... e tudo isto, porque o judeu é religioso, porém um revolucionario no Estado religioso dos outros povos. O judeu militante, com sinagógas, e o cristão-novo com a sua aparente irreligiosidade, fazem a sua invasão no campo religioso da velha Europa invectivando os sectarios do cristianismo! Louis Martin escreveu em 1895:

«Diz-se que *os judeus são anticlericaes na religião dos «outros*. E' o manicheismo, incapaz de ser comprehendido pelos «cérebros francezes, é a luta do Mal contra o Bem, que não cessa «um segundo.

«O judeu que se faz franco-mação está imediatamente «habilitado para o paladismo, isto é, para o satanismo, se-«gundo frequentemente se assevera;» *(L'Anglais est-il un juif?* pag. 102).

Que o judeu é jamais a indiferença religiosa; mesmo quando alheio a religiões é qualquer coisa de diabólico ainda, qualquer coisa de religioso ainda, mas de religioso ao contrario; que com esse objectivo tem ele penetrado nas sociedades secrétas, na franco-maçonaria, principalmente. E porque ahi se acolhe com penetrante interesse, e porque é, principalmente, uma raça oculta e femenina, quasi só ele manêja a primôr a complicadissima malha franco-maçónica. Os alemães já tiveram ideias de fazer uma franco-maçonaria sem judeus; a isso objectava Louis Martin que o mesmo era que fazer um omelete sem ovos!

O judeu, mesmo o mais tolerante do século actual, sente inato rancôr contra os sectários de Jesus Cristo, que, desde longos séculos, lhe inspiram ódio. Este ódio, psicológicamente e fisiológicamente, não podia num instante sêr alienado; — e como nós estamos próximos do Passado!

Os tempos mudam, e só esse ódio não muda, e apenas com o tempo se renova. O poeta judeu Albert Cohen, *modernista* francêz, exalta-se: refere-se a Jesus:

> La vieille vengeance approche
> Voicí
> Le jour *Du Baiser* sera.

«Que loucura coherente! (escreve o auctor do *Bolchevisme «de Salon*, pag. 527). Ah, que se não julgue ser isto o producto «duma vaga exaltação transitoria! Isto é o producto duma maqui-«nação secularmente amadurecida, e que, enfim, encontra o seu «desabafo nas circunstancias mundiaes presentes».

Em Portugal, a invasão dos cristãos-novos mostra-se fundamente anti-católica; e tanto isto é um conflicto das duas raças que qualquer indíviduo, que não seja um tôlo, é capaz de distinguir, só pelo aspecto fisionómico, um *anti-clerical* dum... *sacristão!* Mas quanto tempo será preciso decorrer ainda para que

estas verdades sêjam ouvidas, este «branco é, galinha o põe», este *ovinho* de Colombo do dia d'amanhã?!...

—Porque é, pregunto eu, que as famílias nobres de Portugal, (as antigas), são as mais visivelmente católicas?! não fôram todos os portuguezes egualmente iniciados no catolicismo?... Então porque é que, quasi exclusivamente, as familias nobres continuaram católicas... e as outras não?!...

O baptismo forçado, tirando ao judeu a religião do seu natural, (não importava que fôsse esta o cristianismo ou o budhismo para sêr, em verdade, a sua religião natural; o essencial era ser ela impregnada de caracter semitico), e tentando incutir-lhe uma diferente, que era muito oposta ao seu natural, deu em resultado a conflagração religiosa do nosso Paiz, e principalmente a irreligiosidade que caracterisa os homens da República. E' impossivel destrinçar em Portugal a questão religiosa da questão politica.

Sendo misticos e religiosos, por temperamento, e encontrando-se em o estado irreverente, em o *zero religioso*, hão-de, um dia, encaminhar-se para novas crenças que hajam de ser repassadas de tipo semitico. Cada religião é, afinal, a disciplina juridica da religiosidade inherente ao homem; uma especie de canalisação disciplinada das suas superstições indisciplinadas. A crença é a unificação das *crendices!* Pois, para alguns cristãos-novos portuguezes, tem ultimamente parecido o *espiritismo* uma religião oportuna. E a verdade é que n'algumas cidades de Portugal, é alarmante o incremento da nova fé! Em Leiria, por exemplo, os *espiritistas* são em número de 600; e, coisa curiosa, eram o grupo *maçonico* dessa cidade; (inclusivamente, o edificio em que se reúnem agora é aquele em que se reuniam d'antes como maçons!). Rodrigo Germano Cazaleiro, tipo assinalado de judeu, é ahi o sacerdote magno. Já hoje no cemiterio de Leiria não são raras as incripções neste teôr: *Aqui jaz F. que desencarnou em tantos de tal*... Nesta cidade o embate visivel entre espiritistas e católicos é uma pugna assanhada, e tão curiosa, quão fisionómicamente ela parece entre cristãos-novos e cristãos-velhos.

A Inquisição, para certos cargos que se prendiam mais ou menos com negócios do Estado ou Religião, mandava proceder ao conhecimento integral dos ascendentes, porque bem conhecia, por experiencia, o que era a imperiosa voz da raça. Estava infectado o que tivesse sangue de judeu, mouro, indio, ou malaio, embora fosse isso coisa remota e já desmemoriada no descendente. Com sabedoria lhes chamava o povo os *tornadiços*, que, quando não regressavam á religião dos seus maiores, criavam, pelo menos, um estado de revolta, tanto em ideias politicas como religiosas. E o que é feito desses homens? Porventura desapareceram eles? Hoje, mais do que nunca, eles por ahi andam, caracteristicos por suas fisionomias, tendencias pessoaes e acções de conjuncto. *(Portugal Cristão-Novo*, 1921).

Com a *Igreja dos Adventicios do 7.º Dia* dá-se o regresso integral ao primeiro cristianismo, o verdadeiro cristianismo, — o da Judeia! Esta religião é muito menos dessidencia d'Israël, que dessidencia da religião católica, sendo entretanto, a dessidencia duma e d'outra. E' singular a vocação profética que acompanha os neófitos da nova Igreja: são os mais messiânicos de toda a Terra; a sua grande biblia é o Apocalypse; é uma religião essencialmente apocalíptica!

São eles que fazem essas frequentes publicações, *mais ou menos* intituladas... **Signaes dos tempos**!... Numa delas é escripta a proxima realisação do *Quinto Imperio*, preságio do acabamento do Mundo; ahi se diz tambem que será feito por *judeus e Portuguezes!...*

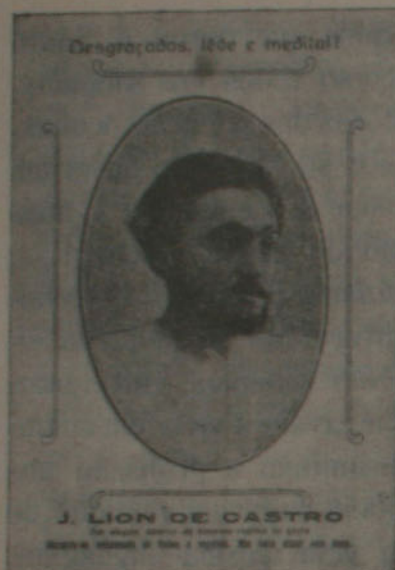
O teosofísmo e tambem judaismo, em Portugal.

O messianismo e a cabála são fundamentaes na alma judaica. Estes homens da religião do 7.º Dia são os lidimos irmãos do profeta Bandarra, do alfaiáte Luiz Dias, de Setubal, e de todos os mais cristãos-novos a que foi buscar saudade o *sebastianismo*. Pois, Bandarras, ocultistas d'hontem e d'hoje, *astrólogos* d'hontem e d'hoje, desde o Mestre Guedelha a M.me Brouillard, (uma transmontana), tudo isso é descendencia d'Israël, tudo isso é

messianismo! No espaço de tres séculos que durou o Santo Oficio, em Portugal, perseguindo-os, como todos nós sabemos, fôram os cristãos-novos os *únicos*... cultóres das sciencias ocultas, (vejam-se as listas dos autos-de-fé), — e só hoje não haveriam de sêr eles os *unicos*, hoje, que a sua descendencia é mais numerosa e que já não ha a repressão do Santo Oficio?!... Nas éras biblicas lhes chamavam os *falsos profetas*; e só falsos profetas ajuntara o rei Acheb quatrocentos na pequena cidade da Samaria (3. Reg. 22. 10.). Não sabemos, entretanto, que cifra atingiriam os *verdadeiros*. Chegavam a viver em comunidades, e alguns sendo casados, transmitiam a profissão aos filhos. (4. Reg. 4. 2). Os falsos tambem andavam vestidos de *saco* como os verdadeiros, e falavam pela mesma linguagem. (Zach. 13. 4.). *Profeta* não significava, apenas, o que previa futuros, mas tambem o que anunciava futuros. Tambem em todo o tempo em Portugal os ardentes pregoeiros das novas ideias fôram judeus; — e hoje, quem serão os pregoeiros das novas ideias?!... — Quem é toda essa gente de gesto apostólico?!... Quero-me referir em particular, ao *naturismo*, cujos apóstolos fervorosos são judeus, tal como eles se revelaram na Russia! Não exagero: o movimento vegetariano feito pelos judeus da Polónia era simultaneamente um movimento revolucionario-politico, de que resultaram os acontecimentos anti-semitas de 1905.

O judeu russo Eliezer Kaminetsky é hoje, entre, nós, portuguezes, um dos mais conhecidos apóstolos do naturismo; e, para que o seu gesto seja mais apostólico, ele ahi passeia, por Lisbôa, ostentando o seu trage original, as suas sandálias, as suas

60

O judeu russo Eliezer Kaminetsky, residente em Lisboa, naturista e antiquario. Capa dum seu folheto de pensamentos; lê-se: «Muitos procuram perolas no fundo do mar, eu, porem, procuro-as no fundo do meu pensamento.»

61

Apostolado do naturismo na Praça Pública. Lion de Castro, cristão-novo de tradição, anunciando a salvação da Humanidade pelo regresso ao naturismo. Capa dum folhêto de propaganda lê-se: «Desgraçados, lêde e meditai! J. Lion «de Castro em viagens atravez de diver«sas regiões do globo. Alimenta-se unica«mente de fructos e vegetaes. Não bebe «alcool nem fuma.» Pertence, tambem, a centros espiristas

barbas e cabelos compridos. D'entre os naturistas portuguezes, ahi se destaca tambem o môço apóstolo Lion de Castro, natural d'Obidos, de gente com tradição judaica. E ainda o naturista Lhau Mascarenhas Araujo, portuguez que nasceu por acaso em Zanzibar, neto paterno dum marroquino; é auctor de novelas *ocultistas* e de magia; tambem professa a *religião da humanidade*, como ele diz; é teósofo, espiritista, anarquista; escreve no jornal do proletariado, «A Batalha»; não reconhece pátria, é internacionalista; é *vegetariano moralista*, pois que o homem não deve comer a carne dos seus semilhantes; e tambem se pica duma certa predileção pelo *futurismo!* Usa sandálias e cabelos longos, — e toda a gente em Lisbôa o tem visto passar, pelo menos uma vêz na vida!

Em Bragança os cristãos-novos são tidos e havidos por bizarros. Ao penetrar no cemiterio d'aquela cidade, tive ocasião d'observar mil bizarrias, (além duma grande ausencia de simbolos católicos, taes como cruzes); a cada pergunta minha, respondia o coveiro, encolhendo os ombros: «... manias de judeus!...»

Eles teem, na verdade, o «culto do inédito» a inquietação doentia do renôvo: são por excelencia um povo *futurista!*

Mas, prosigamos: convem observar que a espécie semita é a que melhor se coaduna com os moldes duma alimentação vegetariana, — sêja isso, embora, por seu alto poder adaptativo,

62

Profetas e apóstolos. O naturista Lhau Araújo, oriundo de Marrocos, socialista, teósofo, auctor de novelas ocultistas, e tipógrafo

seja isso porque, mais proximamente oriunda dos trópicos, está mais ancestralmente preparada para a alimentação de vegetaes. Mas, é isso, principalmente, por aquela índole exagerante e momentânea, *o culto do inédito*, exaltação, inquietação, angustiosa vontade de liberdade! E andam nisto tão fóra de estímulos scientificos que chegam ao ponto de terem quasi formada a *religião naturista!* E' curioso: os naturistas portuguêzes, que eu muito bem conheço, e filiados no centro naturista (rua da Magdalena n.º 225) estão filiados, tambem, em dois centros espiritas, ocultistas, esotéricos. E' já numeroso o grupo espirito-naturista de Belem.

Ha fanáticos naturistas de todas as raças, quer das germânicas, quer das semiticas; mas diversos fitos as conduzem. Um germano, em geral, é naturista por um principio scientifico ou higiénico; um semita está ahi por um principio religioso ou moralista. Estes são os apóstolos da praça publica e do periódico, os naturistas exaltados, mas que, no ano seguinte, ou ainda antes, se recolhem á vida privada a entregarem-se, de novo, aos prazeres da carne, já espicaçados por uma nova mania.

Outros numerosos cristãos-novos, lidima descendencia farisaica, vão aos templos católicos, e seguem os mais preceitos do culto externo, porque assim o exigem os *bons costumes*. Aquele que simúla a prática duma religião que não sente, o que vae ao templo por harmonia social, para se desviar de cada vez mais do *common poeple*, eis o que eram em Jerusalém os fariseus, eis o que o são ainda hoje! Toda a Lisbôa os conhece: é essa mocidade cristã-nova que tira o seu chapeu deante dos templos, que usa tudo isto por distinção, como tira o seu chapeu aos automoveis, e que é geralmente duma têz côr d'azeitona, encerada e barbeada. Esta mocidade cristã-nova, corcovada e de vozes nazaladas, eles, e suas *mundanissimas* judias, são os que enchem ostentosamente os templos católicos, sem disso perceberem absolutamente nada, sem com isso se importarem absolutamente nada! Estes judeus, ricos, ou bem colocados (nos bancos, nos escriptorios, nas casas

comerciaes), e bem vestidos, são os fariseus, os dignos representantes dos seus avós!

Mas ha outra especie de *catolicistas*, principalmente na provincia, dos que vêem assegurado na religião o respeito pela propriedade individual. Americo Durão, ouviu no Alemtejo um lavrador censurar um outro: «Então você *tem que perder* e não «vae á Igreja?»

Tenho falado, entretanto, duma pequena porção de cristãos-novos; que, a maioria de descendentes dos conversos, ocupada na pugna contra a Igreja, continúa em permanencia irreligiosa. Mas no mesmo furôr anti-religioso está implicito o seu furôr religioso; o livre-pensador não é mais livre que o mais fanático familiar do Santo Oficio... por isso mesmo ele é *livre-pensador!*... Depois dos *conventos* vieram as fórmulas mentaes dos doutrinarios, as fórmulas dos sociólogos revolucionarios, os *conventos... dos anti-conventuaes!*... Sim, a atenção dos judeus deslocou-se de Roma para Paris! Outróra Roma era a capital do Pensamento por isso os judeus cristianisaram Roma; agora Paris é a capital do Pensamento, por isso a sua atenção se desloca de Roma para Paris, e faz o éco da revolução Francêza; este ultimo passo dos judeus, é, porém, bem mais largo que o primeiro. São os judeus extremamente exagerados em polos opostos .. e, coisa curiosa, até os mais fanáticos anti-semitas, são precisamente da propria raça; fôra um judeu, o converso D. Paulo de Santa Maria que chegou a sêr bispo de Burgos e chancelér-mór do Reino, que movêra no século XIV, em Hespanha, a célebre perseguição contra os judeus; — e, fôra ainda um judeu, o famigerado Alonso, quem primeiro lembrou em Castela a necessidade de se instituir uma inquisição contra os professantes da lei mosaica! Ha aqui, evidentemente, o fanatismo caracteristico dos renegados, mas ha muito mais que o fanatismo, ha a intolerancia semitica! Em França, toda a gente o sabe, os mais fervorosos católicos, os exagerados, são os judeus recentemente convertidos ao catolicismo! Procedem por exagêro proprio de

raça, e tambem por vaidosa ostentação não menos propria da raça.

Psicologicamente, reconhece-se que um indivíduo é do tipo semita, quando em politica ou religião pertence ás fórmulas avançadas, ou, quando procede nas atrazadas comos e pertencesse ás adiantadas. Contudo, na generalidade, os europêus, tanto em Portugal como lá fóra, continuam os detentôres do cristianismo, cabendo, entretanto, os exagêros aos judeus. A massa judaica em Portugal, a maioria, permanece ainda na sua aversão ao catolicismo, na sua *religiosidade irreligiosa,* numa atitude sempre oposta á Cristandade...

«Os judeus (diz o *Bolchevisme de Salon,* pag. 553) não «penetraram nos Estados modernos apenas para materialmente «os desvalorisarem : *destroçaram-os moralmente e socialmente.*

«De todos os tempos, tem sido o seu fim uma luta de morte, «imperdoavel, inexpiavel, contra o cristianismo, saido d'eles «proprios. O seu sistema constante tinha sido o *racionalismo,* o «criticismo *outrancier,* depois o anticlericalismo penetrante. «Constituiram, sucessivamente, a gnosis, a cabala, a exegese; «foram, verdadeiramente, *os doutores da incredulidade.*»

Típico exemplo: o judeu Bensaude, de colónia israëlita de Lisbôa, e director do Instituto Superior Técnico, elucidava um dia os seus discípulos de que Pascal pouco mais era que mediocre, dada a sua qualidade de pessôa religiosa! Bensaúde, fala à maneira da generalidade dos cristãos-novos; é isso mesmo!

Eles vos chamarão *obscurantistas,* e, principalmente, se fôrem devotos da Sinagóga!

E assim será para os cristãos-novos, até ao advento duma nova crença que sêja uma crença inteiramente de índole semitica.

Até lá, entretanto, irão lavrando a anarquia no campo da politica, a anarquia no campo religioso, a anarquia no campo do pensamento! O instincto semita insurge-se contra o existente europêu!

Mas, após a destruição do existente europêu, vê-lo-hemos constituir-se, e edificar-se numa nova Europa, novos reis e novos *Salvadores,* sempre ao gôsto dos filhos d'Israël! E quem sabe se não será de Portugal, aquele recanto d'onde irradiará o novo Messias?!... Recordo ainda, no sentido místico dos judeus, aquelas célebres palávras do ástrologo de Catarina de Médices:

«No mais profundo ocidente da Europa, de gente humilde «nascerá uma creança que se fará acompanhar da multidão, e cuja «voz tombará no mais profundo do Oriente! Assim será!...»

V

assalto á vida mental

V

assalto á vida mental

A multidão d'Israël inunda a Europa levando a ação destructiva a estes tres campos: campo politico, campo religioso, e campo mental.

Quem não fôr um revolucionario num destes campos, sê-lo-ha possivelmente no outro; ou, ainda, pela forma revolucionaria mais vulgar, que é, naturalmente, a versatilidade.

Ele, o directo representante da *raça febril*, é bolchevista, e prefére a literatura clássica; ou é literariamente modernista, mostrando-se, comtudo, politicamente, e até religiosamente, conservador.

Aqui, entretanto, ainda é preciso destinguir o falso do verdadeiro conservador: o que o é puramente por naturêza, do que o é puramente por circunstancia.

O judeu é um revolucionario de qualquer maneira: este é, até, um sistema psicológico de reconhecer *à priori* um cristão-novo.

Percorramos a génese da moderna intelectualidade portugueza.

Jerusalem foi destruida, e seus moradores, os verdadeiros judeus, os de Judá, deportados para a Peninsula Hispanica. Estes

hebreus, que se dedicavam, em especial, ao culto do livro, — não apenas ás Sagradas Escripturas, — eram designados pela designação geral de *sefardim*, da palavra *sêfar*, que significa «livro»; (e outros dizem que da palavra «Sefarad», nome hebraico da Peninsula Hispânica).

Os sefardins, espéculavam em muitos ramos do conhecimento: — «Porque sem falar dos livros de Jozué, dos Juizes de «Samuel, e de outros livros sagrados, que fôram escritos depois; «desde o tempo de Moysés se falou de um livro, *Das guerras do «Senhor;* e àlém disto, se faz tambem menção de um *livro dos «justos*. Os livros dos Reis remetiam frequentemente os israë«litas ás Crónicas dos Reis de Judá, e de Israël. Salomão tinha «escrito tres mil Parábolas, e mil e cinco cânticos. Elle tinha «feito tratados de todas as plantas, e animaes; e se queixa tam«bem, *que se façam livros sem fim*». *(Os costumes Israelitas*, cap. XI, por Mons. Fleury, trad. port. de João Rosado, an. 1778).

Pois estes judeus, os sefardins, fôram deportados para a Peninsula Hispânica pelo decreto do imperador dos romanos. Eram, a comêço, pouco numerosos, e repudiavam o contacto com os estrangeiros, a quem chamavam os *goym* (gentios), vivendo em bairros á parte, as «judiarias».

De entre eles, tinham ficado alguns na Palestina, para que ahi continuasse o pontificado, o conselho dos setenta e um, ou *Sanhedrim*. Fôra em Jamnia, cidade sobre o mar, que se haviam refugiado estes hebreus fugidos da sitiada Jerusalém; mas tambem eles, a pouco e pouco, fôram deixando as praias do Levante, e remando para a Peninsula Hispanica, mórmente atraídos pelo esplendor do califado de Córdova.

Rabban Jochanan ben Zaccai, sucessôr do sacerdote Hillel, conseguira fugir d'aquela cidade quando os romanos a cercavam, e estabelecer o seu centro religioso em Jamnia que é por alguns séculos a chefia religiosa dos hebreus. Ahi se confeciona e se redige o Torah, se preparam as bases do Talmud, ahi se organisa propriamente o *judaismo*, tal qual hoje o conhecemos. A nação hebreia se salvou, e se tornou poderosa e unida, pelas dis-

posições selecionadouras dos doutores de Jamnia, que a fim de preserverarem a individualidade étnica dos hebreus escreveram que era um grande pecado contra Deus a conjugal união com os estrangeiros, e o ingresso de estrangeiros na lei de Moisés. Em isto se distinguiu Rabi Akibah, e se tornou famosa a academia rabínica de Jamnia. Estes hebreus, pelo andar das edades, fôram-se escoando para a Península Hispânica.

Alguns outros, mesmo antes da destruição de Jerusalém, se tinham ido acumulando em Alexandria, onde floresceu a notavel escola literário-filosófica sob influencias da cultura grêga. Era Philo, descendente de rabinos, a figura predominante, o qual, filosóficamente, pretendia harmonisar as revelações de Moisés com as filosofias de Platão.

Quanto aos literatos e aos artistas, nós faremos uma ideia do que seria este helenismo hebreu, naquelas almas febris e desregradas; nós presentimos quanto seriam capazes, estes judeus, do classissismo, ou harmonismo, helênico.

Vejamos: — os artistas sentem; eles sentem as ondulações das pulsações internas, que não são, nem coloridas nem fónicas; são apenas ondulações de sentimentos, que, ora se apertam, ora se alargam, ora se estrangulam, ora se ajuntam. Eles sentem, e sentindo projectam esta ondulação d'emoções no ambiente externo, porque as querem transmitir aos outros, porque é imperiosa a necessidade de as transmitirem. Pois bem; eles, os artistas, instinctivamente, buscam a forma material que sêja um simbolo paralelo ás emoções; e então, pela ondulação dos sons (a música), ou pela ondulação das côres (a pintura), ou por outra qualquer e variada forma, eles representam no ambiente externo a ondulação que lhes vae na alma, ondulação que não é, nem colorida nem fónica, mas que eles simbolisam *cá fóra*, pela côr ou pelo som. A *obra d'arte* é, pois, um «cliché», um *negativo* das emoções do artista, sendo as emoções do artista o *positivo*. Pois bem, este *negativo*, ou obra d'arte, vae operar nos outros individuos, despertando-lhes sentimentos análogos aos que o artista-auctor experimentou. Este *negativo*, vae, enfim, pôsto

em presença das outras almas, acordar nelas os seus *positivos*. Os europêus produzem as suas obras d'arte, excitando, ou deixando nascer, em eles-próprios as emoções, os positivos; começam, pois, pelos positivos para atingirem os negativos; começam, pois, pelo interior, por um *ponto central*. Os semitas, e especialmente os hebreus, com a dura *teimosia* de criarem, põem o fito na obra d'arte que pretendem criar, põem o fito num negativo, portanto, — e deixam-se influenciar por esse negativo que em sua imaginação figuram e que pretendem obter; começam, pois, pelo negativo, para que este lhes excite o positivo, a fim de que este positivo se projecte no negativo por onde começaram. Especialisaram, portanto, os seus espiritos na emoção da obra d'arte que querem alcançar; começam, portanto, de *fóra para dentro*, e não do centro para fóra. Começando pela forma externa (o negativo), que é sempre múltipla e contingente, (ao contrario do interior ou *ponto central*, que é sempre *uno*), — suas obras resultam, pois, sem unidade, sem harmonia, sem *helenismo*; resultam naturalmente anárquicas, variáveis como as superficies dos mares, e não socegadas como os seus abismos. Por isso mesmo se teem tornado os hebreus os mestres analíticos da Forma, os especialistas da película de todas as coisas, tendo menos o gôsto da ideia que de exprimi-la.

Mas voltemos á Historia. Estes famosos intelectuaes da Alexandria, pelo tempo adeante tambem vieram para a Peninsula Hispânica.

Outros, numerosos hebreus da Palestina, fôram caminhando para Babilónia, não sendo de pouco brilho e reputação o esplendôr a que elevaram nessa época as suas artes.

Independentemente dos israëlitas que das provincias do norte da Judeia fôram seguindo a direção do Oriente, a caminho da Rússia, — independentemente deles, os judeus do Ocidente, os *sefardins*, (e alguns, talvez, provenientes de Cartago) evolucionaram em costumes e ritos diferentes, de que é testemunho o chamado *rito sefardim*, conhecido hoje pelo *rito portuguez*.

Desde o início da dominação dos gôdos fôram os judeus perseguidos na Península Hispânica, e muito mais pelo isolamento provocante em que se mantinham que, propriamente, pelas diferenças religiosas. Os judeus conspiraram; e auxiliando a corrupção da cristandade, provocaram a invasão moirisco-árabe que velozmente assolava toda a Peninsula, chegando mesmo a galgar os Pirinéus. Libertos, os hebreus, entrou para eles uma Era de prosperidade económica, e social, e pois as suas artes e literatura atingiam, em breve, verdadeiras culminancias luminosas. Estava-se, de novo, revelando o «homem do livro», o sefardim, o descendente dos prosadores da Biblia! Esta é considerada, até, a *Era d'oiro* da literatura hebreia do Exilio, mesmo superior á da última estada em Babilónia.

No resumo da historia dos judeus, que escreve Adolfo Benarus no almanaque israëlita de Lisbôa, de 1917, veem estas sucintas narrações:

«O estabelecimento das escolas hispano-judaicas começa com «o ingresso em Córdova de Moisés ben Enoch, que havia sido «resgatado da escravidão pelos seus correligionarios. As escolas «de Córdova depressa se convertem em florescentes centros lite«rarios e de estudo talmúdico. Os judeus manifestam-se proemi«nentes em todos os ramos do sabêr. Menachem ben *Saruk* é «um dos primeiros cultores da gramatica hebraica; segue-se-lhe «Jonas ibun Jarrach, o grande mestre de filologia hebraica, falecido «em 1050. E' tambem nessa época que aparecem algumas das «mais belas poesias judaicas. Entre os mais distinctos dos *payta«nim* ou poetas litúrgicos, figura Eleazar ben Kalir, cujos poemas «são lidos nas orações de certos dias sagrados. Porém, um dos «maiores poetas é certamente Salomão ibun Guebirol (1021-70) «cujo poema mais conhecido é Kether Malchuth (A corôa da nação) «que está incorporado na liturgia da véspera do dia de Kippur.

«Judah Halevi, que floresceu aproximadamente entre 1086 «e 1140, é considerado como o maior poeta depois de David; os «seus poemas impõem-se por uma emoção profunda e por uma «rara beleza de expressão.»

Judah Halevi escreveu mais de trezentos poemas e um tratado de filosofia em árabe, «Hacuzrie», que está traduzido em várias linguas. Ben Guebirol, foi poeta, mas principalmente filósofo, e o primeiro que introduziu entre os cristãos a filósofia hebraica; escreveu a «Fonte da Vida» sistematisação das filosofias grêga e árabe. Espinosa, o afamado filósofo hebreu dos nossos tempos, tambem mais não fez em suas obras que sistematisar e concatenisar os pensamentos dos filósofos do Ocidente.

«E' porém, continúa o mesmo escritor Benarus, na figura «de Moisés Maimonídas (1135-1204), que o judaismo da edade «média encontra a sua expressão intelectual mais culminante. «Nascido em Córdova, viu-se obrigado, pela queda desta cidade «a emigrar para a Palestina onde, como médico de grande fama, «foi tomado ao serviço do famoso Saladim, sultão do Egito.

«Maimonídas álem de médico de grande saber era filósofo «de não menos valor. E' o concretisador do dogmatismo judaico; «a sua *Mishneh Torah* é um todo sistematisado do conjuncto de «leis tradicionaes judaicas, e no *Moreh Nebuchsin* (Guia dos «Perplexos) é feita a exposição clara da filosofia do judaismo».

Do século VIII ao século XV, a literatura hebreia, sefardinica, poderia relacionar milhares de nomes, diz o moderno historiador Zangwill.

Entre eles se distinguiram, àlém dos que acima estão citados, Dunash ben Labrath, Samuel-ha-Nagid, Ibun Ezra, Benjamim de Tudela, Alcharisi, Nachmanides e Rashbam.

Guebirol e Halevi são considerados pelos hebreus (e para quem tudo o que é hebreu, é sempre grande!), os *principes dos poetas* de todos os tempos! Mas, em verdade, tenho achado, unicamente, em seus poemas aquele lirismo e melancolia ritmada do nosso poeta lirico João de Deus, (que semita é tambem, como o demonstrou, por medições craneológicas, Ferraz de Macêdo), e em tudo e por tudo, mais dados aos ideiaes do que ás ideas. Estou que, actualmente, a literatura hebraica, é muito mais feliz do que o era então,—mas ainda, e sempre, mais dada aos ideiaes do que ás ideias!

Com o avanço da cristandade em terras de moiros se refugiavam de cada vêz mais, os judeus, no reino de Granada, que era então verdadeiramente um reino judaico. Mas tendo os cristãos tomado Granada em 1492, ficavam, pois, os judeus a descoberto como a parte mais notavel do imperio, como o seu proprio esqueleto; e, logo nesse ano de 1492, é publicado contra eles o édito de expulsão. Abandonando os exagêros dos historiadores, que chegam a elevar-lhes o número a 800:000, devemos fixar em 200:000 o número dos judeus peninsulares, segundo as mais autorisadas opiniões. A expulsão, abortiva, nem tempo lhes dava á negociação dos seus bens, que eram forçados a abandonar; e, assim se via trocarem, uma vinha por um fato, uma morada de casas por um jumento...

Muitos fôram para a Turquia; mas a maior parte desta nação sefardínica, raça de comerciantes, latoeiros, ferreiros, sapateiros, alfaiates, médicos, boticarios e literatos, viera em tropel acolher-se em Portugal; eram para cima de 150:000.

Viera, com eles, então, a índole mistica, o anti-clericalismo, o racionalismo, tornados infrénes nos séculos seguintes; os seus escritores, ou, de qualquer modo, intelectuaes, encadernaram-se ainda nos moldes clássicos, tomando até um ar de suevo-gótismo de que só agóra, a custo, se vão libertando.

Advindo o ano de 1496, reúne o rei D. Manuel o seu cônselho a fim de deliberar, se deveria, ou não, expulsar os judeus; as opiniões ventiladas foram várias, predominando as favoráveis á expulsão. Rui de Pina refere-as com minúcia. Damião de Goes relata o modo das opiniões contrárias: «... que não tão «sómente levavam comsigo da terra muitos haveres e riquezas, «mas ainda, o que era mais de estimar, *levavam subtis e deli-«cados espiritos* com que saberiam dar aos mouros os avisos «que lhes necessários fôssem contra nós, e sobretudo lhes ensi-«nariam seus oficios mecânicos, em que eram muito destros, «principalmente no fazer das armas, do que se poderia seguir «muito dano, trabalhos e perdas, assim de gente, como de bens «a toda a Cristandade.»

É decretado um simulácro de expulsão, e, eles, continuaram vivendo em Portugal sob a designação de cristãos-novos, — esta mesma raça sefardínica, de comerciantes, latoeiros, ferreiros, sapateiros, alfaiátes, médicos, boticarios e literatos.

E a invasão nos dominios das Sciencias, das Letras e das Artes, desde então se acentuou, e continuou acentuando-se até ao Presente. (Na Palestina os médicos e os higienistas eram os seus proprios sacerdotes).

Decorridos alguns anos se começava a protestar contra o monopólio que os cristãos-novos estavam fazendo dos oficios de médico e boticário. A' consulta d'el-rei, fôra a Mêsa da Consciencia e Ordens do parecer, em 1589, que se mandassem crear boticarios cristãos-velhos que fôssem latinos de 1.ª e 2.ª qualidade.

Que, quanto ao incremento dos bachareis, tanto cristãos-novos como cristãos-velhos, os quaes estavam sendo uma epidemia em todo o reino, respondia a Mêsa da Consciencia e Ordens, por seus quatro votantes:

«E ainda que a Universidade de Coimbra é geral a todos, «pareceu a dous votos, que nenhum nobre possa mandar a ela a «ouvir alguma das quatro faculdades mais que dous filhos, e o «mecânico um só, e que não sêja recebido nela cristão-novo que «o sêja de pae e mãe, sem especial licença de Sua Magestade «porque ainda desta maneira sobejarão letrados neste Reino. «A outros dous votos pareceu, que na dita Universidade por ser «uma só geral, e patente a todos, não deve haver as ditas limita-«ções, pois aos inconvenientes, que de haver muitos leterados «se seguem, está provido bastantemente pelo modo sobredito. E «temos visto por experiencia que para lentes nas Escolas, são os «*homens de nação* proveitosos, assim por suas habilidades, «como porque são perpétuos nelas, e tomam por vida e honra «fazer nelas contínua residencia, e os nobres, posto que o pre-«tendem, o fazem a tempos, para por meio delas sêrem despa-«chados de S. Magestade com os desembargos como cada dia «vemos, pelos quaes a deixam.» Assignam Dom Fernão Martins

de Mascarenhas, que chegou a sêr Inquisidor-mór, Antonio d'Almeida, e Marcos Teixeira. (Arquivo da Mêsa da Consciencia e Ordens, livro de consultas, n.º 121 da antiga numeração, fls. 8 e 12, na Torre do Tombo.)

Fôram médicos de fama universal, os hebreus portuguezes, Amato e Zacuto Luzitano; Ribeiro Sanches que emigrára para a Rússia, e fôra médico da rainha Cristina, da Suécia; Rodrigo de Castro; o famoso botânico Garcia da Horta que escreveu de coisas da India; Jocob de Castro Sarmento, inventor duma célebre loção, ou medicamento, muito generalisado no século XVIII; (ainda ha, em Portugal, um seu descendente, o senador republicano Afonso de Lemos, médico tambem, que conserva uma reliquia desta loção); e milhares d'outros.

Pois bem, num tempo em que em Portugal os cristãos-novos, ou puramente judeus, sendo uma insignificante minoria na população do Reino, eram quasi exclusivamente os nossos médicos, — que diriamos d'agóra, em que o ambiente lhes é propicio, e em que são tão acrescidos em número e poder?!

Não o presúmam, embora, os portuguézes, nem tão pouco os médicos o presumam, mas eles são os descendentes desses hebreus, d'aquela antiga grei de cirurgiões e fisicos. Pelas nossas provincias, o tipo caracteristico dos nossos médicos não desmente o exclusivo dos séculos passados.

Em as grandes cidades, como Lisbôa, são os médicos de fama, e principalmente *especialistas*, inconfundiveis tipos de judeus.

Uns, provados, outros, absolutamente demonstráveis, — lembro ao acaso (e é preciso não esquecer Souza Martins), — Ricardo Jorge, cristão-novo, lente da Universidade de Lisbôa, e prosador, com sua prosa de matráca, e *saxofónica*, expressionistamente e mecânicamente hebraica; Silva Carvalho, fantástica visão d'astrólogo antigo e de médico judeu das régias côrtes; Eduardo Burnay, conhecido judeu; Euzebio Leão, politico de nome; Azevêdo Gomes, um dos primeiros ministros da Repú-

63

O médico portuguez é, geralmente, o mais directo descendente do judeu portuguez. Alguns exemplos de tipo sefardinico: 1.º — Silva Carvalho; 2.º — Ricardo Jorge, escritor e lente da Universidade de Lisbôa; 3.º — Francisco Stromp, médico dos hospitaes; 4.º — Simões Ferreira, especialista das vias respiratorias; 5.º — Amôr de Melo, ex-director dos hospitaes; 6.º — Martins Pereira.

blica; Belo de Moraes, republicano da Propaganda; João Paes de Vasconcelos, neto do antigo ministro Barjona de Freitas (Bar Jonas) que toda a gente sabia que era judeu; (por esse tempo tambem fôra ministro na Monarquia o bem conhecido Sá-Vargas, médico tambem, e cristão-novo de Bragança); Bordalo Pinheiro, cristão-novo; Julio de Matos, Stromp, Martins Pereira, Silva Passos, Simões Ferreira, Rodarte e Roberto d'Almeida, Reinaldo dos Santos, Egas Moniz (descendente do judeu António d'Abreu Freire, expulso pela Inquisição, e de que Camilo fala em um dos seus livros); são expressões categóricas de judeus, e de que ninguem, por menos enfronhado em coisas hebraicas, ousaria um só momento duvidar. E tantos, tantos mais, quasi todos, que nem é possivel contá-los.

Alem destes, ha os israëlitas militantes, os de nação declarada: Athias, Barwel, Bensaúde, Anahory, etc., etc.

Mas como d'entre os médicos cristãos-novos é bastante afamado o operador Cabêça, convem saber que é oriundo duma familia de cristãos-novos de Souzel.

Ahi estão, portanto, os nossos médicos, na ambulancia da invasão judaica, os nossos principaes facultativos, e cirurgiões afamados, lidimos descendentes dos sefardins de Córdova, dos invasôres de 1492.

E os nossos advogados principaes? Longa seria a citação

de nomes, quasi todos incluídos no Assalto ao Estado, se me propuzesse enumerá-los. É, principalmente, em esta profissão que a verbosidade judaica se revela: João Baptista d'Este, um cristão-novo renegado, escrevia em 1619, em referencia á verbosidade dos judeus: «...e posto que a gente hebrea perdeu o esforço, «brio e valôr, por ser traidora ao seu verdadeiro Messias, com«tudo é belicosa na lingua».

J. Lucio d'Azevêdo comenta: «Nisto coincidia o juizo do «consanguineo com a ideia geral da Nação».

E eu comento, tambem: — Não é exactamente isso que caracterisa os portuguezes d'agóra, mórmente os bachareis...... latinos?...

Comtudo, se me referisse a famosos juriconsultos, que em todos os tempos tem havido em Portugal, de nação hebreia, havia de começar por Tomé Vaz, advogado no Porto, nascido em Coimbra em 1553 (neto materno dos donos da Quinta de Vila-Franca, termo de Coimbra, onde Luiz de Camões passara a infancia, segundo parece, e que fôra de Simão Vaz de Camões). A sua obra vem mencionada na *Bibliotheca Luzitana* de Barbosa Machado. Fôra prêso por judaismo em 1618. Outro insigne juriconsulto foi Francisco Velasco de Gouveia, doutor e lente da Faculdade de Cánones, desembargador da Casa da Suplicação e auctor de muitas obras literárias. Era filho de Alvaro Velasco, juriconsulto notavel, e nascêra em Lisbôa onde faleceu com oitenta anos d'edade em 1659. Fôra prêso por judaismo em 1626. (Vide *Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa*, por Antonio Baião).

Muitos mais, pelo tempo adeante, deve ter havido, notaveis jurisconsultos cristãos-novos. Ultimamente, sei eu que Trindade Coelho foi um cristão-novo da vila do Mogadouro, em Traz-os-Montes, dos que ahi, ainda hoje, são reputados.

Tambem os lentes famosos da nossa Universidade fôram em todo o tempo os cristãos-novos. Acabamos de vêr como, em 1589, estes *homens de nação* eram tidos pela Mêsa da Consciencia e Ordens como muito aptos para lentes, e tambem porque

faziam nisso maior permanencia e mais carreira d'honra do que os nobres. No reinado de Felipe IV, como já referi, são condemnados por judaismo, o arcedíago Dr. Francisco Velasco de Gouveia, o Dr. Antonio Homem, célebre canonista e cónego, o Dr. Antonio Gomes, professor da Faculdade de Medecina (condemnado em Toledo), o Dr. André de Avelar, lente de matemática, e, pelo tempo adeante, muitos mais. No século XVII a Universidade de Coimbra era considerada um *covil d'heréticos;* (Azevedo, pag. 179). E ainda não ha muitos anos (30 ou 40) toda a gente sabia, até de cór, que a maioria dos lentes de Coimbra era descendente de judeus; — *e seria realmente um fenómeno bastante para estranhar que não fôssem hoje um pouco mais que então!...*

Tambem foram judeus alguns dos bons cultôres das Sciencias numéricas: e, com seus astrolábios e calculos numéricos, fôram precisamente os nossos judeus que conduziram por os mares os nossos suevos! fôram célebres matemáticos, Mestre Guedelha (Gedahlia Palaçano), Pedro Nunes — afamado auctor do *nónio,* Zacúto e Pero d'Alemquér; como mais tarde se havia de tornar conhecido André d'Avelar, cristão-novo lente de matemática e tercenario na Sé de Coimbra, condenado pela Inquisição em 1624; e hoje, poderiamos citar Antonio Cabreira, por exemplo. Ha quem pretenda, (por ex. Matos Sequeira, flagrante tipo de judeu, desde os ombros aos olhos!) desviar a glória dos nossos descobrimentos, para os judeus, e desta maneira apeiar Vasco da Gama para pôr em seu lugar Pero d'Alemquer. Devo, comtudo, prevenir os desprevenidos, que se judeus tivessem sido todos os antigos portuguezes, já muitas vezes, antes de Magalhães — eles teriam dado *voltas ao mundo,* mas... sómente em papel e em calculos numéricos! Tudo se quere no seu verdadeiro lugar: os pés não trabalham menos que a cabêça (e até muitas vezes, é preciso saber que os pés são a

64

O caracteristico tipo judaico de Matos Sequeira, arqueólogo, jornalista do jornal «O Mundo», historiografo, e funcionario da Alfandega de Lisboa

cabêça !). Teem os judeus uma profunda existencia moral a ponto de se esquecerem da vida ao sol; estão os judeus em relação ás outras raças como as mulheres para os homens; débeis e triunfadores, os judeus são as mulheres de todas as raças.

A raça judaica é muito mais excitada que inteligente.

A especialidade, no cálculo, do judeu Pero d'Alemquer, foi chamada a conduzir por esses mares a acção do cristão-velho Vasco da Gama, — como, talvez, a mesma especialidade em Gago Coutinho, semita inquestionavelmente, fôra quem conduzira por esses ares o estranho feito do cristão-velho Sacadura Cabral.

Hoje, como d'antes, são os judeus os guias mentaes do *sonho alheio*. Portanto, não me insurgo contra o facto de se defender com ardôr a ação dos judeus, e de se apreciar a Historia de Portugal como se ela tivesse sido um fenómeno judaico; o que quero é que se saiba que tambem o historiador ou comentador não pode fugir ás afinidades e antipatias rácicas.

Tambem é frequente frisar, em nossos dias, que fôra perda irremediavel para a Nação a expulsão dos judeus (pseudo-expulsão, aliaz), e torna-se banal louvar-lhes as qualidades de trabalho, e verberar com ódio a Inquisição! Tudo isso está certo; mas o que não está certo é o não se saber que nesse mesmo entusiasmo, e mesmo ódio, vive mais o *instincto* que a razão; eles (entusiasmo e ódio) caracterisam os historiadores modernos: é como se fôssem uma só pena a escrever, pena que ha escrito, e continúa a escrever, a nossa Historia, como se fizesse a Historia d'Israël! E teem razão, — Portugal é, finalmente, uma nação israëlita. Não exagéro; este fenómeno aflictivamente apontado por muitos portuguezes do século XVII, está definitivamente consumado! Os escritores portuguezes teem razão no seu ódio contra o Santo Oficio; e muito justo seria que se escrevesse actualmente a propósito do *Tribunal de fé*, que exclusivamente perseguia os cristãos-novos: *Portugal foi duramente perseguido pela Inquisição!* Sim, Portugal é sinónimo de *Judeia*; — e mais justamente acrescentariamos: «...... e hoje libertos do elemento intruso (o cris«tão-velho) recordâmos com mágua os séculos bárbaros em que

«reis e senhores do povo inimigo nos iam afrontar nas nossas «comunas, e onde privávamos na religião dos nossos maiores! «Era a religião da sinagóga a antiga religião da nossa patria, Por- «tugal; religião duramente desterrada pelo barbaro D. Manuel I, «rei dos *goym*, esse povo invasôr!......» Ora, assim mesmo, é que se deveria ensinar aos portuguezes; falar d'outro modo é falsidade.

No capitulo da fundação de Portugal é mister ensinar, pelas escólas, que fôra instituida a nova nação a despeito dos seus senhores actuaes, a despeito do povo que hoje a domina: «Nós, «os portugueres, descendentes de judeus e mouros (todos irmãos, «todos semitas) fômos humilhados na nossa terra pelo barbaro «rei Afonso Henriques; mas a persistencia do nosso sangue tem «demovido a pata usurpadôra......»

Literariamente, muito antes de atingir a enchente actual, já de ha muito a invasão se vinha elevando, mas ainda encadernada em moldes suévicos, em estilos e maneiras portuguezes, e de que as últimas gerações se vão libertando.

Da multidão de literatos cristãos-novos, mais ou menos professos da lei de Moisés, e que, em Portugal, ou no exilio, imprimiram os seus livros, ha numerosos catálogos, como a «Biblioteca Luzitana» de Barbosa Machado, as compilações de Antonio Ribeiro dos Santos publicadas pela Academia Real das Sciencias em fins do século XVIII, as obras de Joaquim José Ferreira Gordo, as de Frei Fortunato de São Boaventura, o diccionario bibliográfico de Inocencio da Silva, os estudos de Kayserling, os de Mendes dos Remédios, etc.

Em 1913, à volta da coleção de livros judaicos, (isto é, de livros escritos por judeus portugueses), de Alberto Carlos da Silva, publicou Alvaro Neves a sua «Bibliografia Luso-Judaica» que encerra numerosas informações, citados os auctores por ordem alfabética. Extractemos alguns nomes, pela mesma ordem:

Abrahão Cohen Pimentel, erudito do século XVII, natural de Lisbôa; Abrahão de Jacob de Meza; Antonio Henriques Gomes, ou antes, Henriques da Paz, queimado em estátua em 1660,

auctor conhecidissimo; Benedito Espinosa, higienista; Lopes Laguna; Cohen de Lara; o famoso David Neto que escreve ácêrca dos segredos da Inquisição, em 1722; o prégador israëlita David Nunes Torres; Eliezer Zacutto; Flavio Josepho; Gabriel de Souza Brito, auctor de ensinamentos comerciaes e bancários, e mais assuntos de economia (1706); Isaac Cardôzo; Isaac da Costa; Isaac de Sola; Abendanha de Brito; Mendes Belisário; Jacob de Castro Sarmento, médico e escritôr; Jacob Jehudah Leon, um dos maiores eruditos do seu tempo (século XVII); Lopes da Fonseca; Rodrigues Moreira; Jeuhda de Piza; Jóão Baptista d'Este, que escreveu contra os israëlitas no século XVII; Judas ou Leão Abarbanel, médico e filósofo do século XVII; Manuel Leão; Manuel Fernandes de Vila Real, de conversação brilhantissima, e auctor de estudos politicos, em tempo de D. João IV, sendo por fim encarcerado pelo Santo Oficio; Manuel Dias Soeiro, que, como todos os cristãos-novos emigrados, mudara de nome, para Menasseh Ben Israel com que se tornou famoso como teólogo, filósofo, moralista e historiador: publicou em 1650 «*Origem dos Americanos*, ou sêja, Esperança d'Israel»; capitão Miguel de Barros, poeta e comediógrafo; o grande Mosseh Almosnino; Paulo de Pina; Silva de Miranda; Salomão d'Oliveira, grande erudito; e o nunca assaz lembrado Uriel da Costa.

Tal a lista dos escritores hebreus de Portugal, que a desenvolver-se, subiria a centenas. Estes são os declaradamente judeus, os que emigravam principalmente para a Holanda, aonde, em geral, publicavam os seus livros.

Entre os famosos escritos, que sendo judeus, não são, contudo, mencionados nas bibliografias hebraicas, sendo, aliaz, purissimos judeus, e mais numerosos que os relacionados, poderemos lembrar:

Fernão Mendes Pinto, o peregrino prosador, tão celebrado, o qual floresceu no século XVI; Rodrigo Lobo Soropita, dos mais notaveis prosadores do século XVII, um optimo poeta, e um dos primeiros *camoneanistas;* o poeta satírico Serrão de Castro, victima do tribunal do Santo Ofício; Antonio José da Silva, d'al-

cunha *o judeu*, florescente escritor do século XVIII, victima tambem, do Santo Oficio, do qual saiu com as mãos cortadas.

Mas a verdadeira invasão na literatura, deve começar a contar-se do século XIX; mas quem, de entre os investigadores contemporaneos, se tem importado com a origem dos escritores? Quantos problemas, dos estilos e das ideias desses mesmos escritores, não estariam resolvidos, se suas mesmas origens fossem sabidas?!

Ultimamente, é preciso não esquecer Guerra Junqueiro, *glória da raça latina,* como usam dizer os jornalistas! Tambem é preciso não esquecer Fialho d'Almeida, de quem tenho estudado a geração, tendo apurado sêr ele 5.º neto em varonia d'um Afonso Pereira, de Cardigos, dos Pereiras cristãos-novos da Beira-Baixa; tambem pelos Fialhos è cristão-novo.

Na pintura e na música não menos os cristãos-novos se distinguem. Tão caracteristico é o tipo do pálido estudante, côr de azeitona, do Conservatório de Música, e Belas-Artes, e Escola de Arte de Representar, que é escusado alongar-me em pormenores.

De entre os ultimos pintores, não será Columbano um judeu frisante? (filho de Rafael Bordalo Pinheiro). Outro tanto não é possivel dizer de Carlos Reis. E d'aqui vem aquela diferença social que parece medear entre um e outro, como entre dois chefes de dois partidos opostos: Carlos Reis, preferido pelas familias cristãs-velhas, e Columbano, preferido, talvez, pelas familias cristãs-novas: o primeiro, monarquico, e de familias monarquicas, o segundo, republicano, e de familias republícanas.

65

1.º — O pintor cristão-novo Columbano; 2.º — o pintor cristão-velho Carlos Reis

O grande desenhador Marques d'Oliveira, do Porto, é um jndeu, e dos mais conhecidos.

De entre os músicos, que se distinguem em Portugal, na

66

O cristão-novo João Arroyo, musico e orador de fama, e grande politico, o primeiro que invectivou na Câmara el-rei D. Carlos (com o chamado discurso do termómetro)

quasi totalidade cristãos-novos, basta citar os Arroios, (um músico, e outro, critico musical) cristãos-novos, de judeus tradicionaes da Catalunha, como de todos é sabido; e o judeu Rey Colaço, pianista, oriundo de Marrocos; (é pae de Alice Rey Colaço, primeira pintora modernista em Portugal).

O violinista Benetó é um judeu de sinagoga; o violinista Julio Cardona é um judeu cristão-novo da Covilhã (filho do grande agitador e livre-pensador Cardona), etc.

Têem, os hebreus, verdadeira vocação para a música, como é isso reparado desde a antiguidade até ao Presente. Só músicos de profissão houvera em Jerusalém, desde o tempo de David, cêrca de quatro mil levitas destinados ao Templo, debaixo da regencia de duzentos e oitenta e oito maéstros dos quaes alguns nomes nos ficaram, e bastantes vêzes referidos nas inscripções dos psalmos, taes como Asaph, Heman e Idithum. Os proprios reis se dedicavam á música, como David. Os proprios profetas profetisavam ao som dos instrumentos, como por exemplo Elizeu. Os instrumentos eram varios: trombetas, flautas, tambôres; e entre os de corda eram mais usados o kimôr e o nebel.

67

O judeu e pianista Rey Colaço, oriundo de Marrocos

Dispersos os hebreus por todos os paizes teem feito constatar a mesma tendencia. É notavel a afluencia dos judeus aos conservatórios de música da Alemanha, onde principiam por primorosos discipulos, e quasi sempre acabam em eximios maéstros.

O conservatório de Leipzig, tem-se

tornado, depois do impulso que lhe deu Schumann (hebreu) o primeiro conservatório do Mundo, cujo director Stephan Krehl é tambem um judeu, e o primeiro pedagôgo da teoria musical. Professores e discipulos são na quasi totalidade judeus. Brahms um dos maiores musicos da Alemanha, é-o outrosim.

Tambem em Portugal se utilisaram em todo o tempo os cristãos-novos nas profissões musicaes. Eu tenho nota d'alguns hebreus da colónia d'Avís que estavam por cantôres nas sés de Lisbôa e Coimbra. Na cidade de Bragança, ainda por isto, eles se separam do resto da população; ultimamente ali se distinguíu Leonardo Garcia.

Comtudo, no canto, não vêjo que os judeus tenham grande habilidade, sendo antes nisso mais notaveis os nossos cristãos-velhos de nobre estirpe.

Tambem se vê que, sendo embora uma raça musical, não são os judeus superiormente musicaes: está neles a vocação muito mais generalisada que intensificada, e isto não obstante contarem, entre si, grandes músicos, como Mendelsson e Meyerbeer.

Como os judeus são excepcionalmente *expressionistas*, e como o teatro é por excelencia uma arte expressionista, não será dificil de concluir que tambem os dramaturgos e os actores sêjam descendencia d'Israël. Ultimamente se apurou em França (onde os judeus se não misturam com os *goym)*, que são eles a maior parte dos dramaturgos; para os judeus o teátro é a arte suprema. Mas não só os dramatúrgos, tambem os actores. Já o célebre Francisco de Moraes Cabral (cristão-velho) auctor do *Palmeirim d'Inglaterra*, escreveu (em um manuscrito que Camilo Castelo Branco copiou):

«Sexta feira de endoenças de 1533 vi no mosteiro de Santos «de Lisboa representar-se um auto da paixão de N. Senhor, e «todas as figuras eram christãos novos, e só o Christo era chris- «tão velho.» *(Narcóticos,* Traços de D João III, por Camilo Castelo Branco).

As conhecidas e caracteristicas *caras d'actor*, outra coisa não são que as conhecidas e caracteristicas caras de judeus .. escanhoadas!

Ainda, pela mesma tendencia expressionista, o judeu, tem notável vocação para a dança: ahi se recrutam os melhores bailarinos e bailarinas, desde Sarah Bernardt aos últimos bailarinos russos.

Teem na dança uma frescura infantil, africana, *gingada*, e, enfim, demasiado corpórea. Eles são os notáveis espiritualistas da materialidade!

No cinema, requinte da arte do gesto, não poderiam os hebreus deixar de se mostrarem; e assim vemos estes orientaes famosos, como Bertini, Lidia Boreli, Manichelli, e estes adoráveis cómicos, como Max Linder; e aqui, então, os encontramos aos milhares. São os grandes intérpretes de todos os grandes pensamentos da Humanidade, mas... não são os grandes pensamentos! Admiráveis correios!

No jornalismo, porque o jornalismo é rendoso e qualquer coisa de burocrático, ahi os achamos tambem. Achamo-los como jornalistas e, mais do que isso, como proprietários das redacções. Cada ano que passa, são mais umas centenas de jornaes que vão tombar nas suas mãos. A França, tem-o assaz reconhecido.

Estes jornaes saberão falar ao sabôr de toda a gente, e isso é lançado á conta d'*eclectismo*, mas, no fundo, são essencialmente judaicos.

Arthur Meyer, jornalista judeu, do «Gaulois» (órgão governamental e judaico) chegou ahi a escrever pelo momento da questão Dreyfus: «Abaixo os judeus! Ha judeus francezes, e «judeus estrangeiros. Eu pertenço aos primeiros».

Em Portugal, tambem as nossas ilustrações e principaes redacções estão nas mãos dos judeus, quer cristãos-novos, quer militantes. E, em qualquer redacção em que, por acaso, os não haja ainda, vae havê-los, com certêza, no ano seguinte.

Conseguem ascender no jornalismo com as mesmas habilidades e estratagêmas com que teem ascendido a todos os postos,

desde os mais intelectuaes aos mais rendosos. Os concursos são-lhes sempre favoráveis, e teem sempre por seu lado as *recomendações!* Louis Martin, escreveu em 1895:

«Não atingem os seus fins pela inteligencia. Atingem-os «sabendo-se tornar amáveis, indispensáveis, dando-se ares anó- «dinos, por recomendações e lisonjas, pela franco-maçonaria, e, «quando estão instalados, não teem mais que assignar o que lhes «apresentam já feito, préviamente redigido pelo panjudaismo, «para maior proveito d'Israël e confusão dos *goym.* E grita-se: «*Que inteligencias!* Deveria antes dizer-se: *Que génios! Que* «*dentistas!*» (L'Anglais est-il un juif?, pag. 242.)

E o mesmo escritor ainda comenta (pag. 142):

«Mas sabem tirar um esplendido partido das faculdades que «possúem, dissimular as suas lacunas, e mostrar-se seductores, «não sêjam eles, embora, mais do que simples operários ou casei- «ros perdidos em qualquer floresta dos paizes novos. Acontece «tomar-se-lhes a vivacidade por inteligencia, e nisto é que está a «ilusão.»

Nos ultimos tempos, teem-se desprendido, mais visivelmente, dos moldes estrangeiros em que, por tanto tempo, se contiveram, e, mais ou menos, regressam á própria índole, tudo remodelando, em ideiaes, costumes e estilos.

O Pensamento e a Arte, no sentido nihilista, ou revolucionario, estão sendo um previlégio dos orientaes, e particularmente dos judeus.

Já se tornava evidente nos séculos passados. Da propaganda judaica no século XIX, propaganda intelectual, e sempre de qualquer modo revolucionària, Bernard Lazare, um judeu fidedigno, registrou *(L'Antisémitisme,* 1894, pag. 344 e 347):

«Os revolucionarios hebreus teem surgido, e, por toda a «parte em que ha colónias hebraicas, como em Londres, na Amé- «rica, na Austrália, na Polónia e na Rússia, ha judeus *revoltados* «*e anarquistas*. . . . . Os jornaes ou revistas são, quer socia- «listas, quer *comunistas anarquistas.*»

Em plano superior ao jornalismo político e á *literatura de revistas* (pela qual os judeus teem uma especial predilecção) surgiam os seus filósofos, os seus artistas, os seus escritores de nomeada universal.

Nesta espantosa agitação foi-se abaixo a Russia dos Csares para dar lugar á Russia bolchevista, á Russia israëlita, com os seus adorados Maximos Gorky, Trobskdei, Tholty, Trotsky e todos os mais israëlitas, modernistas, comunistas, que residiam nos paizes do Ocidente, e principalmente em París. Do mesmo fenómeno revolucionário judaico, com as mesmas figuras de Israël, surgia na Hungria o imperio de Bela-Kun.

São notaveis revolucionarios no dominio da Ideia os pensadores Bernstein e Bergsson, como o tinham já sido Espinosa e Virchow. Freude, famoso inovador da psyco-análise, pelo qual se ha creado um verdadeiro culto em França, principalmente entre os judeus, é a figura marcante em Viena d'Austria; e Einstein, com as suas *Teorias da Relatividade* que tanto barulho tem causado no mundo, é a figura marcante na capital da Alemanha.

Enfim, na literatura, desde os modernistas da moderna Russia ao novelista Jorge Isaac's, da Columbia, vae uma série interminavel d'israëlitas. (Aqui lembro que a provincia d'Antióchia, na Columbia, está hoje povoada de descendentes de judeus portuguezes, os quaes são notavelmente poetas, e, a par d'isso, espantosamente prolifícuos).

Na música revolucionada, ou futurista, pode servir d'exemplo Débussy, judeu militante.

Enfim, na Austria, como na Russia, na Alemanha, como na França, são os hebreus os remodeladores e amantes do inédito. Por toda a parte *futuristas*, modernistas, ou de qualquer modo revolucionarios, são incontestavelmente de estirpe judaica. Não exagero.

Tambem em Portugal, ultimamente, a grande invasão, tomou uma atitude mais agressiva. Aproveitando o grito de liberdade que Marinetti, (o verdadeiro futurista), formulou na Italia, mas

que já se balbucíava em todo o mundo, pozeram-se os semitas á vontade, e, possuidos d'um *pseudo-futurismo,* desalargaram o espartilho em que se continham, e voltaram, de novo, á propria índole. Pertencer a um povo é tombar nas tendencias desse povo; descender d'egípcios é voltar ao Egito, descender de judeus é voltar á Judeia.

Em Portugal, os directos descendentes dos hebreus quebraram, finalmente, os moldes portuguezes, e regressaram á sua verdadeira origem. Não é este gesto revolucionario tão superficial que não seja um *serissimo desmancho:* a Judeia, a Caldeia, o Egito, desmancham o mundo para construirem a seu modo. Que isto não signifique que os artistas em Portugal antes d'este grupo modernista, não fossem do mesmo modo um grupo judaico! Porém, o ultimo, por mercê d'ocasião mais oportuna, poude melhor libertar-se da peia cristã: o Oriente libertando-se do Ocidente. Contudo, as passagens são suaves, a gradação é perfeita: e ahi está o transmontano Antonio Nobre a saír p'la tangente do romantismo, e o esguedelhado Raul Brandão a penetrar p'la secante no «futurismo»; todos eles muito mais *estado d'alma* que *estado de espirito,* tal o semita Teixeira de Pascoaes, carne de barqueiro e alma do mesmo.

Todos estes hebreus, sendo integraes, não o são ainda plenamente integralisados. Não estão ainda integrados na própria raça.

68

O poeta Jaime Cortezão, director da Bibliotéca Nacional, (o qual diz que sente ainda em suas carnes os ferros em brasa da Inquisição). Retrato de Antonio Carneiro

Mas o horizonte abre-se mais claro, e nós vemos irromper a furiosa avalanche de modernistas, a furiosa avalanche de orientalistas, que, não sendo superiores aos anteriores, são, contudo, mais libertos do que estes. Da sua mesma irreverencia pode resultar a sua própria reputação: celebridade que resultaria, então, de se tornarem mais crueis para os outros, para os antigos dominadores do estilo.

Esta multidão de modernistas, atravessando um periodo revolucionário, não está ainda no periodo da creação, porém, da creação da negação. Outros virão com mais valôr... dentro dos limites, é claro, assinalados ao valôr judaico, em que a percentagem do idioma e do ritmo ha de forçosamente sobrepôr-se á percentagem do valôr real. Sei, concertêza, que este não é o pensamento dos hebreus, que a si próprios, dum modo muito diverso, se apreciam: — não fôram eles que pozeram na boca de Jeovah aquelas palavras dirigidas aos israëlitas: «Vós sois deu-«ses!» ? (Psalmos, LXXXII, 6).

«Lassen insiste particularmente (diz Chamberlain, *op. cit.*, «pag. 521), no egoismo do semita, frisando constantemente este «caso: — poesia, filosofia, religião, política, em tudo isso vê afir-«mar-se o mesmo *sêr egoista* em perpétuo trabalho de si-mes-«mo......». Que, desde que a tumultuosa vontade prevalece, não pensando em mais nada senão em si, os dons da sensibilidade e do intelecto permanecerão no estado rudimentar, ou estiólam-se: «A religião degenera em fanatismo, o *pensamento transfor-«ma-se em jôgo pueril* ou em arbitrariedade tirânica; a arte «não exprime senão o amôr ou o ódio do momento, ela é toda «*expressão*, mas não configuração; a sciencia torna-se indús-«tria .. o gôsto do imoderado, a propensão para a violencia, «*um caracter em equilibrio instavel* em que o dom mais neces-«sário ao homem, e ao mesmo tempo o mais perigoso, — a von-«tade — aparece desenvolvido em proporções monstruosas.»

Falava, eu, da futura geração de *judeus creadores*, que, em Portugal, se irá seguir á presente geração de judeus destruidores; (não obstante Ibn Khaldoun declarar que não teem os semitas a menor aptidão para crear o quer que sêja de duravel). Virão, mórmente, sob aspecto mistico e *salvador*, com campainha na mão que é este o estribilho de todos os salvadores e a verdadeira sedução do povo hebreu, — o eterno seductor, o *bem-falante!* É *salvador* porque deseja muito mais do que pensa; o pensador constata, não pretende encaminhar ninguem; mas o

judeu é conselheiro por natureza, um gratuito ensinador de caminhos; é uma individualidade *moralista*, mas nunca uma individualidade pensadora: é, portanto, uma raça de sacerdotes, muito própria para engendrar religiões; e ora, pois, a mais apropriada para destruí-las; é a raça apostólica por excelencia. O rei Achab conseguira encurralar, só na pequena cidade de Samaria, mais de quatrocentos falsos profetas; estes homens, principalmente aos sábados, usavam juntar o povo em comícios.

O apóstolo, o *proféta*, é aquele meio estado entre o homem superior e o mediocre, aquela coisa, que é metade carne, metade espirito: isto é, ha uma parte, puramente inteligencia, a contentar-se com descobrir, com constatar, e outra parte, puramente individualismo, a pretender que essa mesma descoberta, ou não descoberta, tenha lá uma certa explicação, e finalidade, e utilidade: e daqui, a resultante religiosa; daqui a cabala, a magía, os salvadores do mundo! Assim, os judeus, mesmo os que parecem mais modernos, envenenam sciencias, letras e artes. Uma dúvida transforma-se para eles imediatamente numa certêza: para eles não ha teorias, ha leis. E são, segundo Chamberlain, duma fé inabalavel em qualquer explicação exclusivista e egoista. Mistificam e baralham tudo, não obstante curiosos, e sêrem até magníficos auxiliares da historia e das outras sciencias. Mas eles não criam por si-próprios; *les juifs n'ont jamais rien inventé*, escreveu Voltaire, e que, sempre á escola das outras nações nunca a estas ensinaram coisa alguma. Mas aquele caracter *moralista* o observou Chamberlain por estas palavras:

«Por outro lado não é senão fazêr justiça o constatar que «muito belas sentenças se encontram dissiminadas pelo deserto «talmúdico, mas é preciso acrescentar que elas dizem respeito «unicamente á moral: Pensamentos belos não se encontram ahi; «não contém mesmo nada que possa ter qualquer analogia com «um Pensamento. E as belas maximas são, com frequencia, um «pouco semilhantes ás poesias de Heine (Henry Heine era israë«lita): O fim estraga o começo: *Que um homem cultive a paz «com seus irmãos e seus parentes, e com todo o homem,*

«*mesmo com o estrangeiro na rua;* — até aqui não podemos «aplaudir mais que um bom conselho, mas eis o porquê, e é ahi «que sempre o Judeu baqueia: *afim de sêr amado no alto e «agradavel em baixo.* (Tratado de Beracoth, fl. 17.ª.) Ou lerêmos «ainda, com alegria; *que um homem guarde solicitamente «a honra de sua mulher, porque a benção não residirá na casa «dum homem senão por intermédio de sua mulher;* sentença «esta certamente discutivel, mas de que se aprecia, de bom «grado, a inspiração; simplesmente se lê logo isto a seguir: «*Honrae vossas esposas a fim de vos tornardes ricos!*» (A Génese do Século XIX, pag. 602).

Engalanado e enganador, amigo íntimo da forma, é, entretanto, a frase do judeu muito semilhante a pensamentos! Amam turvar as suas próprias águas, porque turvas, as águas, parecem profundas. Eram assim os profetas, era assim toda a nação d'Israël!

Ultimamente, a literatura e a arte em Portugal haviam experimentado o quer que fosse, ao mesmo tempo de juvenil e de inquietante, qualquer coisa de antigo e de moderno.

Era a onda modernista ou futurista. Porém, esta súbita mudança correspondia á chegada d'uma nova gente, perfeitamente homogenia e definida: uniam-se em grupo os que eram, por excelencia, desunidos, e que, por excelencia, detestavam grupos! O mesmo espirito os repassava a todos; — não estava alí a cohesão dos desconexos?!

Apurei os ouvidos: era a superficie agitada d'um oceano que ruge a muitas braças de fundura: eram os filhos d'Israël, a mais nova geração d'Israël, a mais revolucionaria, a mais *á vontade!* Em breve a antropologia e a genealogia me vinham ensinar que eram ainda os ultimos descendentes libertarios dos invasôres de 1492. Publiquei-o em 1921, na pequena entrevista *Portugal Cristão-Novo,* e, no ano seguinte, o mesmo fenómeno se sublinhava em França, agora em referencia aos judeus francezes; o mesmo na Alemanha, o mesmo na Austria, na Inglaterra, por

todo o mundo, enfim. A raça judaica era a *raça modernista,* ou futurista! Do pintor futurista Van Dogen, holandez, e de Keinweller, patriarca do futurismo na Alemanha, a Picasso, hespanhol e fundador da pintura cubista, e a Max Jacob, patriarca do futurismo em França, judeus puritanos, corre uma série interminavel de judeus, quasi todos de sinagoga, circumcizos. Em Portugal, são eles os hebreus incircumcizos. Eu tinha visto que aquilo a que se dava o nome de futurismo, ou, de qualquer modo, modernismo, não era mais que uma tendencia de regresso orientalista: e que eram, portanto, uns falsos modernistas; e que em esta palavra se encontrava incluida a ideia oposta!

O *Bolchevisme de Salon et Faisandisme juif* (pag. 438. *Cahiers de l'Auti-France,* n.º 6, 1922), cita estas palavras de Edmond Jaloux:

«Vejo revistas francezas, inglezas, americanas, russas, ale-«mãs, italianas, hespanholas; todos celebram, á porfia, *um estilo «único,* tão pouco nacional quanto possivel, um estilo *verdadeira-«mente europeu.*»

Pela expressão *europeu* quere o auctor significar internacionalista. Prosegue o citador deste fragmento:

«No início deste movimento encontram-se Cézanne e Rim-«baud, Picasso, o expressionismo alemão, a Italia do futurista «Marinetti, a Inglaterra dos *irmaginistas* e *vertiginistas,* o *bol-«chevismo russo,* a Austria de Freud; *e, sobretudo, um certo «número de* **espiritos cosmopolitas,** *geralmente* **d'origem «judaica** *e que estão a postos em todas as fronteiras da «Europa central,* — taes como *Apollinaire e Tzara, por exem-«plo;* (Eclair, 22 de julho de 1922). A sua caracteristica mais «notavel é uma grande obscuridade, como o afirma Jean Epstein, «um deles».

Nicolas Beauduin dirige com W. Speth a revista «Vie des lettres et des arts» e é o chefe da escola *paroxista;* escreve:

«A poesia não reside no vocábulo. Mais forte ainda é a «poesia dos factos. Objectos que tenham algum significado e que «estejam dispostos com arte e talento, criam um facto poético».

Beauduin é o inventôr do poema sôbre tres planos, dispostos segundo o seu valôr fisico, mental, intuitivo.

Guillaume Apollinaire, judeu baptisado com o nome de Wilhelm Kostrowitzki, é um dos mais famosos futuristas da França. Desde 1908, em que lança o *cubismo literario*, tornou-se uma coisa do bom-tom aparecer em volta deste «bárbaro do Oriente, anormal e estranho» e com ele, em Chatou, fumar ópio, comer *haschich*, tomar alcool e ether, e até, um certo dia, um jantar em que fôram servidas pêras com mustarda e taraxacos com água de Colónia!

«Ahi se era, umas vêzes por outras, pederasta... ahi se «brincava aos paradoxos...» Pertendia que se descobrissem os poemas tacteis.

Cypriano Max Jacob, judeu convertido e fervoroso católico, considerado em França o mais alto representante do futurismo, assegura que *o poema em prosa é um bijou* e que, sendo a arte o exteriosar-se de qualquer modo, no estilo ela reside unicamente escreve desta maneira:

> Comme un bateau, le poète est âgé,
> Ainsi q'un dahlia le poème étagé
> Dahlia! Dahlia! que Dalila lia.

Isto fez dizer a René-Marie Hermant: — «Os febrecitantes «de *Nord-Sud*, (nome que se dá em Paris aos futuristas), não «teem feito do francês mais que um escarrador internacional».

Paul Dermée, é outro *Nord-Sud* e director da «*Esprit-nouveau*, revista internacional de estética» e auctor dos poemas futuristas «Spirales», assaz conhecidos.

Jean Cocteau, outro grande futurista, desenhador, prosador, poeta, dançarino, e escandaloso elegante de Paris, o qual pergunta com espanto, porque é que os orgãos politicos das esquerdas hostilisam, por vêzes, a arte e a literatura das esquerdas! Ele tem neste caso a mesma admiração que o revolucionario politico e internacionalista Wulens, ao ver que o futurista Cendrars fazia versos á nacionalidade belga e á sua heroicidade; e então pergunta, fulminando-o, que especie d'ideal avançado era aquele!

todo o mundo, enfim. A raça judaica era a *raça modernista,* ou futurista! Do pintor futurista Van Dogen, holandez, e de Keinweller, patriarca do futurismo na Alemanha, a Picasso, hespanhol e fundador da pintura cubista, e a Max Jacob, patriarca do futurismo em França, judeus puritanos, corre uma série interminavel de judeus, quasi todos de sinagoga, circumcizos. Em Portugal, são eles os hebreus incircumcizos. Eu tinha visto que aquilo a que se dava o nome de futurismo, ou, de qualquer modo, modernismo, não era mais que uma tendencia de regresso orientalista: e que eram, portanto, uns falsos modernistas; e que em esta palavra se encontrava incluida a ideia oposta!

O *Bolchevisme de Salon et Faisandisme juif* (pag. 438. *Cahiers de l'Auti-France,* n.º 6, 1922), cita estas palavras de Edmond Jaloux:

«Vejo revistas francezas, inglezas, americanas, russas, ale- «mãs, italianas, hespanholas; todos celebram, á porfia, *um estilo «único,* tão pouco nacional quanto possivel, um estilo *verdadeira- «mente europeu.*»

Pela expressão *europeu* quere o auctor significar internacionalista. Prosegue o citador deste fragmento:

«No início deste movimento encontram-se Cézanne e Rim- «baud, Picasso, o expressionismo alemão, a Italia do futurista «Marinetti, a Inglaterra dos *irmaginistas* e *vertiginistas,* o *bol- «chevismo russo,* a Austria de Freud; *e, sobretudo, um certo «número de* **espiritos cosmopolitas,** *geralmente* **d'origem «judaica** *e que estão a postos em todas as fronteiras da «Europa central,* — taes como *Apollinaire e Tzara, por exem- «plo;* (Eclair, 22 de julho de 1922). A sua caracteristica mais «notavel é uma grande obscuridade, como o afirma Jean Epstein, «um deles».

Nicolas Beauduin dirige com W. Speth a revista «Vie des lettres et des arts» e é o chefe da escola *paroxista;* escreve:

«A poesia não reside no vocábulo. Mais forte ainda é a «poesia dos factos. Objectos que tenham algum significado e que «estejam dispostos com arte e talento, criam um facto poético».

Beauduin é o inventôr do poema sôbre tres planos, dispostos segundo o seu valôr físico, mental, intuitivo.

Guillaume Apollinaire, judeu baptisado com o nome de Wilhelm Kostrowitzki, é um dos mais famosos futuristas da França. Desde 1903, em que lança o *cubismo literario*, tornou-se uma coisa do bom-tom aparecer em volta deste «bárbaro do Oriente, anormal e estranho» e com ele, em Chatou, fumar ópio, comer *haschich*, tomar alcool e ether, e até, um certo dia, um jantar em que fôram servidas pêras com mustarda e taraxacos com água de Colónia!

«Ahi se era, umas vêzes por outras, pederasta... ahi se «brincava aos paradoxos...» Pertendia que se descobrissem os poemas tacteis.

Cypriano Max Jacob, judeu convertido e fervoroso católico, considerado em França o mais alto representante do futurismo, assegura que *o poema em prosa é um bijou* e que, sendo a arte o exteriosar-se de qualquer modo, no estilo ela reside unicamente escreve desta maneira:

> Comme un bateau, le poète est âgé,
> Ainsi q'un dahlia le poème étagé
> Dahlia! Dahlia! que Dalila lia.

Isto fez dizer a René-Marie Hermant: — «Os febrecitantes «de *Nord-Sud*, (nome que se dá em Paris aos futuristas), não «teem feito do francês mais que um escarrador internacional».

Paul Dermée, é outro *Nord-Sud* e director da «*Esprit-nouveau*, revista internacional de estética» e auctor dos poemas futuristas «Spirales», assaz conhecidos.

Jean Cocteau, outro grande futurista, desenhador, prosador, poeta, dançarino, e escandaloso elegante de Paris, o qual pergunta com espanto, porque é que os orgãos politicos das esquerdas hostilisam, por vêzes, a arte e a literatura das esquerdas! Ele tem neste caso a mesma admiração que o revolucionario politico e internacionalista Wulens, ao ver que o futurista Cendrars fazia versos á nacionalidade belga e á sua heroicidade; e então pergunta, fulminando-o, que especie d'ideal avançado era aquele!

Futurismo e bolchevista têm, em verdade, as suas raízes na mesma naturêza revolucionaria; são pés e cabêça do mesmo vulto, e em que, por vêzes, a cabêça se revolta contra os pés, ou vice-versa. O futurismo é a parte aristocrática dessa mesma natureza revolucionaria e de algum modo um «bolchevismo de salão»!

Pascal Pia, é mais um dos avançados que escreve d'este modo:

> Joncs, joncs,
> nichées au creux de la jonchaise
> les jonques jaunes
> partent au coup de gong.
> Jaunes jonques,
> où irez-vous? Le fleuve est traître.
> Restez tranquilles dans la baie,
> jonques, jonquilles...

Disto, e do resto, escreve o auctor do *Bolchevisme de Salon:* «Sonoridades em movimento, que saltam e se atropelam, «dinamismo africano e infantil». Que se aperfeiçôam materialisticamente bem, assegura. Ainda mesmo como pensadores são os lidimos descendentes dos doutores da Cabala, como o poeta modernista Albert Cohen: «Aperfeiçôo-me *na arte de viver, a mais «bela arte do mundo* e a mais util, mas tambem a mais raramente «cultivada». Uma das suas máximas favoritas é: *fugir á dôr, não importa de que maneira.* Teem um especial gôsto por frases deste sabôr.

Blaise Cendrars, é mais um *fiévreux* dos *Nord-Sud,* o qual tem escrito uma antologia negra que parece corresponder á *Negerplastik* de Karl Einstein, outro judeu.

Depois disto aparece o *dadaísmo,* introduzido pelo judeu Tristan Tzara, que em 1916 se dizia, na Suissa, húngaro, e que hoje se pretende romeno. *(Bolch. de Salon,* pag. 446). O alemão Richard Huelsenbeck definia:

«O Dadaísmo é o primeiro vagido do recem-nascido: Dada. «É para nós um simbolo da nossa mais intensa como primitiva «relação com o mundo exterior... ...As interjeições são o «nosso triunfo. São a expressão directa e imediata da vida. Para

«o dadaísta, *aú, aú!* é mais significativo que a mais completa filosofia».

O dadaísmo surge na Alemanha em volta dos amigos poliglotas de Guibeaux. O chefe do movimento, tendo partido «dum Oriente *aproximativo* (!)», fiixa-se, a comêço, em Zurich, e de ahi espalha os seus manifestos pelos impérios centraes: em breve, o entusiasmo se comunicou á França e á America. «A «*Revue de l'Epoque* perguntava se era preciso fazilá-los. Hoje, «porém, Robert Aron pretende reabilitá-los, pela razão de que «eles experimentam *a angústia do inexprimivel* . . .

«Não; são ainda as inquietações do gheto, da *judiaria*, que «eles experimentam. O materialismo tradicional de Judá devia logi«camente dar nisto. Leibnitz defeniu o instincto animal *mens* «*momentanea*. Dádá reduz-se á impulsão do instante. Ele ruge, «ele ulúla, ele estrebuxa sem motivo . . . . . .» Que o bolchevismo, *cruel utopia social,* tem sua grande responsabilidade nesta espécie de divagação extra-artistica. *(Bolc. de Salon,* pag. 447). Roger Allard pretende que, uma vêz alterada a linguagem poética, uma vêz inoculada num corpo vigoroso a degenerescencia óssea, — uma vêz, enfim, apodrecido o esquelêto, todo o resto se irá desfazendo em pedaços. «Assim sucederia a todo o corpo social, «*se estes cosmopolitas essencialmente judeus,* de que fala E. «Jaloux, tivessem carta branca. . .» *(Op. cit.,* pag. 448). E termina afirmando que a vida estética, como o diz o filósofo suéco Hans Larsson, deve tender para a realisação, que não para o prazer!

Mas tambem, para que não falte aqui o comentário favorável, escutemos Romain Rolland *Dans la maison* (1910):

«Os judeus são quasi os únicos indivíduos com quem um «homem livre pode conversar de coisas novas, de coisas palpi«tantes. Os outros, imobilisam-se no passado, nas coisas mortas. . «Os judeus são na Europa d'hoje os mais vivazes agentes de «tudo o que ha de bom e de mau. Eles transportam ao acaso (!) «o pólen do pensamento. Se a fatalidade quizesse que fôssem os «judeus escorraçados da Europa, ela restaria empobrecida d'inte«ligencia e d'ação, até ao perigo duma falencia total.»

O comentador chama a este pedaço: desenvergonhamento intelectual e moral, dum perfeito scepticismo utilitário!

No estudo que o judeu alemão Kasimir Edschmid fez ácêrca do judaismo na literatura, — se lê tambem:

«Quem quer que conheça a mulher judia *desde a volúpia* «*ao grito d'agonia,* não tem mais necessidade de estudar o «espirito da raça. Na senda da reflexão isto ecoará como uma «brutalidade. Mas é uma glorificação magestosa... No seu «sangue fluctúa inexoravelmente o ritmo do mar Vermelho e do «Jurdão e do templo de Jerusalém. Deus escorraçou este povo «para que ele introduzisse a levedura na massa das populações «somnolentas do Ocidente, *para servir de reanimador, d'inter-* «*mediario,* para que se sacrificasse, enfim, em proveito das gran- «des ideias e *dos novos tormentos*... Nos judeus, o cérebro «escoou-se para os orgãos genitaes do intelecto... Hoje, os «asiáticos, voltaram bruscamente os canhões, e a cidade do Pra- «ter, Viena, é a comporta pela qual *a Asia, irresistivelmente,* «*se espalha sôbre nós*... Não é debalde que o laço internacio- «nal, unindo os povos da Terra, tivesse sido estabelecido pela «invasão da Palestina.» *(Art libre,* nov. 1920, pag. 201-203).

Que um culto particular do *prazer* se introduzira, dêsde tempos imemoriaes, nos doctores de Israël! L. Blumenfeld, explicando o nascimento da literatura *yiddisch* ou judaica, lembra os *hassidim,* aqueles ferverosos adeptos dos rabinos passando grande parte da sua vida em casa desses «santos», desses *meneurs* de multidões, ahi comendo e bebendo em règabófes, e os mestres enunciando seus «pensamentos» que, no outro dia, a camarilha de discípulos entusiástas se não fartava de espalhar p'la judiaria! *(Esprit nouveau,* n.º 16, junho, 1922).

E tudo ahi se passava, e se falava, ao sabôr da fraseologia moderna, dos titulos dos seus livros, como os das obras d'Henry Marx, judeu francêz; por exemplo: *A obrigação de sêr feliz, ensáio sobre o «quotidiano» do Amor, da Morte, da Sabedoria, e da Felicidade* (1919); paginas «dévotieuses» dedicadas aos inconsolaveis! Mas lá vem o *refrain:* «Nada conheço de mais

«grandioso de ha 5680 anos para cá que os presentimentos «judaicos».

Maravilhosos doctores da Cabala! Mas eles não descobriram, nem a máquina a vapôr, nem o gaz, nem a electricidade, nem a máquina fotográfica (o qual perpectúa dos indivíduos a carne e o espírito, como nenhum retrato do melhor pintor!) nem qualquer outra coisa.

O que se passa, entretanto, em Portugal? As trombêtas d'Israël acordaram aqui os corações israëlitas, que, em breve, se reconheceram irmãos d'aqueles. Acudiram ao chamamento os mais integraes representantes da raça, os mais perfeitamente defenidos. Esta *alegre* mocidade futurista, alegre *inquietação*, alegre desespêro, é a descendencia duma turba perseguida e por longo tempo espésinhada. Ela se levanta; agóra explude, com a intensidade dos gazes reclúsos.

Este vento oriental, ressaibo do Egito e da Judeia, pretendem que sêja inovação da Europa, vento europêu, qualquer coisa soprando de Paris... mas não é mais que *preciosismo semita!*

Os modernistas portuguezes, sabem eles que assim se passa em seus corações? Certamente que não; mas eles são os vehículos inconscientes. Aos bicos dos seus lápis e das suas penas acodem continuamente, irresistivelmente, recordações longinquas do Levante.

Este sabôr modernista, luxuoso, era precisamente o que se usava entre os literatos de Jerusalém, as mesmas extravagâncias, os mesmos paradoxos, os mesmos sistemas.

Ha pouco mais de dez anos despertára este espirito em Portugal; e desde então até hoje, se tem cumulado e multiplicado.

Começarei por Mario de Sá-Carneiro, o primeiro futurista portuguez (no sentido que à palavra se tem dado). Era um judeu, oriundo de Bragança, dos cristãos-novos Sà-Carneiro aos quaes pertenceu Sá-Vargas, médico, ministro na Monar-

quia, e ainda professante da religião mosáica. Era poéta e prosador, e vivêra em Paris entre essa mesma raça modernista. O seu espiritualismo não era mais que a ância da matéria, a queixa pela infedilidade das coisas terrenas, — a fébre que uma vida mal vivida provocava; era o desespêro da arte de bem-viver, em que se esforçou, e que por isso mesmo se suicidou em Paris! Os seus livros, magníficos especimens de literatura yiddisch, teem, como eles, as tres características principaes: nihilismo, expressionismo e desunidade. Era um nihilista, tanto mais perigoso quanto adorável; era um expressionista, pois que ninguem teve, como ele, o condão de sêr a própria desgraça do avêsso, verdadeiramente exacto, sem diferença o original da imagem; ninguem, como ele, teve o melhor retrato na própria obra; esta obra era, verdadeiramente, paralesia lateral, desnivelamento. Contudo, é ele considerado, pelos seus, um dos melhores poetas portuguezes. Assim seria, na verdade, se tomássemos para base de avaliação o imprevisto, a bizarria carnal, as sensações que produz. Estas sensações são provocadas pela variedade das invenções inesperadas, sem unidade, sem pontos de contacto umas com as outras, e apenas filhas duma imaginação exaltada. Não se deve tomar para base de avaliações a temperatura, o «calor», e tão desgraçadamente confundi-la com «espirito».

Outro futurista, o profeta *Enoch,* Raul Leal (aquele é o seu pseudónimo) não desmente as tradições da grei: o estilo, a linguagem profética, o messianismo. Ele é o auctor do *Anti-Christ et la gloire du Saint-Esprit. Hymne-poème-sacré,* (1920). Ele anuncia o *Reino da Metafísica,* o vertiginico reino da Transcendencia. Pretende-se o fundador duma nova religião, a religião do *Divino Paracléto.* Raul Leal é dos primeiros futuristas portuguezes, mas é-o puramente, sem *farizeismo,* e como infelizmente não sucede á maior parte dos novos artistas. Ele não é futurista, pois que é o próprio *futurismo!* Seus pensamento teem profunda raiz na sensualidade extravagantemente musical. A sua metafísica é a confusão labiríntica dos sentidos, a transcendencia das paixões, o delírio da carne e da alma, o fluir e o refluir, o concentrar-se o

infinito em uma gôta até esta gôta se volvêr infinito. Assim, não teme ele, nem a guerra, nem a paz, nem a fome, nem mesmo as mordeduras do *senso comum*... porque ele é todos, e não é nenhum, porque só ele existe... e não existe; porque ele é o centro de todo mundo,—e todos os mais são apenas fantasmas de si-mesmo! Declara-se publicamente pederasta, e não teme as críticas dos jornaes nem os sôcos do jornalistas! *Sodoma Divinisada* é aquele seu escandaloso livro qne o Governo Civil apreendeu, por o considerar imoral, e onde é cantada e defendida metafisicamente a pederastia. Pede ahi a edificação de templos de luxúria em que esta mesma fizesse parte do ritual litúrgico, e transcendentemente vertigínico. Declara-se vertiginista e futurista. Suas ideias fazem lembrar as de Henry Marx, judeu francêz e modernista, o qual, em seu escandaloso livro «Moi», pede o reino da *Saúde delirante*, graças ao qual possuirá em si *o infinito de tudo!* Os judeus se declaram frequentemente pederastas; e Raul Leal é nisto, como em tudo, um verdadeiro monumento á sinceridade, o maior que até hoje conheci.

A sodomia, ou homo-sexualismo, era um hábito atribuído aos judeus, e nisso se celebrisavam Sodoma e Gomôrra. Os antigos portuguezes, e mesmo nos séculos XVII e XVIII, assacavam aos hebreus as mesmas tendencias, e a cuja mistura de sangue atribuíam a diminuição do vigôr dos luzitanos O panfletista Vicente da Costa Matos asseverava, em 1625, que os judeus eram homo-sexuaes, e que tinham introduzido o vício no Paiz. Friso, entretanto, que se os judeus o introduziram, os outros o seguiram admiravelmente, porquanto, quási outros cristãos-velhos chamados ao Tribunal da Inquisição não era costume irem lá por outro motivo, ou delicto; Açôres, por exemplo, fornecia a esse respeito um contingente admirável! Raul Leal é um verdadeiro hebreu, e não apenas pelo aspecto psicológico, mas ainda pelo físico, e... *metafísico*. Ele pretende possuír espírito metafísico, quando, afinal, não possúe mais que o delírio dos sentidos e a incapacidade de *definir;* á capacidade de definir chamará estreitêza dos limites! Ora a inteligencia é um jôgo de memórias dos sentidos, e mórmente do da

vista; a vista é dos sentidos o mais perfeito, e torna a inteligencia definista, sem contudo pôr limites em coisa alguma. *Limitar* e *definir* são parecidos por fóra mas diversos por dentro: definir é vêr com clarêza, limitar é não ir além do que se limita! Com o filósofo Raul Leal ha o predomínio da memória do sentido auditivo inquinando o da vista; daqui o indefinismo musical, o vago metafísico musical! A música cria a atmosfera metafísica, mas se não ha uma *visão* sobreposta á Música, não ha a verdadeira creação metafísica. Em Raul Leal são as coisas e os processos do *Áquèm* aplicados musicalmente ao *Alèm*: uma má interpretação da dinâmica visual, um Áquèm tratado com ares d'Álèm! — Onde um pensamento, uma atitude chocante que nos deixe perplexos entre o sêr e o não-sêr?!... Claro está que a essencia de todas as coisas é um abismo, mas não são menos abismo as múltiplas manifestações dessa mesma naturêza abísmica; se a causa do exterior é o interior, deve sêr o exterior do tamanho do interior; portanto, ha mais inteligencia no que se ocupa naturalisticamente das fórmas externas que da névoa espasmódica do interior; ha mais génio creador no que vive o contôrno que naquele que abstraindo das complicações se recolhe comodamente ao estado nebuloso do Álèm-Forma! Um homem que faz um invento mecânico ou que resolve uma charada, revela maior altura mental que o que abstrae de todas as charadas do Mundo para dizêr a toda a hora e a todo o instante que o mundo por dentro é maior do que se imagina.

Raul Leal, espírito altamente anti-scientífico, é, portanto, um adversário de soluções de problemas; não é metafísico, é um sacerdote da Metafísica, — e para um bom sacerdote não ha problemas, tudo nele é apenas sacerdócio e prévia solução de problemas; tudo nele é pelo mais agradável, pelo mais estupendamente musical; nem pressente, — sente! Raul Leal é uma atmosfera metafísica sem sêr a creação na Metafísica! Raul Leal... é a excitação variável do invariável!

José d'Almada Negreiros, filho do escritor, e republicano da Propaganda Antonio d'Almada Negreiros, é um futurista, prosa-

dor, e principalmente desenhador. Natural d'Africa, é descendente de judeus, em varonia, dos Valérios, cristão-novos da cidade d'Evora, e descendente d'africanos por via materna. Ha, portanto, dois grandes continentes n'ele: o continente asiático e o continente africano. A sua psicologia resulta do conflito destes dois grandes continentes. Nada do europeu; o que ahi ha duma *ilosória* Europa outra coisa não é que o cosmopolitismo hebraico de Paris. Por via paterna herdára o espirito, por via materna a alma. Dum lado a temidez judaica, e do outro, a arrogáncia e o arrôjo das raças núas. Pelo tão grande autagonismo deste conflito, ele se apresenta como individuo estranho, variável para ele-proprio e para nós outros, mais possuido de temperamento que de espirito, mais esquisito que inteligente, mais desviado para os lados que para cima. Mas o cruzamento desses dois sangues bem longe de lhe atenuar a purêza da raça, acentuou-lh'a ainda mais, e só aparentemente lh'a perturbou. Uma raça misturada sobresáe, do mesmo modo que o branco é mais visivel no nêgro. Talvêz que por isso mesmo Almada Negreiros sêja a mais pura psicologia judaica. Analisemos: Duas são as funções do cérebro humano, e só elas: a da *comprehenção* e a da *imaginação*. *Comprehender* é descobrir; *imaginar* é inventar. Comprehender é achar verdades; imaginar é tecer verdades. Descobre-se um principio scientifico e inventam-se, depois, aplicações, expressões, desse mesmo principio descoberto. Descobre-se uma ideia, e inventam-se a seguir as expressões, as mais variadas, as mais originaes, ou as mais confúsas, dessa mesma ideia descoberta. Agóra pregunta-se: qual tem mais *espirito creador*, — o que descobre ou o que inventa? — A' primeira vista poderá parecer o que inventa, mas é preciso não esquecer que se para *inventar* é preciso ter espirito creador, para descobrir é preciso mais do que isso, — pois que é preciso ser *espirito... creado!* Para possuir imaginação, isto é, para inventar, é condição a actividade interior dos olhos; mas para descobrir é necessário ter olhos! Partimos, pois, desta verdade: que *descobrir* é uma função superior a *inventar*. Ora as raças da Europa são essencialmente descobri-

doras, quanto os semitas são de essencialmente imaginativos ou inventôres; isto é, os europêus descobrem muito e transmitem pouco, e os judeus descobrem pouco e transmitem muito. Por taes qualidades representativas e de imaginação estão hoje os judeus batendo o *record*, em toda a Europa, como dramaturgos e poetas. Eles são essencialmente expressionistas; sim, são estes os dois fortes do seu espirito; quanto ao résto, quanto á desenvolução essencial do conhecimento, mesmo em materia religiosa, são em tudo, e por tudo, absolutamente estéreis, e apenas como apóstolos, como *salvadores*, como *vehiculos* mais ou memos *encantadores* teem eles vingado. Chêgam a ser originalissimos com as ideias dos outros, o que não é, aliaz, paradoxo algum. O filósofo Espinosa, dos maiores da sua raça, fôra apenas uma magnifica expressão dos pensamentos dos filósofos do seu tempo. O judeu Almada Negreiros, mais variado que intenso, é uma ausencia de espirito creador e uma abundancia de espirito inventor. Está muito bem quando intitula uma das suas obras principaes *Invenção do Dia Claro*, (mal estaria se lhe pozesse *Descoberta do Dia Claro!*). Ele ganha o primeiro prémio em expressionismo, (é um expressionista sintetico), e só nisso, pois que ninguem pode ganhar prémios senão na qualidade em que a sua raça ganha prémios. Ele só pode ser alguma coisa dentro da sua propria raça, e não nas raças dos outros. Pensar que tem ele muitas vocações, taes como para dança, para teatro, para prosa, etc. etc., é um êrro; tudo isso não é mais que a sua especialidade; ele é puramente um *especialista da expressão*, pouco importa de que modo ou feitio, se pela pintura, se pela prosa, se pela conferencia, se por outra forma qualquer. Simplesmente, como todos os judeus, seria ele incapaz de ser um grande escultor, pois que esta é a arte que mais requer *unidade* de perspectivas e de vistas; ora os hebreus são organicamente impossibilitados duma verdadeira obra d'unidade. O seu livro recente *Pierrot e Arlequim*, atinge a expressão máxima da *expressão*: é a sua mesma especialidade que a toda a hora se refina: é a victoriosa luta pelo exato, pela corporisação da ideia, pela clarêza da intenção. Ahi,

cada frase serve a confirmar e a tornar mais nitida a ideia da que a precede; a torna-là mais fiel, ou mais possivelmente *mnemónica*. Este bom «virtuose», insofismavel semita, (quem ousaria duvida-lo?), fôra em Paris, — donde ele quasi se pretende *natural*, o «enfant gâté» da judiaria futurista, e particularmente de Max Jacob. Almada Negreiros, é um estômago judaico-africano a digerir influencias francezas. Toda a pessôa, além da verdadeira raça que lhe é transmitida em varonia, pode transpirar o temperamento duma outra raça qualquer pela qual se deixára mais ou menos influenciar: assim ganha o que se chama a *raça social*. E de tal maneira a educação, a cultura, podem influir nos individuos que lhes dão uma aparencia de transformação radical, mas absolutamente superficial, e tanto mais superficial quanto mais visivel, (pois que por isso mesmo é ela superficial!). Repitamos as palavras dum hebreu do «gheto», a poeta modernista francêz André Spire, o qual prefessa que os escriptores francezes de raça hebreia apenas deixam transparecer e vibrar «a pelicula francêza que «lhes cobre o coração á custa d'alguns anos de estudos clássicos «e de tagalerice parisiense», no intimo calando *o que ha neles de mais profundo, e talvez de melhor!* (Bolch. de Salon, pag. 507). A raça social d'Almada Negreiros é a judaico-africano-franca.

Fernando Pessôa, é outro futurista e outro judeu; (continúo a dar a esta palavra o sentido que vulgarmente se lhe atribúe). Dirigiu o «Orpheu» revista literaria futurista e a primeira que em Portugal se publicou, deste género. Ele é, especialmente, um poéta, sendo outrosim um prosador. Como espirito altamente adaptativo, espirito dramático, (qualidade da raça), tem ele bebido influencias nas várias culturas, principalmente na cultura inglêza, em cuja linguagem se tem especialisado desde creança. D'ahi, o aspecto novo que aparenta perante a moderna geração de literatos toda oxidada de literatura francêza. Sua raça social é, pois, judaico-luso-britânica; e ora, portanto, aquela sua caracteristica principal outra coisa não é que uma adaptabilidade caracterista! caracteristo como um espelho, que, quando mais perfeito... menos caracteristico!

Fernando Pessôa pertence a uma familia do Fundão, por seu quinto avô Sancho Pessôa, o qual fôra astrólogo, ocultista e psalmista. Sancho Pessôa, natural de Montemor-o-velho, esteve prêso na Inquisição de Coimbra, sendo condenado a confisco, por judeu militante, em 1706; (processo na Torre do Tombo, n.º 9478); deslocára-se, após, para o Fundão, onde casou pela 3.º vêz dando origem aos Pessôas d'Amorim, á familia do jornalista Alfrêdo da Cunha, e mais directamente a Fernando Pessôa, que dele é descendente em varonia. Fernando Pessôa, nós o vemos em recorte femenino e trémulo, aconchegando a lunêta, meditando e actuando. Nós o vemos fisionómicamente hebreu, com tendencias astrológicas e ocultistas, um verdadeiro sacerdote do Talmud, prudente, cauteloso, tímido, dissimulado em intenções, não desmentindo a agitação temerosa que deveria ter presidido áqueles seus antepassados do gheto! Dir-se-hia que em seus ombros pesam todas as prevenções d'Israël, os angustiosos receios da multidão encurralada no gheto. Deste mesmo pavôr se ressente todo o seu pensar e literatura. Ele é cheio de pequeninos receios, e ora, pois, de pequeninas ousadias; é tímido, e d'ahi, os arrôjos naturaes dos tímidos. Lança-se e oculta-se; esconde-se, e prepara novos lances; é um verdadeiro *furta-fôgo!* Tudo isto se revela pelos seus numerosos pseudónimos — pelos que tem, e pelos que ha-de vir a ter, e. . pelos que não se sabe que tem!...

Além do seu verdadeiro nome, Fernando Pessôa, é ele Alvaro de Campos, (auctor dum ultimatum que começa assim: «Mandado de despêjo aos mandarins da Europa! Fóra! ..»), Alberto Caëiro, Ricardo Reis, etc. Isto só, verdadeiramente podia lembrar a um individuo duma raça oculta, tal a judaica ou a chineza, que são as que mais contribúem para as associações secrétas, para a franco-maçonaria, por exemplo; são chamadas as raças femeninas, por excelencia Ora esta multiplicidade de pseudónimos, a que ele chama multiplicidade de personalidades, é, apenas, a mesma personalidade em diversas temperaturas; é, até, pelo contrario, uma ausencia de personalidade única; emfim, uma falta de caracter literario. Incarna ideias e indoles opostas, e bem longe de digerir

em síntese estas coisas opostas para resultar uma terceira já diferente das duas, ele apenas encarna, ora uma, ora outra, das ideias opostas, correspondendo a cada uma destas feições um pseudónimo, cujo *escandalosinho* ele explora com especial dedicação: e assim chamará ele procedimento metafísico ao que não é senão versatilidade, ausencia d'unidade de vistas, incapacidade de formar de duas coisas diversas uma terceira já diversa das duas! A obra d'unidade é imprópria dos judeus; quando muito, conseguem-na, como Fernando Pessôa, em pequenas doses nos pequenos trechos; a obras maiores darão, a muito custo, uma unidade qualquer, uma forçada unidade, áquilo que naturalmente nasceu sem ela. Já o poeta modernista francez, e judeu, Albert Cohen, se queixava de não saber senão gritar; («Paroles juives», 1921). Eles são chocados e gostam de chocar pelo imprevisto, pelo repentino, pelo inesperado; para isso se servem das alterações da forma, das alterações da sintaxe, e de todas as mais extravagancias, para sugestionarem as evocações repentinas. Fernando Pessôa pertendeu dar a este gôsto o nome de *sensacionismo*, e se pretendia o chefe desta escola que outra não era que o judaismo em ação. O seu género (revista «Centauro»):

> Adágas, cujas joias, velhas galas...
> Opalesci amar-me entre mãos raras,
> E, flúido a febres entre um lembrar d'aras.
> *O convez sem ninguem cheio de malas...*

Guillaume Apollinaire, futurista francêz, judeu, professa o mesmo sistema do inesperado, ao qual ele chama a melhor descoberta da arte moderna e a sua mola real:

> Dois lagos nêgros
> No meio duma floresta,
> *E uma camisa a secar...*

São bons exemplos de literatura yiddisch. Desnecessário seria, de Fernando Pessôa, conhecer-lhe a ascendência para imediatamente a conhecer: ela está-lhe na alma, como no rôsto; na psicologia, como na fisiologia. Contudo, ele assevera que, apesar de descendente de judeus, ele, individualmente, o não é!

Ora nós não conhecemos outra maneira de o sêr, senão descendendo! E se realmente o não é, então estamos no direito de supôr que aqueles que não descendem é que realmente o podem sêr!... Mas ele aléga a sua qualidade de pensador e de lógico. Efectivamente é ele um pensador, o que aliaz não desmente a própria raça que é essencialmente meditabunda: todo o animal privado de demasiada acção, e com uma existencia moral intensiva (a que se tem forçado o hebreu), tem forçosamente de resultar um especialista em meditação: passa a ser essa a sua função favorita, a sua defensiva ocupação na vida, e, ora pois, não representa superioridade alguma, mas unicamente uma especialidade de trabalho. Ora os judeus estão nesse caso; eles pensam; — mas eles amalgamam e repisam o pensamento: pensam a seu modo. Todos os entes, todas as raças são pensantes, mas no modo de pensar é que consistem as diferenças; os judeus especialisaram-se em pensamento, mas não em *lógica*. Fernando Pessôa pensa, realmente, mas não é um lógico. Ele poderá confundir *lógica* com *análise*, mas é preciso destrinçar. Ele é analítico, profundamente analitico, mas de lógico não tem absolutamente nada. Toda a sua diligência filosófica se reduz a desdobrar (e, quando muito, a imaginar novas desdobrações e recomposições); se reduz a separar os elementos principalmente *à duo;* é uma filosofia de *chavêtas;* reduz-se a desdobrar segundo certo critério, a apartar, num agrupamento promiscuído, aquilo que é o branco daquilo que é o nêgro. *Analisar* é separar em partes, *sintetisar* é pôr a distância um agrupamento para d'ahi resultar um conjuncto, uma coisa diferente de cada elemento componente (a síntese é a harmonia); porém a *lógica* é a operação que simultaneamente se faz com as funções de análise e de síntese: os judeus podem sêr analiticos ou sinteticos, e cada um poderá ser qualquer destas coisas, ou mesmo as duas, mas lógicos.. sê-lo-hão jámais! Não conheço um só exemplo! Não os ha mesmo, pois que a lógica é o princípio da *Descoberta,* e o judeu, como atraz deixei escrito, é, por excelência, a negação da *Descoberta* para sêr a afirmação da *Invenção,* isto é, da Imaginação (sêja ela analítica ou sintética).

Fernando Pessôa, um dos poetas maiores da sua raça, é um inventivo e um expressionista analítico. Dirige ultimamente uma revista literária que denominou «Athena», a qual pretende sêr um órgão de literatura clássica! Os factos, porém, parecem desmentir as intenções. Não nos esqueçamos que na antiguidade os hebreus da Alexandria ahi crearam uma escola literária judaico-helênica que pretendia vasar-se em ritmos grêgos. Philo, judeu, era o seu mais alto representante. E talvez que, hoje mesmo, Fernando Pessôa represente na Terra o judeu Philo!

O desenhador Amadeu de Souza Cardozo foi um dos primeiros modernistas portuguezes. Era um tipo marcadamente semita, marcadamente oriental, e tinha em sua obra o mesmo cunho. Seus desenhos (que eu antes chamaria *os seus desejos*) são apenas focações hipertrofiadas duma atenção exclusivista, evocações hipertrofiadas, — impressionismos relevados pelo capricho individual de relevá-los. As pessoas e as coisas teem ahi o tamanho das emoções que lhe despertaram; são do tamanho natural das suas emoções! Não reconhece outra perspectiva. Para ele, a parte pode resultar maior que o todo desde o momento que a parte lhe disperte maior atenção que o todo: um canário, por exemplo, ficará maior que a sua própria gaiola se o canário lhe despertar maior atenção que a gaiola; ele meterá, mesmo, a gaiola dentro do canário! Amadeu de Souza Cardozo não é um visualista, mas um sensualista da visualidade. Ele é a mais alta representação da hipertrofia individualista dos semitas, — o mais alto padrão daquele mesmo modo de sêr artístico que o semitismo tem produzido em Portugal.

Antonio Ferro, escritor modernista e o mais conhecido, é tambem um judeu, assinalado por seu tipo físico e mental, e por sua ascendencia, dos Ferro, cristãos-novos do termo d'Alvito. Seu pae é natural de Baleizão, do mesmo conselho, districto de Beja. Com este apelido saíram destes lugares numerosos indivíduos para Autos-de-fé na cidade d'Evora, e todos pelo *crime de judaismo*. Pertenceu á família o afamado girondino Abrahão Furtado Ferro. Antonio Ferro é o integral representante do integra-

lismo hebreu na literatura, — literatura formal, amiga do paradoxo e do inesperado, da variedade (que não da intensidade), de mil pequenas scentêlhas que não teem o propósito duma grande scentêlha, — de mil ideias e nenhuma ideia. Desunida, mecanica, e desfocada, esta *literatura brotoêja*, simbolisa com justêza o timbre da raça!

O desenhador Alberto Van Hoertre de Teles Machado (sobrinho do cristão-novo Alfrêdo da Silva), é uma verdadeira simpatia futurista; ele não existe em si-proprio, mas unicamente por esta mesma simpatia: ele será e reflétirá em si todo aquele que fôr parecido com ele: é perfeitamente uma superficie polida, um espelho, em que se revê a raça, em que cada um comporá o nó da sua gravata!

O pintor Alberto Cardozo, cristão-novo dos Ribeiro Cardozo de Fonte-Arcada, do Districto de Vizeu, é um modernista verdadeiramente instinctivo, e um puro especialista da côr, talvêz o mais puro que a sua raça tem produzido em Portugal. Ele não sente dos objetos os efeitos de luz pelos quaes os nossos olhos se apercebem da forma; ele sente dos objectos os efeitos da côr: é um verdadeiro *pincel*, quanto os outros são um meio termo entre pincel e cinzel. Os ambientes resultam-lhe sintéticos, uniformemente coloridos; é um especialista da côr.

O escultor Diogo de Macêdo, modernista conhecido, é um cristão-novo de Bragança, com tradição do facto. Reside geralmente em Paris entre a camarilha futurista.

O desenhador modernista Bernardo Marques, natural do Algarve, é um bom exemplo sefardínico.

Augusto d'Esaguy, (auctor duma novela «o Revolucionario») é um judeu de sinagóga e um modernista. Seus escritos teem aquela pronuncia assaz semítica, exteriormente burilada e femenina, mas interiormente vazia, insubsistente. Vale como um simbolo.

Alice Rey Colaço, de familias judaicas conhecidas, é uma pintôra modernista e a primeira que se revelou em Portugal.

Augusto Ferreira Gomes, poeta, ou prosador, figura de car-

tomante, d'astrólogo, e de todos os mais místificadôres do Oriente, é por varonia descendente dos Bugalhos, cristãos-novos d'Avís; Sua palavra profética, mesmo, é rotunda e leve como um bugalho! foi dos primeiros futuristo-modernistas portuguezes.

Mendes de Brito, médico e prosador, e modernista, é tambem descendente de judeus d'Avís.

Oliveira Mouta (e com pseudónimo Fortunato Velez) colaborador da revista modernista «Contemporânea» é egualmente descendente de judeus d'Avís.

O escultôr Rui Bastos, modernista, é cristão-novo reconvertido á religião de Moysés, e sobrinho do escritor Teixeira Bastos grande republicano da Propaganda.

Luiz d'Ortigão Burnay é um pintôr modernista, de estirpe judáica. Ricardo Bensaúde, pintôr modernista, é um judeu de sinagóga. E todos os mais, lidimamente e expontaneamente judeus, que é o sêrem judeus sem restrições.

Gritaram, primeiro, a sua voz d'alarme, em 1914, com a revista literária denominada «Orpheu»: e parecia gritarem segunda vez com a eclética revista «Contemporânea» que é só por si uma remodelação da estética tipográfica; seu director, o arquitéto José Pachêco, é o mais completo tipo de sefardim. Estas revistas são essencialmente luxuosas, com aquela abundancia e propensão asiática que em todo o tempo caracterisava os nossos hebreus. Em França e na Alemanha, é em todos os demais paizes, os directores e principaes colaboradores destas revistas, são reconhecidos judeus, de sinagóga; em Hespanha a grande revista neste género, ultraísta e dádaísta, «Grécia», é dirigida por um judeu, Isaac del Vando-Vilar.

Emfim, aqui os tenho citado a quási todos, não pelo significado individual (que o não teem), mas pelo significado colectivo (que o teem).

A característica principal do espirito judaico na literatura e na arte é o *nihilismo*, o astucioso verter da gôta da dúvida! Optimismos carnaes e péssimismos suicidas, teem esta mesma natureza de nihilismo.

69

Intelectualidade orientalista (ou asiática)

São os descendentes dos Invasôres do Sul. Sua índole é revolucionária: *modernista, futurista, internacionalista*. Seu tipo é judáico, sefardínico, ou de qualquer modo semita: cabêlo geralmente escuro, podendo subir até côr de castanha; rôsto moreno-olivácio, (mate ou amulatado), podendo subir até ao trigueiro simples; (os antropólogos conquistaram estes dados: 50 % dos judeus apresentam o tipo do *Homo syriacus*, brachicéphalia, isto é, crâneos sobre largo, narizes judáicos, e tendencia para o engordamento flácido; 5 % são do tipo do puro semita beduino; 10 % aparentam o tipo loiro do indo-europêu; 35 % são de formas mistas. Convem observar que a percentagem do tipo loiro é muito menor em Portugal, em virtude do predominio sefardínico)

1.º—José Pacheco, chefe do grupo dos «Novos»; 2.º—O escritor Homem Cristo, filho, (retrato por Eduardo Malta); 3.º—O poeta Ferreira Gomes; 4.º—O poeta Fernando Pessoa, director da «Athena»; 5.º—O escultor Diogo de Macedo; 6.º—O desenhador Almada Negreiros; 7.º—O desenhador Teles Machado; 8.º—O desenhador Bernardo Marques; 9.º—O escritor Antonio Ferro, 10.º—O escritor Raul Leal; 11.º—O escritor Augusto d'Ezaguy; 12.º—O poeta Luiz Pinto; 13.º—O escultor Rui Bastos; 14.º—O pintor Alberto Cardozo; 15.º—O escritor Mendes de Brito

Um dado gôsto numa dada época, uma escola artistico-literária, não é mais que o despertar d'afinidades latentes, o acordar e o juntar indivíduos da mesma índole, e ora, pois, da mesma raça. E assim é que uma época ajuda a expressão dum lote d'homens, e outra epoca outro lote. Assim: a escola francêza, ou arcádica, realçou, em Portugal, principalmente os descendentes dos francezes (por ex. Bocage), e tornou inoportuna a expressão

70

Intelectualidade ocidentalista (ou europeia)

São os descendentes dos Invasôres do Norte. Sua índole é conservadora: *tradicionalista, integralista, nacionalista.* Seu tipo é germânico (suevo-gótico) ou de qualquer modo cristão-velho: cabelo geralmente loiro, podendo descer até côr de castanha; rosto rosado, podendo descer até ao trigueiro simples

1.º — o escritor António Sardinha chefe do Integralismo Luzitano. 2.º O escritor major Vasco de
Carvalho; 3.º — o poeta Francisco Beliz; 4.º — o genealógico Perry Vidal; 5.º — o escritor Hipó-
lito Rapozo; 6.º — o escritor Conde de Monsaraz (Alberto); 7.º — o escritor Ernesto Gonsalves;
8.º — o escritor Manuel de Figueirêdo (sobrinho do escritor nacionalista Anthero de Figueirêdo);
9.º — o poeta Afonso Lopes Vieira; 10.º — o escritor Pequito Rebelo; 11.º o escritor João de
Castro, valente defensôr da ideia portugueza, e talvez chefe dum futuro ressurgimento; 12.º —
o escritor Motta Cabral, miguelista; 13.º — o escritor Luiz d'Almeida Braga 14.º — o escri-
tor João do Ameal; 15.º o escritor Conde da Aurora

dos outros; o romantismo, oriundo da Alemanha, aqui despertou, por ex. Garret; e de tal modo que se o romantismo não tivesse sido um facto, Garret não teria a celebridade que tivera. (Mas emfim, eram todos europeus!).

Hoje, porém, nem trovadores, nem clássicos, nem romanticos; hoje a oportunidade é dos judeus, e sêr-se oportuno é sêr-se tudo! Por esta mesma razão está hoje a intelectualidade cristã-velha notavelmente contrafeita, e ora, pois, notavelmente sem brilho.

O esplendôr da literatura portugueza, ou *quinhentista*, cujos últimos lampêjos se apagaram, quasi perecêra com os últimos cavaleiros d'Alkácer-Kibir! A falange suévica, ou portugueza, houve a sua derrota *fim d'império* ás mãos dos semitas mouros d'Alkacér-Kibir; — e desde então até hoje tudo teem sido *alkã-ceres kibires* ás mãos dos semitas cristão-novos!

O apogeu dum povo corresponde ao apogeu da sua vida literária. Portugal fôra grande socialmente, precisamente numa época em que literáriamente fôra grande. Era a máxima expansão da raça sueva, coagida, em breve, pelo crescente invasôr da raça hebreia. Estivera pendente entre Lisbôa e Paris a sucessão de Roma, a representação da civilisação mundial. A balança, porem, não se inclinou, para o nosso lado: a invasão da raça hebreia cortava a marcha da civilisação portugueza, cortava a marcha da civilisação sueva!

Estes suevos tinham sido em suas origens um povo guerreiro e pastoril, habitando as florestas do Alto-Danúbio, junto ao lago de Constança, na Suissa, numa região que ainda hoje tem o nome de Suábia. No outro lado do Reno, na mais tarde provincia da Burgonha, havia varios povos em contenda; e uns, pediram auxílio aos suevos, contra os outros, aliados dos romanos. Os suevos, em numero de 15.000, sob o comando de Ariovisto, passaram o Reno (58 anos antes de Cristo), alcançaram victória, e pretendêram apossar-se do território. Seus próprios aliados, reconsiderando, se coligaram com seus próprios inimigos, e com os romanos, e sob o comando de César os perseguiram sendo os suevos já em número de 200:000 que de novo se embrenharam em suas florestas.

Tácito escreveu que tinham os suevos o culto de Nerthus, e que de tres povos se compunham: os *semnões*, que eram os mais notáveis, os mais nobres; os *hermandures*, e os *lombardos*. No século III só existiam por suevos os semnões, habitando a Suábia — a Schwaben (Xvában, como ainda hoje os alemães pronunciam e como os romanos pronunciavam tambem. Suábia deveria, pois, pronunciar-se Xuábia. Os suevos, que são os portuguezes d'hoje,

ainda desde a Galiza até ás Beiras dão ao (*s*) o valôr de (*x*), ou (*che*), e do modo como os romanos pronunciavam o (*c*); os romanos destrinçavam o (*c*) do (*s*): estas duas pronúncicas equivalem-se hoje pela invasão do semitismo, o qual marca a tendencia oposta à corrente do Norte. Hoje, em todo o sul do Paiz, o (*s*) é sibilado como em Lisbôa).

César ensinou-nos que os suevos estavam divididos em cem cantões, cada um com 10.000 homens de pelêja. Provavel é que se referisse ao conjuncto dos tres povos.

No V século se fundiram alguns com os burguinhões (n'aquele ducado de que descende a casa real portugueza), tendo a grande massa da nação sueva transpôsto nessa época os Pirineus, em demanda do Ocidente, e só sustendo o passo perante o Atlántico, (que mais tarde havia de sulcar para novos Mundos!).

Fixaram-se no Minho, ocuparam a Galiza, e alastraram pelo Sul até ao Mondêgo, e pouco depois até ao Tejo. Desfazendo-se, então, dos antigos e ralos habitantes que por aqui haveria, ficaram sendo os únicos senhores e moradores da terra, e instituiram-se em nacionalidade portugueza. Em 585, abatidos politicamente pelos gôdos de Hespanha, ficaram reduzidos a condado, mas não socialmente nem étnicamente destruídos; só eles continuaram povoando a terra sendo seus únicos cultivadores e senhores. Sob o incidente da invasão dos moiros ajudaram os gôdos na libertação da Península, e não pouco concorreram os nobres da Galiza, os suevos, para a coroação do gôdo Pelágio, em 714. Sandia de Cámanho, como o refere D. Ordonho, bispo de Lugo, era um desses nobres da Galiza. De Cámanhes, genitivo de Cámanho (ha um trovador João Nunes Cámanhes) descende o apelido *Cámões*, de Portugal.

Os indivíduos que formavam o ciclo glorioso da literatura portugueza no século XVI, eram oriundos da Galiza. Luiz de Camões, que simbolisa a todos, era terceiro neto, em varonia, do poeta Vasco Pires de Camões, grande fidalgo galêgo que no tempo do nosso rei D. Fernando veiu para Portugal. Luiz de Camões incarna essa raça de *barbaros do Norte*, que são os

portuguezes e o fôram os suevos; raça de aventureiros, de guerreiros e de poetas. Robusto e loiro (loiro-escuro, como o indica o último retrato descoberto), valente, leal e optimista, ele é aquela figura d'*Homo europaeus* que Chamberlain *(A Génese do Século* XIX, pag. 511), nos descreve sob o nome de povo amorrheu, e como existindo nas margens do Jordão:

« .. na sua audácia provocante, na sua indomável paixão «d'aventuras, no fanatismo duma fidelidade guardada até á morte «aos senhores estrangeiros que eles livremente escolheram dentro «dos muros das suas próprias cidades, e que, voluntariamente, «abandonam para irem errar pelas montanhas, tudo indica, se«gundo creio, aquela *suprabundancia* de que fala Goethe. Supra«bundancia d'energias, ainda selvagens, ainda crueis, mas tam«bem capazes de tudo o que ha de mais alto. Julga-se vêr um «sêr duma essencia diferente, quando, sôbre os monumentos «egípcios, no meio duma multidão de fisionomias servís, surge «este rôsto d'homem livre que respira inteligencia, e que proclama «força de caracter. Assim como o olho do génio se patenteia «luminoso quando o descobrimos no meio da obscura multidão, «assim estes traços nos falam uma outra linguagem que não a «das faces astutas ou preversas, vis ou estúpidas, destes babiló«nicos, destes hebreus, destes hitites, destes nubienses, e de todos «os outros, qualquer que sêja o seu nome. Ó *Homo europaeus!* «Como poderias tu não sentir-te deslocado em semilhante com«panhia? Sim, tu, que me emocionas com o teu olhar aberto sôbre «qualquer coisa dum divino ao-de-lá! E gostaria que fôsse ainda «tempo de te gritar: despreza o conselho dos sábios antropóla«gos, não te confundas com esse amontoado, não te mistures «com essa plebe asiática, obedece ao grande poeta da tua raça, «permanece fiel a ti próprio... Mas eu chego tres mil anos dema«siado tarde. O hitite ficou, o amorrheu desapareceu. E eis uma «das numerosas diferenças entre o que é nobre e o que o não é: «um se preserva mais facilmente que o outro.»

A invasão semitica, em Portugal, está definitivamente con-

sumada. Quando um povo invade um outro povo, ha a avalanche invasôra e a aristocracia dessa avalanche: o judeu é a aristocracia da avalanche semitica que invadiu Portugal, — como outróra o tinham sido os suevos e os gôdos éntre os bárbaros invasôres da Península Hispânica.

Mas é, sobretudo, nos grandes meios que a invasão dos judeus se faz sentir. São essencialmente citadinos. Se as facilidades de transporte podessem aumentar até ao infinito não restaria na Província um único descendente de judeus!

A promiscuidade dos povos na Província não é tão profunda como á primeira vista pode parecer. Data ela, pouco mais ou menos, da abertura dos primeiros caminhos-de-ferro; e mesmo assim, quási todos tiram *bilhête de ida e volta!* Inclusivamente entre as nações o intercâmbio racial é diminuto: se observássemos de bem alto haveriamos de constatar que estradas e caminhos-de-ferro internacionaes estão a maior parte do tempo vasios! Os milhões de pessôas que povoam as nações permanecem como se nada transpirasse dumas para as outras. A confusão internacional vive apenas na nossa imaginação; até a vida labiríntica das grandes cidades é muito mais aparente que real: no fundo, ha ahi uma ordem assaz provinciana e inalterável. A febrecidade cosmopolita é-nos dada unicamente pela existencia ruidosa de meia dúzia de celibatários, que, justamente por serem ruidosos, nos dão a impressão de numerosos: estes indivíduos teem pouco significado na vida da Espécie.

Cada província em Portugal ainda é povoada por um tipo rigorosamente egual, rigorosamente *carimbado*, como se observa em seus arraiaes festivos, que são centros etnológicos de primeira ordem.

Estamos bem longe da promiscuidade racial; a vida é assaz vagarosa, não obstante a velocidade dos comboios! Mas ha o que busca insistentemente os grandes meios, o que salta por cima de tudo isto: e é o povo invasôr, o povo judáico.

Despresível fôra a designação de «bárbaro» que se dava aos

invasôres do Império Romano; volvidos anos já não eram bárbaros despresíveis, mas simplesmente aristocrátas loiros! Um dia a palavra «judeu» soará, não como ofensa, mas talvêz como aristocráta morêno!

Mas os «bárbaros» deixáram de imperar em Portugal, como os judeus deixarão de imperar, por fim: tudo o que reina deixará de reinar. Tombam os fortes em complemento do robustecimento dos fracos. Os fortes tenderiam a tornarem-se fortíssimos se ao alcançarem o Poder não estivessem mais expostos a condições de Decadencia. Os fortes tornar-se-hiam fortíssimos, até ao aniquilamento dos menos fortes, se o homem vivesse em condições normaes.

O que sucede, contudo? — Sucede o aniquilamento dos que reinaram; — ninguem desce para se retemperar para nova subida; os que descem desaparecem para sempre; jámais os nobres se volverão em escravos! — A extinção é fatal. A esterilidade das mulheres acompanha um povo em Decadencia... e o túmulo jaz por baixo de tudo isto!

Os melhores deixarão de ser os melhores porque o Homem não vive em condições normaes, — e hoje, no Mundo, a conquista do Poder, longe de ser a conquista de mais vida é a conquista de condições de suicídio. Ora o Destino não amaldiçôa os decadentes em eles-próprios, mas esterisando-lhes os ventres das mulheres; eis a verdadeira maldição. O Homem só raramente deixará de fecundar; porém na mulher tal faculdade é contingente e a mínima circunstancia a pode empanar: a faculdade reproductiva na mulher é o reflexo do vigôr da sua raça.

E assim diremos que não é a Vida uma luta pela existencia, pelo bem-estar individual ou social, porém uma luta pela descendencia. O verdadeiro triunfo não consiste em dominar o seu semilhante, senão em legar aos séculos vindoiros uma numerosa e próspera descendencia.

Em Portugal, fundado e dominado por suevos, viviam miseraveis os judeus. Eram poucos; mas cresceram em numerosas gerações, e as gerações dos portuguezes fôram diminuindo:

sucedeu, portanto, uma invasão de judeus a prehencher as vagas dos cristãos; não houve violencia, houve apenas o povoar do que ficava deserto. Uma reduzida familia num paiz, pode, amanhã, povoar ela só todo esse paiz!

Quem tem filhos vae ocupar o lugar de quem os não tem; este é o grande princípio das invasões. Em Portugal a fecundidade da raça hebreia, depois a sua incarnação dos ideiaes demolidores, de ha muito faziam prever semilhante invasão. A substituição era fatal.

E a constante objeção da mistura das raças?

— O sangue judaico, como o sangue de todas as raças, só triunfa onde quer que se encontre em varonia. Por isso escrevi que os actuaes dominadores de Portugal são os directos descendentes dos judeus; directos quere dizer: *de varão a varão*. Um homem tem a raça de seu pae; no filho vive integralmente a compleição do pae. A mulher tem a raça de sua mãe; na filha vive integralmente a compleição da mãe. Tudo o mais, são intercámbios á superficie. Ora, pois, o descendente directo de judeu, continua integralmente judeu.

Os caracteres maternos podem ser violentamente herdados pelos filhos varões; porém, esta herança é passageira, pouco importa para a Espécie, e apenas individualmente importa. Mas não ha, em verdade, um único homem superior que não sêja filho duma mulher superior; mas este filho não transmitirá a seus filhos a superioridade que herdára da mãe. A superioridade que seus filhos podem vir a herdar dependerá da mãe deles. Comtudo se é a mãe que transmite a vibração, o pae é que transmite a compleição vibractil. Poderiamos dizer que é o filho o herdeiro essencial do pae, com revestimento da mãe; ou antes: que nada *se herda*, e apenas se estabelece a identidade de constituição de pae para filho á custa do material materno; e, enfim, que uma fôrça oculta e paterna organisa um filho á sua semilhança, com material materno. Um dá o plano e o outro executa-o. Certamente que as espécies evolucionam; porém, sempre, sôbre a organisação

paterna; (isto quanto aos filhos); mas as evoluções são lentissimas, e inapreciáveis, ainda mesmo em milhares d'anos.

Dest'arte se vê que não pode existir mistura de raças mas digestões dumas p'las outras, e apenas uma evolução, função do ambiente, — ambiente sintetisado no ventre materno, pois que só desse modo actúa o ambiente na transformação das espécies.

Com frequencia sucede encontrarmos os mais puros tipos de judeus entre as familias cristão-novas, isto é, naquelas que mais misturadas são. Este regresso ao tipo puro, (mais puro, ás vêzes, que nos individuos de sinagoga), resulta, em geral, do encontro de pae e mãe da mesma raça. Quando a varonia anda desviada pelas uniões com mulheres de raças várias, logo volta á pura varonia pela união dum descendente com mulher da mesma raça. E isto, em verdade, tende a fazer-se; é a tendencia natural do instincto.

71

Augusto de Pina, emprezário e scenógrafo

Pessôas da mesma origem actráem-se, sem o sabêrem. D'aqui, o instinctivo apuramento das raças. Eu poderia citar exemplos de cristãos-novos, sem preconceitos de raça, procurarem para esposas mulheres da mesma raça, ou auténticas judias militantes, com aquela intensidade d'afeição que só é possivel entre pessôas da mesma origem. Poderia citar o exemplo do capitão Barros Basto, do Porto, cristão-novo em varonia, o qual debandou do templo católico para casar com uma senhora judia, Azancot; circuncizou-se, aprendeu admiravelmente o hebraico em poucos mezes, e é hoje um ferveroso adepto da lei de Moysés. Tambem poderia lembrar os filhos do banqueiro cristão-novo Vieira de Castro que teem casado com judias; e ainda o do escultor modernista cristão-novo Rui Bastos que desposando uma judia, se faz circuncizar, e é hoje professante da religião mosaica. Mas os exemplos são quasi todos

os portuguezes de categoria. Nem em Portugal, entre as classes ricas, ou burguezas, seria possivel outra coisa.

Ha um único matrimónio legal: o que é feito entre individuos da mesma espécie. A esterilidade, os partos dificeis, a discordancia entre os cónjuges que pode ir até ao divórcio... e até ao adultério (divórcio e adultério são sempre sinónimos), a debilidade e o máu caracter dos filhos, teem as mais das vezes as suas origens em esta disparidade das raças dos cônjuges.

O gôsto na união entre pessôas de raças diferentes corresponde a um apetite desordenado, a uma excitação, a um sádismo dos contrástes, mas não a uma afinidade fundamental. Esse gôsto é, porem, devéras restricto; e sendo ele já por si o fructo de condições doentías, uma vêz resolvido em procreação torna-se a causa de mais fructos doentios. Póde-se dizer que só ha uma espécie de filho *bastardo:* o mestiço, o filho de pae e mãe de raças fundamentalmente opostas. A este delicto se chamava na antiguidade bastardia, que não aos filhos das *uniões ilícitas* como hoje se chama.

A *mistura* não conduz á perfeição, nem tão pouco a variação de cruzamentos favorece a inteligencia; quando muito dará uma *excitação realisadora*. A mistura preverte, não apenas a inteligencia como o caracter; extingue as gerações; acaba com as raças. Claro está que uma pequena variação é sempre conveniente, tal a que entre si fazem os judeus ortodoxos, pois que estes misturando-se uns com os outros são ainda doze tribus, ou doze raças iniciaes, (mas da mesma espécie semitica), em constante fusão.

Destes encontros naturaes nascem filhos representantes da própria raça: todos aqueles de que tenho vindo tratando aqui, são geralmente uns puros representantes da varonia, — filhos d'encontros de judeus com judias. São, portanto, altamente representativos, tanto fisica, como intelectual, como moralmente. O recorte externo dos que tenho vindo tratando, dos modernos dominadôres de Portugal, é puramente judaico. E quando se

RECTIFICAÇÕES

Página 26, linha 18 – *Onde se diz:*

Fôram ao todo 120:000 os judeus que com entradas legaes e clandestinas penetraram em Portugal oriundos de Hespanha.

deveria dizer-se:

fôram ao todo 130:000, etc.....

Página 27, linha 26 — *Onde se diz:*

A minoria exilada desdenhava, e alcunhava de *marranos* os seus irmãos de raça, cristãos-novos,

deveria dizer-se:

Os portuguezes alcunhavam de *marranos* os judeus, antes e depois da conversão.

Página 97. figura 16 – *Onde se diz:*

Alberto Navarro, *Visconde da Santissima Trindade*,

deveria dizer-se:

Alberto Navarro, *Visconde da Trindade*

Página 159, figura 43 – *Onde se diz:*

(5) Azevêdo Gomes, médico

deveria dizer-se:

Azevêdo Gomes, oficial da Marinha

Onde se diz:

(5) Melo Leote, juiz da Relação e membro do Governo Provisório;

deveria dizer-se, apenas:

Melo Leote, juiz da Relação.

Página 160, figura 44 — Em vez do retrato de Tomaz Cabreira, está, por engano, o de seu irmão Antonio Tomaz Cabreira.

Página 164, linha 16 — *Onde se diz:*

realisação da sua raça,

deveria dizer-se:

realisação que era a aspiração da sua raça,

Página 263, linha 34 — *Onde se diz:*

Azevêdo Gomes, um dos primeiros ministros da República

deveria dizer-se:

Azevêdo Gomes, filho dum dos primeiros ministros da República.

Página 270, linha 21 — *Onde se diz:*

Columbano. . filho de Rafael Bordalo Pinheiro

deveria dizer-se:

Columbano... irmão de Rafael Bordalo Pinheiro

Página, 299. figura 70 – *Onde se diz:* Manuel de Figueirêdo (sobrinho do escritor nacionalista Anthero de Figueiredo.)

deveria dizer se:

Manuel de Figueiredo (sobrinho do escritor nacionalista José de Figueiredo)

INDICE

ERRATAS

Pagina	Linha	Onde se lê	Leia-se
26	18	120:000	150:000
30	24	suevos-gôdos	suevo-gôdos
30	26	suevos gôdos	suevo gôdos
30	28	sádio	sàdio
30	30	Esdado	Estado
37	3	do psalterio	no psalterio
44	20	abulia	abolia
46	27	patrocínio do papa.	patrocínio do papa».
54	14	1897	1894
54	18	a observação	a absorção
59	12	*faector judaicus*	*factor judaicus*
73	25	apredam	aprendam
112	21	quer ao desforço	que ao desforço
124	28	conselheiros-cristãos	conselheiros cristãos-novos
129	19	Jerusalém?	Jerusalem.
145	22	germanic, aos	germanica, os
154	34	conter	contar
165	(fig 47)	coiuna	coluna
189	31	força da Nação,	força da Nação),
193	11	poderá) existir	poderá existir)
237	17	*Menroah,*	Menorah),
240	2	A alguns	Alguns
250	34	próprio de	próprio da
269	27	escritos	escritóres
269	32	Rodrigo	Rodrigues
270	21	filho de Rafael	irmão de Rafael
271	26	Kimôr	Kinôr
282	1	bolchevista	bolchevismo
285	5	o qual	a qual

ACABOU DE SE IMPRIMIR
ESTE LIVRO DA INVASÃO
DOS JUDEUS AOS TRINTA
DIAS DO MEZ DE JANEIRO DO
ANO DE MIL NOVECENTOS E
VINTE E CINCO, NA IMPREN-
SA LIBANIO DA SILVA, TRA-
VESSA DO FALA-SÔ, 24, LIS-
BOA